



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

**A EDUCAÇÃO ARTÍSTICA
NUMA ESCOLA CATÓLICA - UM ESTUDO DE CASO**

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação

Especialização em Administração e Organização Escolar

Emanuel André Ferreira Dias

PORTO, janeiro de 2016



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

**A EDUCAÇÃO ARTÍSTICA
NUMA ESCOLA CATÓLICA - UM ESTUDO DE CASO**

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação

Especialização em Administração e Organização Escolar

Emanuel André Ferreira Dias

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Maria Ilídia de Meireles Cabral da Rocha

PORTO, janeiro de 2016

RESUMO

O presente estudo pretende inferir sobre a dimensão do ensino artístico numa escola católica e o seu impacto na educação para os valores, na educação integral do aluno, nas competências do saber, do saber fazer e sobretudo na competência do saber ser. Pretende ainda compreender qual o enquadramento da educação artística no contexto de uma escola católica que se integra no projeto escola cultural desde 1988.

Para tal, foi realizado um estudo de caso, recorrendo-se à análise documental, a entrevistas à diretora geral, professores do ensino artístico e encarregados de educação, bem como à aplicação de um questionário a alunos. Procuramos compreender por este meio, em que medida o ensino artístico e a pedagogia de proximidade desempenham um importante papel no desenvolvimento de competências transversais e conseqüentemente na construção da *Pessoa*.

Os dados recolhidos e analisados possibilitam-nos concluir que o ensino artístico compreende em boa medida a articulação de intenções e ações educativas com o Projeto Educativo do Colégio e uma notável mobilização e implicação da comunidade escolar nas diversas iniciativas. Em síntese, podemos constatar: o gosto pelo saber e uma certa facilidade de ver para além do curricular; que as práticas artísticas têm contribuído para “formar” emoções, sentimentos e ideias, trazendo-as também para o plano racional, facto comprovado pelos bons resultados alcançados. Identificámos também alguns constrangimentos e preocupações que se prendem com o pouco tempo para as práticas artísticas e a ideia de desvalorização, em parte resultante de uma certa *desculturação* e marginalização do ensino artístico. Reconhecemos também alguns pontos onde é possível melhorar: uma prática pedagógica mais próxima dos interesses dos alunos, capaz de promover mais autonomia, mais iniciativa e uma outra atenção às dificuldades emergentes do aluno. Do trajeto realizado, das observações e contemplanções feitas, surgem agora novos impulsos que entendemos pertinentes para uma renovação da Educação Artística numa Escola Católica, seja do ponto de vista teórico ou da perspetiva das práticas artísticas escolares.

Palavras-chave:

Escola Católica, Escola Cultural, Educação Artística, Educação Integral.

ABSTRACT

This study aims to comprehend the dimension of the artistic education in a Catholic school and its impact on the education for the values, on the full education of the student, on the skills of their knowledge, of their know-how and, above all, on the responsibility of knowing how to be. It also aims to understand what the framework of arts education within the context of a Catholic school is, being this one integrated, since 1988, in a cultural school project.

For such, we carried out a study case, by using documental work and interviews to the general director, to the artistic school teachers and to parents, as well as the application of a questionnaire to students. We thus tried to understand to what extent the artistic teaching and the proximity pedagogics do develop an important role in the development of soft skills and, consequently, in the constructing of the Person.

The collected and analysed data allowed us to conclude that the artistic education comprehends, to a very large extent, the articulation of intentions and learning actions with the School's Educational Project, as well as a remarkable mobilisation and implication of the school community within the different activities. In sum, we can observe: a taste for knowledge and a certain easiness of being able to watch beyond the curricular; artistic practices have contributed to "shape" emotions, feelings and ideas, bringing these into the rational plan, a fact that is clearly proven by the attainment of good results. We have also identified some drawbacks and concerns which relate to the little time available for the artistic practices and the disparaging idea, due, in part, to a certain unculturation and marginalisation of the artistic teaching. We have also recognised some issues conceivable of improvement: a teaching practice that meets students's interests, capable of promoting more autonomy, more initiative and a new perspective to the student's emergent difficulties.

Having coursed through this path, and after all the observations and contemplations, new impulses now emerge which we understand as pertinent for a renewal of the Artistic Education in a Catholic School, whether from a theoretical point of view or from the artistic school practices' perspective.

KEYWORDS:

Catholic school, Cultural school, Arts Education, Full Education.

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos: Ana Irene, Ana Mafalda e David Tomás.

AGRADECIMENTO

Ao longo de todo este tempo, contei com a colaboração de pessoas a quem quero deixar registado o meu enorme agradecimento:

Primeiro, à Professora Doutora Maria Ilídia de Meireles Cabral da Rocha, minha orientadora, por toda a disponibilidade, dedicação, compreensão e generosidade que demonstrou durante esta caminhada.

A todos aqueles que participaram com os seus testemunhos e perspetivas, e sem os quais não seria possível avançar.

A todos os amigos que me ajudaram sempre que foi preciso.

A toda a minha família,

E de um modo muito particular à minha mulher e aos meus filhos.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO

1. Objetivo do estudo	1
2. Pertinência da investigação	2
3. Do contexto e do sujeito de investigação	5
4. Motivação para a realização deste estudo	6
5. Breves considerações metodológicas	7

PARTE I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.º CAPÍTULO: Escola Católica, Escola Cultural e Educação para os Valores	9
1. Escola Católica	9
2. Escola Cultural	20
3. Educação para os Valores	31
2.º CAPÍTULO: A Educação Artística no desenvolvimento da pessoa	39
1. A arte numa perspetiva analítica	39
2. Estatuto de arte	40
3. A arte como veículo para a via espiritual	43
4. A Educação pela Arte	45
5. Os valores na educação artística	48
6. A arte na Educação	50
3.º CAPÍTULO: O Ensino Artístico na Escola Católica Cultural	53
1. Artes Visuais	53
2. Música	57
3. Teatro	59
4. Dança	61

PARTE II - ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

1º CAPÍTULO: Natureza e objetivos do estudo	65
1. Natureza do estudo	65
2. Tipo de estudo: o estudo de caso	67

3. Objetivos do estudo	68
2º CAPÍTULO: Breve caracterização do contexto do estudo	71
1. Pedagogia Cluny	71
3º CAPÍTULO – Tempos e procedimentos da investigação	73
1. Instrumentos e técnicas de recolha de dados	73
2. Análise de dados	79
PARTE III – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	
1º CAPÍTULO - A Educação Artística no Colégio: Narrativas	83
1. O Projeto Educativo e a Educação Artística	83
2. As Artes no Colégio	85
2º CAPÍTULO – A Educação Artística no Colégio: Triangulações	94
A. Preponderância das vertentes artísticas na Escola Católica Cultural	97
1. Valorização das Artes	97
2. Ações concretas com vista à valorização da EA.....	106
Notas conclusivas.....	107
B. Práticas da Educação Artística na Colégio	110
1. Processos e práticas pedagógicas.....	110
Notas conclusivas.....	162
C. Desenvolvimento da <i>Pessoa</i> nas dimensões antropológica, pedagógica, axiológica e religiosa.....	169
1. O EA no desenvolvimento integral do aluno	169
2. Contributo do EA para os valores Cristãos.....	172
3. Exclusão da EA da formação pessoal	175
4. Impactos do EA no desempenho e comportamento dos alunos	177
a) ao nível académico	177
b) ao nível pessoal.....	178
Notas conclusivas.....	181
D. Autorregulação e avaliação.....	183
1. Dinâmicas de autorregulação.....	183
2. Dinâmicas de avaliação	184

3. Prática sistemática.....	188
Notas conclusivas.....	189
E. Medidas de promoção e desenvolvimento.....	191
1. Investir numa oferta artística de qualidade.....	191
2. Promoção e desenvolvimento das aprendizagens.....	193
3. Influência da oferta artística na escolha.....	193
Notas conclusivas.....	194
F. Pontos fortes, pontos a melhorar e sugestões de melhoria.....	196
1. Feedback da qualidade do EA.....	196
2. O impacto do EA nas aprendizagens.....	198
3. Ações concretas de melhoria na qualidade do EA.....	200
Notas conclusivas.....	203
SÍNTESE DOS RESULTADOS.....	204
PARTE IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	207
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	221
ANEXOS.....	243

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1	Dados relativos ao ano letivo 2014/2015	72
Quadro 2	Síntese das entrevista realizadas	74
Quadro 3	Número de sujeitos que responderam ao questionário	77
Quadro 4	Categorias e fontes empíricas na análise e discussão dos resultados	94
Quadro 5	Frequência das atividades artísticas extracurriculares	100
Quadro 6	Comparação do nível de apreciação das atividades artísticas entre o 6.º, 9.º e 12.º ano de escolaridade	102
Quadro 7	Número de participantes no questionário, por ano e género.	103
Quadro 8	Atividades artísticas contempladas nos nas planificações culturais. (Planificação do tema cultural de 2014/2015)	118
Quadro 9	Atividades artísticas contempladas nos vários departamentos	121
Quadro 10	Articulação do ensino artístico com a vertente católica, de acordo com o PGF 2014/2015	124
Quadro 11	O que fazer para aprender mais? Melhorar o Saber Estar e Saber Ser	155
Quadro 12	O que fazer para aprender mais? Autonomia, iniciativa e persistência	156
Quadro 13	O que fazer para aprender mais? Propostas diversificadas	159
Quadro 14	O que fazer para aprender mais? Nada a alterar	160
Quadro 15	Síntese de boas práticas e áreas de melhoria	204

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1	O ensino artístico no Colégio é de boa qualidade	128
Gráfico 2	As atividades que pratico nas áreas artísticas permitem-me aprender ao meu ritmo	129
Gráfico 3	Durante as aulas das áreas artísticas os professores estão atentos às minhas dificuldades	130
Gráfico 4	A forma como os professores das áreas artísticas ensinam faz com que eu aprenda	131
Gráfico 5	Os professores das áreas artísticas valorizam os meus interesses, opiniões e ideias	132
Gráfico 6	Nas áreas artística aprendo melhor quando trabalho individualmente.	132
Gráfico 7	Os professores das áreas artísticas empenham-se em fazer com que todos os alunos aprendam	133
Gráfico 8	Os professores das áreas artísticas reconhecem e valorizam os meus progressos na aprendizagem	134
Gráfico 9	Os professores das áreas artísticas conversam comigo sobre aquilo que já aprendi e aquilo que me falta aprender	135
Gráfico 10	Os professores das áreas artísticas ajudam-me a perceber o que tenho que fazer para aprender mais	136
Gráfico 11	Nas aulas das áreas artísticas os professores estão sempre disponíveis para me ajudar	137
Gráfico 12	Os professores das áreas artísticas valorizam a minha criatividade	138
Gráfico 13	Os professores das áreas artísticas usam formas de avaliação diversificadas	139
Gráfico 14	Os professores das áreas artísticas falam comigo sobre os meus resultados escolares e ajudam-me a encontrar formas de os melhorar	140
Gráfico 15	Nas aulas das áreas artísticas há frequentemente barulho e confusão	141
Gráfico 16	Os professores das áreas artísticas são respeitados pelos alunos dentro e fora da sala de aula	142
Gráfico 17	As atividades artísticas do colégio estão ligadas a outras disciplinas	143
Gráfico 18	Os professores das áreas artísticas trabalham em conjunto com os professores de outras áreas	144
Gráfico 19	Nas aulas das áreas artísticas aprendo também coisas relativas a outras disciplinas	145

Gráfico 20	Nas aulas das outras disciplinas faço também atividades artísticas	145
Gráfico 21	As atividades artísticas ajudam-me a compreender e a viver melhor os valores católicos	146
Gráfico 22	Nas atividades artísticas aprendo a ajudar os outros	147
Gráfico 23	Nas atividades artísticas aprendo a partilhar	148
Gráfico 24	Nas atividades artísticas aprendo a ser persistente.	148
Gráfico 25	Nas atividades artísticas aprendo a superar obstáculos.	149
Gráfico 26	As atividades artísticas fazem-me sentir mais feliz	150
Gráfico 27	As atividades artísticas fazem-me sentir melhor comigo e com os outros	151
Gráfico 28	As atividades artísticas melhoram a minha criatividade	152
Gráfico 29	As atividades artísticas fazem-me sentir mais motivado para aprender nas várias disciplinas	153
Gráfico 30	As atividades artísticas são uma parte muito importante na vida do colégio	153

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1	Declaração de Consentimento Informado de Professores	245
Anexo 2	Declaração de Consentimento Informado aos Encarregados de Educação	247
Anexo 3	Instrumentos de Recolha de Dados - Entrevista à Diretora Geral	251
Anexo 4	Entrevista aos Professores de Artes	255
Anexo 5	Entrevista a Encarregados de Educação	259
Anexo 6	Questionário aos Alunos	261
Anexo 7	Guião para a análise documental - Ideário e Projeto Educativo	265
Anexo 8	Guião para a análise documental - Quadro de referência com questões de investigação - Plano Geral de Formação	267
Anexo 9	Grelha Análise de Dados - Questionários aos Alunos - Categoria A	271
Anexo 10	Grelha Análise de Dados - Questionários aos Alunos - Categoria B	273
Anexo 11	Grelha Análise de Dados - Entrevista à Diretora Geral	279
Anexo 12	Grelha Análise de Dados - Entrevista aos Professores de Artes	283
Anexo 13	Grelha Análise de Dados - Entrevista aos Encarregados de Educação	295
Anexo 14	Grelha Análise de Dados - Plano Geral de Formação (2014/2015)	303
Anexo 15	Grelha Análise de Dados - Ideário e Projeto Educativo (2014/2015)	311
Anexo 16	Transcrição Integral da Entrevista à Diretora Geral	317
	Transcrição Integral da Entrevista à Professora de Dança	321
	Transcrição Integral da Entrevista ao Professor de Música	329
	Transcrição Integral da Entrevista ao Professor de Teatro	335
	Transcrição Integral da Entrevista à Professora de Artes Visuais	341
	Transcrição Integral da Entrevista ao Encarregado de Educação 1	345
	Transcrição Integral da Entrevista ao Encarregado de Educação 2	349
	Transcrição Integral da Entrevista ao Encarregada de Educação 3	353
	Transcrição Integral da Entrevista ao Encarregado de Educação 4	357
	Transcrição Integral da Entrevista ao Encarregada de Educação 5	359

SIGLÁRIO

AEPEC - Associação Educação Pluridimensional e Escola Cultural

AMJ – Ana Maria Javouhey

CEB – Ciclo de Ensino Básico

CEC – Congregação da Educação Católica

CEEC - Comité Europeu para o Ensino Católico

CMEC - Congresso Mundial de Educação Cluny

CNEB - Currículo Nacional Ensino Básico

DA – Departamento Artístico

DAV – Departamento de Artes Visuais

DCHS – Departamento de Ciência Humanas e Sociais

DWC - Dance World Cup

EA – Ensino Artístico / Educação Artística

EDC - Escola de Dança do Colégio

EDG – Entrevista à Diretora Geral

EE – Encarregados de Educação

EE1 – Entrevista ao Encarregado de Educação 1

EE2 - Entrevista ao Encarregado de Educação 2

EE3 - Entrevista ao Encarregado de Educação 3

EE4 - Entrevista ao Encarregado de Educação 4

EE5 - Entrevista ao Encarregado de Educação 5

EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica (disciplina curricular)

EPAV – Entrevista à Professora de Artes Visuais

EPD – Entrevista à Professora de Dança

EPM – Entrevista ao Professor de Música

EPT – Entrevista ao Professor de Teatro

GE - Gravissimum Educationis

IPE – Ideário e Projeto Educativo

OT – Oficina de Teatro

PAP 2015 – Plano de Atividades da Pastoral

PGF – Plano Geral de Formação

SCEC – Sagrada Congregação Para a Educação Católica

TAGV – Teatro Académico de Gil Vicente

YAGP - Youth America Grand Prix

INTRODUÇÃO

1. Objetivo do estudo

Com o presente estudo pretende-se compreender a dimensão do ensino artístico numa escola católica, procurando analisar as percepções das lideranças, docentes, alunos e encarregados de educação sobre o seu impacto na educação para os valores, na educação integral do aluno, nas competências do saber, do saber fazer e sobretudo na competência do saber ser.

Este trabalho compreende duas linhas orientadoras fundamentais: uma relativa à escola católica, escola cultural e educação para os valores, tecendo-se considerações sobre o papel do professor, a educação pluridimensional e a escola cultural como promotora de valores da cidadania; outra, que se foca no contributo da educação artística para o desenvolvimento da pessoa.

Considerar a arte no âmbito da educação formal é reconhecer uma área essencial de formação humana. Atendendo a que a educação artística pode ter um papel fundamental ao nível do desenvolvimento de competências transversais, procura-se compreender o papel das artes no contexto pedagógico do processo educativo, centrado na pessoa e no desenvolvimento das suas potencialidades.

No seio de uma escola católica que se afirma enquanto escola cultural, promotora de uma educação integral e centrada em valores, é expectável que a educação artística assuma um papel importante na consecução dessa missão.

Pretende-se também compreender qual o enquadramento da educação artística no contexto específico de uma escola católica, fazendo uma análise da oferta existente, com particular ênfase nas Artes Visuais, Dança, Música e Teatro.

No âmbito desta investigação, procura-se igualmente clarificar até que ponto a educação artística é percecionada como desempenhando um papel essencial na formação do aluno ou se, pelo contrário, é tida como assessória ou supérflua. Na tentativa de compreender melhor a dimensão que o ensino artístico assume na escola onde se desenrola o estudo procura-se:

- Saber qual a importância que é dada à educação artística pelos diferentes agentes da comunidade educativa de uma escola católica;

- Conhecer as percepções da comunidade educativa sobre o papel que a educação artística assume no desenvolvimento e maturação bio-psico-social dos alunos;
- Compreender se estas práticas são reconhecidas como promotoras da sensibilidade pelo *Belo*, na apreciação, na fruição, no pensamento crítico e criativo;
- Identificar formas concretas da educação artística contribuir para a edificação de valores humanos e para a formação da *Pessoa*;
- Caracterizar os processos e práticas pedagógicas no âmbito da educação artística num Colégio Católico Cultural;
- Comparar as práticas pedagógicas em uso no âmbito da educação artística com o Ideário e Projeto Educativo;
- Compreender o impacto percebido do ensino artístico no sucesso escolar dos alunos.

2. Pertinência da investigação

Há uma vasta literatura sobre educação artística, educação para os valores e educação católica, para legitimar, em grande medida, a sua ação no plano educativo. Salientamos algumas das obras que serviram de lentes teóricas para a investigação: “A educação pela arte” de Read (1982); “A Educação através da arte para um futuro sustentável” de Eça (2010b); “Educação pela arte e artes na Educação” de Sousa; (2003); “Culture and the Arts in Education, Critical Essays on Shaping Human experience” de Smith (2006). Também sobre educação para os valores, como: “Lições de Axiologia Educacional” de Patrício (1993); “Educação e Valores: Que relação?” de Fonseca (2005) e ainda sobre a escola católica, como: “A dimensão desenvolvimental da Fé e as suas implicações na educação religiosa. A escola Cultural e os Valores” de Simões (1997) ou os documentos da Sagrada Congregação para a Educação Católica, sobretudo ao nível da sua génese. Mas nesta especificidade, no que à educação artística na escola católica diz respeito, pouco se tem escrito. É precisamente sobre o contributo que a escola católica pode dar pela educação artística, inscrevendo-a no âmbito da sua génese educativa, que se procura compreender todo o potencial educativo na formação da pessoa de cada aluno.

É reconhecida a importância da arte como testemunho da identidade e história de um povo, como fator de consolidação do passado, compreensão do presente e projeção do futuro. A arte como representação de memórias para a formação de novas gerações. A arte como forma de apreender o mundo que permite desenvolver o pensamento crítico e criativo, também a sensibilidade em cada um, explorar e transmitir valores, centrando-se no desenvolvimento de diversas dimensões do sujeito pela fruição, produção e reflexão. Mas a educação artística continua ainda a ter um lugar pouco significativo no contexto dos sistemas educativos, nomeadamente no que à inscrição curricular das artes diz respeito.

Atualmente, a ênfase colocada no Ensino Artístico traduz-se mais no produto final do que no processo criativo em que o aluno esteve envolvido, ou seja, centra-se mais na forma e no domínio técnico e tecnológico.

Segundo nota estatística¹ do Ministério da Cultura e do GPEARI, é notável o desinvestimento público nas atividades culturais e criativas. Segundo dados de 2008, o peso da despesa pública em cultura era, nesse ano, inferior a 1%. O indicador da despesa per capita, demonstrava que Portugal tinha um caminho a percorrer para convergir com os seus pares europeus. Portugal apresentava à data valores baixos e substancialmente divergentes de outros países como a Espanha ou a França. Já em 2014, segundo o Inquérito ao Financiamento Público das Atividades Culturais, Criativas e Desportivas do INE², os valores apresentados apontavam para um investimento ainda mais baixo do que nos anos anteriores, acentuando-se uma curva descendente desde 2005.

As políticas educativas atuais podem estar na base do empobrecimento deste setor que tem vindo a assumir cada vez menos expressão na sociedade e na escola. Canavilhas (2015) refere que o Ensino Artístico enfrenta agora provações duríssimas, como a falta de qualquer verba, sobrevivendo em condições de absoluta insustentabilidade.

A desvalorização e o desinteresse pelas artes é manifestamente crescente e a escola sobrevive nesta tendência de marginalização do Ensino Artístico, categorizado como não essencial, inscrito substancialmente como atividade extracurricular. Resta ao

¹ Nota Estatística 2008 do Ministério da Cultura e GPEARI - Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais.

² INE – Instituto Nacional de Estatística

setor privado reatar, desenvolver, promover o Ensino Artístico (EA) de jovens como meio de formação, qualificação e integração social, elevando-os, ajudando-os a compreender e eventualmente a transformar o meio que os cerca, contribuindo, desta forma, para a construção de uma escola que favoreça efetivamente o desenvolvimento integral da *Pessoa*. É importante, neste sentido, definir aqui um modelo alternativo às atuais políticas educativas. Rui Canário (2005) sustenta que:

A escola erigiu historicamente, como requisito prévio da aprendizagem, a transformação das crianças e dos jovens em alunos. Construir a escola do futuro supõe, pois, adoção do procedimento inverso: transformar os alunos em pessoas. Só nestas condições a escola poderá assumir-se, para todos, como um lugar de hospitalidade.

(Canário, 2005, p.88)

Assistimos hoje a uma preocupação que parece centrar-se menos no EA e mais na problemática das aprendizagens de outras disciplinas, cujos resultados são espelhados e mediatizados pelo *ranking* das escolas que, como refere Alves (2014):

“Veicula uma informação útil que nos deve mobilizar para compreender os múltiplos fatores que geram estes resultados. E estes fatores têm necessariamente a ver com as políticas educativas, com os modos de governo das escolas, com a gramática escolar, com o contexto escolar, com as práticas pedagógicas, com o efeito professor (...)”

Alguns autores como: Bell (2007), Damásio (2006), Dickie (1976), Eça (2010), Fróis (2000), Goodman (2006), Read (1982), Sousa (2003), entre outros, procuram demonstrar a importância da arte e os seus contributos para as outras áreas de aprendizagem. Contudo, também as outras disciplinas do currículo podem concorrer para a valorização das artes e conseqüente fortalecimento das suas valências na formação integral da pessoa. Jensen (2001) defende a educação pela arte pelo valor dinâmico que esta promove na formação do aluno e pelo contributo e expectativas que podem existir entre a arte e as outras disciplinas:

Art advocates are constantly being asked to show evidence that, for example, music improves math scores. Let's turn that round: Does math improve music? No one asks the question, "Does math improve the arts? Does science improve reading? Does English actually improve the mind, or does it only serve as an accumulation of snobbish bravado?" The fact is, we have historically assumed that other disciplines (excluding art) are valuable; yet they are not held to the same level of scrutiny to which art is now being held (Jensen, 2001, p.VII).

Enquanto professor de artes procuro compreender como o contacto com as artes Visuais, Música, Dança e Teatro, que têm particular relevância no Colégio onde leciono, pode contribuir para a construção de indivíduos ativos na aprendizagem, cultos e cívicos, com conhecimentos que lhes permitam ao longo da vida ter um sentido crítico sobre o que os rodeia. Não posso deixar de referenciar que procuro com este estudo sentir o pulsar da relevância do ensino artístico no âmbito do projeto educativo que integro, e compreender qual o seu potencial transformador no desenvolvimento integral dos alunos.

3. Do contexto e do sujeito de investigação

Nesta investigação, centramos o trabalho num estudo de caso realizado num colégio católico pertencente à Congregação de São José de Cluny, congregação religiosa feminina. Enquanto docente de Artes Visuais, procuro identificar a problemática no contexto de uma escola católica, que participa na missão educativa da Igreja, em termos de apostolado, e que desde 1988 se integra no projeto escola cultural da AEPEC, facto que veio dar-lhe uma abertura internacional.

A vertente artística sempre teve forte pendor na congregação religiosa a que pertence o Colégio. A fundadora evangelizava a educar e considerava a educação a única forma de ser livre, entendendo que para que essa dignidade fosse alcançada seria preciso “Formar a inteligência, educar as emoções e a afectividade, formação relacional, formar para a ciência moral, a ética, princípios e valores e ter abertura à espiritualidade e à transcendência”³. O objetivo sempre foi e continua a ser o lema dos seguidores da fundadora, o desenvolvimento integral da pessoa humana, uma educação plena, como forma de realização de todas as potencialidades. “Ser educado é única forma de ser livre”⁴. Ana Maria Javouhey apostou na educação dos seus contemporâneos e nas futuras gerações e a arte foi, de acordo com as suas cartas, indubitavelmente o meio privilegiado para o conseguir.

O Colégio no qual se desenvolveu a presente investigação aposta na vertente artística, acreditando no potencial transformador que esta possibilita, mas nunca

³ Diário do Minho (2006). “Congregação de S. José de Cluny celebra dois séculos”. [Em linha]. Disponível em: <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/nacional/fundadora-considerava-a-educacao-a-chave-e-unica-forma-de-ser-livre/> [consultado em 06/02/16]

⁴ idem

realizou um estudo que pudesse refletir, avaliar e compreender as dinâmicas culturais e artísticas no âmbito da sua matriz religiosa. Pouco se tem falado sobre a importância da educação artística e pouco ou nada se tem escrito sobre a mesma na escola católica, mas o que me leva a seguir este propósito, não é unicamente a procura de respostas para algumas inquietações que surgem no exercício da minha profissão, mas também, em boa medida, a paixão que me liga à educação e à arte.

4. Motivação para a realização deste estudo

O combinar destas duas paixões conduziu-me ao ensino, um desafio enorme que me impele a uma constante e exigente formação. Como professor de Artes Visuais numa escola católica e percebendo a marca indelével que o desinvestimento na formação artística em geral nos vai deixando na sociedade, cresce em mim uma enorme preocupação. Acredito que a arte pode marcar a diferença na vida dos alunos e das escolas. Acredito na escola como local privilegiado para promover a relação com o conhecimento, que proporciona o desenvolvimento da capacidade criativa e é capaz de promover valores de solidariedade. Acredito na educação artística como um estimulante instrumento para enriquecer os processos de ensino e aprendizagem, tornando-os mais acessíveis e mais eficazes. Acredito que a educação artística pode dar um forte contributo no papel evangelizador da escola católica. Para além da paixão que me envolve com a arte e com a educação, para além dos resultados desta investigação, desejo continuar a participar criticamente, nem que com um “grão de areia” seja, na construção de uma escola melhor, de uma escola mais atenta às mudanças.

O mínimo que se exige de um historiador é que seja capaz de reflectir sobre a história da sua disciplina, de interrogar os sentidos vários do trabalho histórico, de compreender as razões que conduziram à profissionalização do seu campo académico. O mínimo que se exige de um educador é que seja capaz de sentir os desafios do tempo presente, de pensar a sua acção nas continuidades e mudanças do trabalho pedagógico, de participar criticamente na construção de uma escola mais atenta às realidades dos diversos grupos sociais.

(Nóvoa, 1994, p.417)

5. Breves considerações metodológicas

Procuramos situar a problemática no contexto de uma escola católica cultural que aposta na vertente artística, acreditando no potencial transformador que esta possibilita.

Para tal, procedeu-se à revisão da literatura sobre a escola católica, a escola cultural, a educação para os valores e a educação pela arte. Analisaram-se com particular atenção alguns documentos fundamentais do Magistério da Igreja sobre a escola católica.

A recolha de dados incidu a vários níveis e foi elaborada com recurso a diferentes instrumentos e técnicas de recolha de dados: entrevistas semiestruturadas, questionários e análise de conteúdo do Plano Geral de Formação e do Ideário e Projeto Educativo.

A compreensão das práticas que de facto se estabelecem ao nível da educação artística e do seu potencial impacto na formação integral do aluno são parte integrante desta investigação. É manifestamente importante “tomar o pulso” da situação, para compreender o presente e perspetivar orientações para o futuro devidamente fundamentadas.

PARTE I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O enquadramento teórico compreende três capítulos que procuram orientar o sentido da investigação a que nos propomos. No primeiro capítulo ocupamo-nos da Escola Católica, Escola Cultural e Educação para os Valores. No segundo, procuramos compreender o papel da Educação Artística no desenvolvimento da pessoa e no terceiro, apresentamos o Ensino Artístico na Escola Católica Cultural definindo, à luz de lentes teóricas, a história e conceitos para as vertentes artísticas Artes Visuais, Música, Teatro e Dança.

1.º CAPÍTULO: Escola Católica, Escola Cultural e Educação para os Valores

1. Escola Católica

A educação católica, com as suas numerosas escolas e universidades espalhadas pelo mundo, dá um contributo relevante às comunidades eclesiais comprometidas na nova evangelização, e contribui também para que as pessoas e a cultura assimilem os valores antropológicos e éticos que são necessários para construir uma sociedade solidária e fraterna.

(SCEC, 2014, p.3)

A evangelização, mensagem da salvação em Jesus de Nazaré, constrói-se em cada um pelo ensinamento da Igreja e o Evangelho é a fonte que dita o programa da Igreja, na sua missão de fazer crescer cada um na dimensão espiritual e humana.

A declaração conciliar *Gravissimum Educationis*, promulgada pelo Papa Paulo VI em 28 de outubro de 1965, e que serviu de essencial referência para o recente documento, *Instrumentum laboris - “Educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova”* (2014), trata expressamente do valor educativo e enuncia alguns princípios fundamentais sobre a educação cristã especialmente nas escolas católicas, que assumem extrema importância na educação do Homem, pelo que este representa e no progresso social do qual é responsável:

Entre todos os meios de educação, tem especial importância a escola, que, em virtude da sua missão, enquanto cultiva atentamente as faculdades intelectuais, desenvolve a capacidade de julgar rectamente, introduz no património cultural adquirido pelas gerações passadas, promove o sentido dos valores, prepara a vida profissional, e cria entre alunos de índole e condição diferentes um convívio amigável, favorece a disposição à compreensão mútua;

(GE, 1965, n.º5)

As mudanças Políticas e económicas ocorridas nos últimos 50 anos, transformaram consideravelmente a sociedade com repercussões no plano educacional e escolar. Segundo a Sagrada Congregação para a Educação Católica (SCEC), tais transformações colocam em relevo a dimensão profética dos documentos da Igreja: *Gravissimum educationis* e a *Gaudium et spes*, documentos que podem ajudar a enfrentar também muitos dos desafios atuais, contribuindo para:

- *Afirmção da disponibilidade da Igreja em realizar uma obra de serviço para apoiar a promoção das pessoas e a construção de uma sociedade cada vez mais humana.*
- *O reconhecimento da instruo como 'bem comum'.*
- *A reivindicao do direito universal  educao e  instruo para todos.*
- *O apoio implícito a todos os homens e a todas as instituoes internacionais que, lutando por esse direito, opõem-se ao liberalismo imperante.*
- *A tese segundo a qual a cultura e a educao não podem ser subservientes ao poder econmico e  suas lógicas.*
- *O convite para que a comunidade e cada pessoa apoiem a participao da mulher na vida cultural.*
- *A formao de um contexto cultural de "novo humanismo" com o qual o Magistério está em constante diálogo.*

(SCEC, 2014, pp.4-5)

A igreja encontra legitimidade, pelo Evangelho, para propor  sociedade uma visão sobre o mundo e a vida que contribua para que os homens se tornem pessoas, num percurso até ao *Criador*. Rev-se, portanto, com o pleno direito para promover aprendizagens nas artes, ciências ou letras enquanto necessárias ou úteis  educao cristã, porque a ensinar educa e educando evangeliza. O Código de Direito Cannico expressa desta forma a responsabilidade da Igreja na educao:

Por especial razão, o dever e o direito de ensinar competem  Igreja, a quem Deus confiou a missão de ajudar os homens a atingirem a plenitude da vida cristã. (can. 794).

 dever da escola católica, na obra de educao que  a sua gnese, procurar unificar e reformar no corao de cada ser, os valores apaziguadores, unificadores e que conduzem ao progresso humano. Fazer com que cada um considere o próximo, sem exceo, como um outro eu.

Segundo Verhach (2012), secretário-geral do Comit Europeu para o Ensino Católico (CEECE), em países muito secularizados, sobretudo nórdicos, a escola católica  o único lugar onde as crianças são confrontadas com o Evangelho. Mas a escola católica também estende a sua influência aos encarregados de educao, proporcionando-lhes ligao com a cultura cristã através das iniciativas organizadas pelos docentes e associaoes de pais.

Apesar de sermos considerados um país tradicionalmente católico, no campo do ensino estamos ainda longe de outros países da Europa onde a escola católica tem um estatuto apreciado pela população em geral. Segundo o Comité Europeu para o Ensino Católico o número de estabelecimentos de ensino católico no ano escolar 2013-2014 era de 34.476. Este número incluía escolas de todos os níveis de ensino, da pré-escolar ao ensino secundário, abrangendo um total de 8.691.832 alunos. De salientar que Portugal, com apenas 158 estabelecimentos e um total de 73.015 alunos, contrasta claramente⁵ com os 32.801 estabelecimentos distribuídos por França (8213), Espanha (2601), Holanda (2398), Inglaterra (2252), Bélgica (3409), Itália (9120), Irlanda (3191), Alemanha (905), Escócia (382) e Hungria (330).

Muitos destes valores têm fundamento na liberdade de escolha que é verdadeiramente reconhecida, permitindo-se aos pais escolherem livremente a escola que confiam para educar os seus filhos, o que não acontece entre nós portugueses, na medida em que as políticas educativas parecem afastar cada vez mais as famílias de escolher livremente a educação que querem para os seus filhos. Algumas famílias mais débeis do ponto de vista financeiro e que gostariam de optar por uma educação numa escola de matriz cristã, vêm-se assim alheadas dessa possibilidade. Cotovio (2011) apresenta, a este propósito, na sua investigação sobre *“O debate em torno do ensino privado nas décadas de 50, 60 e 70 do século XX. Um olhar particular das escolas Católicas”* vários estudos relativos à liberdade de ensino e a liberdade de escolha, que defendem genericamente que o papel do Estado em matéria de educação é supletivo, competindo-lhe sobretudo “proteger” e “promover”.

Historicamente a escola católica foi mãe e pai de muitos, mostrando-se sempre aberta a receber e a contribuir para a dignidade de cada ser. A SCEC destaca bem este aspeto de entre as diversas dimensões da Igreja Católica:

Na dimensão eclesial fundamenta-se também a característica da escola católica como escola para todos, particularmente para os mais débeis. Historicamente a maior parte das instituições educativas escolares católicas surgiu como resposta às exigências das classes menos favorecidas do ponto de vista social e económico. Não é novidade dizer que as escolas católicas tiveram origem numa profunda caridade educativa para com os jovens e

⁵ Considerando que a Holanda com uma população residente de 16.754.962 e a Bélgica com 11.128.246 e Portugal com 10.514.844, Fonte: Pordata (2014)

adolescentes abandonados a si mesmos e privados de qualquer forma de educação.

(SCEC, 1997, n.º 15)

1.1. O Professor da escola católica - À descoberta da novidade

Para Policarpo (2007), o cristianismo como proposta cultural de civilização, veicula um sentido da vida e uma interpretação da realidade, isto é, uma antropologia e uma mundividência específicas. A escola católica enquadra-se nesta proposta na medida em que a Igreja tem sido uma importante fonte em prol da educação, e uma importante nascente com inegável significado no desenvolvimento da ciência e em larga medida na arte. Define-se, portanto, como uma via para a descoberta da novidade e do lado maravilhoso das coisas.

Ao professor da escola católica compete desenvolver a espiritualidade numa busca do sentido profundo da vida e das coisas, ser “testemunho de um sentido de vida que leve os alunos a descobrir que a redenção de Jesus Cristo não significa desprezo algum de nada que seja humano, mas, pelo contrário, a sua suprema dignificação”, como afirma (López, 1979, p.50), também na procura da novidade que há nas coisas através de Cristo. Nesta linha de pensamento Cotovio (2011) ressalva a importância do educador na escola católica:

Se o enfoque da escola católica está na educação integral do aluno, os seus educadores são pedras fundamentais nesse desenvolvimento. De entre os agentes educativos, ocupa um lugar proeminente o professor. (...) Só com professores cientificamente competentes, que aliem harmoniosamente a humanidade à espiritualidade, a escola católica pode ajudar os alunos a serem mais pessoas, com “razão” e com “alma”.
(Cotovio, 2011, pp.69-70)

1.1.1 Que rumo?

A desvalorização é a morte do sentido das coisas, a ausência de finalidade e de respostas ou de inquietações, que tanto caracterizam as sociedades contemporâneas, enriquecidas pela subjetividade impressa por cada um como rótulos sobre as coisas, tornam o mundo em que vivemos mais pobre e cinzento. Já nos anos 70, Veiga Simão associava a crise da educação ao materialismo e à falta de humanismo da sociedade e fazia apelo à dimensão espiritual necessária na educação:

E porque esta sociedade se tornou menos humana e menos humanista, mais volvida para a matéria do que para o espírito, entrou em profunda crise. À perspectiva duma sociedade de lazer e

de sonho material, juntam-se angustiantes e ansiosas interrogações de natureza espiritual. (1970, p.242)

Também a Sagrada Congregação para a Educação Católica aponta a globalização como um fenómeno que parece definir-se com um propósito contrário à promoção de igualdades:

O processo de globalização cada vez mais acentuado, ao invés de favorecer a promoção do desenvolvimento das pessoas e uma maior integração entre os povos, parece limitar a liberdade dos indivíduos e afunilar os contrastes entre os vários modos de conceber a vida pessoal e colectiva.

(SCEC, 2014, p.4)

As pessoas parecem cada vez mais mergulhadas no seu oceano de necessidades e desejos, em que o *Eu* prevalece sobre todas as coisas e o *Tudo* é condição para a vida. Procura-se o resultado imediato, a efemeridade em detrimento do abrandamento contemplativo, aniquila-se o pensamento reflexivo e a intuição. A escola assume aqui um papel fundamental, no abrandamento e na criação de um clima que produza um efeito contrário a esta tendência social, um clima favorável à aprendizagem como referem Cabral (2014) e MacBeath (1999)

As pessoas e as estruturas não são a mesma coisa, contudo o homem parece depender das mesmas, a imagem do que parece é mais importante do que o ser. Não é o *ethos* que dá forma as estruturas mas as estruturas que produzem o *ethos*, perde-se assim o sentido pessoal sobre as coisas. Para Nunes (2005, p.90):

Caminha-se, progressivamente, para uma concepção mais global e envolvente da educação, como processo que conduz à passagem da consciência de ser indivíduo, membro da espécie humana, à consciência de ser pessoa, com o que isso implica de esforço de elevação do ser humano em direção ao seu próprio aperfeiçoamento, crescendo no conhecimento e na afirmação de si mesmo (autonomia) e no estabelecimento da indispensável relação pessoal com os outros (solidariedade).

Educar para a contemplação da maravilha das coisas que nos rodeiam, é procurar o pormenor, o detalhe de que é feita a nossa vida, como se de um laboratório de humanidade se tratasse, nunca esquecendo que Deus está nos pormenores. Isabel Batista a este propósito deixa-nos uma reflexão:

(...) Para que a educação sirva a humanidade, é preciso que, seja em que contexto for, ela funcione, realmente, como um laboratório de humanidade e democracia. O que nos conduz para as questões

relativas à qualidade ética da educação e ao respeito pelos direitos dos próprios educadores como parte integrante do direito à educação.

(Batista, 2015a)

O professor na escola católica também deve ser um *educador moral*, revestido de capacidade para promover situações de desenvolvimento cognitivo. O raciocínio moral depende do estado de desequilíbrio do sujeito e, para que o seu pensamento evolua, necessita de ser confrontado com situações difíceis de resolver mas que sejam simultaneamente desafiantes e que provoquem uma vontade de aprender. O *educador moral* precisa igualmente de criar um *clima* democrático, facilitador de aprendizagens, “o clima de escola que passa a ser visto como um dos fatores determinantes para as atitudes e sucesso dos alunos”, (Cabral, 2014, p.114), também designado de *contexto educativo* SCEC (2014), criado por estudantes e professores e onde se desenvolve o ensino e aprendizagem,

imbuído pelos valores não só afirmados, mas vividos, pela qualidade dos relacionamentos interpessoais que ligam os professores aos alunos e os alunos entre eles, pelo cuidado que os professores têm diante das necessidades dos alunos e das exigências da comunidade local, pelo claro testemunho de vida oferecido pelos professores e por todos os funcionários das instituições educativas. (p.7)

1.1.2 Um coração identificado

O desafio do professor da escola católica não se resolve apenas por algumas reflexões à luz do evangelho, pressupõe credibilidade e qualidade da relação pedagógica como condição fundamental para o espírito de fraternidade, o que se diz é o que brota de um coração identificado e esta essência está em Deus. O Papa Francisco, na Mensagem para a Jornada Mundial da Paz (2014), salienta o valor da educação como “ato de fraternidade”, porque «É preciso recordar-se sempre de que somos irmãos; por isso, é necessário educar e educar-se para não considerar o próximo como um inimigo nem um adversário a eliminar».

Professores e alunos fazem parte da construção de um pensamento teológico, capaz de transformar o dia-a-dia de cada um na realidade concreta dos cidadãos, missiva que define bem a linha de ação do ensino católico,

A educação, numa escola católica, implica a mesma obrigação, mas de forma institucional; isto é, como comunidade educativa que

trabalha para que a mesma escola seja um testemunho da fé em Jesus Cristo, na nossa sociedade pluralista. Este dever moral exige o ajudarmo-nos mutuamente, e esta ajuda torna necessário o comprometimento de todos os elementos que integram a escola. (AEC, 1979: 139)

Ortiga (2015) na homilia do dia Nacional da Universidade Católica Portuguesa sublinhou os três objetivos que devem ser trabalhados por toda a comunidade académica e que em larga medida se encaixam no perfil de qualquer escola católica:

“Olhar a realidade nos olhos”. O mundo é complexo e necessita de compreender os seus dinamismos internos. Sem esta proximidade às realidades, para as acolher na sua verdade, não é possível partir para uma evangelização credível e eficaz. “Aprender a amar”. É inequívoco que nem sempre a sociedade e a Igreja caminharam lado a lado. (...) a conversão que a Igreja anuncia dirige-se, em primeira instância, a ela mesma. Daí que, no mesmo sentido, a Igreja deve ser a primeira a aprender e a caminhar nas vias do amor (...). “Insuflar a esperança”. Não nos deixemos impressionar. Conhecendo e amando há algo que importa oferecer. E a Igreja em Portugal tem necessidade de arrear novos caminhos e construir respostas mais assertivas a todos os problemas e desafios que temos conhecimento.

Nos tempos de descrença, parece que Deus já não mora na cidade. Este eclipse parece existir e acaba por condicionar a convicção e prática do cristianismo. O homem no íntimo do seu ser, está sempre em caminho à procura da verdade e Deus torna-se progressivamente o antagonista do homem. Na expressão de Santo Agostinho “Criaste-nos para Vós, Senhor, e o nosso coração anda inquieto enquanto não repousar em Vós”, compreende-se que a procura de uma qualquer verdade é razão da inquietação do homem. Para Carvalho (2012, p.129) o professor da escola católica que educa à luz do evangelho,

(...) É confrontado com o exercício desafiador e, por vezes, penoso, do diálogo entre a razão e o coração, entre a reflexão e a estética, entre a moral e a ação, em ordem ao fim último da pessoa humana e ao maior bem da sociedade, preparando cada um para exercer a sua responsabilidade entre os outros homens e mulheres, iluminando o conhecimento, que vai sendo transmitido e adquirido, com a luz da fé.

É importante que as escolas e os professores proponham à consideração dos alunos os “elementos essenciais do património cultural, acumulado no tempo, e o estudo das grandes questões que a humanidade enfrentou e enfrenta” (SCEC, 2014, p.8). Também no plano religioso, o professor firme do que acredita, apresenta ao

aluno as suas convicções, reconhecendo no entanto que o mais importante é que o aluno conheça outras realidades, outras possibilidades, para que possa construir a sua própria convicção.

Ao professor compete apenas propor, mediar, contribuindo para uma formação mais integrada, no domínio religioso, social, cultural ou em qualquer outro, caso contrário corre-se o risco de “um ensino orientado a fornecer unicamente o que parece ser útil hoje, porque pedido por uma exigência económica e social contingente, mas que se esquece daquilo que para a pessoa humana é *indispensável*” (id.ibid, p.8). Juan Carlos Tedesco defende precisamente esta visão, afirmando que uma educação equilibrada deve produzir “homens completos” mais do que especialistas:

A missão fundamental da educação é ajudar cada indivíduo a desenvolver todo seu potencial e a tornar-se um ser humano completo e não um instrumento da economia. A aquisição de conhecimentos e competência deve ser acompanhada da educação do carácter, da abertura cultural e do despertar da responsabilidade social.

(Tedesco, 2001, pp.50-51)

1.2. A Educação na Escola Católica - O conhecimento que advém da fé

Mais do que um ser no mundo, o homem é presença consciente no mundo. “Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha; que constata, que compara, avalia, que decide, que rompe” (Freire, 2000, p.112). Para Bergoglio (2013), o homem precisa de saber o que é para ir aprendendo a ser o que é. Foi dado como essência, como natureza, mas deve ser acabado, deve-se ir realizando e é a este processo de humanização que chamamos de educação.

O importante papel que a escola católica assume na sociedade, e que a diferencia das outras escolas, não se resume à evangelização, por ser estrutura afetada da igreja, mas porque pode fazer a síntese entre a *fé* a *cultura* e a *vida*, possibilidade que se exerce com o saber humano, traduzido nas várias disciplinas, à luz da mensagem evangélica e pelas virtudes de cada ser cristão.

Da natureza da escola católica provém também um dos elementos mais expressivos da originalidade do seu projeto educativo: a síntese entre cultura e fé. Com efeito, o saber, colocado no horizonte da fé, torna-se sabedoria e visão de vida. A tensão em harmonizar razão e fé, que é a alma de cada uma das disciplinas,

dá-lhes unidade, articulação e coordenação, sublinhando, no seio do saber escolar, a visão cristã do mundo, da vida, da cultura e da história. No projeto educativo da escola católica não há por isso separação entre momentos de aprendizagem e momentos de educação, entre momentos do conhecimento e momentos da sabedoria. Cada uma das disciplinas não apresenta só conhecimentos a adquirir, mas também valores a assimilar e verdades a descobrir.

(SCEC, 1997, n.º 14)

A *fé* dá sentido à interpretação que fazemos das experiências de vida, faz ligação entre aspetos resultantes do meio e a transcendência, Fowler (2004) define que, tal como outras dimensões da vida, a *fé* parece ter um padrão de desenvolvimento, existência de uma estrutura interna relativa à *fé*, que vai modificando durante os estádios de desenvolvimento humano. Para Simões (1997) a transição destes estádios resulta ou é consequência de momentos de crise, desafios ou ruturas. Neste contexto, compete também ao professor na escola católica promover a compreensão e aceitação da diferença, da perspetiva do outro, mesmo estando em estádios de desenvolvimento da *fé* diferentes, proporcionando desta forma, uma desejável evolução da mesma ao educando.

1.2.1 (Des)encontro de interesses

A educação implica um processo de transmissão de cultura. Se vivemos uma crise cultural e crise de valores, matéria que diz respeito ao homem, também vivemos uma crise na educação. Nas palavras de Bergoglio (2013) o mal irrompe e instala-se apenas quando está o que não devia estar.

A sociedade atual, composta por grandes e rápidas transformações, opera significativas influências sobre os jovens. Surgem novos valores e procuram-se respostas rápidas e concretas para o que existe, pragmatismo próprio de uma mentalidade científica-técnica a que Habermas (1999) define por “racionalidade funcional” em que tudo tem uma dimensão mensurável.

O desencontro de interesses cresce no seio da escola, os jovens desvalorizam o saber escolar, os professores transmitem o necessário para viver em sociedade não compreendendo as interrogações dos alunos. O conhecimento que as escolas e os currículos apresentam, mostram-se pouco apetecíveis para os jovens e adolescentes. Bergoglio (2013, p.85) refere que “O conhecimento que a escola apresenta aparece como um saber pouco apetecível e não é considerado

importante.” porque “Não enfatiza a satisfação sensorial, nem são ferramentas que garantam a ascensão social ou simplesmente o acesso a um emprego”. Neste domínio, Cabral (2014) faz uma síntese de estudos reveladores da existência de uma relação direta entre: motivação para a aprendizagem, resultados obtidos, autoestima e autoconfiança. Para Azevedo (2011), o insucesso escolar não é “fatalidade pessoal e social” mas antes,

O reflexo de graves incapacidades institucionais para saber lidar com a diferença, com as desigualdades pessoais e com os diversos ritmos de desenvolvimento humano, com os recursos disponíveis, com os diversos modos de pensar e agir, com as mais díspares formas pessoais de enunciar as questões da vida e com os diferentes contextos familiares e sociais.

(pp. 272-273)

A imensidão do cognoscível torna o que ensinar uma decisão de um povo, de uma cultura, de um governo, o que dificulta a seriação do mais ou menos importante de ensinar em determinado tempo. A educação que centra o seu plano de ação exclusivamente na distribuição de saberes, corre o risco de deformar, tornar mais pequeno o seu objetivo, mas se fomentar a interpretação e a valoração das coisas para que estas cresçam dentro de cada aluno, na sua singularidade, contribui indubitavelmente para uma sociedade mais livre, mais rica, mais civilizada, mais solidária. Para Bergoglio (2013, p.86):

É necessária uma educação que favoreça o tecido da sociedade civil (ou seja, civilizada, cidadã). Que a educação seja um lugar de encontro e empenhamento comum onde aprendamos a ser sociedade, onde a sociedade aprenda a ser sociedade solidária. Temos de aprender novas formas de construir a cidade dos homens.

Atualmente, há necessidade de um genuíno testemunho cristão, porque, como afirmou João Paulo II na Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Ecclesia in Asia*, “homem contemporâneo acredita mais nas testemunhas do que nos mestres, mais na experiência do que na doutrina, mais na vida e nos factos do que nas teorias».

As fragilidades, dificuldades e novas pobreza rompem vínculos. Corroem-se afetos, afrouxam vínculos de fraternidade e surgem mentalidades individualistas e desestruturadas. Compete ao professor contribuir na construção da sociedade terrena, formar pessoas como cidadãos solidários, com sentido de comunidade, responsáveis, ligados entre si, sobretudo neste tempo que vivemos, num tempo global, neoliberal. Neste tempo em que “O professor é, para muitas crianças e

adolescentes, um referencial, um padrão de comportamento a seguir, muitas vezes a emular.” (AA.VV., 2002, p.109)

Ao dedicar-se à educação, a Igreja não ocupa o lugar de outras instituições, contribui com o que considera um tesouro, a esperança por uma humanidade nova e é chamada a servir e é a servir que encontra o poder de transformar o outro em amor. É através da escola católica, que tem também a tarefa de promover liberdades responsáveis, fazendo compreender que a liberdade é um dom infinito, que contribui para a promoção da pessoa e da sua dignidade para o verdadeiro desenvolvimento humano. É esta liberdade que torna a sociedade mais completa, pela diferença e na subjetividade de cada um. Para Azevedo, (2012, p.12), “a educação escolar e social antes de ser socialização de ser formação para a cidadania é antes e acima disso promoção da personalização é irrupção da subjetividade autónoma de uma outra liberdade.”

Assim, na perspectiva de dignidade de cada ser humano, a educação não deve ter como objetivo condicionar ou impedir, mas antes fazer que as potencialidades de cada um se revelem, tornando possível a manifestação de tudo o que nela está latente. A escola prossegue como missão a promoção da pessoa e não se pode deixar orientar primordialmente por quaisquer outras finalidades. Além de ajudar a aprender a conhecer e a aprender a fazer, a educação deve contribuir para aprende a ser.

A pessoa humana, cada pessoa, está no centro de toda a atividade educativa: em cada aluno, em cada profissional, em cada idoso com que deparamos mora sempre uma pessoa única, com uma dignidade inalienável e inviolável, que está acima e antes de qualquer enquadramento institucional ou função social. A educação é essa “arte” de promover o desenvolvimento humano de cada pessoa, que nasce incompleta e só se desenvolve verdadeiramente na medida em que dá lugar ao outro e este o desoculta solidariamente e convoca a desabrochar a humanidade indizível que o habita.

(Azevedo, 2010, p.14)

O professor, como educador na escola católica, tem por missão promover no aluno o afloramento de competências cognitivas, que lhe permitam partir do que sabe para desenvolver todas as potencialidades de que dispõe, através da síntese entre a *fé* a *cultura* e a *vida*. Desencadear no aluno o que de bom tem, olhar o aluno com os olhos do coração e ver em cada pessoa o que ela tem de melhor, e ver nela a imagem de Deus. “Nascemos novos fechados e absolutamente necessitados do

outro para sermos quem devemos ser: pessoas únicas, dons destinados à criação e a completar a obra da Criação”, (Azevedo, 2012, pp.6-7). Mas para que estes desafios possam de facto verificar-se, agora e para o futuro da educação, é necessário investir na qualidade das experiências de aprendizagem. Como afirma Cabral, (2014, p.150) “estes desafios serão tanto mais conseguidos quanto mais as escolas investirem na sua capacidade interna de se auto-organizarem com vista à melhoria dos processos e dos resultados educativos.”

2. Escola Cultural

*(...) Costumamos interrogar-nos com alguma preocupação:
que mundo deixaremos aos nossos filhos?
Talvez fosse melhor perguntarmos:
que filhos damos a este mundo?
(Jorge Bergoglio, 1999)*

A escola católica, com raízes viradas para o céu, é um lugar onde a proposta formativa “é o património espiritual cristão, em constante diálogo com o património cultural e as conquistas da ciência” (SCEC, 2014, p.6). Neste sentido pode ser o lugar comum de educação à vida, ao desenvolvimento profissional e cultural onde se inscreve a escola cultural.

O Concílio Vaticano II realça o valor da importância das escolas como veículos fundamentais da educação, meio privilegiado de transmissão da cultura e de socialização:

Entre todos os meios de educação, tem especial importância a escola, que, em virtude da sua missão, enquanto cultiva atentamente as faculdades intelectuais, desenvolve a capacidade de julgar rectamente, introduz no património cultural adquirido pelas gerações passadas, promove o sentido dos valores, prepara a vida profissional, e criando entre alunos de índole e condição diferentes um convívio amigável, favorece a disposição à compreensão mútua; além disso, constitui como que um centro em cuja operosidade e progresso devem tomar parte, juntamente, as famílias, os professores, os vários agrupamentos que promovem a vida cultural, cívica e religiosa, a sociedade civil e toda a comunidade humana. (GE 5)

A escola cultural é uma escola criadora e personalizada, uma entidade pluridimensional que busca soluções culturais do espaço onde de se insere.

(...) É um projecto em marcha que, necessariamente, brota de uma convicção que, por sua vez, radica num determinado modelo de um homem e de sociedade. A escola é uma concepção de vida em acção, em realização continuada e renovada pela incarnação de ideias, de saberes, de valores, de critérios, de atitudes, de comportamentos.
(CEP, 2008, p.7)

E porque é cultural, constitui o local, eventualmente mais adequado, para se refletir sobre os valores. Educar é construir valores e a escola procura estimular o raciocínio moral, a participação dos alunos em momentos de decisão difícil.

É uma escola que se enquadra na visão de Nóvoa (1992), uma escola com cultura própria, com uma identidade própria, uma identidade de referência: na autonomia, na liderança organizacional, no currículo, na gestão do tempo, estabilidade dos seus profissionais, na formação dos quadros, participação dos pais. Visão que assenta nos pressupostos para uma escola eficaz, na perspectiva de Azevedo *et al.* (2015, p.4):

(...) Pressupostos essenciais da promoção do sucesso escolar: uma política que reconheça às escolas a capacidade de se auto-organizarem e que apoie os seus projetos; uma alteração dos modelos tradicionais de organização escolar; uma mudança do modelo didático, dos métodos, dos recursos de ensino e da relação pedagógica; a valorização das lideranças intermedias e de topo; uma mudança construída com o envolvimento de todos, com metas e objetivos claramente partilhados.

Mas é importante que fomente e desenvolva competências sociais, ensine a viver em comunidade, e o respeito à diferença do não-eu, até porque como afirma Perrenoud (2005, p.67) :

O sistema educacional mantém uma relação complexa com a sociedade que lhe proporciona os recursos, a legitimidade e as finalidades e, ao mesmo tempo, coloca "obstáculos em seu caminho"(...) A escola não é um mundo social separado do restante do sistema; nela se observam mais ou menos os mesmos conflitos, as mesmas diferenças, as mesmas apostas que na sociedade global ou em outras organizações.

Para Santos (1997), a cultura constitui um conjunto de ideias e valores, composta por conteúdos para reflexão e ação, conteúdos informativos e significativos, próprios do ato educativo. As habilidades do saber ler, saber escrever e saber contar (*basic skills*), não estão mais à altura das atuais exigências, sendo outras as competências exigidas pela escola atual. Perrenoud (1995) defende precisamente uma formação ampla em que o aluno seja capaz de transferir, de utilizar, de reinvestir e, por conseguinte, de integrar esses saberes a competências:

O desafio da escola obrigatória são as competências que fazem de nós não apenas trabalhadores, independentes ou assalariados, mas seres autônomos, cidadãos responsáveis, pessoas que têm uma vida privada, familiar, espiritual, sexual, associativa, de lazer, de engajamento em diversos projetos e em diversas causas. Essa reflexão não é apenas técnica; ela coloca, antes de tudo, a questão das finalidades da escola. (p.71)

Também Bruner (1999) contesta a escola como conformadora de saberes especializados, afirma que é preciso ser mais que isso, precisa de ser uma escola integradora na qual os alunos se apropriem de uma cultura e que eles integrem conhecimentos a partir das questões que colocam. Para este autor (ibid., p.39) “Devemos duvidar, discutir, explorar o mundo. É assim que nos apropriamos da cultura, que nos tornamos membros ativos de uma sociedade”.

Mas não podemos deixar de referir, para além das competências cognitivas (*cognitive skills*), as competências afetivas (*affective skills*), como a autoestima e a imagem de si, porque também estas devem ser mobilizadas para a progressão nas aprendizagens propostas pelas escolas e professores, tal como referem Machado e Alves (2014). Por outro lado, como salientam os mesmos investigadores, citando Herman *et al* (1999); Gersten & Baker (2001); Borman *et al* (2002 e 2003) e Hornet Ramey (2003), o ensino centrado nos saberes (*direct instrutions*) e não no aluno, representa o modelo pedagógico com melhores resultados académicos, cognitivos e afetivos, deixando em contraponto que a aprendizagem é, por natureza, como afirmam (Machado e Alves, 2014, p.47):

Uma atividade multidimensional que não deixa de lado nada que diga respeito à pessoa de cada aluno (...) modelo de ensino aprendizagem que só são eficazes se inscritos numa escola que os enquadra e potencia do ponto de vista institucional (...) que se ocupa quotidianamente com os progressos dos alunos, de cada um e de todos.

2.1. A Escola Cultural promotora de valores da cidadania

Os valores da cidadania exortam à participação na vida da sociedade democrática contudo, segundo Sáiz (1999) só aqueles que são reconhecidos pela comunidade em que se inserem podem sentir-se motivados para integrar-se ativamente nela e aderir a projetos comuns.

Para Figueiredo (2001) no currículo há unidades de aprendizagem que abordam conteúdos relacionados com ética, moral, educação cívica e cidadania, mas a educação para a sã convivência não se adquire nos conteúdos, implica uma aprendizagem complexa na qual os vários atores educativos atuam. Quando o aluno faz parte do processo criativo é envolvido e vivencia a experiência, absorve várias narrativas e desenvolve a capacidade crítica face ao que o rodeia, constituindo uma mundividência própria que o abre ao diálogo e possibilita de alternativas de convivência e cidadania.

Segundo Perrenoud (2005), se antes da Revolução Francesa a cidadania só era outorgada aos que davam garantias suficientes de civismo, sendo considerada um privilégio, agora é preciso preparar o aluno para ser bom cidadão. O desafio da socialização ultrapassa a instituição família e é confiada à escola, como principal construtora de pessoas. Contudo a escola necessita de alterar algumas das suas práticas, segundo (Perrenoud, 2005, p.30):

(...) para educar verdadeiramente para a cidadania, é necessário, alterar substancialmente uma parte dos funcionamentos escolares instituídos: a apropriação ativa dos saberes e da razão crítica, a apropriação de um mínimo de ferramentas provenientes das ciências sociais e a prática da democracia e da responsabilidade

A educação para a cidadania passa por uma experiência vivida, aprende-se pela prática e o exercício da mesma, através de uma postura ética e de competências práticas colocadas ao serviço do outro e da comunidade em que se inscreve. Se o professor ensina o que é, transmite a sua mundividência, convém portanto perceber o quão cívico e desinteressado é. Nem sempre os valores que o professor defende são os comumente reconhecidos pela comunidade em que se insere.

A Sagrada Congregação para a Educação Católica (SCEC) refere precisamente que a escola deve ser um lugar onde seja possível propor aos alunos ocasiões para experimentar o impacto social daquilo que aprendem, favorecendo a descoberta da relação entre a escola e a vida, o sentido de responsabilidade e de cidadania ativa. SCEC (2014). Já em 1938, Agostinho da Silva defendia uma escola capaz de promover o saber e a intelectualidade, uma escola que preparasse os alunos para uma cidadania ativa e consciente, com habilidade para entender e reagir

adequadamente, uma escola capaz de desenvolver relações saudáveis e produtivas, capaz de promover a vida em comunidade e ser mais que um repositório do saber dos outros, (Silva, 1938, p.4):

Não o simples saber e a cega obediência intelectual, mas o espírito crítico, a tolerância, a coragem ante as pequenas ou grandes dificuldades, a calma inabalável, o amor da Humanidade, a cooperação de todos para o bem de todos, a largueza das soluções inteligentes e nobres.

Portanto, a educação para a cidadania não se esgota na formação do cidadão nos valores democráticos, pois exige outras vertentes, como, por exemplo, "as práticas construtoras da identificação cultural, a inserção nas rotinas sociais e convenções de uma época, os rituais sociais, que podem não ser necessariamente valoráveis em termos éticos" (Roldão, 1999, p.12). Neste sentido "a educação para os valores e para a convivência é a base da educação para a cidadania" (Cortina, 1998, pp.54-56), fundamento necessário para formar o futuro cidadão nas destrezas básicas de inter-relação, de valores sociais, morais e culturais

2.2. Aprender e ensinar - Uma construção comum

Para Freire (2000) a educabilidade humana é produto da sensação de incompleto, de inacabado, vocação ontológica do homem, para o ser mais e procurar sempre mais, "Num permanente movimento de busca a que se junta, necessariamente, a capacidade de intervenção no mundo (...)" (p.55).

Gostar de ensinar é gostar do aluno na sua pessoalidade e isso implica conhecê-lo, para nele desenvolver o sentido crítico e para o ajudar a construir, enriquecer e diversificar conhecimentos. Acreditando que todos somos convocados para uma construção comum, nesta matriz de humanismo cristão, relacional, deveremos posicionar a nossa atenção no outro, valorizar aquilo que de bom tem, e é neste *espírito de missão* de professor educador, que todos deverão ser capazes de realizar pequenas e grandes transformações, revestindo o aluno da confiança necessária, acreditando que todos podem aprender e na "educabilidade e na perfectibilidade de todo o ser humano" (Cabral, 2014, p.474). Nestas palavras lê-se que há em cada homem um potencial de ser que se quer atualizar com a educação. Diz Merieu (2004) que "toda a criança, todo o homem é educável", por isso "aquele que não acredita na educabilidade dos seus alunos faria melhor mudar de ofício".

Também SCEC (2014, p.22) nos deixa uma reflexão interessante a este propósito: “A educação vive a metáfora do bom sementeiro que se preocupa em semear nem sempre com a possibilidade de ver os resultados da sua acção. Educar é agir com esperança e com confiança.”

Mas ensinar pressupõe aprender e só existe aprendizagem se o aluno for capaz de recriar o que aprendeu. (Freire, 1995, p.5) deixa-nos a este propósito a seguinte consideração:

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível - depois, preciso - trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender.

O conceito de profissionalização docente, é na sua génese marcada por opiniões díspares alvo de debates e reflexões. Para Domingo (2003) a profissão docente é tida como uma semiprofissão. Segundo Densmore (1987) é uma atividade proletarizada, da classe média, definida como uma “nova classe operária” ou “nova classe média”. Por outro lado, a especificidade do saber próprio requer que se posicione a atividade docente de forma distinta das restantes atividades sociais. (Nóvoa, 1989). O reconhecimento enquanto atividade profissional depende, como defende Roldão (2007), do grau de visibilidade da sua sustentação em saberes específicos, reconhecimento socialmente.

A exigência própria de uma sociedade pós-moderna, que procura novas respostas, uma escola nova, relacional, transformando as práticas de docência em novas práticas profissionais, assentes na promoção da autonomia, reforço da autoridade e aproximação à comunidade e famílias (Hargreaves, 1998). Mas a escola também é um lugar de formação para a prática docente, porque a ensinar se aprende, numa “relação recíproca e reversível entre pessoas que entram em relação”, (Canário, 2005, p.71).

Mas na relação de educador e educando podemos encontrar algo mais que um simples ato profissional, uma ligação visceral ou um ato de maternagem (Barthes, 1979, citado por Alves, 2012b, p.103) no qual colocamos a relação educativa num patamar de afeto e sedução:

Quando a criança aprende a andar, a mãe não discorre nem demonstra; ela não ensina a marcha, não a representa (não se põe a andar diante da criança): apoia, encoraja, chama (recua e chama):

incita e protege: a criança pede a mãe e a mãe deseja a marcha da criança.

Mas neste processo não se pode deixar fluir o lado emotivo sem exigência, rigor, determinação, num gesto de autoridade e simultaneamente de ternura, que progressivamente conduzirá a uma relação de confiança.

Em contraponto Dewey, (1972) defende que a aprendizagem não se faz exclusivamente fazendo coisas para aprender "*learning by doing*", trata-se de aprender fazendo o conhecimento e a aprendizagem. Conhecer é experienciar e experimentar. A arte é uma forma de experiência, porque contribui para enriquecer e conhecer a vida do homem. Mas a prática não chega, só por si para transformar, não há prática sem uma teoria mínima subjacente, toda a prática eficaz subsiste de uma teoria mínima.

Fullan e Hargreaves (2001) definem a cultura escolar em dois modelos distintos: uma *cultura individualista*, na qual os professores trabalham isoladamente rotineira, envolta em si mesma, fechada, impermeável e gerenciadora de vícios e a *cultura colaborativa*, onde a partilha de certezas, sucessos e insucessos são uma mais-valia de grupo e por conseguinte na formação de cada um, neste sentido, referem que "As escolas caracterizadas por culturas colaborativas são, também, locais de trabalho árduo, empenhamento forte e comum, dedicação, responsabilidade coletiva e um sentimento especial de orgulho na instituição" (Fullan & Hargreaves, 2001, p.89). A este respeito também a (SCEC, 2014, p.22) considera que:

Dentro de uma dimensão de colaboração educativa, o ensino não é só um processo de transmissão de conhecimentos ou de adestramento, mas um guia para a descoberta dos próprios talentos, para o desenvolvimento da competência profissional, a assunção de importantes responsabilidades intelectuais, sociais ou políticas na comunidade.

Nas culturas colaborativas as relações de trabalho tendem a ser orientadas para o desenvolvimento crítico e comprometido, constituindo uma melhoria dos processos de aprendizagem dos alunos, porque esta surge na base de um projeto conjunto e não de forma isolada e é vista como fundamental no processo de melhorias sustentáveis nas escolas (Bolívar, 2012; Cabral, 2014; Hargreaves, 1998). Contudo o ato colaborativo não parece ser absolutamente perfeito até porque, como salienta Hargreaves (1998), toda a colaboração que divide gera a balcanização do ensino, conformada nos grupos disciplinares e departamentos nos quais os professores se

integram, gerando “redes” de interesses próprios. Este modelo privilegia a aquisição compartimentada de conteúdos, que esvazia progressivamente o saber, o saber fazer e compromete o saber ser. Surge então a questão: O que resta da postura crítica no ensino? Esta postura varia segundo as disciplinas, os alunos e a própria relação do professor com o saber, neste contexto é importante que o aluno reconheça e assuma parte do processo como sujeito da produção do saber. Para Perrenoud, (2005, p.40):

(...) há evidências incontornáveis: os programas não são feitos para favorecer o debate, apesar das magníficas declarações de intenções, simplesmente porque são sobrecarregados demais e induzem os professores a privilegiar a transmissão eficaz de um grande número de conhecimentos em detrimento de uma construção comum através do debate. A avaliação caminha a par e testa a extensão dos saberes assimilados, em vez da capacidade de problematizar e de tomar distância.

Para Heidegger (1968), educar é trabalhar para que o educando passe da desgradação à gradação pessoal, da banalidade à autenticidade, do estado de *não-ver* ao estado de *ver* - de ver o ser que se *des-oculta* para aquele que merece vê-lo. Patrício (1993), à luz da concepção de Heidegger considera que a “verdade” só se dá ao ser humano que se “eleva em valor” à altitude da realidade que se mostra no seu ser. “Só o aperfeiçoamento contínuo do homem lhe permite o acesso contínuo à verdade.” (idem, *ibid.* p.135)

A educação é um processo de contínuo aperfeiçoamento, conseqüentemente o educador, tem por obrigação estar preparado para este compromisso com a verdade, não se sobrepondo, fator determinante para uma educação de qualidade. À educação impõe-se exigência no plano da atividade investigativa do educando, assimilador crítico, na abertura a todos os domínios da experiência humana, democrática e eficaz. Na procura integral do conhecimento e conseqüente realização de cada educando, os valores da verdade são valores de conhecimento e necessariamente valores da cultura.

As escolas, na sua generalidade, entre estatais e privadas parecem funcionar de forma rotineira, em moldes quase fabris. Segundo Nóvoa (2009) a escola precisa de mudar e libertar-se da estandardização que a caracterizou no século XX. Para (Cabral, 2014) “As reformas educacionais eficazes terão de passar necessariamente pela sala de aula e pela aprendizagem, devendo centrar-se na melhoria das aprendizagens dos alunos”, isto é, para haver de facto mudança para melhor, as escolas têm de reformular a sua visão, “centrada no desempenho dos alunos, através

das alterações das práticas em sala de aula e através da canalização da organização e gestão escolar para o apoio ao ensino e à aprendizagem”. (p.143)

2.3. A liberdade como força motriz para a promoção da cultura

A promoção da cultura é fundamental para o processo de humanização da Pessoa e, através dela, de toda a Humanidade. Num estado democrático não há nenhuma obrigação em aceitar uma ou outra ideologia ou doutrina, contudo é obrigação do professor expor com evidência e serenidade o seu ponto de vista.

Ao Estado compete promover a democratização da educação e criar condições para que a educação se realize através da escola ou de outros meios formativos, e desta forma contribuir para o desenvolvimento da personalidade, para o progresso social e para a participação democrática na vida coletiva.

Não pode haver uma educação, sem que os valores a suportem e a envolvam, facto que nos deixa em confronto com um paradoxo: no artigo 43º da Constituição Portuguesa o *“Estado não pode programar a educação e a cultura segundo quaisquer directrizes filosóficas, estéticas, políticas, ideológicas ou religiosas.”*. De acordo com estes pressupostos, subentende-se que não deveria ser competência do estado educar, sob pena de alinhamento filosófico, estético, político, ideológico ou religioso, deixando essa missiva ao ensino particular e cooperativo pela possibilidade dos cidadãos exercitarem a sua liberdade de escolha.

O absolutismo do Estado em matéria de educação é referido por (Gomes, 1990 citado por Pinto, 1993, pp.766):

Uma das maiores desgraças da nossa Pátria - poderíamos talvez afoitamente dizer, a maior desgraça da nossa Pátria - é que o Estado considerou função sua a instrução e educação, bem como a assistência, e a nação deixou-se convencer [...] A coisa começou pela universidade e vai avançando pelos diversos escalões, conforme estes assumem interesse político.

A liberdade é força motriz para a educação, segundo (Silva, 1943/1999, citado por Mota, 2004, p.2):

Para que possa compreender Deus, para que possa, melhorando-se, melhorar também os outros, o homem precisa de ser livre; (...). Pela liberdade de cultura, o homem poderá desenvolver ao máximo o seu espírito crítico e criador; ninguém lhe fechará nenhum domínio, ninguém impedirá que transmita aos outros o que tiver aprendido ou pensado. Pela liberdade de organização social, o

homem intervém no arranjo da sua vida em sociedade, administrando e guiando, em sistemas cada vez mais perfeitos, à medida que a sua cultura se for alargando (...). No Reino Divino, na organização humana mais perfeita, não haverá nenhuma restrição de cultura, nenhuma coação de governo, nenhuma propriedade.

A preparação científica e religiosa, para o professor educador da escola católica, deve caminhar a par com a ética profissional onde a diferença do outro não deve ser vista como ameaça mas como complemento, segundo (Freire, 1995, p.5):

A formação científica, correção ética, respeito aos outros, coerência, capacidade de viver e de aprender com o diferente, não permitir que o nosso mal-estar pessoal ou a nossa antipatia com relação ao outro nos façam acusá-lo do que não fez, são obrigações a cujo cumprimento devemos humilde mas perseverantemente nos dedicar.

2.3.1 Contributo para a cultura de socialização

A educação para os valores e para “o encontro do outro” é a base da educação para a cidadania, uma cidadania de convivência e de respeito. A escola pode ser um contributo para esta cultura de socialização, para a supressão das tendências de isolamento provocadas pela cultura dos média digitais, ou se assim quisermos, para uma virtualização de relações de afeto. A cultura dos afetos, dos sentimentos e emoções só podem ser *semente* se houver proximidade, uma pedagogia de relação, como afirma Cunha (1989), na qual o professor manifesta o fascínio pelos saberes que transmite e constrói: onde confia e transmite confiança nas possibilidades de aprendizagem; onde demonstra respeito pelas potencialidades de cada um e respetivo pelo estágio de desenvolvimento individual; com um olhar que cuida e exige mas que também estimula; que compreende os momentos de adversidade e faz crescer o aluno em autonomia e responsabilidade, quando enfrenta as consequências que decisões erradas podem gerar e promover não soluções de compromisso mas soluções de superação, partilha de ideias, opiniões e sentimentos, e exigência a cada um dos alunos, para que nenhum trabalhe abaixo das suas capacidades.

Para Bergoglio (2013) a mentalidade tecnicista procura respostas para tudo, evidências terrenas, são os traços expressivos do homem de hoje, homem gnóstico mas necessitado do esotérico. Nos primeiros tempos do cristianismo, com o aparecimento dos gnósticos foram discorrendo novas visões em relação à revelação

e à redenção. Para Corbellini (2009), a grande objeção que os gnósticos moviam contra a Igreja era a incapacidade de colher o significado verdadeiro e profundo da mensagem da revelação. Atualmente a educação tende a ser gnóstica e esotérica ao não conseguir gerir o poder da técnica, ou seja, a constante insatisfação com a realidade, que se traduz numa permanente tentativa de escapar à realidade, através da procura de respostas para tudo, pelo poder da ciência e da técnica. Esta visão é atualmente contestada, a Sagrada Congregação para a Educação Católica, refere precisamente que a educação católica alimenta o duplo crescimento, em ciência e em humanidade, na medida em que a “ciência e ética, ciência e transcendência não se excluem reciprocamente, mas se conjugam para uma maior e melhor compreensão do homem e da realidade do mundo” (SCEC, 2014, p.7).

As escolas católicas têm como objetivo não só a perspectiva da qualidade na educação do saber fazer, ensinar os conteúdos do currículo obrigatório com elevada qualidade, mas também uma educação de qualidade com vista ao desenvolvimento global da pessoa na riqueza de todas as suas dimensões: Formar alunos nos valores éticos, na cultura humanista, na relação comunitária, no ideal cristão. O paradigma emergente de uma sociedade ela própria revolucionada pela ciência, não pode ser apenas um paradigma científico, ou paradigma de um «conhecimento prudente», tem de ser também um paradigma social, ou «paradigma de uma vida decente» Santos (1988):

(...) Sendo uma revolução científica que ocorre numa sociedade ela própria revolucionada pela ciência, o paradigma a emergir dela não pode ser apenas um paradigma científico (o paradigma de um conhecimento prudente), tem de ser também um paradigma social (o paradigma de uma vida decente).

A escola, como meio de transmissão de cultura, contribui para a integração e adaptação de cada aluno da sociedade em que se insere. Mas a escola ainda vive no passado, atuando no presente como se a realidade fosse apenas virtual. A escola precisa de ir além do já conhecido.

3. Educação para os Valores

3.1. Filosofia dos valores

A essência da filosofia não procura apenas dar respostas à concepção do mundo ou visão do mundo, é o campo onde o homem questiona o que é a *Verdade* e o que é o *Conhecimento*, na medida em que não é só sobre teorias que incidem as reflexões do homem, mas também sobre a dialética homem e valores. Procurando compreender a essência dos valores que regem o comportamento humano, Hessen (2000, p.10) defende que não é possível definir valor, na medida em que o conceito que o determina é um “conceito supremo”. É apenas possível tentar clarificar o significado.

A filosofia é a tentativa do espírito humano de atingir uma visão de mundo, mediante a autorreflexão sobre as suas funções valorativas teóricas e práticas. Na teoria do conhecimento de Platão e Aristóteles, Descartes e Leibniz, Kant e Hegel, com certas características essenciais comuns, apesar de todas as diferenças que apresentam, encontra-se a atração pelo todo, carácter da universalidade, vocação que foi durante muito tempo característica basilar da filosofia e que foi perdendo terreno à medida que as ciências tornaram-se independentes.

Para Sócrates, a edificação da vida humana assenta na reflexão e saber, todo o agir humano é considerado uma agir consciente, um saber. Já para Platão a “totalidade do conteúdo da consciência humana, dirige-se não apenas aos objetos práticos, aos valores e virtudes (...) mas também ao conhecimento científico”.

Em Aristóteles a filosofia surge como a visão do mundo, o conhecimento objetivo, o conhecimento científico do mundo e o ser que se encontra diante dele, pensamento que se projeta no começo da Idade Moderna.

Para Kant a filosofia assume-se com carácter de autorreflexão, teoria do conhecimento, como fundamentação crítica do conhecimento científico, e como reflexão da pessoa culta e do seu comportamento valorativo.

Ainda segundo Hessen, (2000) existe profunda afinidade entre Filosofia, Arte e Religião, na medida em que partilham o mesmo objeto e as mesmas questões ou enigmas. Cada domínio da cultura quer fornecer uma interpretação da realidade,

uma visão sobre as coisas e de mundo. Por um lado a visão religiosa subordina-se a fatores subjetivos, por outro a visão filosófica procura a verdade universal.

3.2. Educar para os valores

Toda a pessoa - criança, adolescente ou adulto - deve poder beneficiar de uma formação concebida para responder as suas necessidades educativas fundamentais. Estas necessidades dizem respeito tanto aos instrumentos essenciais de aprendizagem (leitura, escrita, expressão oral, cálculo, resolução de problemas), como aos conteúdos educativos fundamentais (conhecimentos, aptidões, valores e atitudes) de que o ser humano tem necessidade para sobreviver, desenvolver todas as suas faculdades, viver e trabalhar com dignidade, participar plenamente no desenvolvimento, melhorar a qualidade de sua existência, tomar decisões esclarecidas e continuar a aprender.

(Artigo I-I) (Declaração Mundial sobre Educação para Todos e Quadro de Ação para Responder às Necessidades Educativas Fundamentais, 1990).

Os valores são intrínsecos à educação, não podemos falar em educação sem incluir os valores e considerar que o educador é parte importante neste processo porque é dele que *emanam* valores.

As grandes competências do saber, saber ser e saber fazer, são inerentes no processo educativo, mas o que é verdadeiramente imprescindível é o saber fazer-ser, entramos no domínio da ética, nas palavras de (Patrício, 1993, p.20):

Compete ao professor, com efeito, a difícil e grave tarefa de fazer-ser. Não um saber-fazer técnico; mas um fazer-ser ético. Ele não faz ser “coisas”; ele faz-ser “pessoas” a dimensão axiológica culminante é, pois, a dimensão prática. (...) A prática axiológica sem vivência é morta e será seguramente ineficaz.

Os professores detêm um papel substancial, e por isso de grande responsabilidade, podem ser motores de desenvolvimento e promoção de valores mas também podem matar a curiosidade ou o espírito crítico dos seus alunos, podem ser mais prejudiciais do que úteis.

Os professores devem despertar a curiosidade, desenvolver a autonomia, estimular o rigor intelectual e criar as condições necessárias para o sucesso da educação formal e da educação permanente. A importância do papel do professor enquanto agente de mudança, favorecendo a compreensão mútua e a tolerância, nunca foi tão patente como hoje em dia. Este papel será ainda mais decisivo no século XXI. (...) É por isso que são enormes as responsabilidades dos professores a quem cabe formar o caráter e o

espírito das novas gerações. A aposta é alta e põe em primeiro plano os valores morais adquiridos na infância e ao longo de toda a vida.

(Delors *et al.*, 1996, pp.152-153)

A formação da capacidade de discernimento e sentido de responsabilidades individuais, impõe-se cada vez mais nas sociedades modernas para que o aluno seja capaz de prever e adaptar-se às mudanças. Mas antes, é preciso começar por se conhecer a si próprio, numa espécie de “viagem interior guiada pelo conhecimento, pela meditação e pelo exercício da autocrítica.” (Delors *et al.*, 1996, p.16). Seguindo os mesmos autores, a educação não deve jamais deixar perder de vista a primazia do ser humano promovendo: o aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e o aprender a viver em conjunto. “a educação e a cultura devem ter como última finalidade para o século XXI um desenvolvimento centrado no ser humano.” (Id. *ibid.*, p.258)

Para Patrício (1997) as grandes ordens de valores na educação são: a da utilidade; a do prazer; a da verdade; a da beleza; a do sagrado ou divino. Dentro de cada uma destas ordens é possível definir um número interminável de valores, mas nem todos são imprescindíveis. Toda a educação deverá ser perfumada de valores, pois nas palavras de Patrício (1993, p.20):

Educar é realizar progressivamente o que é tido como bem mais valioso para cada individuo humano e para a comunidade humana a que pertence. A relação da educação com os valores deriva, portanto, da estrutura constitucional próprio homem, que é para si mesmo eminentemente valioso, sendo consequentemente valioso o processo da sua formação e aperfeiçoamento.

Um dos desafios para o educador é a ausência de referências axiológicas para o ato educativo. A educação esvaziada de valores não é educação, mas parece enraizar-se a ideia que não se deve *endoutrinar*, propor ou revelar valores, esvaziando o ato educativo a questões técnicas. Caminha-se num sentido de niilismo axiológico, remetendo a consciência axiológica para fora da escola, para uma sociedade conformada de valores, onde ninguém pode viver com valores próprios.

A desvalorização dos valores remete o educador para um relativismo axiológico, o mesmo quer dizer que todos os valores valem o mesmo, facto que é transversal a outras dimensões, como por exemplo a cultural. Educar pressupõe patilha de referências, valores e culturas, que só é possível respeitando a diversidade. Patrício (1993, p.24) afirma que:

Não há consciência axiológica, nem vida axiológica real e autêntica, sem consciência da sua identidade. Cada homem é um ser único, pessoal e intransmissivelmente confrontado com o problema e a realidade dos valores. Também cada cultura é uma individualidade única, possuidora de uma atitude axiológica pessoal e intransmissível, a qual tem de assumir, defender, desenvolver e promover.

As novas gerações nascem dentro da mudança, as tecnologias digitais alteram hábitos, rotinas, criando outros hábitos e rotinas, motivando transformações de ordem relacional, familiar e profissional, o já e o agora resultam na efemeridade e conseqüentemente na qualidade dos atos. Com esta asserção a Sagrada Congregação para a Educação Católica afirma que:

Do momento em que, hoje mesmo, a escola não é mais o único ambiente de aprendizagem para os jovens e nem o principal, e as comunidades virtuais ganham uma relevância muito significativa, apresenta-se à educação escolar um novo desafio: aquele de ajudar os estudantes a construir os instrumentos críticos indispensáveis para não se deixar dominar pela força dos novos instrumentos de comunicação.

(SCEC, 2014, p.13)

A escola e a comunidade onde esta se integra não são polos opostos, os alunos são o produto da soma dos valores da comunidade. A educação axiológica promove a integração e a construção, contribui para a reflexão e vivência dos valores de hoje e com eles constrói o amanhã.

3.3. Os valores éticos na construção da pessoa

Quando falamos em valores éticos na educação devemos descortinar o sentido dos mesmos: valor ético como dever moral, ideias morais - reconhecidas por um individuo ou grupo - ou conduta moral de um individuo, grupo ou comunidades educativas, dado que estas, “definem-se por centros de valores, sentimentos e crenças que fornecem as condições necessárias para a criação de “nós” a partir do “eu” de cada indivíduo. (Sergiovanni, 2004, p.79)

Enquanto processo de personalização, a educação é a germinação da pessoa em cada um, da sua dignidade, procurando através do conhecimento aprofundar a realidade que é ser essa pessoa. Tornar-se pessoa é portanto definir-se, ser-se consciente de si,

emergir a sua identidade, ter capacidade de assumir, decidir. É ser, como afirma Patrício, (1993, p.141) um “sujeito de atos éticos eminentes que são as decisões.”

Todos os valores confluem para o Bem, por isso o *outro*, o *não-eu*, é o termo da postura ética. Na obra, *A ética da alteridade em Emmanuel Levinas*, Melo (2003, p.32) descreve *que* “Somente na relação com o outro, na responsabilidade pelo *outro*, é que Deus é Deus. O amor ao próximo, o desejo do bem do *outro* em primeiro lugar, a prática da justiça, a busca da paz, são modos da significação do divino.”

A educação ética e os valores éticos centram-se na "construção" da pessoa, concorrendo para alargar os limites da racionalidade, (Batista, 2005, p.59) defende precisamente que a educação é um desafio ético, “intencionalmente direcionada para a promoção da humanidade em cada homem”. Para o efeito, o papel do professor passa por promover no aluno o alcance de uma postura moral sólida, aceitando pensamentos, crenças e ideias, sem julgar, provocando questões para a clarificação das suas opções, preparando-o como indivíduo social, contribuindo desta forma na edificação de sociedades mais justas e respeitadoras da *pessoa*.

O aperfeiçoamento humano faz-se entre a dialética ética e moral, a educação deve ser fruto de uma ação educativa fundamentada em princípios éticos. É para a "edificação" da pessoa que deve ser dirigido o processo de educação ética. Para (Fonseca, 2005, p.113) a educação ética “prepara o homem para ser cidadão da atual era global, capaz de perpetuar a sociedade e as gerações futuras com base em alicerces consensuais e de racionalidade intersubjetiva, que têm em vista a realização de todos os *eus* como pessoa.” Compete à educação, como percursora de esperança, não estabelecer fronteiras rígidas ou contrariar questões éticas, mas antes contribuir para que o educando, responsável pelo seu autoconhecimento, construa valores éticos indispensáveis para a vida em sociedade (Tadêus, 2009), até porque “os valores aparecem como estruturas cognitivas que permitem ao sujeito não só ordenar, interpretar os fenómenos da realidade, física e social, mas que às vezes guiam o seu modo de orientar-se nela” (Bolívar, 1992, p.107).

A relação pedagógica baseada nesta relação altruísta, de dedicação ao outro, posiciona o educando no epicentro dos atos pedagógicos e éticos do educador. (Cunha, 1996, p.67) propõe por via de um novo modelo pedagógico, “um novo desenvolvimento pessoal e social” do aluno, o que pressupõe um ato educativo de aperfeiçoamento mútuo e relacional, no qual, segundo (Postic, 1990), o indivíduo

se “descobre, evolui e se estrutura”. Este ato relacional coloca o professor num patamar de liderança servidora, trabalhando para o desenvolvimento e bem estar do aluno (Lang e Wong, 2000). E como para servir não basta “parecer”, neste contexto, Batista (2005, p.149) estabelece a importância das referências éticas no ato de educar:

Educar profissionalmente significa intervir, de forma intencional, racional e planejada, no desenvolvimento de outros seres humanos. (...) Obrigados a viver na linha de fronteira entre o pessoal e o profissional, os educadores precisam de referências éticas, de pontos de apoio, de valores que ajudem a estruturar um espaço de reflexão (...) colegialmente partilhado. (...) É preciso redescobrir o sentido, e o prazer, de ser professor, afirmando colectivamente novos espaços de autoridade profissional, de acordo com as exigências de uma sociedade educativa que aposta na formação permanente de todos e de cada um.

É da responsabilidade da ação educativa promover autonomia na constituição de valores éticos importantes e na vivência dos mesmos na construção de uma humanidade melhor. Neste campo a ação pedagógica do educador não pode ser em exclusividade a reprodução das estruturas, valores e interesses sociais estabelecidos em determinado contexto, até porque como defende Baptista (2005), o docente deve fazer uso do passado de modo a enriquecer o presente e “dar rosto ao futuro”, tendo em conta as liberdades, normas, regras, ação solidária, hospitalidade, civismo e tolerância como considerações implícitas e imprescindíveis da “vida em comum”.

3.4. Os valores religiosos e o professor educador moral

Todo o sentido axiológico da religião tem como referência Deus.

A larga disponibilidade de bens de consumo e as tecnologias digitais em expansão associadas a múltiplas possibilidades de aceder precocemente a informação contraditória, divergente e sem filtros, caracteriza, em boa medida, as profundas mudanças de mentalidade e de vida dos jovens. Segundo a CEC, os jovens de hoje:

Não têm ainda ou nem sempre têm, com efeito, a capacidade crítica para distinguir o que é verdadeiro e bom daquilo que o não é, nem sempre dispõem de pontos de referência religiosa e moral, para assumir uma posição independente e justa, perante as mentalidades e os costumes dominantes. O perfil do verdadeiro, do bem e do belo é apresentado dum modo tão vago que os jovens não sabem para que direção voltar-se; e se ainda acreditam em alguns valores, são todavia incapazes de lhes dar uma sistematização e

muitas vezes são inclinados a seguir a própria filosofia segundo o gosto dominante.

CEC (1982)

O clima espiritual está em mudança, muda em função das alterações políticas, económicas e culturais. A mentalidade acompanha a transformação e a inquietação das pessoas é fruto da descrença, perda de confiança, revolta e sensação de injustiça. Hoje as notícias são transmitidas em tempo real e vinculam informação útil e informação incendiária.

Na mensagem do Papa Francisco para a quaresma de 2015 as palavras vão ao encontro de uma esperança, de uma renovação:

(...) Ele não nos olha com indiferença; pelo contrário, tem a peito cada um de nós, conhece-nos pelo nome, cuida de nós e vai à nossa procura, quando O deixamos. Interessa-Se por cada um de nós; o seu amor impede-Lhe de ficar indiferente perante aquilo que nos acontece. Coisa diversa se passa connosco! Quando estamos bem e comodamente instalados, esquecemo-nos certamente dos outros (isto, Deus Pai nunca o faz!), não nos interessam os seus problemas, nem as tribulações e injustiças que sofrem; e, assim, o nosso coração cai na indiferença: encontrando-me relativamente bem e confortável, esqueço-me dos que não estão bem! Hoje, esta atitude egoísta de indiferença atingiu uma dimensão mundial tal que podemos falar de uma globalização da indiferença. Trata-se de um mal-estar que temos obrigação, como cristãos, de enfrentar.

No mundo contemporâneo as pessoas tendem a fechar-se sobre si mesmas, num mundo próprio em que nem Deus pode entrar. Esta problemática religiosa é também uma problemática axiológica com repercussões significativas na educação. Nas palavras de Patrício (1993), para Sören Kierkegaard, Deus é o princípio moral supremo e a obediência suprema ao dever é a obediência a Deus. Deus é o principal fundamento de toda a existência humana e viver no estádio religioso é viver na obediência a Deus.

3.5. Educação pluridimensional

A escola pública portuguesa, não se define por um projeto ou plano educativo próprio, sabemos que, como já referido, a Constituição⁶ é muito elucidativa a este respeito. A escola pública estabelece-se com um projeto educativo coletivo

⁶ 2. O Estado não pode programar a educação e a cultura segundo quaisquer diretrizes filosóficas, estéticas, políticas, ideológicas ou religiosas. 3. O ensino público não será confessional. 4. É garantido o direito de criação de escolas particulares e cooperativas as quais podem optar por projetos educativos próprios.

definido pelo Ministério da Educação, em mudança é certo, mas com um longo caminho pela frente. O que é definido e determinado ao nível central é igual para todos, num sentido de serviço social, conseqüentemente falamos em escola e não em escolas.

A escola concorre com a instituição da família na construção da personalidade de cada aluno e é simultaneamente objeto de novas exigências para as quais não parece estar suficientemente preparada. Para Almeida (1997) as oportunidades de desenvolvimento de aprendizagens significativas, passam pela “qualidade de interação com os alunos”, contudo, “funções importantes da escola como a de promover o desenvolvimento interpessoal e integração social, (autonomia, responsabilidade, cooperação, escolha de um projeto de vida), exigem uma escola diferente da habitual”, uma escola, como afirma Sousa, (1998, p.64), definida por “espaço de desenvolvimento pessoal do aluno e do professor, espaço de construção progressiva, de envolvimento e desenvolvimento pessoal e de qualidade das situações e circunstâncias educativas”.

A educação pluridimensional e a escola cultural promovem a construção da “pessoa integral do educando” em todas as dimensões e potencialidades, possibilidade que é facilitada se a escola enquanto organização permitir: a participação e comprometimento dos educandos em atividades diversificadas; ofertas extracurriculares que possam constituir resposta para os seus gostos e interesses; criação de um clima de aprendizagem onde o aluno se sinta bem.

2.º CAPÍTULO: A Educação Artística no desenvolvimento da pessoa

1. A arte numa perspetiva analítica

A linguagem da arte é por natureza plurissignificativa, ambígua e vaga. A visão analítica da arte, configurada nas definições de Dickie (1997), Weitz (2007), Stolnitz (2007), Danto (2007) e Goodman (2007), procura clareza e rigor na definição da mesma. Na definição de arte, Dickie (1997) aponta a teoria institucional, em que os objetos adquirem estatuto de arte em função da sua natureza institucional, estatuto que tem enorme evidência sobretudo nas artes de vanguarda, por exemplo de Marcel Duchamp.

Nas múltiplas aceções do conceito de arte, assoma-se a seguinte questão: Podem criações artísticas diferentes provocar no sujeito experiências comuns? A emersão e imersão na arte são duas leituras possíveis para esta questão. Enquanto na primeira o sujeito é confrontado com a manifestação da forma, objeto artístico, na segunda o sujeito envolve-se, faz parte o que implica uma atitude visceral com a arte.

A arte pode não estabelecer unidade, pode não ser símbolo, pode não estabelecer um conjunto predeterminado de significações que prendem uma ou mais ideias. Pode ser um campo aberto para a contemplação, dentro da mundividência de cada expectador e intensificar a relação com o transcendente, permitindo o encontro entre o consciente e o inconsciente.

O símbolo [...] pressupõe sempre que a expressão escolhida seja a melhor designação ou fórmula possível de um fato relativamente desconhecido, mas cuja existência é conhecida ou postulada.

(Jung, 1991, p.444)

Por um lado o objetivo cognitivista que é em parte, derivado de antigas tradições de investigação do pensamento e de processos de resolução de problemas, considera a arte como um conjunto de problemas para os quais é possível e desejável construir significados, por outro, as teorias essencialistas da arte, acreditam poder sintetizar as condições a que o objeto deverá obedecer para poder ser considerado arte. Bell (2007) representa uma das mais notáveis tentativas de classificação da arte do ponto de vista essencialista, assentando o conceito em dois pressupostos: A essência inerente e a natureza última das coisas.

Para Clive Bell a arte é um enunciado que designa as propriedades essenciais das obras de arte, são as propriedades formais de um objeto que o tornam arte ou não-arte, ou que definem as experiências estéticas, ou seja, a forma significativa é tudo o que é comum a todas as obras de arte e que despertam emoção estética. Descobrir o que causa essa emoção estética é resolver o problema central da definição da arte.

Muitos foram os séculos de produção artística e associadas reflexões sobre uma grande variedade de matérias ou expressões. Segundo Nascimento (2014) a arte atravessou o tempo como um meio que vai para além de representações ou factos históricos e hoje muito destes factos estão musealizados, para cultivar a história que representam e o significado e atribuições que o homem lhe deu. Definir arte, pressupõe portanto, compreender todas as variações que este conceito foi sofrendo e as contingências históricas que o influenciaram. É portanto uma matéria muito difícil de definir.

2. Estatuto de arte

As falsas perceções que o Homem tinha sobre o mundo até ao final do séc. XIX colocavam-no numa via única, numa narrativa quase sempre ímpar. A arte era essencialmente figurativa e descritiva, o pintor, escultor, representava em função de uma encomenda: Uma cena mitológica, bíblica, ou uma cena do quotidiano, um retrato, uma natureza morta ou simplesmente um momento fugaz. A esta criação era atribuído, de forma automática o estatuto de arte, enquanto os filósofos de arte discursavam em função de características figurativas ou simbólicas. Mais tarde, com a arte Moderna, as propriedades figurativas e expressivas deixam de fazer o mesmo sentido e a atenção é desviada para as propriedades não visíveis e até então apreciadas no seu contexto social. O lado oculto da arte. E é sobre este que versam muitas das atuais expressões.

Em boa medida devido às grandes transformações que foram acontecendo na prática artística da segunda metade do séc. XX, impõem-se muitas questões relativas à natureza da arte. Os movimentos artísticos que compõem este período resultam da consequência do acumular de acontecimentos de ordem científica, social e cultural, repletos de contradições, próprias do homem titubeante contemporâneo. Segundo Isse (2007), a Modernidade inaugura o modo científico

de pensar, a nível sócio cultural o homem não encontra razão em recorrer ao transcendente para dar conta da realidade e a realidade esgota-se na natureza. Com o iluminismo do séc. XVIII o homem procura mobilizar o poder da razão, rejeitando o conhecimento herdado da tradição medieval, procura o conhecimento apurado da natureza, com o objetivo de torná-lo útil a um homem agora moderno e progressista em que a aparência das coisas encontra uma enorme relevância.

À medida, portanto, que a carência de realidade e a adesão ao real são meros efeitos da privação, a indiferença para com a realidade e o interesse pela aparência são uma verdadeira ampliação da humanidade e um passo decisivo para a cultura. [...] A realidade das coisas é obra das coisas; a aparência das coisas é obra do homem, e uma mente que aprecia a aparência já não se compraz com o que recebe, mas com o que faz.

(Schiller, 1995, p.134)

Os artistas questionam os cânones estabelecidos e procuram um novo estilo, capaz de expressar as influências da Revolução Industrial, da máquina, das velocidades, fotografia, cinema, as ciências cognitivas, entre outros elementos que contribuíram para a mudança do pensamento e atitude. Surgem movimentos e tendências artísticas tais como: Expressionismo, Fauvismo, Cubismo, Futurismo, Abstracionismo, Dadaísmo, Surrealismo, a Pop-art que tentam expressar o inconformismo da natureza humana. Na pintura, música, teatro ou dança, encontramos hoje, linhas de pensamento e expressões próprias de um homem inquieto, manifestações artísticas que não teriam certamente lugar no conceito de obra de arte nos períodos que antecederam a Arte Moderna.

O Modernismo não era ofensivo, mas aos olhos dos espectadores era repulsivo. Os temas deambulavam entre paisagens, natureza morta, rostos, pinturas *en plain air* de momentos fugazes ou de episódios do quotidiano, motivos que definiram de algum modo o cânone das Belas Artes. Nas palavras de (Danto, 2008, p.18):

Os apologistas do modernismo presumiram que, uma vez que a estranheza fosse assimilada, o novo trabalho - Cubista, Fauve ou Futurista seria, afinal, considerado belo, como se a gratificação do gosto fosse o destino da arte, por mais revolucionários que fossem seus meios.

A essência institucional da arte encontra-se apoiada por Dickie (2007) na obra de Duchamp, através dos *ready-mades* aos quais é conferido o estatuto de arte no exato momento em que este é "enquadrado" num contexto museológico. Duchamp,

ao expor um urinol na Exposição dos Artistas Independentes em Nova Iorque em 1917, submete o artefacto a “candidato a apreciação”, como sugere Dickie (2007). Neste sentido converte o urinol ao estatuto de obra de arte, insinuando o repulsivo no repertório artístico contemporâneo.

Na arte contemporânea, a definição de “Belo” já não compreende apenas a significação clássica. A produção artística contemporânea visa expressar ideias, sentimentos e emoções estéticas na singularidade de cada um.

2.1. Arte e não arte

Na obra “O mundo da arte” Arthur Danto (2007) estabelece as bases para a definição de arte contemporânea, tenta definir o que é e não é arte reduzindo o conceito à experiência ou domínio do que cada um consegue ver,

Separar aqueles objetos que são obras de arte daqueles que não o são, porque... sabemos como usar corretamente a palavra “arte” e aplicar a frase “obra de arte”. Teorias desse tipo são um pouco parecidas com a visão de Sócrates sobre as imagens espelhadas, continuando a mostrar o que já sabemos, reflexões literais da prática linguística real que dominamos.

(Danto, 2007, p.14)

Quando classificamos de obra de arte aquilo que vemos estamos instantaneamente distinguir o que é do que não é, operamos uma classificação mental que tem que ver a experiência e sensibilidade estética de cada um. No domínio das Artes Visuais em cada objeto tentamos encontrar a combinação de linhas, formas e cores que relacionam-se entre si produzindo narrativas próprias mas com significações próximas, sustentando deste modo o conceito de forma significativa. O maior ou menor interesse que temos sobre a arte dita o grau de atenção que prestamos à mesma, tendemos portanto, a diminuir ou aumentar a importância da mesma em função da sua significância. Para Bell (2007), obras de arte são todos aqueles objetos que provocam emoções peculiares, mas nem todas as obras de arte provocam o mesmo tipo de emoção. Cada uma gera uma emoção diferente e estas podem ser identificadas como emoções da mesma espécie,

A existência de uma espécie particular de emoção, provocada pelas obras de arte visual, emoção essa que é provocada por todos os géneros de arte visual (pintura, escultura, edifícios, vasos, gravuras, têxteis, etc., etc.), não é posta em dúvida por quem for capaz de a

sentir. Esta emoção chama-se “emoção estética” e, se pudermos descobrir alguma qualidade comum e peculiar de todos os objetos que a provocam, teremos solucionado o que considero ser o problema central da estética. Teremos descoberto a qualidade essencial da obra de arte, a qualidade que distingue as obras de arte de todas as outras classes de objetos.

(Bell, 2007, p.29)

Mas nem toda a arte visual desperta emoção estética, pode, no entanto despertar interesse e admiração enquanto obras de arte, Clive Bell define-as como pinturas descritivas todas aquelas que têm carácter informativo ou funcionam como meio de sugerir emoções: ilustrações, retratos, pinturas históricas, têm significado formal, podem emocionar mas não emocionam esteticamente, "não afetam as nossas emoções estéticas, porque não são as suas formas, mas as ideias ou a informação sugeridas ou veiculadas pelas suas formas, que nos afetam", (2007, p.36). A atenção estética não significa a particular atenção sobre os objetos. Para Jerome Stolnitz (2007) apreciar o valor específico do objeto requer a atenção a pormenores, ou seja, discriminação, e ao desenvolver-se a atenção discriminatória a obra torna-se viva. Stolnitz (ibidem) exemplifica a atenção estética com a os temas principais do movimento de uma sinfonia, que vão sofrendo modificações no decurso dos movimentos, para quem não te a atenção estética apenas percebe de forma superficial um conjunto de passagens dispersas e desorganizadas.

A perceção que o adulto tem das coisas é uma perceção prática, só vê os aspetos relevantes para os fins que pretende atingir, é a economia de esforço, pelo contrario uma criança, absorve tudo o que a rodeia, (Fry, 1924, citado por Stolnitz, 2007), utiliza uma expressão curiosa: “Com efeito, na vida real, uma pessoa normal apenas lê as etiquetas, digamos assim, dos objetos que a rodeiam e não se preocupa em ir para lá disso”.

3. A arte como veículo para a via espiritual

Platão deixou-nos um notável testemunho nos discursos que fazem parte da obra «*República*», reconhecida como um verdadeiro tratado sobre educação. Afirmava que a arte deveria ser a base da educação e defendia que a mesma era como a formulação do inatingível, infinitamente superior ao homem, comparando-a com os deuses.

O homem tende a aproxima-se de Deus, por via do transcendente e a arte pode ser um veículo para a via espiritual e para a contemplação. A contemplação gera inspiração e é pela contemplação do que é Belo que o homem pode inspirar-se para poder construir também ele coisas belas. O Belo em Platão está associado à verdade e às virtudes morais e intimamente relacionado com o amor e beleza que o homem procura perpetuar.

Nem todos têm a capacidade para descobrir o amor supremo que se encontra no que é Belo, porque quando este é sentido e realizado na sua verdadeira natureza, manifesta-se na ação humana, no comportamento que temos com os outros e com as coisas que nos rodeiam. A capacidade de amar tudo o que vai para além dos olhos requer dimensão e desenvolvimento espiritual.

Por sua vez, a arte, como reflexo do belo espiritual e transcendente, poderá ser a via pela qual o homem procurar a ascensão, tornando-se apenas "alma". A precisão com que Platão se refere à arte e à educação, reforça o aspeto construtivo da personalidade, na sua obra "Fedro" salienta que:

A educação artística é a única que dá harmonia ao corpo e enobrece a alma (...) devemos fazer educação com base na arte logo desde muito cedo, porque ela pode operar na infância durante o sono da razão.

Schiller (1995) defende que a educação estética enobrece o ser humano, permitindo ao indivíduo a compreensão do mundo para além das conceções utilitaristas, elevando-o espiritualmente.

A utilidade é o grande ídolo do tempo; quer ser servida por todas as forças e cultuada por todos os talentos. Nesta balança grosseira, o mérito espiritual da arte nada pesa, e ela, roubada de todo estímulo, desaparece do ruidoso mercado do século.

(Schiller, 1995, p.26)

Para Schiller arte e ciência pertencem ao eterno e necessário na natureza humana, mas a arte é o instrumento através do qual se alcança a formação da sensibilidade e que determina a eficácia do conhecimento adquirido e o Belo através da educação estética influencia a conduta dos homens.

As leis da arte não estão fundadas nas formas mutáveis de um gosto de época contingente e com frequência totalmente degenerado, e sim no necessário e no eterno da natureza humana, nas leis originais do espírito. Da parte divina do nosso ser, do éter eternamente puro da humanidade ideal derrama a límpida fonte da beleza, não contaminada pelo espírito da época que efervesce sob ela em turbos turbilhões.

(Schiller, 2009, p.82)

A obra de arte em si ou a sua contemplação, não proporciona resultados diretos na educação dos alunos, contudo, através da criação da obra de arte, podemos auferir da possibilidade de crescer esteticamente, moralmente e, portanto, espiritualmente.

A arte possibilita o envolvimento com o transcendente, mas este encontro não manifesta-se de forma simples, desvela-se na mesma medida em que cada um se encontra com a mesma e o modo como se encanta ou enamora. Também é verdade que nem toda a arte assim como a educação não pode servir este propósito de forma igual e em todos, porque cada um é um ser único e irrepetível.

Efetivamente, São os alunos que decidem. E os professores estão lá, atentos e disponíveis. Quando compreendemos que cada criança é um ser único e irrepetível que seria errado imaginar a coincidência de níveis de desenvolvimento, concluímos que não seria inevitável pautar o ritmo dos alunos pelo ritmo de um manual ou pela homogeneização operada pelos planos de aula destinados a um hipotético aluno médio.

(Alves, 2007, p.102)

4. A Educação pela Arte

Numa estreita união com a perspectiva de Platão, para Read (2013) a arte e educação são uma só. O autor defende a educação pela expressão livre, espontaneidade, inspiração, criação e que a formação humana integral envolve necessariamente a arte e que esta desempenha um papel fundamental para a formação de personalidade.

A educação artística tende a acompanhar a função da arte na sociedade, tece um olhar crítico sobre o meio em que se inscreve, objetiva a aquisição de novos conhecimentos e potencia a capacidade criativa individual e de conjunto. Pelas Artes Visuais, Teatro, Música ou Dança, a educação artística pode contribuir para que cada aluno seja reflexivo, ponderado e criativo, tornando-o mais completo e sensível às adversidades e mutações sociais, objetivando uma construção comum, para Herbert Read (2003) esta premissa parece estar clara:

O fim da educação é a integração - a preparação de cada criança para o seu lugar na sociedade, não apenas no seu aspeto vocacional mas também espiritual e mental, então não é de informação que ela necessita: é de sabedoria, equilíbrio, auto-realização, gosto - qualidades que apenas podem provir de um exercício unificado de sentimentos para a actividade de viver (p.278).

A ação educativa reveste-se de grande complexidade e imprevisibilidade, transforma imperceptivelmente a vida de cada um, a escola é como um microcosmo do mundo que reúne crianças de todas as origens sociais e culturais, concorrendo com a democratização do acesso às variadas tecnologias de informação e comunicação. Neste contexto é grande a tentação de enveredar por uma planificação rígida ou por uma “tecnologização do ensino”, Nóvoa (1999), mas é importante deixar de parte uma formação por vezes, excessivamente teórica, outras vezes excessivamente metodológica, para poder dar lugar ao sentir e ao viver do assunto que se pretende ensinar. Halbert Read (2013) descreve a definição de Caldwell Cook (1917) como a melhor para definir a importância da ação educativa baseada na prática artística:

A arte como eu entendo, vai muito mais longe do que o estudo; ultrapassa o raciocínio e, iluminando as câmaras da imaginação, acelera o corpo do pensamento e demonstra todas as coisas pela ação. O estudo de livros, ainda que integral, pode não passar de superficialidade, no sentido em que pode não haver um sentimento da realidade por detrás dele. Nenhuma impressão sem expressão é uma velha máxima, mas ainda hoje aprender é muitas vezes conhecer sem se dar grande importância ao sentir, e quase nenhum ao fazer. A apreciação pode permanecer à parte, como uma peça de roupa, sem identificação com o eu. Mas por arte eu entendo o fazer com o coração qualquer coisa que se conhece. O valor último na vida e no estudo é entrarmos no assunto estudado e vivê-lo ativamente.

(Cook, 1917, cit. por H. Read, 2013, p.278-279)

No diálogo que existe entre a arte e a educação edifica-se a pessoa. A construção faz-se no momento em que cada um emerge na experiência do sensível e da atividade criadora que, tanto a prática como a fruição possibilita em cada um. De facto, cada educando é único, impregnado de uma mundividência própria e conseqüentemente a abordagem à educação artística deve ser feita de forma cautelosa, respeitando as diferenças sociais e culturais.

Para Tamminen (2006), as artes são essenciais para a maturação de uma mente saudável, contribuindo significativamente para impulsionar a natureza multicultural da sociedade global e concorrem significativamente para a educação pela paz. Nesta medida, a educação pela arte pode permitir que os alunos tomem consciência do seu papel como agentes da mudança. Compete-nos capacitar e promover projetos de intervenção social e de efetiva transdisciplinaridade.

Na sessão de encerramento da CMEA⁷, Robinson (2006) realça que, até agora os sistemas educativos eram construídos sobre uma hierarquia de matérias, com destaque para as línguas e a matemática, seguindo com menor importância as humanidades e por último as artes, referindo ainda que:

Tais sistemas educativos já não têm razão de ser. Se queremos resolver as grandes questões do mundo de hoje devemos ter em mente três objectivos fundamentais para a educação: encontrar formas de viver em conjunto, cultivar a identidade individual e fomentar a compreensão mútua. Para alcançar estes três objectivos constituem factores chave as competências pessoais, a confiança e a criatividade.

(Mbuyamba 2006, p.4)

Também Damásio (2006) defende a necessidade da educação em artes e humanidades. O autor alia, de forma admirável, o humanismo à ciência, a partir da ideia de que mente e corpo são inseparáveis:

Os progressos da ciência e da tecnologia colocam às sociedades o desafio de formar cidadãos competentes, instruídos, criativos e inovadores... não basta investir no ensino das ciências e da matemática. É também necessário facultar a educação em artes e humanidades... Estas disciplinas não são um luxo mas antes uma necessidade, pois além de contribuírem para formar cidadãos capazes de inovar constituem um elemento fundamental no desenvolvimento da capacidade emocional indispensável a um comportamento moral íntegro.

(Damásio, 2006, p.4)

A arte é, portanto, um instrumento pedagógico com a particular capacidade para mobilizar diferentes culturas permitindo comunicar a diversidade de um povo, de uma cultura, dotando cada um, não meramente de conhecimento e de aptidão mas fundamentalmente de capacidade para intervir no desenvolvimento humano e compreensão mútua.

Para Sasportes (2006), existem dois métodos principais para a educação artística: As artes podem ser ensinadas como matérias de estudo individuais, pelo ensino das várias disciplinas artísticas; desenvolvendo aptidões artísticas, a sensibilidade e o apreço pela arte e as dimensões cultural e artística são incluídas em todas as disciplinas. O método da arte na educação em que se utilizam as formas de arte como meio para ensinar disciplinas de natureza geral e como instrumento para o

⁷ Conferência Mundial sobre Educação Artística: Desenvolver as capacidades criativas para o século XXI

aprofundamento da compreensão dessas disciplinas. Esta abordagem interdisciplinar exige mudanças nos métodos de ensino e formação dos professores. O mesmo autor (ibid.) sugere ainda que, a iniciação dos educandos em processos artísticos, que incorporem elementos da sua própria cultura, permitem cultivar em cada indivíduo o sentido de criatividade e iniciativa, imaginação fértil, inteligência emocional e uma “bússola” moral, capacidade de reflexão crítica, sentido de autonomia, liberdade de pensamento e ação.

Para Bokova (2012) a arte acelera a inclusão social e a tolerância nas sociedades multiculturais hodiernas. Uma pintura, um artefacto, uma peça de música ancestral, cada um pode refletir volumes da história das civilizações e os laços que os unem. Os jovens devem ser ensinados a amar a arte: facto que os ajudará a entender melhor uns aos outros.

5. Os valores na educação artística

Na educação artística verificam-se sistemicamente dois confrontos: os que são relativos à criação e expressão artística e os que são relativos à fruição e educação para o Belo.

É no plano da estética que a beleza é pensada mas é no plano da arte que ela é realizada e fruída. A educação artística deve, portanto, preparar o aluno para o domínio da criação, fruição e reflexão, tríade indissociável para uma verdadeira experiência estética e da qual resulta a cultura artística.

Werle (2005) toma a definição de Hegel do Belo: “exposição sensível do absoluto” ou a “aparência sensível da Ideia” e (Patrício, 1993, pp.118-119) contrapõe a definição platónica e hegeliana de beleza na seguinte forma:

Para Hegel a Beleza é uma expressão inferior e deficiente da Verdade; é, apenas, a expressão sensível da Verdade. Para Platão, bem diversamente, a Beleza acrescenta à Verdade o esplendor, é a expressão superior da Verdade. (...) Conforme optemos por uma ou outra destas doutrinas assim colocaremos os valores estéticos abaixo ou acima dos outros valores, lógicos ou racionais. O processo educativo exprimirá inevitavelmente esta distinta hierarquia axiológica.

Não existe uma experiência artística sem a experiência do sensível, possibilidade de poder “entrar” e “compreender”. Existe portanto, no plano dos valores estéticos, uma relação fundamental entre a educação sensorial, para o processo de educação

estética e a educação para a sensibilidade. Não há educação estética sem a existência de manifestações artísticas e o convívio constante com as obras de arte é fundamental para a conseqüente educação estética.

Toda a educação que não considere e inclua os valores estéticos como uma componente essencial alheia-se de educar o homem na sua integridade.

O culto da Arte e da Beleza constitui hoje inequivocamente uma base indispensável na formação integral do aluno, na educação moral, na educação cívica. Fortifica, potencia a sensibilidade e liberta. As artes são um importante meio de expressão de valores; são, segundo Valente (1974), modos essenciais de exprimir sentimentos.

A propósito, Matos *et. al.* (2006, p.27) destacam as vantagens da educação artística tendo em conta as necessidades de criatividade e cultura do século XXI, “A cultura e as artes são consideradas componentes fundamentais de uma educação que visa o desenvolvimento pleno dos indivíduos, pelo que a sua obrigatoriedade permitiria garantir o acesso de todos”. Também Batalha (2004, p.20), defende a mesma ideia: as artes “permitem ampliar noções do real e criar uma identidade própria, favorecem experiências criativas, estéticas e críticas variadas, respeitam a individualidade de cada um e oferecem liberdade na solução dos problemas.”

Contudo, a educação artística em Portugal parece ser cada vez mais negligenciada e os valores estéticos estão esquecidos das nossas escolas (Patrício, 2007). Também Damásio (2012, p.4) reconhece este “esquecimento”, constatando a relevância de manter vivas as artes e humanidades:

O tempo e os recursos são finitos. Por isso devemos concentrar-nos naquilo que realmente importa e é preciso. Tal como o argumento corre, é necessário preparar e educar uma força de trabalho capaz de competir e produzir inovação no palco da economia que lidera o mundo. As artes e humanidades, tal como é dito, tiveram lugar e tempo no passado. Mas hoje, infelizmente (felizmente para alguns) já não são relevantes.

A forte diminuição no investimento da arte e cultura, verificada pela hecatombe que a rede artística nacional sofreu nos últimos anos, torna hoje este sector empobrecido e com cada vez menos expressão na sociedade. A desvalorização e o desinteresse é manifestamente crescente. Contudo, Damásio (2013) defende a importância de um equilíbrio entre as várias ciências no que define de “*homeóstase sociocultural*” em que:

Uns podem contribuir para fazer evoluir e progredir a ciência e tecnologia, enquanto muitos outros contribuem para refletir, criticar e chamar à razão sobre a mesma. Por isso mesmo é que não podemos apostar tudo apenas na Ciência e Tecnologia, precisamos das Artes e Humanidades para contrabalançar, precisamos de ouvir vozes dissonantes, de ouvir diferentes pontos de vista sobre cada inovação, sobre cada avanço, para podermos evoluir sim, mas de forma equilibrada.

Hoje a educação artística está substancialmente orientada para aspetos práticos e imediatos, as tecnologias informáticas e a era digital impõem um sentido prático, racional, positivista, que se manifesta de forma tentacular, secundarizando a dimensão emocional e sentimental do homem, que é vista como algo menor. Mas engana-se todo aquele que aponta a educação artística para o sentimentalismo e pensamento abstrato vago. A obra artística também se constrói por meios, técnicas e tecnologias, envolve pensamento abstrato, lógica e raciocínio, a educação artística é também uma educação multidisciplinar que pode contribuir para o desenvolvimento de outras áreas da sociedade.

6. A arte na Educação

Na Constituição da República Portuguesa (artigo 73º, 2) e de acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo (art. 2º, 4 e art. 3º, b), a educação artística refere-se a uma educação com objetivos voltados para o desenvolvimento harmonioso da personalidade, nas dimensões biológicas, afetivas, cognitivas, sociais e motoras da personalidade. Contudo, a educação artística que hoje vamos verificando nas escolas resume-se genericamente a um conjunto escasso de disciplinas com conteúdos próprios, cuja interdisciplinaridade nem sempre se aplica. As disciplinas artísticas definidas no atual currículo⁸ produzem conteúdos estanques, pouco globalizantes, traduzidos e compilados em boa parte dos programas do ministério ou dos manuais escolares. A educação artística pressupõe, como se pode ver pelos normativos legais, muito mais do que isto. A transdisciplinaridade é fundamental para que haja convergência nos objetivos da escola, isto é, numa formação voltada para a elevação espiritual, humanística, formação para os valores morais e éticos.

⁸ Educação Visual, Educação Musical, Teatro, Dança, História da Cultura e das Artes, Desenho e Oficinas de Arte. - Na oferta curricular e extracurricular do Colégio

A era em que vivemos não se coaduna com os modelos tradicionais de ensino e a era digital reposiciona o professor na sala de aula. Mais importante do que transmitir conhecimentos para aluno "aprender" ou passar a "conhecer" é fazer com que este vivencie, descubra, e se entusiasme e que seja capaz de imergir e emergir com mais de si para partilhar com os outros. A escola tem aqui um papel preponderante, de ajudar o aluno a contemplar e educar o gosto. A educação artística assume particular importância neste ponto:

Nunca a humanidade dispôs de tão formidáveis meios técnicos e institucionais de difusão artística como hoje, (...). Num mundo invadido pela imagem e pelo som, em que se multiplicam as formas mecânicas de reprodução artística e, com elas, a passividade receptiva, cabe à escola um papel de iniciação e de compensação: educar desde cedo o gosto, suscitar atividades criadoras, revelar vocações. Alheando-se das artes, a escola distancia-se, portanto, cada vez mais da vida.

(Grácio, 1966, citado por Sousa, 2003, p.62)

Numa sociedade pluricultural de constantes fluxos populacionais, gerados por sociedades abertas, onde diferentes culturas e expressões interagem e se interligam, estabelecendo-se redes de diálogo e de compromisso, as artes assumem um papel exponencialmente relevante. Pelo respeito e diálogo intercultural que daqui emerge, a educação pela arte pode ser, segundo a UNESCO (2006), "um estimulante instrumento para enriquecer os processos de ensino e aprendizagem e tornar essa aprendizagem mais acessível e mais eficaz". O facto de a arte ser uma linguagem "acessível", na medida em que gera significados "facilmente" interpretáveis, seja pela vertente da pintura, música, teatro ou dança é considerada uma linguagem universal e por isso, indispensável na educação. A criatividade, a capacidade de resolver problemas, a adaptabilidade a novas situações, são competências que se desenvolvem em boa medida pela arte.

Entende-se cada vez mais como pertinente e necessário o papel das artes no ensino, destacando-se as vantagens que daí ocorrem no desenvolvimento cognitivo das capacidades dos alunos, nas ligações que se estabelecem segundo múltiplos diálogos, no respeito pela opinião, pela diferença e pela pessoa que o outro representa.

A individualidade de um homem pode ser de valor incalculável para toda a humanidade. Mas a singularidade não tem valor prático isoladamente. Uma das lições mais verdadeiras da psicologia moderna e das experiências históricas recentes é a de que a educação deve ser um processo, não apenas de individualização, mas também de integração, que é a reconciliação da singularidade

individual com a unidade social. Sob este ponto de vista, o indivíduo será “bom” na medida em que a sua individualidade se realiza dentro da totalidade orgânica da totalidade.

(Read, 2001, p.18)

A educação pela arte pretende contribuir, portanto, para o desenvolvimento progressivo de criação, na expressão pessoal do aluno, cultivando neste, através das significações e interações com o mundo que o cerca e com aqueles que lhe fornecem informações pertinentes, sementes para um desenvolvimento mais crítico, criativo, rico de significações e rico em conteúdos. Para (Sousa, 2003, p.61),

Trata-se de uma educação que proporciona uma equilibrada cultura geral, com vivências culturais no âmbito das letras, das ciências e das artes, o que levará a um melhor desenvolvimento da pessoa, no seu todo.

De facto a ausência ou insuficiência deste tipo de formação pode gerar uma visão desequilibrada, tendencialmente materialista, positivista, pondo em segundo plano os valores de natureza moral e espiritual, uma forma de estar mais atenta, mais sensível às coisas e aos outros.

Para Irena Wojnar (1963) a educação pela arte tende a ser compreendida como a educação para formar profissionais no domínio das artes ou revelar-lhe o dom artístico, desenvolver neles apetência técnica profunda, ou dito de outra forma, colocar o aluno ao serviço das artes. Neste sentido, é importante referir que é a arte que deve estar ao serviço do aluno,

A ideia de Educação pela Arte não se trata de um só domínio da educação correspondendo à formação de uma sensibilidade estética, do gosto pela beleza, mas de uma larga concepção da formação do homem, toda ela baseada no princípio estético e concedendo-lhe o primado entre os outros fatores exercendo o seu efeito sobre o ser humano. A formação do homem deve ser concebida como um processo total. A arte nela intervém em diversos planos da vida, o que tem consequências não somente para a sensibilidade estética propriamente dita, mas também para a vida intelectual afetiva e moral.

(Wojnar, 1963, citado por Sousa, 2003, p.80)

A educação pela arte propõe-se permitir ao aluno ter opinião sobre os assuntos, possibilitando uma integração das emoções do sujeito no contexto de uma linguagem convencional e a experiência que o aluno adquire, através das diferentes expressões artísticas, contribui para um "fortalecimento" para que possa exprimir-se, manifestar-se livremente, aceitando outros pontos de vista, possibilitando deste forma aquisição e consolidação cognitiva.

3.º CAPÍTULO: O Ensino Artístico na Escola Católica Cultural

1. Artes Visuais

O campo da arte, ele mesmo, é um universo de tensões onde se enfrentam e se entrelaçam diferentes forças frequentemente contraditórias. Forças que estão em competição interna, mas também em competição externa com os outros campos do vasto universo cultural, no qual o campo da arte é apenas uma parte.

(Darras, 2009, p.9)

Compete-nos começar por aclarar sucintamente o que se entende por Cultura Visual e Artes Visuais para que melhor se compreenda o conceito no âmbito da formação da pessoa, e por conseguinte, a importância da sua aplicação e desenvolvimento no projeto educativo que o colégio integra.

Cultura Visual, para Baxandall (1972) é a experiência do quotidiano de cada um e ferramenta com a qual o homem integra e interpreta a arte e a história na sua vida, nesta perspetiva, a cultura visual só pode ser entendida como conceito aberto, amplo e simultaneamente enquadrado num determinado período de tempo. Para Dikovitskaya (2005) todas as definições possíveis parecem não ser consensuais, Jay (2002) salienta que o advento da cultura visual decorre do facto de que não podemos separar os “objetos” visuais do seu contexto, por outro lado Jenks (1995) define a cultura visual de modo restrito, caracteriza-a como a centralidade do olhar, Knauss (2008) estabelece a prioridade do olhar como recurso para relacionar uma natureza exterior com uma mente interior, Nicholas Mirzoeff sustenta que a cultura visual não depende das imagens propriamente ditas, mas de uma “tendência moderna de figurar ou visualizar a existência.” (Mirzoeff, 1999, p.5). Para Darras, (2009, p.15) “Promover uma educação para a Cultural Visual é acompanhar e tornar claro o seu consumo.” Darras (2009) sustenta ainda que a Educação para a Cultura Visual pode permitir o desenvolvimento de um pensamento visual e criativo por meio do design e do desenho, restituindo à educação visual um lugar maior do que aquele que ela ocupa quando se limita ao estudo da arte.

Estas perspetivas apresentam a Cultura Visual como parte integrante da evolução e natureza humana. Não podemos deixar de observar o papel da representação

visual na relação da consciência do indivíduo com o mundo, aqui a arte visual e a cultura visual encontram um caminho comum, a representação como técnica e a imagem como instrumento de exteriorização da experiência e do pensamento. A produção de representações figurativas ou abstratas, compostas por codificações próprias, procuram transmitir por meio de diferentes materiais, suportes ou tecnologias, significados para um determinado grupo, o qual interpreta e atribui determinado valor. A importância do sujeito, para o qual é dirigida toda a informação, ocupa hoje um lugar central no estudo da história da evolução, porque esta encontra-se ligada a modificações comportamentais e, conseqüentemente, à evolução das sociedades.

A era digital e o advento das tecnologias, posiciona-nos num novo paradigma, o conceito de espectador ganha outro sentido, de forma consciente ou inconsciente o sujeito vai retirando significados e é utilizado simultaneamente como objeto de estudo, no campo dos mecanismos de percepção e da neurociência.

O desenvolvimento da tecnologia digital veio conduzir à hegemonia do visual na vida do quotidiano, causa de inevitáveis mudanças sociais e comportamentais. De facto, com a velocidade a que tudo acontece, as inovações que vertiginosamente nos alcançam, a arbitrariedade de certas políticas educativas e económicas, confrontam a escola e os educadores com uma nova problemática, a imprevisibilidade. (Eça, 2010, p.128) coloca-nos a questão:

De que maneira as escolas podem preparar as pessoas para um mundo onde o trabalho pode ser digitalizado, automatizado e virtualizado? Como podemos preparar as gerações futuras para empregos que ainda não existem? Para tecnologias que ainda não foram descobertas e para um planeta e uma humanidade em vias de extinção? Como poderemos motivar os jovens para uma escola que não lhes diz nada?

Quando um adulto observa um trabalho de crianças no domínio das artes plásticas, tende a cometer o erro de comparação, considerando-o ingénuo, pobre, imaginativo ou fantasioso. O conteúdo emocional presente naquele trabalho nem sempre é visto como primeira linha, o ato criativo, transportador de toda uma história, fantasia e imaginação, carregada de experiências e emoções estão na base da riqueza e valor daqueles trabalhos, sendo esses fatores que levaram à sua realização e não o ato de criar uma obra de arte para ser apreciada pela sua forma, volume, cor ou rigor, procura antes a libertação da sua memória ou do seu

inconsciente. Segundo Gonçalves (1976) a criança exprime-se pelo gesto, som e imagem, as sensações corporais, sentimentos e factos emotivos fazem parte da sua construção e expressão visual.

Almeida Garrett caracterizava, na sua obra *“Da Educação”*, as artes como fazendo parte de uma educação para a intelectualidade, considerava-as como parte do encanto e ornato para (Garrett, 2009, p.116):

Todas as artes nasceram primeiro que as ciências, mas todas foram ou vão sendo por elas aperfeiçoadas. Houve arquitetura antes de se conhecerem as leis da gravidade ou de se haverem medido os graus de qualquer ângulo; pintura antes de se saberem as leis de perspectiva, ou as de refração da luz (...)

Mais adiante afirma que:

As artes são mecânicas propriamente ditas ou liberais e ditas belas-
artes. Das primeiras pouco tem que aprender o pupilo nobre; das
segundas, todas deve estudar mais ou menos, e algumas praticar.
(ibidem, p.124)

Betâmio de Almeida, como artista e responsável pelas reformas na educação na área do Desenho, nos governos de Pires de Lima entre 1947/48 e Veiga Simão em 1968, salientava a importância do ambiente da futura sala de Desenho:

Não deve haver muitos alunos, e mais do que a ideia clássica de aula deve pensar-se numa grande oficina ou atelier onde haja possibilidades de grupos de alunos fazerem trabalhos distintos e terem à mão, fornecidos pela escola, todos os meios necessários e variados para trabalhar (...) caberá ao professor não trazer para a aula a sua visão particular e, antes, estimular cada aluno e a vivência duma harmonia feita por suas próprias mãos.

(Nóvoa, 2003, p.56)

Penin, (2001) demonstra a eterna divergência entre o projeto de formação para uma elite intelectual que objetiva o acesso ao ensino superior e o trabalho empírico, rotineiro e sem evolução próprios da segunda metade do séc. XX em Portugal, salientando que, a precisão, ordenação de pensamento com raízes nesta época, caracterizavam uma espécie de receituário de técnicas e tecnologias que limitavam fortemente a atividade criativa natural da criança.

Mas o ensino das artes em geral e das artes visuais em particular, procura considerar, para além dos referenciais teóricos e artísticos, os contextos e as realidades de um tempo e de um local, assim como as características e projeto

educativo da escola, essência da escola católica cultural, neste sentido promove-se a aproximação da escola à vida e à comunidade onde esta se integra. "A arte não está separada da vida comunitária, faz parte integrante dela" (CNEB, 2001, p. 141). Há hoje a tendência para considerar como artes, as artes plásticas ou aquelas a que dizem respeito às Belas Artes. A música, teatro, escrita, dança, fotografia, multimédia, etc., são esquecidas neste enquadramento. As artes visuais e as artes plásticas aparecem no sistema de educação na forma de currículo escolar ou como disciplinas extracurriculares, com o principal objetivo de desenvolver no aluno competências teóricas e técnicas no domínio de variadas expressões como o desenho, pintura, escultura, cerâmica, mas também a fotografia, vídeo, multimédia, a arquitetura e o design. Todos os esforços parecem ir no sentido da criação da obra de arte, mas na expressão plástica, segundo Sousa (2003, p.160) é essencialmente uma atitude pedagógica diferente, "não centrada na produção da obra de arte, mas na criança e no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades." Ainda segundo o mesmo autor (ibid.), a expressão plástica é essencialmente uma atividade natural, livre e espontânea com o objetivo principal de promover emoções e sentimentos através do ato criativo. Também tem funções cognitivas, pois contribui para o saber ver, olhar com mais atenção ao mundo que nos cerca e tornar possível um novo modo de sentir, associando o pensamento e a emoção individual ao serviço do significado, e conseqüentemente no crescimento da pessoa.

As artes visuais estimulam os sentidos e convidam-nos a ser capazes de penetrar nas coisas, uma atitude estética que nos leva ao abrandamento do olhar na descoberta do detalhe (Mukařovský, 1990). Também Hospers (1947) nos coloca noutra perspetiva do conceito, referindo que no trabalho artístico não é tão importante a resposta que se procura dar mas sim a questão da relação do elemento formal na arte com o elemento expressivo ou conteúdo da mesma.

The meaning of a work of art' "is not concerned with trying to answer the pseudo-question 'What does the work mean? But rather with the question of the relation of the formal element in art to the expressive or content element - what has been described... as 'life-values.

(Hospers, 1947, p.77)

Segundo Eisner (2001), as Artes Visuais não podem ser entendidas exclusivamente como um meio para criar performance ou um produto final. Devem antes ser

entendidas como um meio de criar pontos de vista, expandindo a consciência, moldando disposições na procura de um sentido para as coisas, estabelecendo contato com os outros e, em grande medida, um meio de partilhar uma cultura.

Na arte contemporânea reconhecemos um interesse crescente, da parte de alguns artistas, na concepção cristã do homem e do mundo, da vida e da morte. Segundo Vale (2015), para alguns artistas a concepção cristã do homem e do mundo é enfrentada frontalmente, outros retomam-na através de uma reflexão existencial-cultural marcada pelo cristianismo: a vida, a fragilidade, a queda, a redenção, a morte, a caridade, o mal. Para Grenier (2003), a natureza cultural, da inscrição atual do cristianismo na nossa sociedade, por via de todo o simbolismo associado, é um agente favorável à reapropriação pela arte, de uma herança cristã em grande parte reprimida. Hoje em boa medida verifica-se o oposto da época medieval: não é a religião que se serve da arte, mas a arte que se serve da religião. Reconhecemos assim, em muitas obras contemporâneas, uma antropologia cristã.

2. Música

A educação musical é a parte principal da educação, porque o ritmo e a harmonia têm o grande poder de penetrar na alma e tocá-la fortemente, levando com eles a graça e cortejando-a, quando se foi bem-educado. E também porque o jovem a quem é dada como convém sente muito vivamente a imperfeição e a feiúra nas obras da arte ou da natureza e experimenta justamente desagrado.

(Platão, 1965)

A música como linguagem universal é fundamental na formação global da pessoa, encontra terreno fértil nos primeiros anos de ensino, desde logo porque, segundo Gruhn (2006), numa perspetiva humana, neurobiológica, educacional e ética, a educação musical é marcante e a família e a escola são os primeiros e principais agentes a apresentar um ambiente rico e estimulante para a aprendizagem.

Nas primeiras etapas da educação a vertente musical procura criar interesse nos alunos, para que esta seja vista como uma fonte de prazer e não uma obrigação, o divertimento pela música é mais importante do que a imposição de técnicas. Procura despertar o indivíduo para um mundo mais agradável e divertido para a mente e para o corpo, facilitando a aprendizagem e a socialização, (Ongaro, Silva e Ricci, 2006). A sensibilidade aos sons desenvolve na criança a memória e atenção,

mas também pode desenvolver na criança a capacidade de resiliência, nas palavras de Cordeiro (2010, p.318) poderá ser “um guarda-chuva para as grandes tempestades da contrariedade e da frustração, um agente libertador para os momentos de alegria e satisfação.”. Para Gardner (1994) os elementos auditivos e orais da linguagem possuem papéis fundamentais na comunicação, agindo diretamente nas inteligências linguística e musical.

Pode ser vista como ciência e arte porque a relação entre os elementos musicais são relações matemáticas e físicas. Para Brésia (2003, p.25), a música é uma “combinação harmoniosa e expressiva de sons e como a arte de se exprimir por meio de sons, seguindo regras variáveis conforme a época, a civilização, etc.”, Tal como nas artes visuais a música também permite apurar os sentidos para uma experiência mais profunda com o mundo, promovendo a capacidade de imaginação e modelos sobre os quais vivemos.

Para além da função lúdica, pode ser estudada como linguagem artística, forma de expressão que remete-nos inevitavelmente a uma herança cultural. Neste sentido a Escola Católica Cultural pode proporcionar a oportunidade para ampliar o conhecimento musical do aluno, estimulando-o a novas descobertas, ao encontro com o desafio de novos estilos, novas experiências, a uma análise reflexiva e à convivência, promovendo no aluno uma nova forma de estar, para além daquilo que é estabelecido por um currículo nacional.

Pode ajudar a desenvolver a concentração, a autodisciplina e a socialização. Para Faria (2001, p.24) “A música como sempre esteve presente na vida dos seres humanos, ela também sempre está presente na escola para dar vida ao ambiente escolar e favorecer a socialização dos alunos, além de despertar neles senso de criação e recreação”. É também uma fonte de desenvolvimento do raciocínio e criatividade. Segundo Weigel, (1988), Barreto (2000) e Bigand (2005), contribui de maneira indelével no desenvolvimento cognitivo e linguístico, psicomotor e sócio-afetivo da criança, facilita a aprendizagem do educando, pois ensina-o a ouvir e a escutar de maneira ativa e refletida. Fazendo uso da música a criança é levada a explorar o universo sonoro, a ouvir com atenção, analisando, comparando os sons, procurando relações entre as fontes sonoras e a sua mundividência. A música proporciona também sentimentos de alegria, tristeza, melancolia, sensualidade, calma, violência, etc. transporta-nos a experiências da vida que constituem um

fator importantíssimo na formação da pessoa. Ainda segundo Faria (2001, p.4) “A música passa uma mensagem e revela a forma de vida mais nobre, a qual, a humanidade almeja, ela demonstra emoção, não ocorrendo apenas no inconsciente, mas toma conta das pessoas, envolvendo-as trazendo lucidez à consciência”. Sousa (2003, p.21) afirma que “No âmbito da música como contribuição para o desenvolvimento geral da personalidade, encontramos como programáticas aspetos do desenvolvimento biológico, afetivo, cognitivo, social e motor” ou seja, não interessa “saber” música, mas antes usar a música como forma de desenvolver capacidade nestes fatores de personalidade. Na perspectiva de Gainza (1988) a música ocupa a mente, desperta emoções e combinada com a dança permite a expressão pelo gesto e pelo movimento, transportando satisfação e alegria, movimenta, mobiliza e por isso contribui para a transformação e o desenvolvimento de cada aluno.

3. Teatro

O teatro é um dos instrumentos mais expressivos e úteis para a edificação de um país; é o barómetro que marca a sua grandeza ou a sua decadência. Um teatro sensível e bem orientado em todos os seus sectores (...) pode em poucos anos modificar a sensibilidade de um povo. O teatro é uma livre tribuna onde os homens podem (...) explicar, com exemplos vivos, normas do coração e do sentimento do Homem.

Federico Garcia Lorca

Expressão Dramática e Teatro são atividades que não parecem reunir consenso no que ao seu significado diz respeito, se por alguns autores são consideradas semelhantes, por outros autores são consideradas como atividades distintas. Os mesmos elementos expressivos, linguagem e criatividade podem estar na origem destas tensões. Para Robinson (1980) Expressão Dramática e Teatro estão intimamente relacionadas dentro e fora do curriculum da escola, ambas vão além dos textos dramáticos e das capacidades associadas com a representação, como sugere Lopes (2011). Para Nóvoa (1989, p.9) a Expressão Dramática é “uma pedagogia da situação, que se alimenta da capacidade de responder de forma adequada a propostas e a realidades inesperadas”. Nas palavras de (Mota, 1989, p.43) “A Expressão Dramática apenas leva o jovem a revelar-se, a conhecer-se

melhor, a saber o que quer, o que vai ser, em que sociedade está. Dá-lhe disponibilidade para a transformação. Abre-lhe um espaço de encontro e de diálogo”. Para Magalhães e Gomes (1964) o Teatro é considerado um poderoso meio de educação (estética e, mais amplamente, cívica...) porque pode desempenhar a dupla missão em que a criança funciona na qualidade de espectador, como na medida em que ela própria intervenha diretamente na organização e execução do espetáculo. Segundo Rebelo (1966), o Teatro estimula as faculdades criadoras e imaginativas da juventude, integrando-as numa ação coletiva. Nóvoa (1989,) destaca a “importância educativa de expressão dramática na sala de aula enquanto abordagem adequada da situação e do processo [...] a importância cultural do Teatro na escola enquanto atividade coerente com a visão organizacional da escola...” (p. 14).

Mas o Teatro só assume historicamente relevância com o movimento Escola Nova e em particular na educação infantil, onde adquire “status epistemológico e importância psicopedagógica” (Japiassu, 2003, p.20), ou seja, é neste movimento de renovação do ensino que se produz conhecimento científico das relações que se estabelecem entre a criança e a prática do teatro. Podemos, pelas narrativas anteriores, inferir que Teatro é, na prática dramática que este implica, o produto da imaginação, ideias e sentimentos que são representados no palco através do movimento, som, imagem e ação. Conhecer as convenções e as regras da linguagem dramática e teatral possibilita ao aluno projetar ideias e sentimentos, evidenciando pela sua performance a intenção de construção e interpretação de sentidos, consolidando o conhecimento que tem de si, dos outros e do mundo que o rodeia.

Na permuta de papéis, entre intérprete e espectador, o aluno é sujeito à interpretação de conteúdos de ordem social e íntima que o colocam num constante processo reflexivo, favorável ao diálogo, central no trabalho teatral. A superação de dificuldades e constrangimentos, próprios das situações que tal arte implica, promove o ato criativo, a superação, a autoestima e autoconfiança, porque, não se objetiva avaliar o talento, mas antes atender ao grau de envolvimento, imaginação, criatividade, cooperação, expressão vocal e corporal, planeamento e organização.

Os alunos operam a níveis diferentes de desenvolvimento, evidência própria da natureza humana. Diferentes razões de ordem biológica, social, económica e cultural, contribuem inevitavelmente para diferentes atitudes no processo de

aprendizagem. É neste processo de crescimento que se faz nas várias ordens da natureza humana, que o aluno constrói a sua visão do mundo, desenvolve o espírito crítico, articula ideias com experiências, hábitos culturais e tradições.

Para Mota (1989) o Teatro também é um meio de desenvolver aprendizagens, porque envolve processos cognitivos associados à relação entre a prática e a abstração, mas também pode desenvolver o aluno na dimensão sócio afetiva, integradora e estética, pelo conhecimento de si, do outro e da sua visão do mundo, concedendo-lhe espaço para revelar-se, conhecer-se melhor, dar-lhe disponibilidade para a transformação. Ao desenvolver a sua personalidade através de processos dramáticos, ao desenvolver processos de comunicação e relação, ao resolver problemas e decidir, ao desenvolver o sentido estético e a prática reflexiva, também se torna um melhor cidadão.

4. Dança

A dança é uma forma de contar histórias, desde sempre os povos dançavam para exprimir os seus sentimentos e as suas emoções e quase todos os países têm as suas danças tradicionais. Mas o longo caminho percorrido por esta arte, que transporta consigo inúmeras transfigurações, próprias dos tempos e culturas, merece alguma atenção, sobretudo da história mais recente do nosso país, para melhor compreendermos a integração da mesma no contexto escolar e na importância que tem para o desenvolvimento bio-psico-socio-cultural dos alunos.

Para Ossoona (1988), a dança vive da representação renovada dos fatos históricos, é, como outras artes, utilizada para documentar, ao reviver alguns momentos, transporta consigo valores históricos de um povo. Com o avançar dos tempos a representação evolui, emigra, e os fatos históricos fundem-se criando visões ecléticas, próprias do carácter transformador da educação, mas o panorama da educação em dança e pela dança é algo muito recente no nosso país.

A Dança em Portugal não teve lugar de destaque antes do séc. XVII (Sasportes, 1970). Só no séc. XX aparecem os precursores do atual panorama de dança (Sousa, 2001). Margarida Abreu, responsável pelo ensino da dança no Conservatório Nacional, estabelece o ensino da dança clássica desde 1939 e cria o *Circulo de Iniciação Coreográfica* que apresenta a peça *O pássaro de Fogo, de Stravinsky* em

cena até 1946. Neste mesmo ano surge o Centro Português de Bailado que objetiva a formação de bailarinos, do público e formação profissional. Daqui decorre o grupo de bailado da Gulbenkian, primeira companhia portuguesa profissional que nos anos seguintes desenvolve inúmeros espetáculos, recorrendo a coreógrafos nacionais e estrangeiros. Surge em 1977, nas mãos do ministro David Mourão Ferreira a Companhia Nacional de Bailado a funcionar no Teatro de São Carlos. É aqui que, com a chancela de Armando Jorge, estreiam-se clássicos como: *La sylphide*, *O Lago dos cisnes*, *Quebra Nozes*, *Pássaro de Fogo*, *Coppélia*, *Giselle*, entre outros. Em 1983 surge a Escola Superior de Dança que visa fundamentalmente a formação de profissionais do espetáculo de dança e docentes de dança. Atualmente a Faculdade de Motricidade Humana, da Universidade de Lisboa promove uma licenciatura em Dança, cursos de Mestrado e Doutoramento. Escolas profissionais e muitos outros grupos e companhias foram surgindo até aos dias de hoje, desenvolvendo e promovendo esta atividade artística que tem ganho terreno e protagonismo, não apenas pelo que pode oferecer do ponto de vista do espetáculo, mas também pelas oportunidades de desenvolvimento integral do aluno.

Para Sousa (2001) a dança comporta movimentos, mais ou menos estéticos, com maior o menor complexidade, com ou sem música, em que a finalidade é o prazer da sua execução bem como as suas características expressivas e criativas. Segundo o mesmo autor (ibid.), dança educativa tem como principal objetivo, não de se ensinar a dançar, mas de promover o desenvolvimento integral do aluno, a criança terá por esta via a oportunidade de vivenciar todas as situações imaginárias possíveis, a movimentação rítmica espontânea do corpo no espaço, não havendo preocupação de beleza nos movimentos, a expressão e o movimento são centrais nesta vertente. Osson (1988) refere que a dança educativa, criativa e recreativa deve ser o primeiro passo na educação de todo o indivíduo, mais intensamente na formação de um artista, sobretudo num artista de dança. Outras vertentes promovem o espetáculo, o rigoroso, onde se estabelece uma coreografia, ensaiada repetidamente e exaustivamente através de ensaios até atingir a perfeição. Esta disciplina aponta mais para o âmbito profissionalizante que propriamente para a dança educativa, promotora de valores mais abrangentes.

A dança mostra-se como o veículo que traz a bordo os elementos da arte e da estética vistos como necessários à educação: criação, expressão e sensibilização.

Assim a dança, entendida como a arte de expressão em movimento, destaca na educação a óptica da sensibilidade, da criatividade e da expressividade, como uma nova direção que se quer dar para a razão, a ética, a cultura, e a estética – pelo saber através do sentir, da intuição, e com o objetivo de uma vida melhor e mais digna para as pessoas.

(Fiamoncini, 2003, p.69)

A dança tem por si só uma vida temporal que nasce, desenvolve-se e morre no momento da sua execução, sendo recriada numa nova representação. Nenhuma manifestação é exatamente igual, tem portanto um carácter de mutabilidade.

A improvisação na dança, como arte de expressão e a possibilidade que permite ao aluno do conhecimento de si é entendida como uma via recomendável para o ensino da dança. Dado que é, como afirma Fiamoncini (2003, p.67), “um caminho que favorece a criatividade, a experimentação, a superação dos modelos (tanto de movimento quanto de pensar, de sentir). Também Saraiva Kunz (1994) segue o mesmo pensamento, “(...) a dança através da improvisação é um importante veículo de aprendizagem, pois proporciona a abstração dos significados que o símbolo permite, não se reduzindo a um adestramento de movimentos” (p.168). O saber sentir pela dança é fundamental para estabelecer relações com as pessoas, com o mundo, com os outros saberes e assim poder crescer virtuosamente.

PARTE II - ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

O enquadramento metodológico compreende três capítulos que procuram explicitar os procedimentos metodológicos que guiaram esta investigação. Com efeito, no primeiro capítulo ocupar-nos-emos da natureza e objetivos do estudo, no segundo, constituímos uma breve caracterização do Colégio em estudo e no terceiro, clarificamos os tempos e procedimentos da investigação.

1º CAPÍTULO: Natureza e objetivos do estudo

1. Natureza do estudo

Estudos na área da educação revestem-se da complexidade inerente ao carácter singular do comportamento humano e dos seus contextos, facto que torna inevitável uma organização dos procedimentos para que estes permitam obter resultados significativos.

Para Taylor e Bogdan (1992) nas ciências sociais têm prevalecido duas perspetivas teóricas fundamentais: a positivista que procura conhecer os factos e causas dos fenómenos sociais, independentemente da subjetividade de cada sujeito e a fenomenológica, a partir da qual se procura compreender os fenómenos sociais partindo da perspetiva dos próprios autores. Segundo Berger (2009) qualquer trabalho de investigação poder ser encarado de duas formas distintas: por um lado pode ser entendido como um trabalho crítico, isto é, como um trabalho de contestação, de problematização das práticas sociais e, por outro lado, pode ser definido como um trabalho de investigação que pretende enumerar conceções que se admite poderem constituir instrumentos de desenvolvimento e de progresso. Independentemente da pesquisa ser feita no âmbito de um paradigma mais quantitativo ou mais qualitativo, todos os processos de investigação precisam de ter valor próprio, aplicabilidade, consistência e neutralidade por forma a terem valor científico, como referem Guba e Lincoln (1988).

As ciências sociais, porque têm como objeto de estudo tudo o que diz respeito aos aspetos sociais do homem, a história, as realizações, modos de vida e comportamentos individuais e de grupos, sentimos que “entendemos” um pouco de tudo, porque experienciamos esta ou aquela matéria, o que nos faz por vezes pensar que somos “especialistas” em determinada matéria sem que no entanto nos tenhamos debruçado sobre ela de uma perspetiva verdadeiramente científica. É, portanto, fundamental que o investigador em educação se preocupe com a fiabilidade e validade dos métodos porque, como referem Morse *et al.* (2002, p.2), sem rigor a investigação “não tem valor, torna-se ficção e perde a sua utilidade”.

Garfinkel (1967) designa por etnométodos as práticas sociais que são, elas próprias, saberes sobre a sociedade. Neste sentido, como salienta Berger (2009), “O papel das Ciências da Educação seria, em última análise, o trabalhar o saber de que as pessoas são portadoras e não o de produzir saberes sobre as pessoas coisificadas que elas não seriam capazes de saber” (p. 178). Esta referência leva-nos a fazer uma comparação com as Ciências exatas. Quando um Físico pretende estudar a matéria, o máximo que consegue obter é uma observação aproximada, dado que na sua investigação introduz inevitavelmente, pelo menos uma variável, a luz com que observa, dito de uma forma simples, o cientista só consegue ver aquilo que a matéria deixa que seja visto. Em que condições estaria a mesma se não fosse observada? Como descreve Boaventura de Sousa Santos (1998), todo o conhecimento pós-moderno é um conhecimento sobre as condições de possibilidade. Mais ainda:

As condições de possibilidade da ação humana projetada no mundo a partir de um espaço-tempo local. Um conhecimento deste tipo é relativamente imetódico, constitui-se a partir de uma pluralidade metodológica. Cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que é perguntada. Só uma constelação de métodos pode captar o silêncio que persiste entre cada língua que pergunta. Numa fase de revolução científica como a que atravessamos, essa pluralidade de métodos só é possível mediante transgressão metodológica (p.66).

Nas Ciências da Educação o conhecimento produzido está intimamente ligado aos instrumentos utilizados e às abordagens utilizadas, não podendo ser considerado como evidência ou verdade absoluta, porque também contém variáveis próprias da singularidade do comportamento humano. A este propósito, Coutinho (2008, p.5) confronta-nos com as questões que David Silverman (1997) coloca: (i) “Have the researchers demonstrated successfully why we should believe them?” e (ii) “Does the research problem tackled have theoretical and/or practical significance?” (p.25). Assim sendo, da leitura dos resultados da pesquisa deve resultar uma confrontação de visões e não um confronto de resultados.

O paradigma investigativo qualitativo, também designado por interpretativo ou naturalista, como refere Coutinho (2008), é a linha que seguimos neste trabalho de investigação, onde a auscultação das perceções, através de entrevistas e questionários, procura atender às características individuais dos intervenientes,

no contexto de uma escola católica e cultural, segundo as condições que mais à frente descrevemos.

2. Tipo de estudo: o estudo de caso

A compreensão das práticas ao nível da educação artística que de facto se estabelecem num determinado contexto educativo e do seu potencial impacto na formação integral do aluno constituem o grande objetivo desta investigação. É manifestamente importante “tomar o pulso” da situação, para compreender o presente e perspetivar o futuro com tomadas de decisão devidamente fundamentadas.

Tal como foi referido na introdução, esta investigação centra-se num estudo de caso de um colégio católico pertencente à Congregação das Irmãs de São José de Cluny, congregação religiosa feminina. Procura-se identificar a problemática do estudo no contexto concreto de uma escola católica cultural, que aposta na vertente artística, acreditando no potencial transformador que esta possibilita.

Tomou-se, portanto, como linha de investigação metodológica o estudo de caso, pois que, baseando-se na observação do ambiente real, se adequa aos objetivos do presente estudo. Trata-se de uma metodologia essencialmente descritiva, na qual os dados são avaliados de uma forma indutiva, fazendo com que todo o processo se vá desenvolvendo gradual e construtivamente.

Segundo Merriam (1991), os estudos de caso correspondem a uma análise intensiva e globalizante de uma entidade bem definida, a qual pode ser um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, uma unidade social única. O mesmo autor (ibid.) refere ainda que este comporta quatro características essenciais, que identifica como sendo: (i) particular, porque sendo uma situação específica e singular, é a relevância do fenómeno e aquilo que ele pode representar que torna o seu estudo importante; (ii) descritivo, porque o produto final de um estudo de caso é uma descrição rica e completa do fenómeno em estudo. O investigador procura traduzir o que apreendeu do fenómeno, através de descrições ricas e cheias de significado. A atenção do investigador centra-se naquilo que o fenómeno tem de mais particular e relevante; (iii) heurístico, por ser apresentado de forma clara pelo investigador, com o objetivo de direcionar o leitor

para a compreensão do fenómeno; (iv) indutivo, porque não tem por finalidade a verificação de hipóteses preestabelecidas, tal como acontece nos estudos experimentais, mas sim a descoberta de novas relações e conceitos. Portanto trata-se de um processo de investigação, quando se procura compreender, explorar e descrever fenómenos e situações complexas onde as variáveis homem e sociedade se encontram.

Na investigação qualitativa as modalidades de estudo de caso distinguem-se pelas suas características e pelos procedimentos que se adotam. Como refere Colás (1992), podem ser desenvolvidos estudos de casos ao longo do tempo; estudos micro-etnográficos; estudos de casos múltiplos; estudos multi-situacionais; estudos de caso observacionais e estudos de comunidades. O estudo de caso, como afirmam Guba e Lincoln (1985), constitui uma metodologia válida porque proporciona densas descrições da realidade que se pretende estudar, onde a compreensão dos fenómenos é central e mais importante que os resultados obtidos são as interpretações que deles podemos fazer. Neste tipo de estudo, recorre-se a variadas técnicas de recolha de dados como a análise documental, entrevistas, observações, com as quais o investigador se envolve e constrói, em função dos dados, um novo conhecimento.

Esta abordagem metodológica adequa-se a este estudo na medida em que permite explorar e descrever perceções, comportamentos, acontecimentos e contextos complexos que envolvem a comunidade escolar e o meio artístico. Trata-se de uma metodologia que faz com que seja possível conhecer por dentro um determinado contexto e, no caso concreto deste estudo, compreender a importância que as artes têm na vida dos alunos de uma escola católica cultural, pelo cruzamento de valores que neste contexto particular se estabelecem.

3. Objetivos do estudo

Enquanto professor de Artes Visuais vivo e assisto de forma intensa a uma desvalorização da vertente artística do currículo escolar, à luta diária dos professores, e em particular dos professores das artes, para com os alunos promover, aplicar e desenvolver as expressões em meio escolar. Verdadeiros milagres vão acontecendo, numa sociedade cada vez mais científica, onde os

próprios documentos orientadores das reformas educativas se preocupam mais com o económico do que com o comunitário, dando primazia às competências e ao domínio das tecnologias (Eça, 2010).

Assiste-se a uma secundarização das artes no currículo, a um notável desinvestimento⁹ no EA especializado e a um considerável decréscimo da procura em formação artística, situação comprovada por cursos que não têm alunos e que não chegam a abrir, aos constantes ajustes e reajustes do currículo de cursos superiores, em função das novas exigências científicas, técnicas e da nova realidade social, apesar das muitas razões para que as artes se configurem firmemente nos currículos:

Ao longo dos últimos cento e vinte anos podemos encontrar muitas justificações para a presença das artes na escola. Por exemplo, porque se considera que as destrezas, os critérios e o gosto veiculado pelas artes contribuem para o desenvolvimento do país; pelo facto de que a arte tem um papel reconhecido pela história, porque as indústrias criativas podem ter um peso económico relevante no PIB, porque através da arte é possível acompanhar os países mais desenvolvidos. Porque a educação artística contribui para a educação moral das crianças, através do cultivo da sua vida espiritual e emocional; porque as crianças devem poder projetar os seus sentimentos e as suas emoções e o seu mundo interior através da arte.

(Eça, 2010, p.136)

Neste contexto particularmente difícil, pretende-se compreender qual o enquadramento da educação artística no contexto específico de uma escola católica, fazendo uma análise do ensino artístico vigente, com particular ênfase nas Artes Visuais, Dança, Teatro e Música.

No âmbito desta investigação procura-se, igualmente, clarificar até que ponto a educação artística desempenha um papel essencial na formação do aluno ou se, pelo contrário, é tida como assessória ou supérflua. Assim, como objetivos específicos deste trabalho, destacam-se:

- Saber qual a importância que é dada à educação artística pelos diferentes agentes da comunidade educativa de uma escola católica;

⁹ Nota Estatística 2008 do Ministério da Cultura e GPEARI - Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais.

- Conhecer as percepções da comunidade educativa sobre o papel que a educação artística assume no desenvolvimento e maturação bio-psico-social dos alunos;
- Compreender se estas práticas são reconhecidas como promotoras da sensibilidade pelo *Belo*, na apreciação, na fruição, no pensamento crítico e criativo;
- Identificar formas concretas da educação artística contribuir para uma visão holística, para a construção de valores humanos e para a formação da *Pessoa*;
- Caracterizar os processos e práticas pedagógicas no âmbito da educação artística do Colégio;
- Comparar as práticas pedagógicas em uso no âmbito da educação artística com o Ideário e o Projeto Educativo estabelecido no contexto da escola católica cultural;
- Compreender o impacto percebido do Ensino Artístico no sucesso escolar dos alunos nos últimos anos.

2º CAPÍTULO: Breve caracterização do contexto do estudo

1. Pedagogia Cluny

A pedagogia Cluny, com início no séc. XIX, é semente do génio e audácia de uma grande missionária, de quem o próprio Napoleão Bonaparte dizia: "Com muito gosto, a faria General de divisão", Merlaud (2009). Ana Maria Javouhey em 1807 funda a Congregação de São José de Cluny com o grande objetivo das Irmãs se ocuparem da educação das crianças e cuidado dos doentes. É no contexto da Revolução Francesa e das perseguições à Igreja Católica, período profundamente renovador de toda a história e cultura europeia e onde se fazem sentir grandes carências, que Ana Maria Javouhey concebe, através da educação, um modelo de pessoa de acordo com a imagem e semelhança de Deus (Gn1, 26).

A pedagogia Cluny é humanista cristã, tem como ideal a conformidade do homem com Jesus Cristo, e neste sentido espera-se do educador, docente e não docente, uma missão exemplar, um comportamento coerente com a respetiva função, "Instruí bem os educadores, pensem que a menor negligência da nossa parte se torna culpada, pois a nossa missão é por assim dizer divina." (AMJ, carta 108)

Neste sentido, a pedagogia Cluny, investe profundamente na autodeterminação e no autodomínio, o aluno aprende a conhecer-se e a saber educar a sua forma de ser e de estar, prepara a pessoa humana para a vida, fruto da reflexão, do discernimento e das decisões responsáveis, procura formar em plenitude para que cada um seja um agente de transformação da sociedade, que crie as condições para que o mundo humano seja mais divino através de formas expressas de gratuidade, educa para a liberdade, considerada como autodeterminação pelo Bem.

O primeiro documento pedagógico de carácter oficial, que nasce do Congresso Mundial de Educação Cluny, CMEC (2004), salienta que o Projeto Educativo (PE) da Congregação, tem vindo a promover naqueles que têm a possibilidade de desenvolver atividades formativas num Colégio Cluny, a interligação e o comprometimento entre a cultura humana e a mensagem cristã, nas dimensões, pessoal, social, religiosa, artística e académica.

O Colégio onde foi desenvolvido este estudo é uma Escola Católica que participa na missão educativa da Igreja. Jesus Cristo e a Sua mensagem são o alicerce do Projeto Educativo e o fundamento da sua forma de educar. Tem como fonte de inspiração: os Evangelhos, os documentos da Igreja, a Pedagogia Cluny e a Declaração Universal dos Direitos do Homem. Ministra atualmente a Educação Pré-Escolar, 1.º, 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e ensino secundário com os Cursos Científico-Humanísticos de Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas, Línguas e Humanidades e Artes Visuais, num total de 895¹⁰ alunos. Apresenta-se em seguida uma tabela com o número de alunos, distribuídos pelos ciclos de estudo e respetivo número de turmas.

Quadro 1
Dados relativos ao ano letivo 2014/2015

Ciclos	N.º de alunos	N.º de turmas
Pré-Escolar	55	3
1.º ciclo	141	8
2.º ciclo	146	6
3.º ciclo	263	10
Secundário	290	18
Total	895	45

Fonte: Dados facultados pelos Serviços Administrativos do Colégio.

¹⁰ Dados relativos ao ano letivo 2014/2015

3º CAPÍTULO – Tempos e procedimentos da investigação

1. Instrumentos e técnicas de recolha de dados

Combinando diferentes métodos de recolha de dados numa mesma pesquisa, pretendemos obter uma “imagem” mais próxima da realidade. Assim, a recolha de dados incide a vários níveis e estrutura-se com recurso a diferentes instrumentos e técnicas: (i) Entrevistas semiestruturadas, (ii) Questionários, (iii) Análise documental. Através da recolha, organização, análise e interpretação das perceções dos diferentes sujeitos da investigação, procurou-se compreender qual o papel que a educação artística desempenha ao nível do desenvolvimento de competências transversais, no contexto pedagógico do processo educativo, centrado na pessoa e no desenvolvimento das suas potencialidades.

1.1. Entrevistas semiestruturadas

O diálogo é o instrumento de esclarecimento por excelência, sendo a entrevista a técnica que mais se aproxima da conversação. As entrevistas podem adotar uma variedade de formas e são o instrumento de pesquisa de natureza qualitativa mais utilizado, podendo ser estruturadas, semiestruturadas e não estruturadas. Segundo Erlandson (1993, p.85-86) “A mais comum é a entrevista semiestruturada, a qual é guiada por um conjunto de perguntas e questões básicas a explorar, mas em que nem a redação exata nem a ordem das perguntas está pré-determinada. (...)”. Também Amado (2013) refere que:

(...) por não haver uma imposição rígida nas questões, permite ao entrevistado discorrer sobre o tema proposto, ‘respeitando os seus quadros de referência’, salientando o que para ele for mais relevante, com as palavras e a ordem que mais lhe convier (...) (p.209).

Este tipo de instrumento permite conforto e liberdade ao entrevistado, deixando ao entrevistador a responsabilidade de seguir o guião pré-estabelecido.

As entrevistas à direção, encarregados de educação bem como a professores, pretenderam confrontar opiniões de quem gere, de quem observa e de quem aplica.

1.2. Seleção e caracterização dos sujeitos de investigação

Foram estabelecidos os seguintes critérios para a seleção dos sujeitos de investigação: Entrevista à Diretora Geral, por estabelecer a ponte entre a entidade empregadora e a Direção Pedagógica; Entrevista a Encarregados de Educação, com educandos matriculados em pelo menos uma atividade artística e a frequentar os diferentes ciclos de ensino, afim de podermos obter uma opinião consubstanciada na proximidade com os filhos; Entrevista a Professores, responsáveis pelas atividades artísticas em estudo e que têm assento no Conselho Pedagógico do Colégio;

Seguidamente foram estabelecidas as condições para realização da entrevista, foi explicado o objetivo da investigação e a importância da participação dos sujeitos neste estudo, salientando o caráter não inquiridor mas sim, de forma aberta e sincera, na procura de informações que visam fundamentalmente, compreender melhor o ensino artístico numa escola católica e o caminho traçado pela mesma. Foi realizado um total de 10 entrevistas (Quadro 2), no decorrer do primeiro período do ano letivo 2015/16. Todos os sujeitos de investigação deram o seu consentimento informado para a participação neste estudo, tendo sido previamente explicado o seu enquadramento, os procedimentos éticos e metodológicos a adotar e o objetivo da entrevista, garantido desta forma a livre e esclarecida participação de todos.

As entrevistas, constituídas com base na construção de um guião de questões organizadas em blocos de questionamento (Anexos 3, 4 e 5), realizaram-se com gravação áudio com vista à posterior transcrição.

Quadro 2

Síntese das entrevista realizadas

Participantes	Realização	UC¹¹	T¹²
Diretora Geral	04/12/2015	EDG	21'

¹¹ UC - Unidade de Contexto que permite identificar, na forma de código, a origem da respetiva unidade de registo, ou seja, a entrevista ou o texto da entrevista na integra.

¹² Tempo de duração das entrevistas (arredondado ao minuto)

Professora de Dança	26/11/2015	EPD	52'
Professor de Música	28/11/2015	EPM	43'
Professor de Teatro	03/12/2015	EPT	29'
Professora de Artes Visuais	02/12/2015	EPAV	21'
Encarregado de Educação 1	27/11/2015	EE1	10'
Encarregado de Educação 2	27/11/2015	EE2	14'
Encarregado de Educação 3	02/12/2015	EE3	14'
Encarregado de Educação 4	04/12/2015	EE4	38'
Encarregado de Educação 5	08/12/2015	EE5	23'

Fonte: Elaboração própria a partir das gravações áudio das entrevistas

1.2.1. Entrevista à Diretora Geral

Na entrevista à Diretora Geral (Anexo 3) procurou-se compreender o funcionamento transversal da escola, em particular no que toca à educação artística. Destacamos o facto da Diretora ter sido a principal impulsionadora da Escola de Dança do Colégio, assim como guionista de várias peças Teatrais. A entrevista permitiu estabelecer a ponte entre a Congregação e a Direção Pedagógica, para compreender se o Ideário e Projeto Educativo e a Educação Artística são alvo de uma visão estruturada e de conjunto.

Em detalhe procurámos resposta para: (1) Valorização das Artes, no contexto da Escola Católica Cultural; (2) Planificação e organização das atividades artísticas; (3) Planificação e organização do trabalho docente; (4) Autorregulação, autoavaliação e melhoria da oferta artística; (5) Promoção das aprendizagens; (6) Sugestões de melhoria.

1.2.2. Entrevistas a professores

A entrevista a professores (Anexo 4), constituiu um elemento chave no processo investigativo, na medida em que todos os entrevistados assumiam

responsabilidades na orientação educativa do colégio, quer ao nível de coordenação de ciclo, quer ao nível de coordenação de departamento.

Procurámos resposta para: (1) Valorização das Artes, no contexto da Escola Católica Cultural; (2) Planificação e organização das atividades artísticas; (3) Planificação e organização do trabalho docente; (4) Autorregulação, autoavaliação e melhoria da oferta artística; (5) Sugestões de melhoria.

1.2.3. Entrevistas a Encarregados de Educação

Os Encarregados de Educação (EE) constituem os primeiros educadores, observadores, vigilantes e o primeiro apoio ao estudo. A perceção que têm do “lado de fora” do colégio e as implicações na formação integral do aluno, constituíram uma importante e útil fonte de informação. Na entrevista aos EE (Anexo 5), procurámos resposta para: (1) Valorização das Artes, no contexto da Escola Católica Cultural; (2) Qualidade da oferta artística; (3) Impactos do ensino artístico; (4) Sugestões de melhoria.

1.3. Questionários

Por questionário entende-se “Um conjunto de perguntas sobre um determinado tópico que não testa a habilidade do respondente, mas mede a sua opinião, os seus interesses, aspectos de personalidade e informação biográfica” (Yaremko, Harari, Harrison & Lynn, 1986, p.186). Segundo Amado (2013, p. 271-272) este instrumento de recolha de dados tem um “grande valor heurístico”, revestindo-se de “enorme valor para a compreensão da vida escolar”.

De acordo com Gunther (2003) o primeiro princípio de estruturação do questionário consiste na organização do mais geral para o mais específico, do menos delicado para o mais delicado, do menos pessoal para o mais pessoal, o segundo princípio consiste na organização lógica das questões e o terceiro princípio sugere que itens que tratam da mesma temática devem ficar juntos.

Os questionários foram aplicados aos alunos que ainda frequentam a vertente artística, como forma de compreender a perceção dos mesmos sobre o potencial transformador desta vertente, para além da vida na escola. A combinação de itens de

resposta aberta com itens de resposta fechada permitiu a manifestação livre das opiniões, perceções e experiências dos alunos.

1.3.1. Questionários a alunos

Nesta abordagem metodológica, optámos por apresentar o objetivo do estudo e propor o preenchimento de um questionário a todos os alunos do 6.º, 9.º e 12.º ano de escolaridade. A escolha dos sujeitos de investigação tem sobretudo haver com dois fatores: O reconhecimento de um percurso já realizado e porque os alunos estão sujeitos à decisão de continuar ou não, no projeto educativo do Colégio.

Para a aplicação dos questionários foi realizado um primeiro contacto, na aula de Direção de Turma, sendo explicada a finalidade da investigação e a importância da participação neste estudo. Foram enviados aos Encarregados de Educação o questionário e a declaração de Consentimento Informado (Anexo 2), de acordo com a carta de princípios éticos da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação pela qual se rege a investigação realizada pela Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, e a cada aluno entregue uma cópia para ser assinada. Do total de sujeitos convocados a participar, obtivemos um total de 153 consentimentos, distribuídos de acordo com o Quadro 3. Posteriormente e em função das respetivas autorizações, procedemos à entrega dos questionários para serem preenchidos no início da aula de Direção de Turma.

Quadro n.º 3

Número de sujeitos que responderam ao questionário

Ano de escolaridade	6.º ano						9.º ano						12.º ano							
Turma	A		B		C		A		B		C		A1		A2		B		CD	
Género	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
N.º de participantes	12	8	9	10	6	9	8	5	5	10	10	13	6	4	5	5	8	9	3	8
Total da amostra	54 alunos						51 alunos						48 alunos							

Fonte: Elaboração própria a partir dos questionários

O questionário (Anexo 6), realizou-se com base num conjunto de questões agrupadas nos seguintes blocos de questionamento: (I) Dados de caracterização; (II) Apreciação das atividades artísticas no Colégio; (III) Práticas de ensino, aprendizagem e avaliação no ensino artístico; (IV) Impactos do ensino artístico no desenvolvimento académico e pessoal dos alunos; (V) Questões abertas – melhoria das aprendizagens.

1.4. Análise documental

Como foi já referido, um estudo qualitativo pode ser conduzido através de diferentes caminhos. A análise de documentos que ainda não foram sujeitos a um tratamento analítico, ou que podem ser submetidos a uma nova interpretação, pode contribuir para enriquecer a investigação. Para Cellard (2008, p.295) “O documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. (...) muito frequentemente, permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente.”

Determinantes para a análise a que nos propusemos foram o IPE e o PGF, este último constituído por planificações departamentais, planos de atividades, planificação da pastoral e planificações no âmbito dos projetos culturais. Estes documentos representam os quadros de referência para a análise interpretativa do *modus operandi* da escola. Apesar dos documentos não nos darem informação sobre as práticas efetivas, mas sim sobre as intenções expressas do colégio, revestem-se de grande importância se tivermos em consideração que estes revelam uma determinada visão e determinadas orientações para a ação, que pretendem corporizar essa visão. A análise documental constitui-se, portanto, como fundamental para a triangulação de dados relativamente às orientações expressas com as perceções e representações dos sujeitos de investigação, recolhidas através das entrevistas e dos questionários,

Como ponto de partida para a análise de conteúdo dos documentos acima referidos elaborou-se um guião de análise, constituídos por “Blocos temáticos” e respetivos “Tópicos de análise”, que apresentamos em detalhe nos (Anexo 7 e 8), no sentido de facilitar o trabalho de recolha e fixar através deste, pontos de partida ou guias de orientação para as restantes análises de conteúdo.

2. Análise de dados

2.1. Grelhas de análise de dados

Para Bogdan e Biklen (1994) “A análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta de aspectos importantes do que deve ser apreendido e a decisão do que vai ser transmitido aos outros” (p.225).

A leitura dos dados recolhidos nas diferentes abordagens metodológicas, permitiu-nos constituir uma grelha de análise para cada uma das fontes empíricas, com o propósito de obter uma “estrutura” de conteúdos parametrizados, que facilitasse a apresentação dos resultados e respetivas inferências. Seguimos, portanto, um processo de classificação, diferenciação e reagrupamento dos elementos, como refere Bardin (1997):

Operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias, são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos.

(p.117)

2.1.1. Dados provenientes dos questionários

Os dados provenientes dos questionários foram distribuídos numa grelha de análise (Anexos 9 e 10) definida por categorias, indicadores, unidades de registo e unidades de contexto. Para cada categoria (A, B, C,...) fomos estabelecendo indicadores (A1, B1; C1,...) e a cada indicador as unidades de registo (UR), ou seja, a ideia ou as ideias expressas por cada aluno. Estabeleceu-se também uma unidade de contexto (UC) que permite identificar, na forma de código, a origem da respetiva unidade de registo ou o texto na íntegra.

2.1.2. Dados provenientes das entrevistas

Para os dados provenientes das entrevistas seguimos um método semelhante (Anexos 11 a 13). Associámos a cada bloco de questionamento uma categoria e a cada categoria os respetivos indicadores, ou seja, as questões colocadas em cada entrevista. Procurámos também que cada categoria fosse pertinente e acolhesse todas as unidades de registo úteis e que não houvesse sobreposição do conteúdo definido para cada uma. As UR foram recortadas da transcrição feita e posicionadas de acordo com o contexto no respetivo indicador.

2.1.3. Dados provenientes da análise documental

Os dados provenientes da análise documental (Anexos 14 e 15) seguiram os mesmos moldes metodológicos anteriormente mencionados. Iniciámos este processo com uma atenção muito especial aos “Blocos temáticos” e aos “Tópicos de análise” dos guiões para a análise documental, no sentido de estabelecer um ponto de partida na “organização dos conteúdos de um conjunto de mensagens” (Amado, 2013, p.313) e para estabelecer “um sistema de categorias que traduzam a ideias-chave veiculadas pela documentação” (idem, *ibid.*, p.313).

2.2. Triangulação de informação

Tal como as várias leituras de um texto, podem conduzir a diferentes interpretações, sem nenhuma versão assumir uma interpretação privilegiada, nos atuais paradigmas salienta-se a ideia de que a investigação pode ser reveladora das múltiplas dimensões que compõem a realidade em estudo.

(Coutinho, 2008, p.9)

A triangulação de informação constitui, pela combinação de diferentes pontos de vista, métodos e técnicas, uma forma de tornar mais credíveis os resultados obtidos na investigação. Trata-se, como afirmam Denzin e Lincoln, (2000) de “uma estratégia capaz de acrescentar rigor, amplitude e profundidade à investigação” (p.5).

Neste estudo, a adoção de diferentes processos de investigação qualitativa evita que sejam colocados em causa um ou outro processo pela forma como são

aplicados. As entrevistas à diretora geral, aos professores das vertentes artísticas, a encarregados de educação, os questionários aos alunos e a análise documental permitiram o acesso a uma visão mais holística da realidade. Não obstante, reconhece-se que a subjetividade do investigador não pode ser excluída do processo de investigação:

Os métodos qualitativos encaram a interação do investigador com o campo e os seus membros como parte explícita da produção do saber, em lugar de a excluírem a todo o custo, como variável interveniente. A subjetividade do investigador e dos sujeitos estudados faz parte do processo de investigação.

(Flick, 2005, citado por Duarte, 2009, p.7).

Não podemos, portanto, definir esta combinação de métodos como “a solução do problema” ou a “verdade absoluta” do estudo. Contudo entende-se útil porque assume uma função de validação cumulativa ou seja, numa ótica de complementaridade, integra diferentes perspetivas sobre o fenómeno em estudo.

PARTE III – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Nesta parte da dissertação dedicamo-nos à apresentação e discussão dos resultados obtidos. Iniciamos o primeiro capítulo com narrativas sobre a Educação Artística no Colégio, baseadas na experiência do investigador enquanto docente da escola, e prosseguimos com a análise de documentos orientadores. Estabelecemos o enquadramento da EA no Projeto Educativo do Colégio e avançamos com uma análise detalhada da oferta artística. No segundo capítulo procuramos consubstanciar as múltiplas dimensões que compõem a realidade em estudo, com a triangulação dos dados obtidos. Ao longo destes dois capítulos há a preocupação de interpretar e validar a informação recolhida à luz de referências teóricas resultantes da revisão da literatura.

1º CAPÍTULO - A Educação Artística no Colégio: Narrativas

Neste capítulo constrói-se uma narrativa em torno da educação artística no colégio, elaborada com base em informação proveniente de duas fontes distintas:

- a. a experiência de 19 anos de trabalho, por parte do investigador, neste contexto específico;
- b. a análise do Ideário e Projeto Educativo e Plano Geral de Formação.

Assumindo, desde já, a subjetividade inerente ao olhar de quem narra, na sua dupla condição de professor no contexto onde foi realizada a investigação e de investigador, entendeu-se, todavia, que o conhecimento proveniente da experiência seria demasiado rico para não ser mobilizado para a análise realizada. No entanto, para evitar possíveis enviesamentos nas conclusões finais, esta visão do investigador, assim como a visão passada pelos documentos analisados, são sujeitas a uma triangulação com a informação recolhida junto da diretora, dos docentes, dos alunos e dos encarregados de educação, como se pode ver no capítulo que se segue.

1. O Projeto Educativo e a Educação Artística

O Currículo Nacional, quando operacionalizado, deve procurar contemplar um certo grau de adequabilidade à realidade e contexto de cada escola. Tal como salienta Matias Alves (2004), a concretização desse currículo deve ser “um processo flexível que requer, nos diferentes níveis, interpretação de cada contexto de trabalho, consideração dos recursos disponíveis e tomadas de decisão apropriadas” (p.60). É também neste princípio que assenta o Projeto Curricular do Colégio e do qual emana o Projeto Curricular de Turma, consubstanciado e planificado nos respetivos conselhos, culminando no projeto didático de cada professor. O projeto Cultural: “Jovens, Solidariedade e Missão¹³” e o Projeto Pastoral: “Estar em toda a parte onde houver bem a fazer”, desvelam a identidade de Escola Católica Cultural que se afirma ser.

O Projeto Educativo do Colégio, em constante aperfeiçoamento, compreende as diretivas do Projeto Educativo da Congregação e tenta espelhar a herança

¹³ Tema Cultural do ano letivo 2014/2015

pedagógica da Congregação, alinhando-se com as constantes mudanças sociais e culturais em que a escola se insere.

O Colégio em análise, objetiva “A formação integral do Homem em todas as suas dimensões, de forma a torná-lo capaz de se inserir nas estruturas sociais, dinamizando a sua humanização” (PGF, 2015, p.6). Posiciona a educação na mensagem de Jesus Cristo, onde alicerça e fundamenta a sua forma de educar. Procura, nas fontes de inspiração que são os documentos da Igreja, a dinâmica da Fundadora e tradição educativa da Congregação, bem como na Declaração Universal dos Direitos do Homem. A educação integral que objetiva não resulta apenas do somatório de intensões, ou da influência de ações educativas estanques, resulta antes, da articulação das mesmas no currículo da escola.

Estes princípios orientadores, azimute da ação educativa, encontram-se sintetizados numa frase: “Estar em toda a parte onde houver bem a fazer” (PGF, 2015, p.5), todos os anos amplamente difundida, e que procura ser mote das ações e comportamentos, quer dos educadores quer dos educandos. Ainda o mesmo documento refere que toda a educação é centrada no aluno, respeitando a sua especificidade como pessoa e proporcionando o máximo desenvolvimento das suas potencialidades no saber ser, saber fazer e saber estar, orientando-o para a vivência de valores que o dignifica, ação que procura ser resposta ao que Hudson (2009) define para uma boa escola.

Importa salientar a importância de uma boa articulação entre as estruturas que compõem o Colégio e o cumprimento dos princípios orientadores do Projeto Educativo. Para Cabral (2014, p.161), a “ambiguidade e débil articulação que caracterizam a escola têm efeitos inequívocos ao nível do planeamento da ação educativa e da forma como esta é operacionalizada”.

Entende a Direção, que a atuação dos professores deverá ser o reflexo dos valores que o projeto pedagógico preconiza. O Plano Geral de formação a este propósito indica que:

“Desta forma pensamos promover uma ação educativa globalizante, amparando o aluno na construção do seu ser, no encontro dum sentido para a sua vida, como cidadão consciente do amanhã. Dada a sua especificidade, esta tarefa, nunca concluída, sempre em aberto, pressupõe por um lado, professores mais reflexivos, mas também mais atuantes, quer quanto aos processos e produtos, quer quanto aos seus reais destinatários e seus contextos, sem perder de vista o objectivo último de informar, formando ou formar, informando.”

(PGF, 2014, p.20)

A resposta a estes princípios orientadores procura-se pela mobilização e implicação da comunidade escolar numa adesão conjunta, que proporcione “um ambiente que favoreça quer o desenvolvimento afectivo quer o cognitivo”. Também pelo trabalho colaborativo, em equipa de professores do mesmo ano de escolaridade, equipas disciplinares e departamentais, que reúnem regularmente, objetivando a aferição de andamentos dos conteúdos programáticos e a articulações em projetos transversais que possam promover outras aprendizagens. Segundo indicações do Conselho Pedagógico, estas equipas devem procurar adequar estratégias às características dos alunos e tentar compreender as reais motivações e interesses dos mesmos, estabelecendo-se desta forma, um plano de atividades que procura ser um “plano promotor de aprendizagens globalizantes, diversificadas, integradoras e socializadoras”, que originem a “eclosão de um projeto de desenvolvimento pessoal.” A responsabilidade é de todos os que se comprometem com o projeto curricular da escola, que contribuem para na “construção plena da cidadania do aluno assente em responsabilidades e no desenvolvimento pela vida cívica”. Está aqui bem evidente que há um compromisso explícito com os diferentes atores intervenientes no processo do ensino-aprendizagem.

Como refere Azevedo (2013), deve ser mobilizada “a inteligência pedagógica de cada escola, avaliando em cada momento os objetivos enunciados e os passos dados”, para evitar que, como refere (Cabral, 2014, p.473), “as políticas *bottom up* não se transformem nas políticas das promessas não cumpridas, nas políticas da ação incoerente, paradoxal e hipócrita”.

Reconhece-se no entanto, que esta tarefa não é um processo fácil e que apresenta algumas fragilidades, sobretudo porque há poucos elementos concretos sobre a avaliação do impacto deste planos de ação no desenvolvimento integral do aluno.

2. As Artes no Colégio

“A criança (...) Louva as coisas belas, recebe-as alegremente no espírito, para fazer delas o seu alimento, e torna-se assim nobre e bom; ao contrário, censura justamente as coisas feias, odeia-as logo na infância, antes de estar de posse da razão, e, quando adquire esta, acolhe-a com ternura e reconhece-a como um parente, tanto melhor quanto mais tiver sido preparado para isso pela educação.”
(Platão, 1965)

A arte e a educação, ambas tendem para o amor ao belo e ao espiritual. Mas nem todos têm a capacidade para descobrir o amor supremo que se encontra no que é Belo, porque quando este é sentido e realizado na sua verdadeira natureza, manifesta-se na ação humana, no comportamento que temos com os outros e com as coisas que nos rodeiam. É neste sentido que as atividades artísticas, proporcionadas às crianças no Colégio, procuram criar e desenvolver as potencialidades e capacidades afetivas, o lado Belo das coisas, no quadro de uma vivência cultural marcada pelas abordagens singulares de cada projeto e simultaneamente integradas num tema cultural trabalhado por toda a comunidade educativa.

Os primeiros anos de escolaridade revestem-se de particular importância na aquisição e desenvolvimento competências presentes nas dimensões, artísticas, estéticas, culturais, sociais e comunicativas. Também a educação ao longo da vida tende a promover conhecimentos disciplinares, pensamento crítico, habilidade para estabelecer conexões, curiosidade, abertura de espírito, resolução de problemas, criatividade, autoconfiança, perseverança, capacidades comunicativas, de trabalho em grupo, esforço e capacidade empreendedoras.

A atual organização curricular contempla o direito à Educação Artística para todos aqueles que se encontram em idade escolar. Já analisámos a importância da mesma na formação integral da criança na participação de experiências integradas e globalizadas, percebemos que é neste sentido que o Colégio quer seguir, procurando diferenciar-se com iniciativas criativas que envolvam vários intervenientes, posicionando os alunos numa relação próxima com a comunidade educativa da escola e fora da escola, trabalhando para que todos possam libertar a sua criatividade, porque a chave do sucesso passa por um novo paradigma da educação que estimule o desenvolvimento de capacidades que vai além do saber ler, escrever e contar (Eurydice, 2002).

De acordo com a gestão flexível do currículo (Decreto-Lei n.º 152/2013, de 4 de Novembro), com a possibilidade de poder aplicar planos curriculares próprios e oferecer disciplinas de enriquecimento ou complemento do currículo, bem como a autonomia pedagógica conferida pelo novo estatuto do ensino particular e cooperativo, o Colégio, compreende e promove, com início no ano letivo 2015/2016 Oficinas Temáticas para o 1.º Ciclo: Oficina de Letras, MatMagicar, CriArte e à Descoberta e no 2.º e 3.º Ciclo a disciplina de Raízes Greco-Latinas.

Na EA, prevê-se o curricularmente obrigatório: Ao longo do 1.º CEB, as Expressões Artísticas e Físico-motoras com 3 horas por semana, divididas em Expressão Plástica, Expressão Musical e Educação Física. No 2.º CEB, as disciplinas de Educação Visual e Educação Musical, cada uma com um total de 100' semanais, são a única componente artística no currículo. Ao nível do 3.º CEB, a disciplina de Educação Visual está contemplada no 7.º e 8.º ano com 100' semanais enquanto que para o Teatro curricular são 50' semanais. No 9.º ano a disciplina de Educação Visual conta com 150' semanais. A formação artística complementar divide-se nas expressões de Artes Visuais (Pintura), Música, Teatro e Dança, com um tempo semanal variável em função do número de inscritos.

2.1. As Artes Visuais

A expressão plástica no primeiro ciclo do Colégio é lecionada pela professora tutora, sendo que o trabalho que se desenvolve procura a liberdade criativa e expressão livre, dentro das diferentes áreas de desenvolvimento. A manipulação e experiência com os materiais, com as formas e com as cores, procura proporcionar descobertas sensoriais no sentido de promover nas crianças uma forma de expressar o seu mundo interior e representar a realidade. A exploração livre de materiais e técnicas procura despertar a imaginação e a criatividade, bem como a destreza manual. Algumas visitas de estudo e o contacto permanente com o meio envolvente, dentro e fora da escola, vão permitindo criar um maior conhecimento da realidade e das coisas, propondo-se alargar as suas experiências e desta forma a sua capacidade de intervir. O Tema Cultural que é trabalhado transversalmente e que vai mudando de ano para ano é sem dúvida o *Leitmotiv* da atividade da expressão plástica do primeiro ciclo. Neste contexto desenvolvem-se atividades com vista à representação gráfica e à exploração de vários materiais:

- Lápis de cor, carvão, cera, giz, etc., porque através da introdução de diferentes materiais/suportes e de atividades sugeridas, os alunos poderão aprofundar as suas capacidades de expressão e representação gráficas;
- Suportes variados: papéis de diferentes texturas, espessuras, tamanho, formas porque fazer construções permite a exploração da tridimensionalidade, constituindo um desafio à capacidade de transformação e criação original;

- Pintura, com exploração de várias técnicas e utilizando diferentes suportes e materiais (pincéis, corpo, escovas, carimbagem, esponjas, rolos, frutos, legumes, etc.), porque os aspetos expressivos, como as crianças utilizam o espaço da pintura, como pegam os materiais, ou preenchem as superfícies ou como usam, podem transmitir informações importantes quer na capacidade perceptiva, imaginativa ou motora;
- Modelação com vários materiais (massa de cores, plasticinas, barro, etc.), porque amassar, separar, esticar, alisar, proporcionam explorações sensoriais importantes, na libertação das tensões e o desenvolvimento da motricidade fina.

Na Educação Visual os professores procuram, em articulação com outras áreas disciplinares, definir no início de cada ano letivo projetos fundamentados em ações e experiências, com o objetivo de desenvolver nos alunos a curiosidade, imaginação, criatividade e processos, contribuindo desta forma para estimular o gosto pela descoberta, facultando desta forma, como consignado nas novas metas curriculares, vivências de diferentes universos visuais que se estruturam nos domínios da técnica, da representação, do discurso e do projeto. O trabalho que se desenvolve é sobretudo baseado em projetos, método de ensino privilegiado, pelo qual o aluno se torna um agente ativo das suas aprendizagens. O trabalho realizado, também com forte dependência do tema cultural da escola, é alicerçado em procedimentos de carácter sistemático e metodológico; registo, comunicação, esquematização e também no incentivo à construção de discursos específicos. O trabalho que se desenvolve entronca com os conteúdos específicos que, no 2.º ciclo são: o contacto com os materiais básicos de desenho, os elementos constituintes da forma, a comunicação e narrativa visual, cor, espaço, património e discurso. No 3.º Ciclo, todo o trabalho encontra centralidade na representação de formas geométricas, desenho expressivo, sólidos e poliedros, Design, luz-cor, expressão e decomposição da forma, comunicação visual, Arquitetura, perspetiva, perceção visual e construção da imagem, arte e património e Engenharia.

Na curso científico-humanístico de Artes Visuais os professores procuram, nas disciplinas de Desenho e Oficina de Artes, uma abordagem também centrada em pedagogia de projetos, ajudando o aluno, de forma progressiva a dominar, perceber e comunicar, de modo eficiente através dos meios expressivo do desenho,

e pela vertente da Oficina de Artes, a concretizar plasticamente formas bi e tridimensionais associadas aos fenómenos da comunicação visual.

O Desenho como disciplina essencial à criação, conceção, projeção e comunicação é uma área estruturadora a muitas áreas profissionais e por isso procura-se abordar conteúdos de outras áreas, trabalhando desta forma articuladamente com outras disciplinas, por exemplo: com a Matemática, no trabalho da geometria aplicada e trigonometria; na disciplina de Português com a ilustração de textos que integram o plano de estudos do secundário; na Física com a análise e reprodução gráfica dos efeitos fenomenológicos da Luz e Cor; na Biologia com a análise e representação de elementos da natureza, compreendendo as respetivas estruturas; Na história pela análise e interpretação dos vários períodos artísticos na pintura, escultura ou arquitetura; na Filosofia na construção de discursos ricos e sustentados por uma visão holística; na Educação Moral e Religião Católica, pela análise, interpretação e representação da simbologia, com particular ênfase no período renascentista e barroco; na Dança na produção de cenários temáticos; na Educação Física no desenho e construção de jogos para as atividades lúdicas e desportivas.

Os professores procuram gerar um clima propício à aprendizagem através de debates, crítica e confrontos, bem como na participação ativa em várias iniciativas propostas no PGF. A pedagogia de proximidade e o trabalho baseado em projetos, estimula o desenvolvimento estético e apura o sentido da qualidade.

2.2. A Música

Desde há longos anos, que o departamento artístico em articulação com os professores de música, mantém uma atividade constante na organização e dinamização de saraus, espetáculos de música ou dança, audições musicais, eventos culturais ou de solidariedade social e na participação ativa nos diversos momentos orientados pela Pastoral como: celebrações litúrgicas, vigílias de oração, oração da manhã e encontros de reflexão. O Colégio conta, assim, com diversos grupos vocais e instrumentais, um clube de percussões e ensambles de guitarras, que funcionam em espaços específicos: auditório, salas de música, laboratório de música e estúdio de gravação.

Na vertente curricular e no que aos primeiros ciclos de aprendizagem diz respeito, a educação pela música e a integração da criança no universo de sons que a rodeia

é o aspeto mais importante que se procura desenvolver. É este universo sonoro que mais interessa aos educadores, o ouvir e explorar, o experimentar e o compreender, faz parte da etapa que antecede a criatividade e a expressão pela música, nesta etapa procura-se utilizar a música como meio de formação global, na formação do ser e não o ensino do saber.

Mas a música faz parte do currículo escolar e a educação musical, também tem o seu caminho bem definido nas aulas, com a aprendizagem dos ritmos, melodias, tempos, compassos, leituras e técnicas instrumentais, objetivando as competências necessárias, traçadas pelo programa da disciplina.

Na Expressão e Educação Musical, a prática do canto constitui uma boa parte da formação, os coros do primeiro ciclo e a participação dos mesmos em diversas iniciativas de carácter pastoral e cultural, com as quais as crianças vivem momentos de profunda riqueza e bem-estar, constituem parte dos objetivos traçados para estes níveis de ensino e apresentados no início de cada ano nos respetivos planos de atividades.

São de facto estas experiências musicais que as crianças vão vivenciando dentro e fora do colégio, a melhor forma de proporcionar o desenvolvimento dos aspetos essenciais como por exemplo a voz, a postura, a confiança, a desenvoltura a par com o seu desenvolvimento global.

A vertente extracurricular promove outras aprendizagens. As crianças que mostram apetência, vocação e interesse, são acompanhadas num percurso mais técnico e especializado por um professor de música. Nesta vertente, é dada a possibilidade aos alunos de, por si ou em grupo, desenvolver projetos próprios, contando naturalmente com a ajuda do professor na escolha e domínio dos meios utilizados. São, fruto desta abertura, diversas iniciativas, das quais destacamos os concertos nos espaços do colégio e as audições musicais que incorporam alunos de diversos níveis. Daqui também resultam inúmeras performances que integram vários eventos no decorrer do ano: Saraus, datas festivas, campanhas solidárias, semana cultural entre outros.

2.3. O Teatro

O trabalho realizado na disciplina e no clube de Teatro pelos professores tem procurado desenvolver duas dimensões indissociáveis: a dimensão programática e a dimensão concreta da planificação, preparação e apresentação do projeto teatral.

Na dimensão programática, os alunos trabalham as competências fundamentais, tais como: utilização da linguagem específica do Teatro; construção, análise, compreensão e interpretação do texto dramático; construção de uma cultura geral vasta que vá ao encontro do carácter transdisciplinar; domínio dos conhecimentos específicos da disciplina; disponibilidade para estabelecer relações dinâmicas no seio de um grupo; capacidade de improvisação, dramatização e interpretação; utilização e colocação correta da voz, bem como posicionamento adequado do corpo em movimento e em repouso; capacidade de trabalho na preparação das tarefas propostas; estabelecimento de interação com um determinado público (dentro e fora do palco); capacidade de participação pertinente e responsável de forma espontânea e solicitada; exploração das capacidades dramáticas do uso da luz e do som; desenvolvimento de hábitos de fruição teatral; dinamização de uma diversidade de referências para a construção do “gosto pessoal” e desenvolvimento do sentido estético. Na dimensão concreta do projeto teatral, dimensão essencial que procura conciliar a dimensão lúdica do “aprender fazendo” com a vertente curricular propriamente dita, as escolhas partem sobretudo de textos dramáticos do repertório nacional, clássico, universal e infanto-juvenil.

O resultado de todo o trabalho é apresentado ao longo do ano por várias iniciativas, tais como: apresentações teatrais à Comunidade Educativa e ao público em geral através das Mostras de Teatro, Saraus Culturais e Solidários, entre outras. Coordenado pelo departamento artístico, o teatro envolve outras vertentes artísticas, como a Música e as Artes Visuais, as primeiras na parte de instrumentação, acompanhamento musical e sonoplastia e as segundas na parte cénica e de divulgação.

2.4. A Escola de Dança

No Colégio a Escola de Dança aponta para três objetivos distintos mas inseparáveis: conhecer as origens da Dança; formar para a técnica artística; aplicar todas as técnicas aprendidas. Pretende-se que a sequência de exercícios, posições e movimentos, contribuam para um gradual trabalho de evolução ao nível físico, criando uma melhor postura, estabilidade, segurança, harmonia, equilíbrio e

graciosidade. Em coreografias de grupo ou em solo os alunos desenvolvem performances exigentes que vão além de um trabalho físico e sistemático.

A formação na atividade de Ballet Clássico é composta por três níveis, com a duração de quatro anos cada, designadamente: Iniciação, Intermédio e Avançado. A correta postura do tronco, das pernas e pés e coordenação de todo o corpo definem os principais objetivos da aprendizagem inicial, exercícios variados contribuirão, ao longo dos primeiros quatro anos, para criar bases sólidas que compreendem o conhecimento da terminologia usada, o conjunto de movimentos e passos de diferentes graus de dificuldade. Os exercícios aprendidos e executados permitirão ao aluno, em pequenos trabalhos coreográficos, apresentar as suas performances nas várias atividades culturais que decorrem ao longo do ano. Já no nível intermédio, o aluno deverá ser capaz de desenvolver a virtuosidade, o enriquecimentos do vocabulário e desenvolver exercícios combinados e coordenados de forma mais extensa. A qualidade da técnica, associada a ritmos e dinâmicas mais complexas, começa a ser uma preocupação, onde deverá ser notória a evolução no fluir do movimento, o alongamento, força e controle. O nível avançado permitirá ao aluno desenvolver-se para o seu máximo virtuosismo e capacidade artística, mantendo todos os fundamentos inerentes à técnica clássica. O ensino da Dança Clássica tem já longa história no Colégio, fazendo parte da componente extracurricular, desenvolveu-se significativamente, sendo, até à atualidade, parte indispensável das atividades culturais e religiosas promovidas. Mas a Escola de Dança é uma realidade recente, decorrente de transformações dos espaços do Colégio em 1996 e do mérito da Diretora Pedagógica, atual Diretora Geral, que desde muito cedo, abraçou este projeto e auxiliou-se de uma notável professora de Dança. A aposta foi e continua a ser forte, num contexto de exigência técnica e artística onde vários alunos de diferentes faixas etárias, desenvolvem um trabalho profícuo, de intenso rigor técnico e estético. Um grande número de coreografias foram até hoje estudadas, desenvolvidas e apresentadas¹⁴, desde clássicos a interpretações contemporâneas, em grupo, dueto ou solo. Inúmeras iniciativas culturais na cidade e na participação em concursos nacionais e

¹⁴ Quebra Nozes, Cats, Jesus Cristo Superstar, Senhor dos Anéis, D. Quixote, Sonho de uma noite de Verão, Lago dos Cisnes, La Bayadère, Bela Adormecida, Paqueta, Corsário, Cinderela, Alice no País das Maravilhas, Coppélia, Giselle, História da Dança, A Dança Vive, Existo, Logo Danço, Dança pela Paz, Dançar dá cor à vida, Alma Lusa em Dança, Simplesmente... Dançar!, Movimento Perpétuo, entre outros.

internacionais, como o Dançarte, Tanzolymp, Leiria Dance Competition, DWC (Dance World Cup) ou a YAGP (Youth America Grand Prix), nos quais os prémios alcançados atestam a qualidade do trabalho desenvolvido, comprovam também um notável serviço público de dinamização cultural que o Colégio promove, não apenas à comunidade local mas também ao país.

2º CAPÍTULO – A Educação Artística no Colégio: Triangulações

Considerando as categorias de análise do Quadro 4 e que orientam esta investigação procura-se, a partir deste ponto, apresentar e compreender os traços convergentes e divergentes dos dados analisados, fazendo inferências que se cruzam com a revisão da literatura efetuada. Os dados são apresentados e discutidos por categoria de análise, redigindo-se, no final de cada categoria, notas conclusivas com as ideias-chave que é possível extrair da análise realizada.

Quadro 4

Categorias e fontes empíricas mobilizadas para a análise e discussão dos resultados

Categorias de Análise	Subcategorias	Fontes Empíricas
A. Preponderância das vertentes artísticas no contexto da Escola Católica Cultural	1. Valorização das Artes 1.1 A EA na missão do Colégio 1.2 Apreciação das atividades artísticas pelos alunos 1.3 O que dizem os professores e os pais 2. Ações concretas com vista à valorização da EA 2.1 O Plano Geral de Formação	<ul style="list-style-type: none"> • Questionários aos alunos • Entrevista à Diretora Geral • Entrevista a Professores • Entrevista a Encarregados de Educação • Plano Geral de Formação • Ideário e Projeto Educativo
B. Práticas da Educação Artística no Colégio	1. Processos e práticas pedagógicas 1.1 Planificação e organização das atividades artísticas 1.2 Articulação das	<ul style="list-style-type: none"> • Questionários aos alunos • Entrevista à Diretora Geral • Entrevista a Professores • Entrevista a Encarregados de

	<p>atividades artísticas entre si e com as outras áreas do saber</p> <p>1.3 Articulação das atividades artísticas entre si e com a vertente católica</p> <p>1.4 Práticas de ensino-aprendizagem</p> <p>1.5 Domínio cognitivo e sócio-afetivo: Saber Fazer, Saber Ser e Saber Estar</p> <p>1.5.1 O que fazer para aprender mais</p> <p>1.5.2 Melhoria das Práticas Pedagógicas</p> <p>1.6 Relação Pedagógica</p>	<p>Educação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Plano Geral de Formação • Ideário e Projeto Educativo
<p>C.</p> <p>Desenvolvimento da <i>Pessoa</i> nas dimensões antropológica, pedagógica, axiológica e religiosa</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. O EA no desenvolvimento integral do aluno 2. Contributo do EA para os valores Cristãos 3. Exclusão da EA da formação pessoal 4. Impactos do EA no desenvolvimento do aluno: <ol style="list-style-type: none"> a) ao nível académico b) ao nível pessoal 	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevista à Diretora Geral • Entrevista a Professores • Entrevista a Encarregados de Educação • Plano Geral de Formação • Ideário e Projeto Educativo

<p>D. Autorregulação e avaliação</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Dinâmicas de autorregulação 2. Dinâmicas de avaliação 3. Prática sistemática 	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevista à Diretora Geral • Entrevista a Professores • Entrevista a Encarregados de Educação • Ideário e Projeto Educativo
<p>E. Medidas de promoção e desenvolvimento</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Investir numa oferta artística de qualidade 2. Promoção e desenvolvimento das aprendizagens 3. Influência da oferta artística na escolha 	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevista à Diretora Geral • Entrevista a Encarregados de Educação
<p>F. Pontos fortes, pontos a melhorar e sugestões de melhoria</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Feedback da qualidade do EA 2. O impacto do EA nas aprendizagens 3. Ações concretas de melhoria na qualidade do EA 	<p>Entrevista à Diretora Geral</p> <p>Entrevista a Professores</p> <p>Entrevista a Encarregados de Educação</p>

A. Preponderância das vertentes artísticas na Escola Católica Cultural

1. Valorização das Artes

O valor que assume a Educação Artística na Escola Católica Cultural que o Colégio afirma ser, foi desde muito cedo uma preocupação central nesta investigação. Nesta fase analisamos a Educação Artística na missão do colégio, com particular destaque para a opinião da Diretora Geral. Apresentamos o rumo que é dado ao EA com uma verificação da frequência das atividades extracurriculares nas vertentes artísticas e de seguida fazemos uma análise da apreciação das atividades artísticas pelos alunos, com base nos questionários aplicados. Salientamos também a opinião dos Encarregados de Educação e de alguns professores, atores importantes neste processo de valorização, porque sem uma mobilização forte de saberes, vocações e vontades não cremos que seja possível acrescentar valor à vertente artística.

1.1 A Educação Artística na missão do Colégio

A missão do Colégio implica uma responsabilidade acrescida a quem conduz o processo artístico, qualquer que seja a vertente. Torna os professores corresponsáveis pela gestão e orientação para que todos aprendam e aprendam bem. A este nível a mensagem deixada pela fundadora é elucidativa: “Procuremos todos os meios de melhorar, aperfeiçoar e despertar a emulação das crianças que são confiadas aos nossos cuidados”. (AMJ, Carta 108). Tal como preconizado no IPE do Colégio em todas as dimensões, aquilo que nos une é o objetivo de partilhar, recursos e decisões e, igualmente, discernir os procedimentos convenientes para alcançar os objetivos a que a missão nos impele, seja por valorização dos interesses, opiniões e ideias dos alunos, seja pelo reconhecimento e valorização da caminhada que cada um faz, na sua diferença.

Esta missão supõe uma rede de relações pessoais de qualidade entre todos os membros da Comunidade Educativa, promove uma aproximação ao aluno, para que o professor possa compreender os pontos a melhorar, o que falta ensinar e o que tem que fazer para o aluno aprender mais. Como refere a Diretora Geral,

“Assume uma missão muito grande, na medida em que o Colégio tem que ser uma escola que não se esvazia daquilo que a pessoa é.” (EDG)

Este processo não é fruto de um trabalho isolado, é resultado de uma missão alargada entre os vários elementos da comunidade educativa e muito particularmente de um corpo docente estável, que acompanha o percurso do aluno, em muitas situações desde muito cedo, procurando dar uma resposta conjunta às necessidades da educação que se preconiza.

“Efetivamente o facto de burilarem a personalidade com a vertente artística, os educandos acabam por se transformar em aprendizes científicos, porque os ajudam a organizar o pensamento, o coração e outros aspectos da vida.” (EDG)

A ação docente e a aprendizagem dos alunos ocupam um lugar de destaque na ação educativa global do Colégio, mas é em boa medida a vertente artística que faz do Colégio uma Escola Cultural viva. Esta encontra-se muito presente no dia-a-dia desta escola, por múltiplas ações que estão presentes nos espaços que todos partilham. A Diretora Geral salienta a importância da mesma na pedagogia do Colégio:

(...) qualquer que seja a forma de arte, faz parte da nossa pedagogia, não é por acaso que os nossos colégios têm todos vertentes artísticas em que, a especialidade de cada um está de acordo com o docente que a conduz. Temos grupos corais, teatro, dança, música ou pintura, (...) Em todas as nossas casas e em toda a nossa pedagogia se preconiza o ensino artístico, exatamente porque afina o espírito ao tom de Deus. (EDG)

Acrescenta ainda:

Pessoalmente tenho um grande apreço pelo ensino artístico, porque toca de muito perto o Criador, pois ajuda a criar cérebros capazes de executar coisa tão maravilhosas como a pintura, a escultura, a música, ou a coreografias, (...) É qualquer coisa de absolutamente indispensável para formar cidadãos com mentes sãs, capazes de enfrentar os desafios da modernidade.

Na análise feita às entrevistas podemos constatar que o discurso dos professores apresenta algumas preocupações no que concerne à consecução dos objetivos a que a missão do colégio os impele. Salientam alguns fatores que se prendem com a

organização do tempo e espaço, mas também questões de ordem pedagógica e motivacional.

Um programa muito extenso que em boa medida limita a ação artística a novas abordagens:

*É verdade que as coisas estão já esquematizadas e que muito já se faz por rotina (...)
Há propostas que vem de meios restritos, como por exemplo das Dioceses, com
tendência artística muito limitada, (...).*

*Sabemos que por falta de tempo, ou disponibilidade, devido ao programa
preestabelecido, torna-se difícil introduzir novas propostas. (EPM)*

A professora de Dança dá o exemplo da necessidade de uma atenção especial à maturidade do aluno no processo de aprendizagem:

*Tenta-se sempre aproximar a dança à Mensagem, mas para tentar transmitir essa
Mensagem é necessária um maturidade, que não tem necessariamente haver com a
idade, não é muito fácil transmitir um tema, sem ter maturidade. (EPD)*

A falta de “adesão” às artes parece também evidenciar um desafio constante no Colégio, situação que se sente na expressão da professora de Artes Visuais:

*Os nosso alunos estão a ser encaminhados para o sucesso, os pais procuram mais a
área das ciências exatas, (...) e esquecem estas áreas artísticas, (...). Como o colégio
também tem muita qualidade na vertente das Ciências, os pais e alunos apostam
mais em cursos referenciados no dia a dia, sobretudo na medicina. (EPAV)*

Percebe-se uma notável preocupação nestas palavras. A professora (EPAV) sugere que os pais e alunos procuram áreas de estudo que garantam acesso a outras realizações como ao futuro mercado de trabalho, denotando maior preocupação com o “sucesso” ou empregabilidade, em detrimento de qualquer outro tipo de motivação.

1.1.1 Frequência das atividades extracurriculares nas vertentes artísticas.

Não seria possível compreender outros fatores relevantes ao estudo, sem tomarmos o pulso do rumo que é dado ao EA na missão desta Escola.

Apresentamos de seguida uma análise da frequência das atividades extracurriculares nas vertentes artísticas:

Quadro 5

Frequência das atividades artísticas extracurriculares pelos alunos do colégio no ano letivo 2014/2015, para um total de 895 alunos

	Guitarra	Piano	Coro	Teatro	Ballet	A. Plásticas	Percussões	Bateria
1.º Ciclo	10	18	5	6	33	8	0	2
2.º Ciclo	13	8	3	7	16	1	6	3
3.º Ciclo	12	8	3	0	20	0	15	2
Secundário	5	0	0	0	12	0	0	1

Fonte: Elaboração própria a partir das fichas de inscrição nas atividades curriculares.
Dados facultados pelos Serviços Administrativos do Colégio.

Foi no primeiro ciclo que se verificou o maior número de inscritos. Na Música registou-se um total de 35 alunos, distribuídos pelas vertentes: guitarra, piano, coro, percussões e bateria. No segundo ciclo registou-se um total de 33 alunos, no terceiro ciclo 40 alunos, sendo que 15 alunos frequentaram a vertente de percussões. No secundário apenas 6 alunos frequentaram esta atividade.

O teatro registou a presença de apenas 6 alunos no primeiro ciclo e 7 alunos no segundo ciclo, contudo destacamos o facto de todos os alunos do 7.º e 8.º ano terem frequentado o teatro curricular.

As Artes Plásticas representaram o menor número de inscritos, ao contrário de anos anteriores, registaram-se apenas 8 alunos interessados.

O ballet é, inequivocamente a atividade com mais alunos inscritos: 33 alunos no primeiro ciclo, 16 no segundo ciclo, 20 no terceiro ciclo e 12 no secundário.

Os valores aqui apresentados refletem o ano 2014/2015. A consulta realizada à listagem de anos anteriores confirma que atualmente há menos alunos a frequentar as diferentes atividades. Vários fatores poderão contribuir para tal facto, desde logo o incontornável decréscimo do número total de alunos que tem vindo a verificar-se nos últimos anos.

Mas o panorama da vertente artística não se fecha nas atividades extracurriculares. De acordo com o que já foi apresentado no ponto 2 “As Artes no contexto da Escola Católica Cultural”, o Colégio contempla todas as outras disciplinas de carácter obrigatório, contextualizadas no currículo de estudos em vigor. Estas também envolvem e mobilizam um conjunto de saberes e valores, tornando-se por isso numa incontornável e importante fonte de apreciação.

1.2 Apreciação das atividades artísticas pelos alunos

A apreciação das atividades artísticas corresponde por definição, à “leitura” dos elementos que as compõem, compreende a *descrição*, a *análise formal*, a *interpretação* e o *juízo* (Feldman, 1970). Por meio da apreciação o espectador deixa de ter contacto com a “superficialidade” da arte, seja dança, música, teatro, ou qualquer arte visual e performativa. Esta apreciação pode ter por base três eixos estruturantes: A produção, pelas questões relacionadas com o processo de saber fazer; a fruição, processo de encontro com as mensagens, significantes e significados; a reflexão na produção de conhecimento.

Apreciar contribui portanto, para o enriquecimento da mundividência de cada um, quebrando barreiras e estereótipos, do conhecimento de si e dos outros. Mas é preciso saber apreciar, e para isso são necessárias as “ferramentas” adequadas: experiências anteriores, percepções, habilidades, sensibilidade, conhecimento e imaginação. Analisemos o que referem os alunos relativamente à apreciação das atividades artísticas do Colégio:

Quadro 6

Comparação do nível de apreciação das atividades artísticas
entre o 6.º, 9.º e 12.º ano de escolaridade

		gosto muito	gosto	gosto pouco	não gosto nada	Não se aplica	M
		1	2	3	4	5	
Frequência dos sujeitos							
Da Dança...	6.º ano	22	6	0	2	63	1,38
	9.º ano	20	14	10	14	43	2,31
	12.º ano	17	15	4	6	56	2,00
Da Música...	6.º ano	57	26	7	0	9	1,45
	9.º ano	25	31	14	0	33	1,83
	12.º ano	35	21	2	0	40	1,43
Do Teatro...	6.º ano	19	6	2	0	69	1,36
	9.º ano	20	47	10	2	22	1,93
	12.º ano	13	35	4	2	44	1,92
Das Artes Visuais...	6.º ano	22	39	0	0	0	1,64
	9.º ano	27	47	14	10	2	2,06
	12.º ano	27	13	8	0	50	1,61

No Quadro 6 constata-se o grau de apreciação dos alunos do 6.º, 9.º e 12.º ano, através da obtenção da média da pontuação atribuída às respostas do questionário, onde os valores menores que 3 são considerados como uma apreciação positiva, *Gosto muito* e *Gosto* e maiores que 3 com uma apreciação negativa, *Não gosto nada*. A opção *Não se aplica* não é considerada no cálculo da média de classificação. Ressalva-se também que, de acordo com o Quadro 7, o número de participantes por ano e género é equilibrado.

Quadro 7

Número de participantes no questionário, por ano e género.

Ano de escolaridade	6.º ano		9.º ano		12.º ano	
Género	M	F	M	F	M	F
N.º de participantes	27	27	23	28	22	26

Seguindo a linha de análise apresentada por Tresca, R. e De Rose, D. (2000), considera-se que, para a Dança, a média de classificação de 1,38 indica que a apreciação dos alunos do 6.º ano corresponde a *gosto muito*. Podemos constatar a mesma apreciação para as restantes vertentes artísticas em análise.

Os alunos do 9º ano no que diz respeito à Dança e às Artes Visuais referem que *gostam*, contudo para a Teatro e Música a apreciação é ligeiramente mais favorável, tendendo para o *Gosto muito*, com médias de 1.83 e 1.93 para a Música e Teatro respetivamente. A Música, para o 9.º ano parece ser a vertente preferida logo seguida do Teatro e Artes Visuais, a Dança é vista como a atividade menos apreciada com uma tendência negativa.

Para os alunos do 12.º ano, os valores apresentados colocam a Dança com a classificação mais baixa, com uma média de 2 os alunos referem que *gostam*. Relativamente às outras vertentes a média de 1,4 coloca a Música como a atividade mais apreciada logo seguida das Artes Visuais e por fim do Teatro.

1.3 O que dizem os professores e os pais

A atividade artística assume uma presença constante na vida do colégio, como afirma um dos professores:

O Ensino Artístico é um tipo de ensino específico, está presente nos momentos mais solenes e importantes da vida do colégio, seja na semana cultural como nas efemérides mais importantes: Natal, dia da Madre Fundadora, Páscoa, final do ano, (...) (EPT)

O mesmo professor reforça ainda a “janela” de oportunidades que o EA pode representar:

Em termos curriculares todas as atividades têm a oportunidade de regularmente apresentar as suas realizações dentro do colégio ou fora e até internacionalmente como é o exemplo do Ballet. (EPT)

Tal como referido no capítulo “A Educação Artística no desenvolvimento da pessoa” a ideia de Educação pela Arte não se trata de um só domínio da educação relativo à formação de uma sensibilidade estética ou do gosto pela beleza, mas também de uma larga conceção da formação do homem (Wojnar, 2003).

Genericamente os Encarregados de Educação consideram que o colégio desenvolve EA, facto constatável nas conversas com as crianças:

Quando falamos com uma criança percebemos algumas diferenças (...) A arte toca-nos e penso que isso se vai refletindo nos alunos. (EE4)

Assume um papel nuclear, (...) Aliás logo o facto de em cada ano ter um tema cultural, apresentado no início de cada ano letivo e desenvolvido a par das várias vertentes artísticas. (EE1)

O EE3 refere que é necessário apostar ainda mais nos primeiros anos de escolaridade:

Deveria apostar-se ainda mais sobretudo na infantil e no primeiro ciclo, (...) Há uma preocupação muito grande em ensinar letras, algarismos e contas, mas é preciso preparar o terreno e semear, para que mais tarde dê fruto, a educação pela arte é uma forma de conseguir isso (...) (EE3)

A Educação Artística é vista também como uma “disciplina à parte”. Sugere a EE5 que haverá necessidade de preparar melhor os professores nestas vertentes, para que todos possam fazer parte de uma Educação pela arte:

Despertar para a arte sim mas educar pela arte parece ainda faltar um pouco. Há o despertar para a arte, mas descuida-se muito em todos os níveis o ensino pela arte, esta é tida como “uma disciplina à parte”. Parece não haver uma experiência global da parte dos professores para que estes possam educar pela arte em qualquer disciplina (...) (EE5)

Reconhecem que o trabalho realizado dignifica a EA do Colégio. As performances das várias vertentes são, no entender dos EE valorizadas pelas ações concretas e acessíveis à comunidade:

Pela pintura, audições, espetáculos no TAGV, nos centros comerciais da cidade, (...) pelos espetáculos da dança nos concursos internacionais, (...). (EE1)

Mais recentemente na pintura mural, nos espetáculos de dança., nos saraus, nas audições, nos teatros, etc. Há uma valorização concreta, pelo conjunto de ações concretas e acessíveis à escola e à comunidade local. (EE2)

Ao contrário de outras atividades, as artes permitem mostrar algo e isso vai estando patente nos espaços do colégio, (...) (EE4)

A importância de mobilizar todos os alunos da comunidade educativa em atividades artísticas como refere EE3:

Os alunos das vertentes artísticas são mais mobilizados e os outros são postos mais de parte. Se houvesse atividades artísticas que envolvessem todos os alunos, seria muito interessante, (...) (EE3)

Prosegue, sugerindo a importância de um outro tipo de reconhecimento:

Os alunos não têm nenhuma certificação, por exemplo ao nível da música, é uma pena que isso não aconteça. (EE3)

O desagrado por um modelo já gasto na perspetiva do EE5:

A semana cultural é um ponto alto, contudo vejo-a muito projetada num dia de exposições, podendo ser aproveitada para as crianças contactarem mais com a dimensão cultural e artística. (...) Há uma tema para desenvolver e temos que fazer trabalhos para a semana cultural, (...) Os alunos parecem estar cansados disso (...). (EE5)

A pouca procura e interesse no ensino artístico, na vertente curricular e extracurricular, é evidenciada pelo estudo anteriormente apresentado. Preocupação que também podemos encontrar no testemunho do EE4:

Se há uma visita de estudo no âmbito de qualquer vertente artística, como por exemplo uma viagem a Roma, todos querem ir, (...) Contudo para estas atividades do colégio há sempre pouca procura, (...). (EE4)

Parece não ser fácil assegurar um docente para acompanhar os alunos que se inscrevem em determinadas vertentes, pode ter haver com o número reduzido de inscrições, por exemplo na pintura, nem sempre abrem a atividade, (...). (EE4)

2. Ações concretas com vista à valorização da EA

Valorizar a arte, por via da Educação Artística, é valorizar o que move a essência de uma Escola Cultural, que compreende uma cultura estética, componente indispensável na formação do indivíduo e, por inerência da Escola Católica, numa aproximação ao Belo e ao Criador, como afirma (Suzuki, 1990, p.19) “É aquilo que deve conduzir a natureza humana à plenitude de seu desenvolvimento, à conjugação de suas forças sensíveis e racionais, enfim, à união de dignidade moral e felicidade»

O valor que o EA acrescenta a cada aluno não é algo mensurável, o que podemos medir é sempre inverosímil, pouco definido, apenas conseguimos perceber impulsos ou transformações pelo pulsar da relevância do ensino artístico no âmbito do projeto educativo do Colégio, com base nos testemunhos recolhidos.

2.1. O Plano Geral de Formação

A vertente artística assume uma importância significativa, porque procura assegurar condições para que todos os alunos possam “visar o pleno desenvolvimento da personalidade humana e o reforço dos direitos do Homem e das suas liberdades fundamentais” (PGF, 2015, p.22), um dos pilares desta escola, visível no IPE e em todos os atos educativos e princípios pedagógicos. “A Educação para a Cidadania” é uma área prioritária do Colégio, que de acordo com o mesmo documento “deverá estar presente em todos os ciclos e com um carácter transversal”. A Educação Artística assume portanto, uma força constante no alcance deste desígnio, procura alcançar e integrar todos os alunos e por isso apresenta um vastíssimo plano de atividades¹⁵, estando presente em todos os momentos que envolvem a comunidade educativa, a saber:

¹⁵ Atividades planificadas e concretizadas no ano letivo 2014/2015

"(H)ora com Jesus", na preparação e decoração do espaço de oração; Gala da Ordem Terceira, com a participação especial da Escola de Dança; Semana de Ana Maria Javouhey, com a realização de várias instalações artísticas nos espaços do Colégio; Vigília de Oração, na preparação e decoração do espaço de oração; Dia da Comunidade Educativa, com atividades artísticas diversificadas e em articulação com a educação física; Participação de Natal no Dolce Vita, com a atuação de grupos corais, teatro, dança e ginástica artística; Festa de Natal - Pré-Escolar, com música, teatro, dança, ginástica e Cenografia; Sarau de Natal, com música, teatro, dança, ginástica e cenografia; Prix de Lausanne; Audições Musicais; Semana Cultural, com a decoração de salas; Semana Internacional de Bailado; Tanzolimpic – Solistas; Leiria Dance Competition; Apresentações teatrais, para os alunos da componente curricular; Apresentação de Teatro, do Clube Júnior; Concerto FOCO Musical; XII Concurso de Dança Dançarte; Final YAGP de Nova Iorque; Comemoração do Dia Internacional do JAZZ; IX Mostra de Teatro escolar de Coimbra - Oficina Municipal de Teatro; Mostra de Artes Visuais; Festa final de ano com música, teatro, dança, ginástica e Cenografia; Espetáculo de Ballet – TAGV.

Notas conclusivas

1. Nos documentos, PGF e IPE está bem patente a importância do EA, entendido como *um dos pilares da escola*, que procura alcançar e integrar todos os alunos e por essa razão contempla um vastíssimo plano de atividades;
2. Os principais documentos orientadores referem também a importância da partilha de recursos e decisões e de um discernimento comum ao nível dos melhores procedimentos para alcançar a missão a que o Colégio se propõe;
3. Entendemos que valorizar as opiniões dos alunos e a caminhada que cada um faz na sua singularidade pressupõe uma rede de relações próximas e empáticas, resultantes, em boa medida, da estabilidade de um corpo docente que procura acompanhar desde cedo o percurso escolar do aluno.
4. Esta rede de relações próximas favorece aprendizagens centradas na *pessoa* do aluno e este é, conseqüentemente, o resultado de uma missão alargada;

5. Compreendemos a importância da EA, pelas dinâmicas e múltiplas ações presentes nos espaços que todos partilham e porque, qualquer que seja a forma de arte que tende para o amor, ao belo e ao espiritual, faz parte da Pedagogia Cluny, não apenas pelo seu lado estético mas sobretudo porque toca muito perto o Criador;
6. Escutámos um discurso preocupado, no que concerne ao tempo destinado às artes e às questões motivacionais de alguns alunos;
7. Verificámos uma tendência decrescente na frequência das atividades artísticas e que o maior número de alunos, ainda assim muito baixo, concentra-se no primeiro e segundo ciclos, com particular incidência nas vertentes da Música e do Ballet. As restantes vertentes apresentam um número de inscrições muito baixo;
8. Na apreciação das atividades artísticas subentendemos três eixos estruturantes: A produção, no processo de saber fazer; a fruição, no processo de compreensão das mensagens, os significantes e significados e a reflexão, na produção de conhecimento, com a certeza que, para gostar é preciso saber apreciar e para isso são necessárias “ferramentas” adequadas;
9. Da análise comparativa do nível de apreciação constatámos que: os alunos do 6.º ano referem “*gostar muito*”, tanto da Dança como da Música, Teatro ou Artes Visuais, com respostas menos favoráveis para as Artes Visuais; Os alunos do 9.º ano referem “*gostar*” das quatro vertentes em análise, com tendência mais negativa para a Dança; os alunos do 12º ano referem também “*gostar*”, com uma tendência para “*gostar muito*” na vertente da Música;
10. Os professores e EE entrevistados, consideram genericamente que o EA está presente nos momentos mais solenes e importantes do colégio. É reconhecido e valorizado nas ações concretas apresentadas à comunidade: desde a pintura, audições musicais, espetáculos de ballet, apresentações teatrais e outras iniciativas. Concebem-no com uma janela de oportunidades, não apenas no domínio de formação de uma qualquer sensibilidade estética ou gosto, mas também pela oportunidade de formação mais ampla. Referem a importância de mobilizar uma maior parte de alunos, sobretudo os mais

velhos e de promover ações de reconhecimento àqueles que frequentam atividades artísticas específicas com acompanhamentos individualizados;

11. Os EE consideram que o colégio desenvolve educação pela arte porque as crianças assim o demonstram e isso reflete-se nas conversas com os alunos, atendendo ao facto de, desde muito cedo, serem convidados a trabalhar um tema cultural que os mobiliza em várias frentes artísticas. Também referem a importância de uma maior aposta, sobretudo na educação pré-escolar e no primeiro ciclo, porque há tendencialmente, uma maior preocupação em “ensinar letras, algarismos e contas”, sendo sobretudo necessário: “preparar o terreno e semear para mais tarde colher frutos”.
12. Depreendemos que não é só necessário preparar os alunos, mas também preparar os professores de todas as áreas disciplinares, porque pela EA é possível desenvolver conhecimentos de outras ordens. Com vista à valorização da Educação Artística no contexto da Escola Católica é importante compreender a cultura estética que promove a aproximação ao *Belo* e ao *Criador*, conduzindo o homem à plenitude dos seu desenvolvimento, na conjugação de forças sensíveis e racionais.

B. Práticas da Educação Artística na Colégio

Através da aprendizagem de técnicas, valores e códigos e da sua utilização, as práticas de Educação Artística procuram ser um forte contributo para “*modelar*” emoções, sentimentos e ideias, trazendo-as para o plano racional.

O aluno ao exprimir-se cria a oportunidade para desenvolver mais ideias, mais sentimentos e mais emoções e por inerência, também melhora as estruturas de cognição. Na Educação Artística do Colégio a transdisciplinar é numa abordagem de confrontação não só disciplinar, que promove uma nova visão sobre o mundo e a realidade, mas também uma atitude empática de abertura ao outro.

1. Processos e práticas pedagógicas

A missão dos educadores do Colégio é fazer com que o educando seja o sujeito e agente da sua própria formação que se desenvolve nas vertentes: *Pessoal, Social, Religiosa, Artística e Cultural*.

Na vertente *Pessoal*, o aluno deve tomar consciência da sua dignidade de pessoa e filho de Deus, assumir a responsabilidade dos seus atos, autodeterminar-se de forma consciente e livre pelos valores humanos e cristãos e capacitar-se de que tem de ser dom e serviço ao outro.

Na vertente *Social* o aluno deve cultivar as relações de afabilidade, amizade, gratuidade e entreaajuda comprometer-se com a vida escolar, procurando superar as pressões de diversa natureza que sejam contrárias aos valores que o enobrecem, dever moral de partilhar saberes e competências, solidarizar-se com os grupos menos favorecidos, colaborando na sua humanização, respeitar as diferenças étnicas, culturais, artísticas e religiosas de cada povo e ser construtor duma cidadania comunitária.

Na vertente *Religiosa* o Colégio procura formar os alunos no sentido cristão da vida para que estes, de forma livre digam sim a Deus. Investe na formação religiosa séria, atualizada e cria espaços de oração pessoal e em grupo.

O projeto de educação integral da escola inclui respostas às inquietações religiosas e pastorais dos professores, das famílias e dos alunos crentes, promovendo serviços de catequese, convívios

formativos, participação em associações, movimentos paroquiais, diocesanos, nacionais e internacionais.
(IPE 2015, p.21)

Na vertente *Cultural* o Colégio, enquanto escola cultural, procura promover a cultura através da investigação e aprofundamento de um tema cultural que vai além dos programas curriculares, permitindo uma visão holística e um conhecimento globalizante. Apropria o aluno de um saber crítico de bens e valores culturais e procura desenvolver todas as potencialidades em ordem à sua formação integral.

Na vertente *Artística* o Colégio assume-se como Escola Artística que proporciona aos alunos conhecimento teórico e a prática de várias atividades de carácter artístico, tais como: Artes Visuais, Música, Teatro e Dança, que visam, como preconizado no Ideário e Projeto Educativo:

A aprendizagem de qualidade no âmbito do ballet, em todas as suas vertentes; O desenvolvimento e trabalho do dom da voz, ouvido e ritmo, através dos grupos corais, o exercício da concentração e destreza manual na aprendizagem do ritmo e harmonia, através da componente instrumental: piano, órgão, guitarra, bateria, percussões, flautas, xilofones e outros; O incentivo à produção artística nas vertentes do desenho, pintura, fotografia, instalação e multimédia na construção de formas e imagens que promovam o desenvolvimento da sensibilidade, do pensamento crítico, criativo e da exploração integrada de novos valores humanos; A expressão artística sentida e desenvolvida através da prática do teatro; O desenvolvimento motor, através da prática da Ginástica Artística e Acrobática, explorando coreografias em grupo.
(IPE 2015, p.13)

Questionando a Diretora Geral e os professores com funções de coordenação artística, compreendemos que há de facto sintonia, quer no modo de pensar quer nas suas práticas. O professor de música afirma:

Se educamos crianças de uma idade em que absorvem tudo o que lhes é transmitido, essa fase deve ser aproveitada para fomentar equilíbrio e abertura para o desenvolvimento intelectual que a arte proporciona. (...) O nosso Projeto Educativo, porque assenta numa postura que favorece a Arte e a Cultura, explora as várias vertentes artísticas, que ao longo do tempo vão conseguindo congregar cada vez mais pessoas, isto porque há essa propensão para favorecer o belo e o estético. (EPM)

Outras opiniões demarcam esta leitura, denotando uma partilha de horizontes. O professor de teatro afirma que o Ensino Artístico no Colégio,

Tem uma importância absolutamente fundamental, no âmbito de uma escola católica cultural que valoriza as artes, valoriza o ser humano na sua essência mais bela. (...) Assume um papel determinante. Ele existe em diversas vertentes e está acreditado de diferentes formas: teatro, dança, música, artes plásticas, (...) Estas disciplinas aparecem no âmbito curricular mas também em extracurricular, dado o peso que estas atividades têm no conjunto dos papéis curriculares e extracurriculares, são determinantes. (EPT)

Prosegue ainda,

O Ensino Artístico é um tipo de ensino específico, está presente nos momentos mais solenes e importantes da vida do Colégio, seja na semana cultural como nas efemérides mais importantes: Natal, dia da Madre Fundadora, Páscoa, final do ano, (...). Está também presente noutros momentos não menos solenes, (...) Em termos curriculares todas as atividades têm a oportunidade de regularmente apresentar as suas realização dentro do colégio ou fora e até internacionalmente como é o exemplo do Ballet. (EPT)

As aulas, com características distintas das demais disciplinas do currículo, “Proporcionam um ambiente que favorece quer o desenvolvimento afetivo quer o cognitivo, através de aprendizagens ativas, significativas, diversificadas, integradoras e socializadoras.”¹⁶, por exemplo no Teatro, em que “a prática dramática, imaginação, ideias e sentimentos são representados através do movimento, do som, da imagem e da ação.”¹⁷

O Colégio centra a ação educativa numa aprendizagem globalizante, procura harmonização das mensagens socializadoras no sentido de gerar a reflexão sobre valores e atitudes e “adequa as estratégias de ensino às características dos alunos, explorando as suas motivações e interesses.”¹⁸

Nas práticas pedagógicas da vertente artística, a articulação com outras áreas de conhecimento, “proporciona formas e meios expressivos para explorar conteúdos e temas de aprendizagem que podem estar articulados com outras disciplinas do

¹⁶ In Plano Geral de Formação 2015 (p.19)

¹⁷ Idem, p.197

¹⁸ Idem, p.19

currículo escolar.”¹⁹ Com efeito, no Teatro aplica-se uma metodologia essencialmente cooperativa, que promove a colaboração e a interdependência no seio do grupo e no processo de aprendizagem, “os alunos desenvolvem continuamente a utilização do corpo e voz perspectivados numa forma integrada como veículos fundamentais da expressão e comunicação.”²⁰

Na Dança, a postura correta do corpo é o suporte e o ponto de partida para que qualquer ação física seja executada de forma eficaz, por isso, “a sequência de diversos exercícios, posições e movimentos, permitirão um gradual trabalho de evolução a nível físico, contribuindo para uma melhor postura, estabilidade, segurança, harmonia, equilíbrio e graciosidade em toda a sua técnica.”²¹, que se traduzem progressivamente, numa virtuosidade técnica capacitando-o para trabalhos a apresentar nas várias atividades culturais do Colégio

1.1 Planificação e organização das atividades artísticas

Sendo o Colégio uma Escola Católica Cultural, a planificação e organização de todas as atividades artísticas têm uma importância central, quer pelas dinâmicas próprias de uma *Escola Viva*, quer pela articulação que toda a atividade cultural tem com a atividade pastoral. É neste entrosamento, que procura uma forma equilibrada de se apresentar, que o aluno entra e dá-se à experiência única de viver a síntese entre a *fé* a *cultura* e a *vida*, traduzida nas várias disciplinas, à luz da mensagem evangélica e pelas virtudes de cada ser cristão.

Pela preponderância que têm, “*Planificamos a atividade artística mais ainda que a vertente curricular. Cada setor tem as suas competências, e portanto planifica, executa, valoriza e demonstra aquilo que foi planificado.*” (EDG)

No que diz respeito às aulas, a planificação e organização do trabalho, assume algumas diferenças tendo em conta a especificidade de cada vertente. No caso das disciplinas consignadas no currículo, o Teatro ou a Educação Visual, a planificação é organizada de acordo com um programa nacional, ajustada e dinamizada à realidade de cada contexto/turma. No caso da vertente extracurricular, a

¹⁹ Idem, p.199

²⁰ Idem, p.200

²¹ Idem, p.221

planificação e organização obedece a múltiplos fatores, em boa medida pelo entrosamento com a componente Católica e com a vertente Curricular. Todo o trabalho começa a ser delineado no fim de cada ano letivo, como poderemos ver mais à frente neste estudo.

A professora de Dança destaca que a planificação, *“É um trabalho realizado umas vezes individualmente e outras vezes com os alunos. Há projetos que evoluem com a opinião dos bailarinos.”* (EPD). Ideia reforçada pelo facto de a Escola de Dança compreender um número significativo de bailarinos entre a Educação Pré-Escolar e o Secundário com motivações, expectativas e gostos diferentes:

“Há vários fatores que são trabalhados para que haja uma maior aproximação do projeto com os alunos, desde a música ao guarda-roupa. A organização hoje não é tão taxativa como alguns anos atrás. (...) Todos os anos há novos projetos e nuances, novas modalidades. A montagem de determinadas coreografias é resultado de um trabalho discutido permanentemente.” (EPD)

Nas concretizações mobilizam-se competências transversais à atividade artística:

Focados nesse objeto que é a peça, vamos desenvolvendo competências a montante e a jusante e mobilizam-se competências para além das que são necessárias para o teatro; saber estar num espaço público, saber relacionar-se com os outros, verbalizar a sua opinião de forma adequada, incisiva e assertiva, (...) (EPT)

O professor de Música refere também as diferenças entre as disciplinas do currículo e as extracurriculares, salientando que:

“A Música e a Educação Musical como são diferentes, também a planificação é diferentes, temos realidades de programação diferenciadas.”

E prossegue fazendo referência à questão da avaliação:

“Na Música como atividade extracurricular, a avaliação culmina numa audição musical. No 2.º ciclo estamos cingidos a um programa, músicas, matérias, conteúdos específicos já estabelecidos, embora possamos adaptar este ou aquele aspeto, (...). (EPM)

A Música assume um papel de grande relevância e está presente na maioria das atividades programadas. É uma vertente conexiva a todas as outras, envolve

conhecimentos que vão além do saber cantar ou tocar, é portanto transdisciplinar e mobiliza muitos alunos em múltiplas atuações:

“Como estamos a participar constantemente em atividades de carácter religioso, todas as aulas e programações tem que estar em equilíbrio com os conteúdos disciplinares, (...). Numa aula de música no primeiro ciclo tive que explicar a letra e a música, palavra a palavra, do cântico de Natal (O Milagre), para que as crianças entendessem o que estavam a cantar. Foi importante para eles a explicação da letra.” (EPM)

No Teatro a organização e planificação das atividades é feita em estreita articulação entre todos os professores da disciplina, contudo há margem para cada um desenvolver as suas opções:

“Na perspetiva do Teatro, em termos de definição dos conteúdos e matérias, começamos por ter uma planificação conjunta, depois a escolha dos textos dramáticos, elenco e opções de encenação que se vão tomando, é mais individualizada.” (EPT)

As apresentações teatrais são também momentos altos na Festa da Comunidade, na Semana Cultural, nos Saraus e Festas Finais de Período ou de ano. É neste contexto que os alunos concretizam, publicamente, as suas realizações e performances pessoais.

Nas Artes Visuais o trabalho é em boa parte definido no início de cada ano, também numa estreita articulação entre os elementos do grupo. No que concerne às atividades de carácter curricular: Expressão Plástica, Pintura, Educação Visual, Desenho ou Oficina de Artes, estas envolvem regularmente todos os professores do grupo. As exposições temporárias, instalações artísticas, são também um bom exemplo da organização e método de trabalho. A professora de Artes Visuais refere o carácter de entreajuda e as dinâmicas de avaliação diagnóstica:

A organização e planificação dos trabalhos é feita sempre em conjunto com os colegas, dialogamos e trocamos ideias, (...) Estamos sempre a ver o que resultou e não resultou e procuramos sempre melhorar. Não planificamos tudo sozinhos, procuramos também a ajuda dos outros colegas.” (EPAV)

1.2 Articulação das atividades artísticas entre si e com as outras áreas do saber

1.2.1 O tema cultural como ponto de partida

As diferentes dimensões artísticas do Colégio procuram responder, de forma conjunta, ao tema cultural proposto no início de cada ano. O tema é apresentado pela Diretora Geral e posteriormente apresentado em Conselho Cultural com os projetos de cada turma, numa reunião que também envolve os Delegados Culturais. De acordo com o Ideário e Projeto Educativo, “É intenção formar a Comunidade Educativa mediante: Reuniões de preparação das celebrações de caráter religioso, cultural e artístico.” (IPE, 2015, p.P15)

A articulação com as restantes disciplinas curriculares procura efetivar-se no decorrer do ano em muitas iniciativas. A planificação do tema cultural, realizada em conjunto com Diretores de Turma, Secretários e Coordenadores de ciclo, estabelece objetivos e atividades que envolvem necessariamente as componentes artísticas. Estas são a “primeira órbita” do projeto cultural, contudo há todo um trabalho que vai sendo realizado ao longo do ano nas disciplinas curriculares e com mais profundidade na Direção de turma.

1.2.2 Articulação das planificações do tema cultural com o as vertentes artísticas

O tema cultural “Jovens, Solidariedade, Missão”, génese do desenvolvimento desta ação conjunta, evoluiu de acordo com as sinergias criadas por cada turma, a articulação com outras áreas e outros saberes estabelece-se para que a aprendizagem do aluno vá além dos saberes curriculares e seja essencialmente globalizante:

Na senda de uma formação integral do aluno procura promover o alargamento cultural através da investigação e aprofundamento de um tema cultural que extrapola os programas curriculares e permite uma visão holística e um conhecimento globalizante. (IPE, 2015, p.13)

O mesmo documento aponta para a importância de uma construção comum e integrada dos saberes:

O Projeto Curricular de Escola procura estabelecer prioridades de atuação ao nível das competências essenciais e transversais, proporcionando uma visão global das situações e uma construção interdisciplinar e integrada dos saberes. (IPE, 2015, p.22)

Saberes que se reforçam com diversas ações de caridade e solidariedade social. Nos tempos que decorrem “Urge sonhar, partilhar, ajudar, espalhar simples sorrisos e abraçar aqueles que nos enchem a alma para poder retribuir os mesmos sorrisos e os mesmos abraços, àqueles que não têm tantos motivos para sonhar.”²² Motivados pelo desenvolvimento do projeto cultural, os alunos envolveram-se em ações solidárias com vinte e cinco instituições. Um dos pontos altos do trabalho realizado foi apresentado na exposição da Semana Cultural, onde as várias turmas mostraram as suas múltiplas iniciativas, conscientes que o projeto, na altura em curso, só terminaria no final do ano letivo. Apresentamos no Quadro 8 algumas iniciativas contempladas nas planificações culturais, com cariz marcadamente artístico:

²² Carta da Associação de Pais do Colégio que Lopes (2014), apresenta a propósito do tema cultura.

Quadro 8
Atividades artísticas contempladas nos nas planificações culturais
(Planificação do tema cultural de 2014/2015)

Atividades de expressão plástica	PRE
Concerto solidário de Natal. Preparação de canções e danças para apresentar às crianças do Ninho	PRE
Dramatização da lenda “O milagre das rosas”	PRE
Elaboração de trabalhos de expressão plástica	1CEB
Dramatização do Milagre das Rosas	1CEB
Organização das exposições da Semana Cultural	1CEB
Educação Visual: Ilustração das parábolas e elaboração de um painel com os trabalhos	5ANO
Educação Tecnológica: Construção da imagem da Rainha Santa Isabel com materiais recicláveis	5ANO
Educação Musical: Musicalização das parábolas	5ANO
Educação Visual: Adaptação das diferentes parábolas para banda desenhada	6ANO
Educação Tecnológica: Construção da imagem de Santo António com materiais recicláveis	6ANO
Educação Musical: Musicalização das parábolas	6ANO
Elaboração de trabalho artístico em colaboração com a disciplina de EV	7ANO
Atividades de vivência cultural: Saraus, Audições Musicais, Semana Cultural, Bailados...	7ANO
Elaboração de trabalho artístico em colaboração com a disciplina de EV	8ANO
Execução de trabalhos artísticos em colaboração com a disciplina de Educação Visual (cartões de Boas Festas)	9ANO
Atividades de intervenção (Teatro)	9ANO
Produção e exposição de trabalhos	10ANO
Elaboração de sínteses ilustradas e apresentadas em suporte multimédia	10ANO
Atividades de cooperação, trabalhos de grupo, pares	11ANO
Pesquisas nas disciplinas que fazem parte do Conselho de Turma. Cada docente do Conselho de Turma é convidado, com a respetiva turma, a pesquisar diferentes personalidades que, na sua área, foram missionários e/ou cultivaram a solidariedade, bem como os escritos produzidos que reflipam a mesma temática.	11ANO
Atividades de cooperação, trabalhos de grupo, pares.	12ANO
Pesquisas nas disciplinas que fazem parte do Conselho de Turma. Cada	12ANO

docente do Conselho de Turma é convidado, com a respetiva turma, a pesquisar diferentes personalidades que, na sua área, foram missionários e/ou cultivaram a solidariedade, bem como os escritos produzidos que reflitam a mesma temática.

1.2.3 Articulação das atividades artísticas

A variável “tempo”, influencia decisões, influencia inevitavelmente as práticas artísticas e as performances dos alunos. A parte curricular e a vertente artística extracurricular encontram-se em “pequenos tempos” que surgem, ou nas horas de almoço, ao fim da tarde ou ao sábado como é o caso da Dança. Neste tempo, ou nesta falta de tempo parecem surgir algumas angustias, próprias de quem quer fazer melhor e mais. A professora de Dança salienta:

“A articulação vai sendo feita com alguma dificuldade, entre o tempo das outras expressões artísticas, o tempo dos alunos, o tempo do professor, o tempo das outras disciplinas.” E continua, “É muito complicado fazer momentos que retratem a vida de Ana Maria Javouhey, sem ter uma outra parte encenada.” (EPD)

Refere ainda:

“Todos vamos “puxando as pontas soltas” para nos alinharmos uns com os outros, tentamos estar em consonância (com o IPE), apesar de estarmos a fazer coisas um pouco diferentes. (EPD)

Os saraus culturais ou espetáculos de fim de ano, não seriam possíveis de realizar se não houvesse o mínimo de articulação entre os que participam, mas estas iniciativas envolvem essencialmente a vertente extracurricular, ficando as demais disciplinas fora deste contexto. O professor de Teatro refere a este propósito que:

“Entre si sim, destaco as múltiplas iniciativas do sarau cultural em que trabalhamos articulados e de forma estreita, mas com as áreas curriculares não, tanto como seria desejável, (...) As áreas curriculares focam-se nas matérias conteúdos e formação e deixam um pouco à margem esta vertente de formação.” (EPT)

Ideia também reforçada pela professora de Artes Visuais:

“Há articulação, numas mais, noutras menos, por exemplo a dança, o teatro, a música participa mais em conjunto em muito projetos.”(EPAV)

Os Encarregados de Educação percebem a preocupação que existe para que tudo funcione e funcione bem:

“É uma preocupação da Direção, nos termos e no contexto do tema cultural que é agregador, e onde a arte está sempre presente, (...)”. (EE1)

Outras percepções fazem-se sentir sobretudo nas exposições temporárias, na Semana Cultural ou eventos que se realizam no decorrer do ano, na medida em que são pontos fortes onde há essa evidência:

“Os diversos ramos das ciências procuram colaborar entre si, tendo em conta o trabalho extraordinário que se faz nas artes.” (EE2)

“Em algumas situações sim, por exemplo na matemática, com as cidades geométricas, no português com as ilustração de textos do corpus de leitura da disciplina, (...) Mas poderia ser mais generalizado a outras disciplinas.” (EE2).

Mas também há a visão mais cética sobre o assunto, como referem alguns Encarregados de Educação:

“Não parece haver articulação, é muito difícil articular as vertentes artística com as aulas, (...) Se os horários permitissem aos alunos criar música ou pintura, seria muito bom, a parte curricular ocupa o horários a maior parte do tempo, alguns alunos têm só uma tarde livre e muitos tem atividades fora.” (EE3)

Ideia também espelhada pela (EE5), com uma visão sobre uma certa “inoperância” dos professores para a Educação pela Arte:

“Não, o colégio parece falhar um bocadinho, não se está a conseguir fazer essa ponte. Penso que os professores não estão despertos para a vertente artística nas suas disciplinas.” (EE5)

Os objetivos e o tempo, parecem ser fatores determinantes:

“Sim, no básico nota-se que no teatro há um trabalho articulado com as outras áreas, no secundário não penso que isso esteja a ser feito, (...). Os cursos do secundário requerem muito a parte do estudo, (...). Parece não haver tempo para as atividades extracurriculares.” (EE4)

Articulação do ensino artístico com outras áreas do saber está bem referenciada no PGF, nas planificações departamentais gizadas no início de cada ano letivo nas reuniões departamentais e posteriormente apresentadas e aprovadas em Conselho Pedagógico. Atendendo a que um excesso de planificações, planos e projetos a realidade tende a ficar muito aquém do desejado e previsto²³, não podemos deixar de referir também que, apesar de a ação educativa tomar rumo por estes planos de intensões, também abrem as perspetivas de um novo ano, um rumo que se quer seguir e por isso planeia-se.

No PGF a articulação com a vertente artística é apresentada num conjunto de iniciativas referidas no Quadro 9, sobre a forma de intensão, estando os organizadores consciente das imponderáveis que podem alterar o rumo inicialmente traçado:

Quadro 9

Atividades artísticas contempladas nos vários departamentos

<i>“Desenhar a História”, Património arquitectónico da cidade de Coimbra: Largo da Portagem, Governo Civil, Largo da Sé Velha, Quebra Costas, Rua Joaquim António de Aguiar, Torre de Anto, Arco de Almedina e Arco de Barbacã, Praça 8 de Maio, Igreja de Santa Cruz e Jardim da Manga, Praça do Comércio, Igreja de Santiago e Igreja de São Bartolomeu, Museu Nacional Machado de Castro.</i>	DAV
Trabalho em equipa de professores dos alunos do mesmo ano de escolaridade;	DCHS
Visita à Casa das Irmãs de SJC: Apresentação do Tema Cultural e sua relação com a vida e Obra de Ana Maria Javouhey.	DCHS
Sessões várias em comemoração do dia Mundial da Música.	DA
Visita de estudo à Cidade de Lisboa: Torre de Belém, Monumento às Descobertas; Padrão dos Descobrimentos, Museu da Marinha e Mosteiro dos Jerónimos.	DCHS
Visita de estudo à cidade de Coimbra. Torre e Arco de Almedina. Igreja e Mosteiro de Santa Cruz, Sé Velha.	DCHS
Visita de Estudo ao Mosteiro da Batalha e Centro de interpretação da batalha de Aljubarrota.	DCHS
Visita de Estudo ao World of Discoveries.	DCHS

²³ Dos Mitos - O excesso de planificação e de planos. Crónica em que Alves (2011) refere as 5 barreiras à ação resultantes deste excesso, partindo de Pfeffer e Sutton (2000, 2006)

Visita ao centro histórico do Porto, classificado pela UNESCO.	DCHS
Visita de estudo a Madrid: Escorial, Vale dos Caídos, Museu do Prado e Museu Rainha Sofia, Museu Thyssen, Estádio Santiago Barnabéu).	DCHS
Visita de estudo a Lisboa: Palácio Nacional de Queluz; Assembleia da República; Museu do Banco de Portugal; Teatro Nacional D. Maria II.	DCHS
" <i>Jovens, Solidariedade e Missão</i> ": Desenho, pintura, técnica mista, e fotografia	DAV
Instalação alusiva ao tema Cultural;	DAV
" <i>Jovens, Solidariedade e Missão</i> ": Estudo e implementação de projetos para as diferentes IPSS da cidade: Trabalho a realizar nas aulas e/ou nos diferentes locais.	DAV
" <i>Sementes solidarias</i> ": 5º e 6º - ET e EV " <i>Árvores e Canteiros de Valores</i> ": 7º, 8º e 9º - EV; Interpretação plástico-visual da " <i>Árvore dos Valores</i> ": Secundário	DAV
Cenografia para os espetáculos a desenvolver pelo Colégio.	DAV
Exposição de Artes Plásticas.	DAV
Sessões várias em comemoração do Dia Mundial da Música.	DA
Gala da Ordem Terceira: Participação especial da Escola de Dança.	DA
Participação do Colégio no Youth American Grand Prix (YAGP): Partilhar vivências e experiências relativas à arte da dança. Concorrer e confrontar o desempenho técnico e artístico com solistas escolas de dança internacionais.	DA
Espectáculo de Natal no <i>Dolce Vita</i> : Mostrar a toda a comunidade o progresso e o desenvolvimento técnico e artístico dos alunos; Desenvolver a maturidade psicológica para enfrentar uma atuação em público.	DA
Festa de Natal da Pré-Escolar.	DA
Prix de Lausanne: Partilhar vivências e experiências relativas à arte da dança. Concorrer e confrontar o desempenho técnico e artístico com solistas escolas de dança internacionais.	DA
Audições Musicais: Mostrar a toda a comunidade o progresso e o desenvolvimento técnico e artístico dos alunos; Desenvolver a maturidade psicológica para enfrentar uma atuação em público, interpretando individualmente peças musicais.	DA
Semana Cultural: Demonstrar os progressos feitos pelos grupos de dança, teatro e música na interpretação técnica e artística; Expressar o carácter lúdico, ético e estético do tema trabalhado.	DA
Apresentação de peças de Teatro Curricular: Mostrar as técnicas e conhecimentos adquiridos ao longo do 1º semestre; Sensibilizar para a aprendizagem da arte de representar;	DA
Semana Internacional de Bailado do Porto: Partilhar vivências e experiências	DA

relativas à arte da dança. Concorrer e confrontar o desempenho técnico e artístico com solistas escolas de dança internacionais.	
Tanzolimp (solistas): Partilhar vivências e experiências relativas à arte da dança. Concorrer e confrontar o desempenho técnico e artístico com solistas escolas de dança internacionais.	DA
Leiria Dance Competition: Partilhar vivências e experiências relativas à arte da dança. Concorrer e confrontar o desempenho técnico e artístico com solistas escolas de dança internacionais.	DA
Apresentação de peça de Teatro (Clube Júnior): Mostrar as técnicas adquiridas ao longo do ano; Sensibilizar para a aprendizagem da arte de representar.	DA
Concerto “Foco Musical” – Orquestra dos Brinquedos: Mostrar aos alunos formas alternativas de abordar conceitos musicais tradicionais, nomeadamente através de instrumentos musicais não-convencionais.	DA
XI Concurso de Dança Dançarte / Final YAGP New York: Partilhar vivências e experiências relativas à arte da dança. Concorrer e confrontar o desempenho técnico e artístico com solistas escolas de dança internacionais.	DA
Dia Internacional do JAZZ (Unesco) – Concerto infantil: Ensaios, preparação e sensibilização para este género musical.	DA
IX Mostra de Teatro Escolar de Coimbra: Divulgar as práticas da atividade teatral de algumas escolas da cidade de Coimbra; Partilhar vivências, experiências e espetáculos teatrais.	DA

O Colégio promove em vários momentos do ano letivo, uma cultura de reflexão e de análise dos processos de ensinar e de fazer aprender, através de reuniões dos grupos disciplinares e departamentais, bem como o trabalho de colaboração entre todos os atores educativos, para proporcionar intervenções de melhor qualidade.

1.3 Articulação das atividades artísticas com a vertente católica

A Escola Católica Cultural define-se, enquanto realidade eclesial na missão da própria Igreja, como uma escola que tem como horizonte um projeto de educação integral, uma Escola que procura:

Dinamizar toda a turma no envolvimento e participação de todas as atividades formativas promovidas pelo Colégio de caráter científico-pedagógico, cultural, artístico e pastoral. (IPE, p.49)

A este propósito, a ação docente é planificada no sentido de criar condições de aprendizagem que permitam estimular aptidões, criar e desenvolver atitudes, proporcionando de forma progressiva e sustentada novas aprendizagens, sempre de “olhos e coração” postos na missão católica que lhe confere o estatuto. Objetivos que estão demarcados na linha de ação dos departamentos artísticos, como por exemplo:

“Aprofundar a sensibilidade estética, iniciando na apreciação crítica das obras de arte e definindo progressivamente um código de gostos pessoais.”; “Desenvolver competências de responsabilidade e de autonomia.” (PADCSH, 2015).

“Desenvolver, promover e sensibilizar para o projeto cultural e artístico do Colégio.”; “Proporcionar oportunidade para desenvolver a fruição e contemplação, produção e criação.”; “Envolver os alunos na elaboração de atividades para a comunidade e transversalmente com a disciplina de EMRC”. (PAAAV, 2015).

A articulação do ensino artístico com a vertente católica faz parte da identidade da Escola Católica Cultural. O Colégio objetiva a formação integral do aluno em todas as suas dimensões, dinamizando a sua humanidade, para capacitá-lo de saberes e valores de modo a poder inserir-se nas estruturas sociais. As ações que promove e articula entre a vertente artística e a católica estão consignadas no PGF, nas atividades organizadas e promovidas pelos departamentos, como podemos verificar no Quadro 10:

Quadro 10
Articulação do ensino artístico com a vertente católica,
de acordo com o PGF 2014/2015

O Colégio objetiva a formação integral do Homem em todas as suas dimensões, de forma a torná-lo capaz de se inserir nas estruturas sociais, dinamizando a sua humanização	P6
<i>“Os valores na missão solidária de Ana Maria Javouhey” - Dar “forma” às Missões Evangelizadoras de AMJ; Lugares Europeus onde a Congregação SJC está em Missão</i>	AV
Símbolos e tradições do Natal: Presépio, polígonos estrelados. Produção de presépios com materiais reciclados e Polígonos estrelados (...)	AV
O presépio geométrico, bi e tridimensional, com recurso à geometria no plano	AV

O presépio contemporâneo na pintura e na escultura. Desenho, pintura e representação tridimensional	AV
<i>Viver a Páscoa - Fonte de esperança e optimismo.</i> Interpretação e trabalho plástico orientado e em coordenação com a Pastoral	AV
Missa Solene de Abertura do Ano Escolar (com expressão corporal)	DA
Vigília pelo nascimento de Ana Maria Javouhey	DA
Festa de Natal: Demonstrar, através da dança, música e teatro, que o nascimento de Jesus Cristo deu alegria ao Mundo	DA
Celebração Litúrgica de Advento: Integrar a comunidade educativa no espírito de Advento/Natal com a participação de coros e instrumentos.	DA
Sarau de Natal: Festa de Natal: Demonstrar, através da dança, música e teatro, que o nascimento de Jesus Cristo deu alegria ao Mundo	DA
<i>Festa da Palavra:</i> Consciencializar o educando para o dever de colocar os seus dons artísticos ao serviço do louvor de Deus e do bem da comunidade	DA
Celebrações Eucarísticas Quaresmais: Ensaios, preparação e sensibilização	DA
Celebração da Festa de S. José: Ensaios, preparação e sensibilização	DA
Festa da Aliança: Consciencializar o educando para o dever de colocar os seus dons artísticos ao serviço do louvor de Deus e do bem da Comunidade	DA
Festa da Primeira Comunhão: Ensaios, preparação e sensibilização	DA
Festival SOLNEC: Participar com as outras Escolas Católicas da Diocese de Coimbra em projetos comuns canalizando receitas para instituições de carácter humanitário	DA

Como é possível verifica no Quadro 10, as atividades artísticas articulam-se com a vertente Pastoral em inúmeras iniciativas. Os alunos são convidados a participar nas celebrações litúrgicas ou na (H)ora com Jesus, através dos coros, onde a voz e outros instrumentos em aprendizagem se articulam, em algumas situações com expressão corporal. Também nas ações solidárias, através de participações em Saraus Solidários como o *Festival Solnec*, que envolve um núcleo de Escolas Católicas, ou nas visitas a centros de solidariedade sociais, onde a presença dos alunos faz-se sentir pelas diferentes expressões artísticas. A escola também vive para dentro, isto é, procura também olhar para os alunos nos seus contextos, fortalecendo os valores da missão. As Artes Visuais neste ponto promove a participação na vertente Pastoral convidando os alunos a desenvolver as suas

criações e a participar com os professores, através de instalações temáticas, na decoração dos espaços, na elaboração de cartazes, pinturas, vídeos, entre outras

1.3.1 Preponderância da vertente artística na planificação da vertente católica

De acordo com a planificação da Pastoral a vertente artística assume preponderância, sobretudo em iniciativas como: “(H)Ora com Jesus”; “Estudo da vida e obra de Ana Maria Javouhey”, pela dramatização e musicalização; “Na vivência da festa do Natal” ou na “Missa Solene de abertura do ano escolar - expressão corporal”, também “Na profissão de Fé: Ensaios, preparação e sensibilização”; na “Celebração eucarística de ação de Graças aos finalistas – Ação de graças pela conclusão do percurso no Colégio: Ensaios, preparação e sensibilização.” (PAP, 2015).

1.4 Práticas de ensino-aprendizagem

Os professores orientam a ação educativa, tendo em vista a descoberta de valores e a tomada de atitudes, segundo uma metodologia didática que visa promover a autorrealização do aluno, o sentido de cooperação e de solidariedade com os colegas. Metodologia que “Procura utilizar, em cada momento, os avanços pedagógicos e científicos, que são fruto de uma constante atualização.” (IPE, 2015, p.25) e por isso o Colégio procura ser uma escola que “não se esvazia daquilo que a pessoa é” como refere a Diretora Geral:

(...) O colégio tem que ser uma escola que não se esvazia daquilo que a pessoa é, (...) No colégio têm surgido todas as vertentes artísticas com um desempenho muitíssimo bom. Efetivamente o facto de burilarem a personalidade com a vertente artística, os educandos acabam por se transformar em aprendizes científicos, porque os ajudam a organizar o pensamento, o coração e outros aspectos da vida. (EDG)

Mas a Educação Artística em geral e muito particularmente aquela que se concretiza no Colégio deve ser vista com seriedade, na opinião da professora responsável pela Escola de Dança,

A arte deve ser vista com seriedade, (A arte não pode ser vista como entretenimento despreocupado), com respeito e reconhecimento do que está a ser feito. No tempo

“tão evoluído” em que vivemos, deveria haver uma maior mudança nas atitudes, no respeito pelo profissionalismo com que se fazem as coisas e pelo trabalho artístico que o aluno vai realizando (...). Poucos são aqueles que dão valor à parte artística, em parte porque não foram habituados a isso. (EPD)

Salienta ainda, em palavras que denotam alguma preocupação:

Dá-se muito valor à cultura “fast-food” e de aparências, estamos a fazer uma caminhada lenta e dolorosa. (...) É fundamental aprender a gostar, por exemplo na música, se o alunos ouvir desde pequeno os grandes clássicos é óbvio que vai estar mais sensibilizado para ouvir qualquer música independentemente de gostar das músicas da atualidade. Os alunos que têm estas experiências reconhecem facilmente as músicas porque estão sensíveis a isso. (EPD)

No sentido de apurarmos se o Colégio é uma escola que “não se esvazia daquilo que a pessoa é” e que desenvolve, por via das vertentes artísticas, uma educação para os valores e para a educação integral do aluno, procedemos à aplicação do questionário (Anexo 6). Para as respostas obtidas em cada item, foram construídos gráficos de barras agrupadas, com base comparativa entre as respostas dos inquiridos no 6.º, 9.º e 12.º ano de escolaridade.

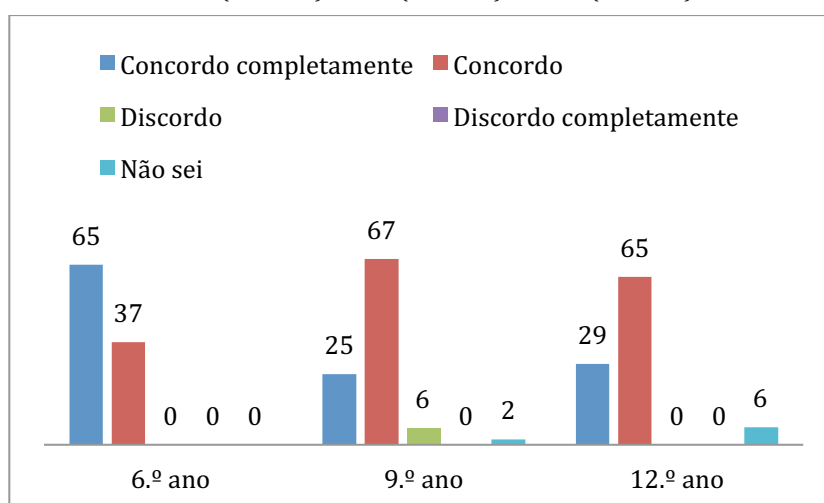
Procuramos a partir deste ponto, apresentar e discutir os resultados, inferindo sobre as perceções dos alunos às práticas de ensino, aprendizagem e avaliação no ensino artístico bem como aos impactos deste no seu desenvolvimento académico e pessoal.

1.4.1. Práticas de ensino, aprendizagem e avaliação no ensino artístico

A análise dos questionários incide sobre os níveis de concordância e discordância relativamente a cada item de resposta fechada. Para cada item apresentamos um gráfico comparativo das respostas obtidas e por ano letivo. Os valores são expressos em termos percentuais, permitindo-nos comparar melhor os sujeitos inquiridos em função do níveis de concordância e discordância.

Quando questionados sobre a qualidade do ensino artístico no Colégio, Gráfico 1, os alunos do 6.º ano responderam todos que concordam completamente ou que *concordam*, denotando, portanto uma apreciação muito positiva pelo EA, facto que se esbate no 9.º ano em que 6% dos alunos discordam e 2% respondem que não sabem. Estes valores, embora baixos, não podem ser menosprezados, uma hipótese explicativa prende-se com o culminar de um ciclo de aprendizagens rico de experiências artísticas, do Educação Visual ao Teatro Curricular e que inevitavelmente coincide com uma fase de afirmação e dúvidas da criança, com maior tendência de dispersão de interesses, dentro e fora do Colégio. No 12.º ano 65% dos alunos respondem que concordam, 29% que concordam completamente e 6% alegam que não sabem. Apesar de uma apreciação positiva há uma inversão comparativamente aos alunos do 6.º ano, revelando que, não obstante da concordância não é evidente a excelência de qualidade. Estes valores podem sugerir um outro olhar sobre a escola e muito particularmente sobre as atividades artísticas. A experiência dos alunos, fruto de uma maior mundividência, pode ser uma das razões para “uma leitura mais atenta” a eventuais situações menos boas.

Gráfico 1
O ensino artístico no Colégio é de boa qualidade
Comparação do nível de apreciação
 6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)

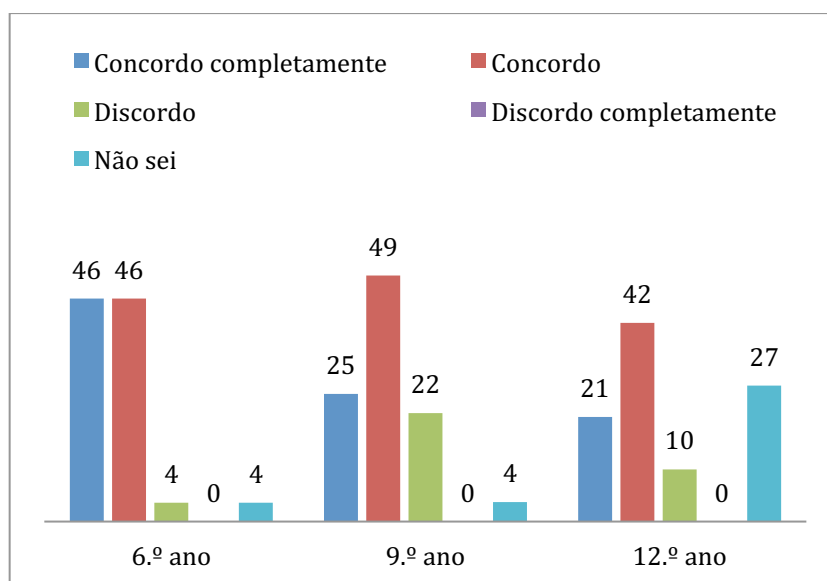


Quando questionados sobre o ritmo de aprendizagem nas atividades artísticas, Gráfico 2, os alunos do 6.º ano responderam maioritariamente que concordam e concordam completamente com igual percentagem de 46%, apenas 4%

responderam discordar e outros 4% responderam não saber. Contudo no 9.º ano a apreciação é menos positiva, 25% dos alunos discordam, considerando que o ritmo de aprendizagem é imposto não atendendo ao ritmo e capacidade de cada um. Esta percentagem é significativa e evidencia uma área de melhoria. As atividades que permitem uma aprendizagem ao ritmo de cada aluno são determinantes para o sucesso do mesmo, o contrário é revelador de uma certa incapacidade em gerir as diferenças ou as desigualdades pessoais, Azevedo (2011). Os diferentes ritmos de aprendizagem fazem parte da natureza humana e a escola não pode desvincular-se da sua identidade. No 12.º ano os alunos responderam de forma mais equilibrada com pendor concordante, mas destaca-se o facto de 27% dos alunos afirmarem não saber, valor substancialmente elevado quando comparado com os outros anos letivos. Estes valores podem prender-se com vários fatores, admitimos no entanto a hipótese de alguns alunos apenas frequentarem o secundário ou 12.º ano e o desconhecimento ser consubstanciado pela não frequência de qualquer atividade artística, admitimos também alguma falta de esclarecimento dos objetivos traçados em cada área e para cada aluno.

Gráfico 2

As atividades que pratico nas áreas artísticas permitem-me aprender ao meu ritmo
 Comparação do nível de apreciação
 6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)



No Gráfico 3 podemos constatar que os alunos consideram que os professores estão atentos às dificuldades, apenas 14% dos alunos do 9.º discordam e 4% discordam

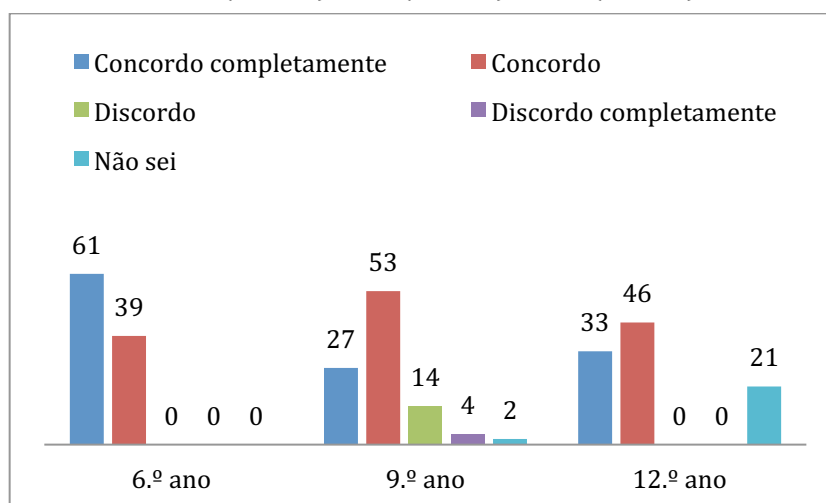
completamente. Neste ponto, há uma clara melhoria a fazer-se, contudo deveremos destacar o facto de os sujeitos inquiridos encontrarem-se no contexto de turmas numerosas, sobretudo na disciplina de Educação Visual, facto que pode limitar o acompanhamento individualizado dos mesmos. Os 4% que responderam discordar completamente, compromete-nos a uma maior atenção neste ponto, porque todos os alunos contam, urge perceber o que pode estar a falhar.

Gráfico 3

Durante as aulas das áreas artísticas os professores estão atentos às minhas dificuldades

Comparação do nível de apreciação

6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)



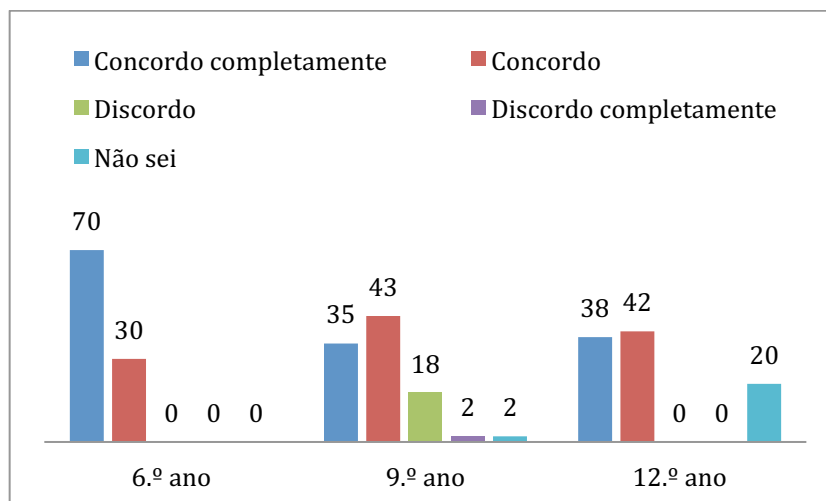
Quando confrontados com a eficácia de ensino, Gráfico 4, 18% dos alunos do 9.º ano discordam, sugerindo que a metodologia adotada não contribui para uma boa aprendizagem, 2% dos alunos responderam discordar completamente e 2% afirmam não saber. Estes valores apontam para alguma ineficácia na pedagogia adotada em algumas atividades, com particular incidência nos alunos do 9.º ano. Entendemos que o carácter prático do EA favorece a proximidade e uma interação pedagógica mais individualizada, promovendo autoestima e autoconfiança contudo, apesar do valor residual de discordância, admitimos a hipótese de uma outra atenção com alunos do 3.º ciclo.

Gráfico 4

A forma como os professores das áreas artísticas ensinam faz com que eu aprenda

Comparação do nível de apreciação

6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)



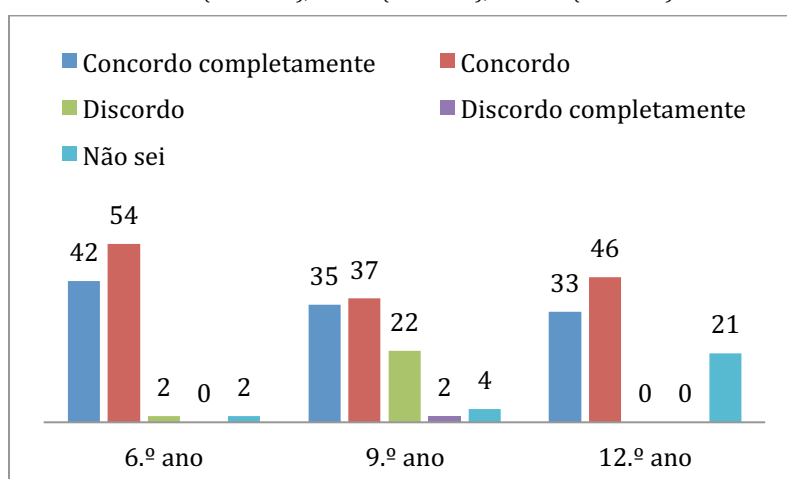
Quanto à valorização dos interesses, opiniões e ideias dos alunos, Gráfico 5, parece não haver uma concordância absoluta em todos os níveis de ensino. De notar que 22% dos alunos do 9.º ano discorda, 2% discorda completamente e 4% diz não saber. Nas respostas dos alunos parece subentender-se alguma imposição na abordagem de conteúdos, não deixando margem para estes desenvolverem os seus interesses, opiniões ou ideias. Importa neste ponto referir que ao professor compete apenas propor e não impor, mediar em vez de obstaculizar e contribuir para uma formação mais integrada, para não corre-se o risco de um ensino artístico orientado a fornecer unicamente o que parece ser útil. No 12.º ano verifica-se também uma elevada percentagem de alunos que afirma não saber, neste ponto avançamos com a hipótese explicativa do Gráfico 2, do desconhecimento ser consubstanciado pela não frequência de qualquer atividade artística.

Gráfico 5

Os professores das áreas artísticas valorizam os meus interesses, opiniões e ideias

Comparação do nível de apreciação

6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)



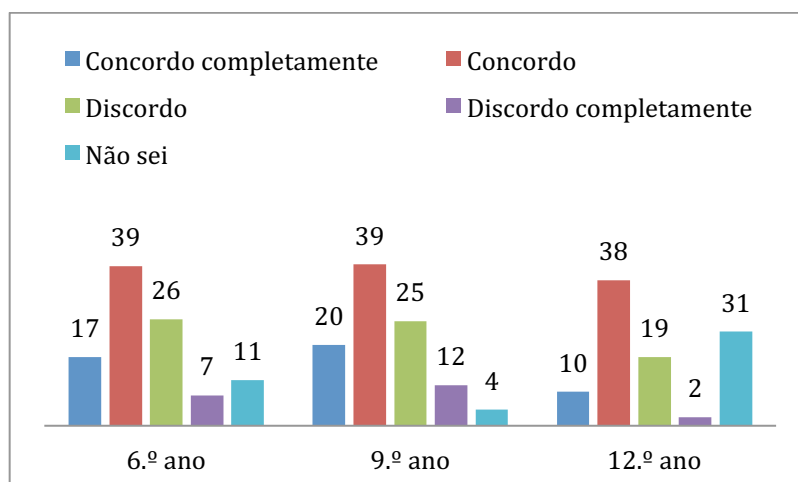
No Gráfico 6 observamos que as respostas dos alunos são muito equilibradas no 6.º, 9.º e 12.º ano. De acordo com os indicadores constatamos que há tendência para considerar o trabalho individual como mais produtivo, apesar de cerca de 1/3 dos inquiridos entenderem que aprende-se melhor quando o trabalho é realizado em grupo. Neste ponto podemos admitir que, a opinião dos inquiridos esteja em linha com a especificidade da atividade artística, considerando-se para o efeito que umas permitem um aprendizagem individual mais eficaz que outras, por razões que se prendem com dinâmicas de grupo, como o caso do Teatro ou da Dança.

Gráfico 6

Nas áreas artística aprendo melhor quando trabalho individualmente.

Comparação do nível de apreciação

6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)



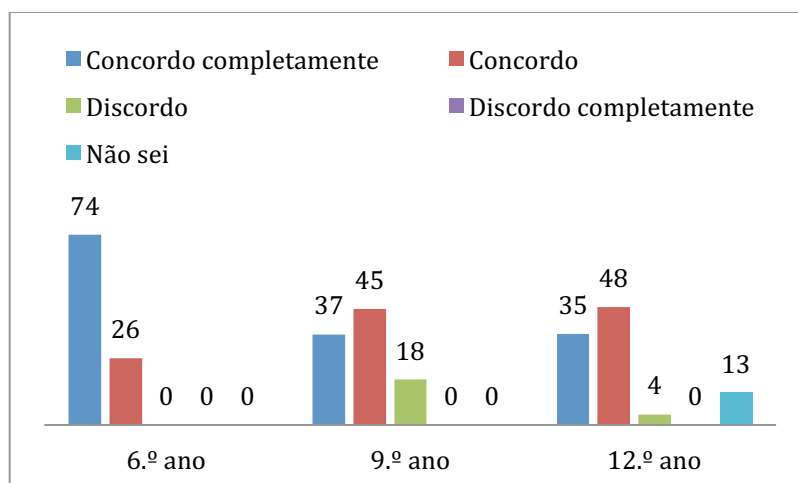
O empenho dos professores para que todos os alunos aprendam é evidenciado nas respostas dos alunos do 6.º ano, Gráfico 7, em que a totalidade concorda ou concorda completamente. Neste ponto importa salientar que os alunos com idades entre os 11 e 12 anos compreendem o período de operações concretas (Piaget, 1989), onde é notória a emergência da capacidade da criança de estabelecer relações e coordenar pontos de vista diferentes e integrá-los numa nova lógica de desenvolvimento. Facto que pode contribuir para que relevem o esforço que os professores fazem em prol de uma aprendizagem para todos. Podemos também verificar que as respostas dos alunos do 9.º e 12.º, 18% e 4% respetivamente, demonstram discordância, colocando-se a hipótese de considerarem que os professores podem empenhar-se mais.

Gráfico 7

Os professores das áreas artísticas empenham-se em fazer com que todos os alunos aprendam

Comparação do nível de apreciação

6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)



Podemos constatar com os indicadores do Gráfico 8 que há notoriamente uma perspetiva de grande reconhecimento por parte dos alunos do 6.º ano, contudo os alunos do 9.º ano e 12.º ano tendem a ver esse reconhecimento e valorização mais esbatido com o passar dos anos. No 9.º e 12.º ano, 16% e 2% dos alunos respetivamente discordam. Podemos considerar que esse sinal seja o resultado de alguma experiência negativa ou letargia por parte de alunos ou professores, admitindo também a hipótese de, em função do progresso dos alunos o reconhecimento e valorização sejam

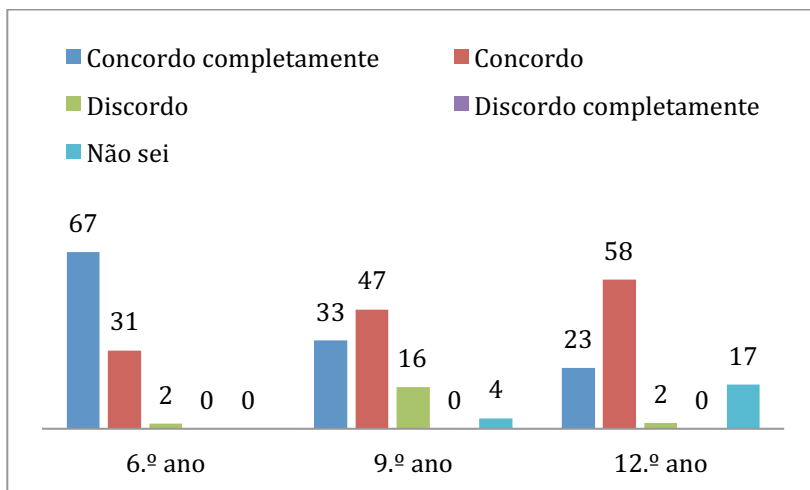
entendidos de forma diferente, sendo necessário aferir quais as expectativas dos alunos em função do que é proposto para aprender.

Gráfico 8

Os professores das áreas artísticas reconhecem e valorizam os meus progressos na aprendizagem

Comparação do nível de apreciação

6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)



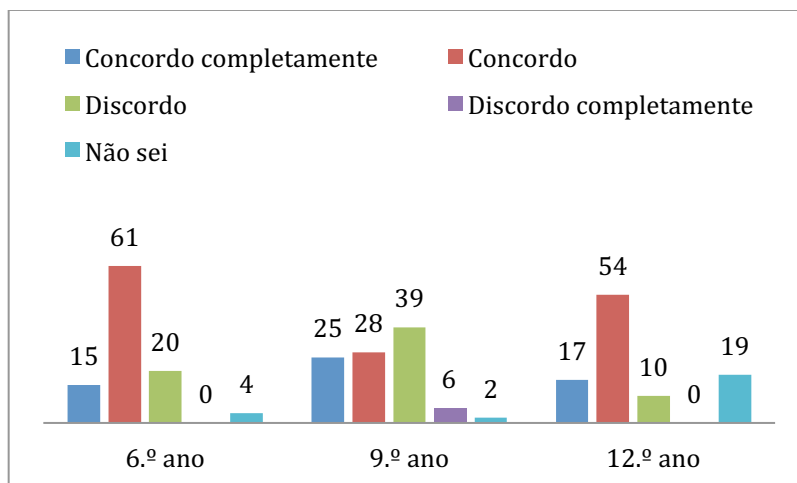
No item “Os professores das áreas artísticas conversam comigo sobre aquilo que já aprendi e aquilo que me falta aprender”, Gráfico 9, as respostas obtidas indicam uma grande concordância nos alunos do 6.º e 12.º ano. No 9.º ano os valores de discordância são os mais elevados, 37% dos alunos discordam e 6% discordam completamente. Podemos neste ponto depreender que há uma boa parte dos alunos que não sente feedback do seu percurso e desenvolvimento nas vertentes artísticas, fator que pode indiciar alguma falha no que ao processo de avaliação contínua diz respeito. É importante dar a conhecer a performance do aluno e a tomada de consciência do seu potencial e capacidade de desenvolvimento.

Gráfico 9

**Os professores das áreas artísticas conversam comigo
sobre aquilo que já aprendi e aquilo que me falta aprender**

Comparação do nível de apreciação

6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)



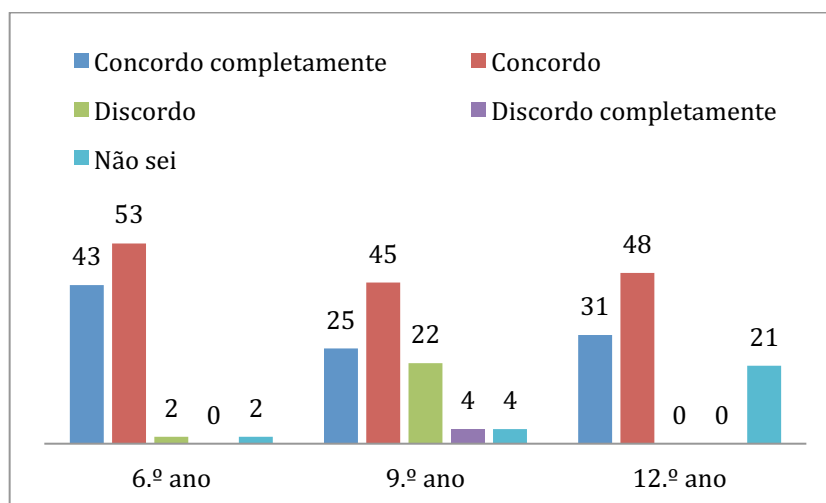
Um diálogo construtivo, instrumento de esclarecimento por excelência, pode promover no alunos uma abertura maior ao seu processo de aprendizagem capacitando-o de alternativas para seu desenvolvimento. O esclarecimento dos alunos no que respeita ao seu estado de “desenvolvimento artístico” parece ser essencial para a otimização das aprendizagens. De acordo com os indicadores do Gráfico 10, há uma percentagem de concordância significativa entre os sujeitos inquiridos, podemos deduzir portanto que os alunos estão a ser acompanhados pelos professores no desenvolvimento das suas realizações.

Gráfico 10

Os professores das áreas artísticas ajudam-me a perceber o que tenho que fazer para aprender mais.

Comparação do nível de apreciação

6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)



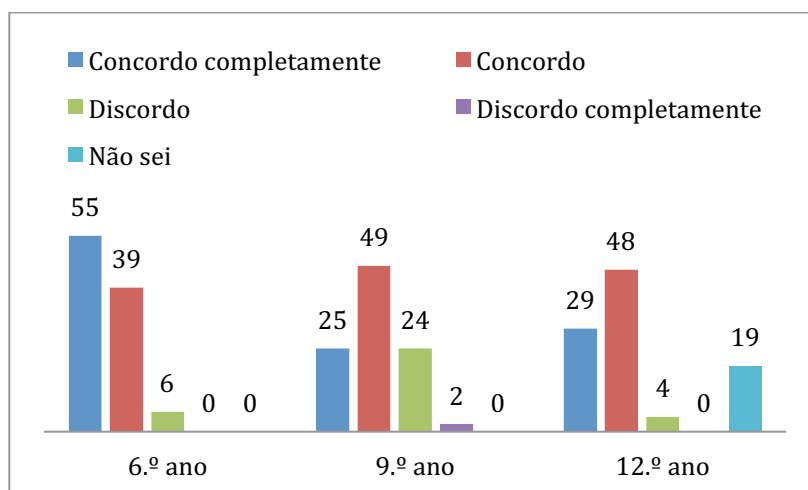
A disponibilidade do professor para ajudar é, em qualquer processo de educação, uma condição central. Só é possível promover mudanças se houver disponibilidade, e a referência do professor. A cultura individualista, de trabalho rotineiro, pouco ou nada inovador em que o professor se envolve em si mesmo (Fullan e Hargreaves, 2001) é geradora de vícios conducentes ao insucesso progressivo dos alunos. As dinâmicas de trabalho dependem da atitude e iniciativa do professor e da capacidade de gerar valor nas atividades que promove. Percebemos no Gráfico 11, que os alunos do 6.º ano não manifestam qualquer dúvida quanto à disponibilidade dos professores. Relativamente às respostas dos alunos do 9.º e 12.º ano verifica-se uma percentagem de concordância muito semelhante, com diferença para o 9.º ano, em que 24% dos alunos inquiridos discordam. Neste ponto parece não evidenciar-se da mesma forma o benefício da pedagogia de proximidade, da possibilidade de promover mudança e de crescimento comum.

Gráfico 11

Nas aulas das áreas artísticas os professores estão sempre disponíveis para me ajudar.

Comparação do nível de apreciação

6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)



Uma das finalidades da EA é contribuir para o apuramento da sensibilidade e desenvolver a criatividade dos indivíduos. Na Educação, esta finalidade é uma dimensão de reconhecida importância (Fróis, 2000). Tendo em conta as necessidades emergentes XXI parece ser inegável o valor acrescentado que traz ao aluno. A valorização da criatividade do aluno é fundamental para o seu crescimento, para a autoconfiança, na capacidade de resolver problemas e imprimir confiança.

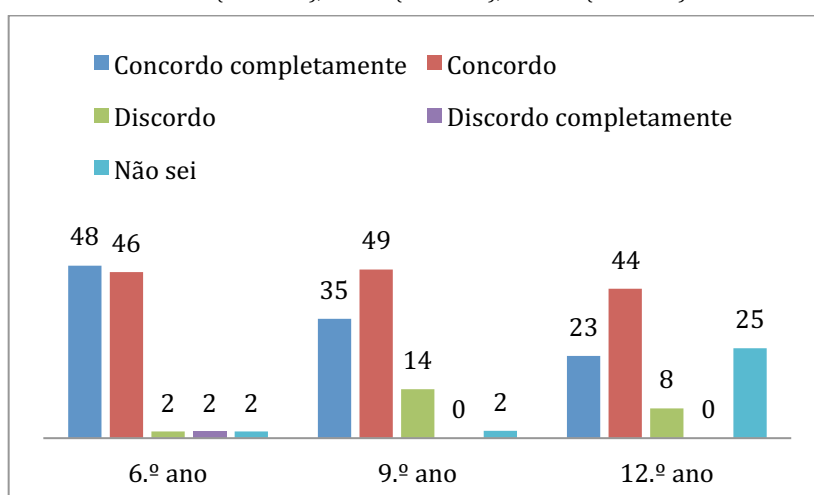
Os dados recolhidos, analisando o Gráfico 12, parecem indicar que os professores valorizam a criatividade dos alunos contudo, os inquiridos do 9.º e 12.º anos apresentam uma percentagem de concordância menos segura que os alunos do 6.º ano. Sete alunos do 9.º ano e quatro alunos do 12.º ano não concordam com a valorização da sua criatividade. Apesar deste valor corresponder a uma minoria dos inquiridos, não deixa de ser relevante tendo em conta a missão do Colégio e o que implica o EA numa escola Católica. Importa que todos os alunos sejam desafiados a aprender mais e considerados e valorizados na singularidade do seu sentido crítico e criativo.

Gráfico 12

Os professores das áreas artísticas valorizam a minha criatividade

Comparação do nível de apreciação

6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)



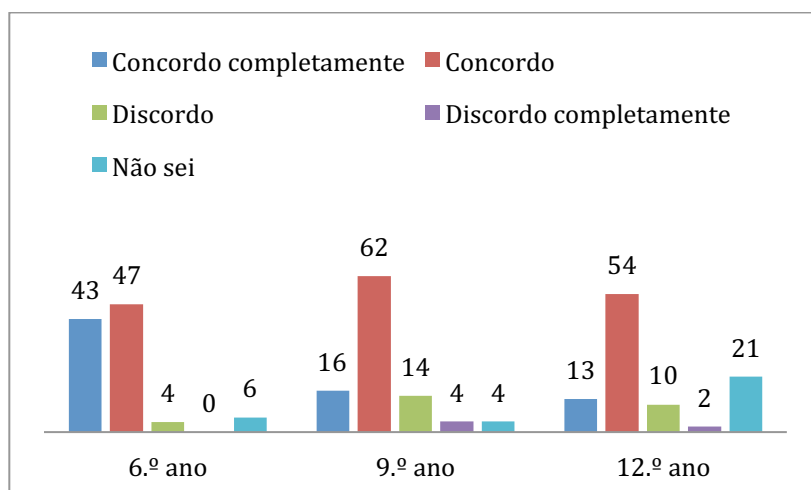
Quando questionados sobre a percepção que têm da avaliação, Gráfico 13, os alunos do 6.º ano reconhecem que há de facto formas diversificadas de avaliar, apenas 4% dos alunos discordam. No 9.º ano os alunos responderam maioritariamente que concordam, 14% dos alunos discordam e 4% discordam completamente. No 12.º ano a percepção dos alunos é muito semelhante à dos alunos do 9.º ano, com percentagens de concordância e discordância muito semelhantes. Podemos inferir que na EA há formas diversificadas de avaliar e que os alunos são conhecedores da aplicação das mesmas.

Gráfico 13

Os professores das áreas artísticas usam formas de avaliação diversificadas.

Comparação do nível de apreciação

6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)



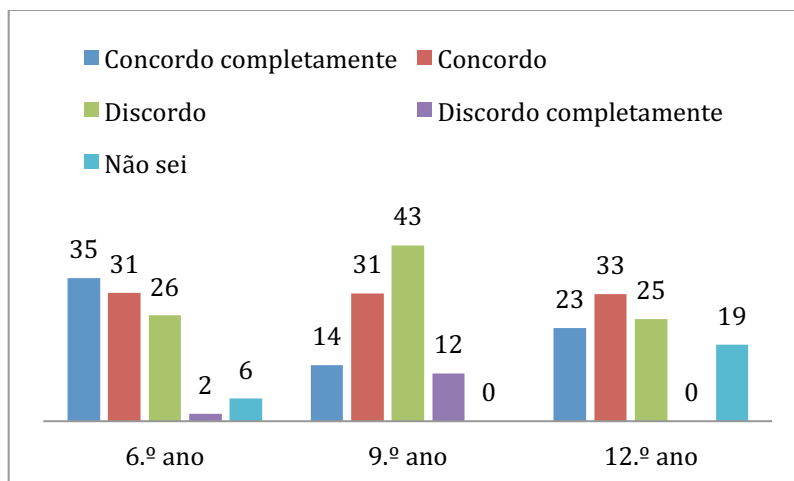
De acordo com os indicadores do Gráfico 14 a opinião dos inquiridos é muito diferente e tendencialmente discordante. Os alunos tendem a considerar que os professores das áreas artísticas não falam sobre os resultados nem da forma de os ajudar a melhorar, facto preocupante que põe em evidência uma área de melhoria. No 6.º ano, 26% dos alunos discorda, 2% discorda completamente e 6% afirma não saber. No 9.º ano a tendência é claramente discordante, 43% dos alunos discorda e 12% discorda completamente. Os alunos do 12.º ano apresentam percentagens muito semelhantes às dos 6.º ano, com destaque para 19% dos alunos afirmar não saber. Uma das interpretações possíveis de fazer é que os alunos tendem a não reconhecer nos professores das áreas artísticas qualquer ajuda, conducente à melhoria dos resultados escolares, facto também evidenciado pelos indicadores do Gráfico 9. Neste contexto admitimos que a melhoria do processo de avaliação é essencial e urgente, compreendemos que estes indicadores contrastam consideravelmente como o direito dos alunos em participar no processo de avaliação, através dos mecanismos de auto e heteroavaliação e serem informados sobre a evolução do seu processo de ensino e aprendizagem bem como dos aspetos a melhorar.

Gráfico 14

Os professores das áreas artísticas falam comigo sobre os meus resultados escolares e ajudam-me a encontrar formas de os melhorar.

Comparação do nível de apreciação

6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)



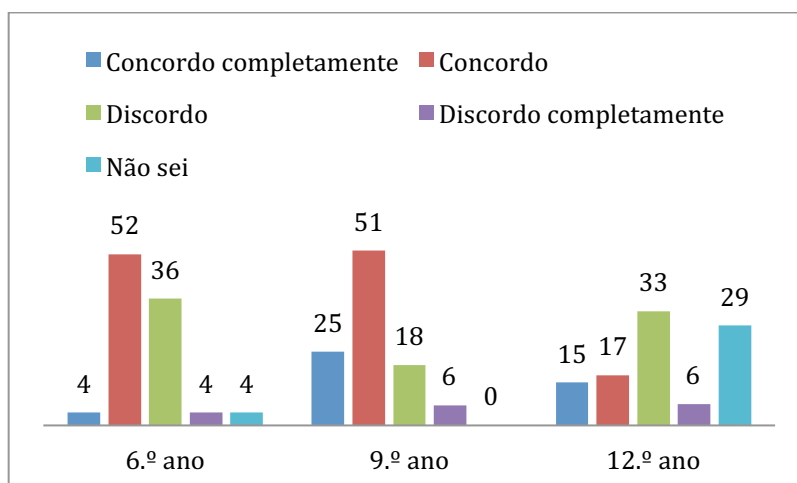
Dos resultados obtidos, Gráfico 15, constatamos que há uma percentagem muito elevada de alunos que considera haver frequentemente barulho e confusão. Os alunos do 6.º ano têm opiniões distintas, com percentagens de concordância e discordância próximas. No 12.º ano, 33% dos alunos consideram que não há barulho nem confusão nas aulas e 29% dos alunos afirmam não saber. Reconhecemos que as aulas da área artística, maioritariamente práticas, permitem-se a uma outra postura comportamental do aluno face às restantes disciplinas do currículo contudo, o clima deve possibilitar a todos os alunos uma aprendizagem eficaz, num ambiente sereno, sem barulho e confusão.

Gráfico 15

Nas aulas das áreas artísticas há frequentemente barulho e confusão.

Comparação do nível de apreciação

6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)



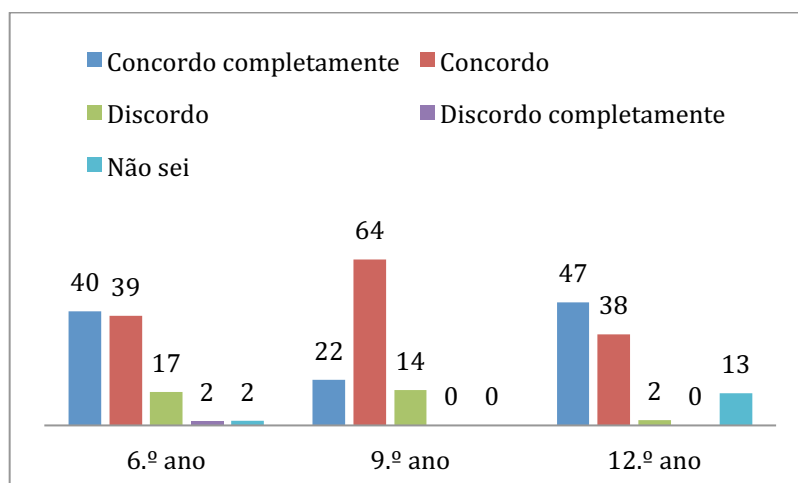
De acordo com os dados do Gráfico 16, verifica-se uma elevada percentagem de concordância entre os sujeitos inquiridos, destaca-se o facto de, no 9.º ano, 65% dos alunos concordarem mas não completamente. No 6.º ano, 13% dos alunos inquiridos discorda, no 9.º ano 14% discorda e no 12.º ano apenas 2% discorda. As percentagens de discordância são baixas, contudo é possível admitir que neste ponto há melhorias a fazer e atitudes a mudar. O respeito pelo professor pode estar associado ao interesse pelos assuntos ou atividades da aula e da forma como esta é organizada pelo professor. Na Educação em geral e na EA em particular o compromisso, responsabilidade, seriedade e respeito entre professor e aluno são questões centrais. Importa compreender se estes valores são trabalhados na EA, para que os professores sejam respeitados pelos alunos dentro e fora da sala de aula.

Gráfico 16

Os professores das áreas artísticas são respeitados pelos alunos dentro e fora da sala de aula.

Comparação do nível de apreciação

6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)



As aprendizagens baseadas na interdisciplinaridade podem desenvolver outras competências, como a cooperação, responsabilidade e participação, para além das capacidades associadas ao domínio operativo.

Quando questionados se as atividades artísticas do Colégio estão ligadas a outras disciplinas, Gráfico 17, podemos verificar que os alunos respondem genericamente que concordam embora se registre uma discordância de 13% para o 6.º ano, 24% para o 9.º ano e 17% para o 12.º ano. Referem ainda discordar completamente 4% dos inquiridos no 9.º ano e 2% dos do 12.º ano.

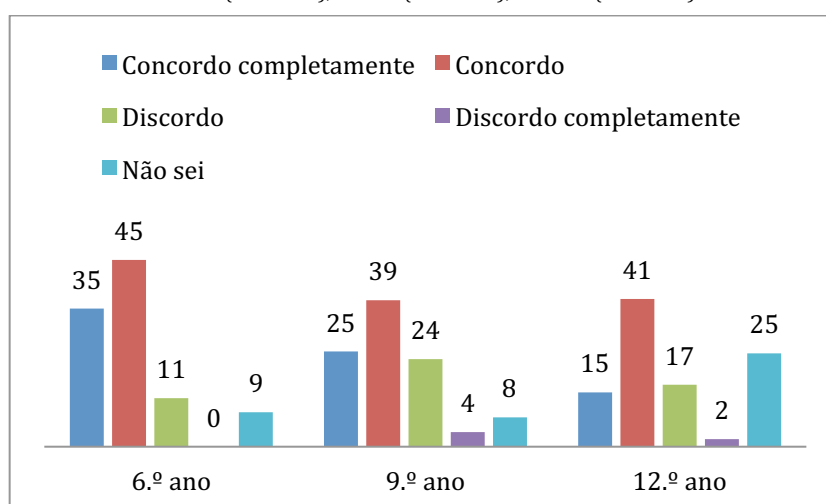
Podemos daqui depreender que 20% dos sujeitos não percebem nenhuma ligação entre as atividades artísticas e as outras áreas disciplinares. Este facto deixa-nos um indicador preocupante, na medida em que a EA pressupõe muito mais do que conteúdos estanques. A interdisciplinaridade afirma-se como fundamental para que haja convergência nos objetivos da escola.

Gráfico 17

As atividades artísticas do colégio estão ligadas a outras disciplinas.

Comparação do nível de apreciação

6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)



O trabalho cooperativo é indicador de uma escola que se desenvolve para um projeto comum. O processo de ensino-aprendizagem fica indubitavelmente enriquecido pelo contributo de todos, mas nem sempre se verifica esta cooperação. Perrenoud (2002, p.96) refere que “A maioria dos professores resiste tanto à objetivação dos seus atos profissionais através da pesquisa, quanto à análise cooperativa das suas práticas entre colegas”. Sem partilha com os pares gera-se uma cultura de resistência, que em nada contribui para o crescimento e valorização da Escola.

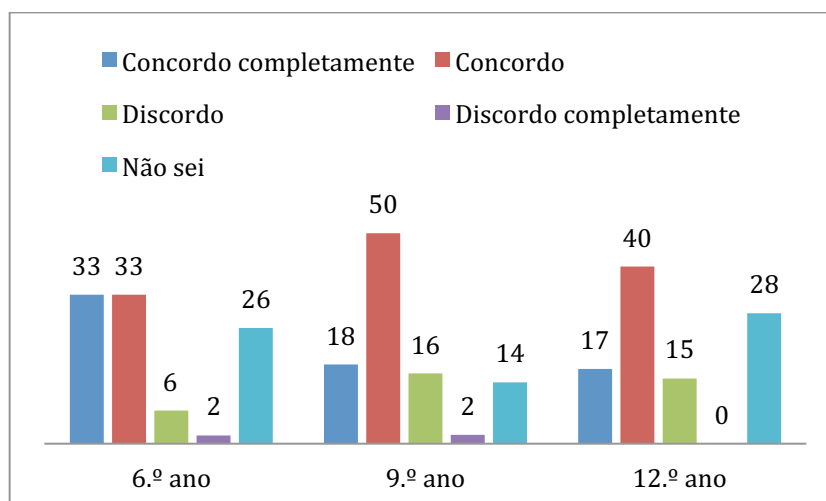
Dos indicadores do Gráfico 18, podemos inferir que há um significativo grau de concordância quanto ao trabalho cooperativo entre professores, destacamos contudo que 26% e 24% dos alunos do 6.º e 9.º ano respetivamente, responderam não saber o que indicia desconhecimento das práticas letivas. No 9.º e 12.º ano as respostas apresentam uma percentagem de discordância muito semelhante.

Gráfico 18

Os professores das áreas artísticas trabalham em conjunto com os professores de outras áreas.

Comparação do nível de apreciação

6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)



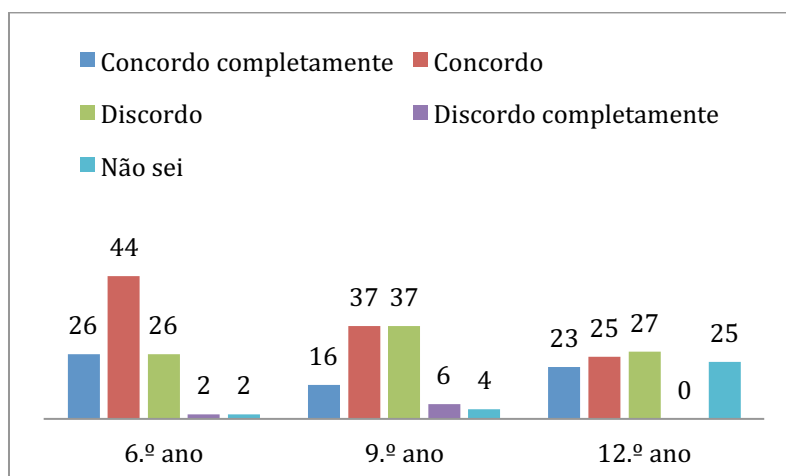
A educação que promove aprendizagens que vão além do que é curricularmente proposto, ou que interligam saberes e experiências diversificadas, é certamente mais enriquecedoras para o aluno. Tendo em consideração as múltiplas valências do EA, já abordada neste estudo, procedemos à análise dos indicadores do Gráfico 19: No 6.º ano 57% dos alunos concorda e 26% concorda completamente, uma clara maioria que afirma que as aprendizagens nas áreas artísticas são globalizantes. No 9.º ano os inquiridos dividem-se na opinião com percentagens de concordância e discordância muito semelhantes. Nos 12.º ano 23% dos inquiridos afirma não saber e a opinião dos restantes alunos tende claramente para o reconhecimento de uma aprendizagem transdisciplinar.

Gráfico 19

Nas aulas das áreas artísticas aprendo também coisas relativas a outras disciplinas.

Comparação do nível de apreciação

6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)



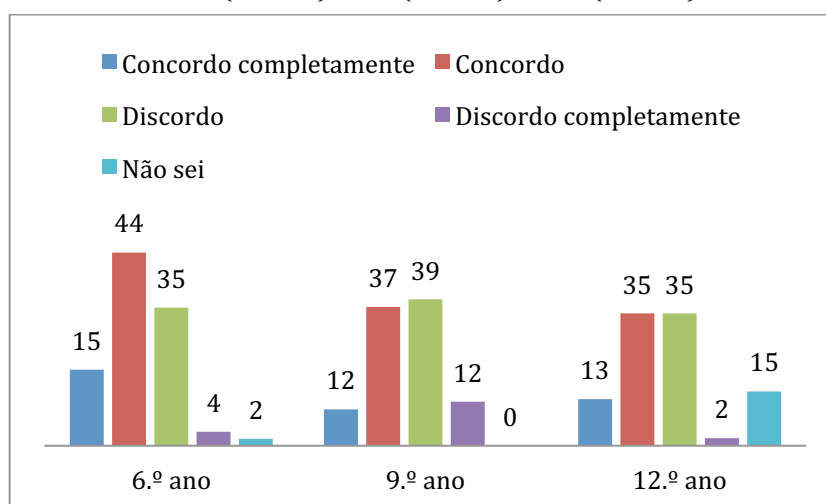
Quando questionados se nas aulas das outras disciplinas também fazem atividades artísticas, os alunos responderam de forma muito semelhante. Os indicadores apontam para percentagens de concordância e discordância muito próximas no 9.º e no 12.º ano. No 6.º ano os valores de concordância são manifestamente superiores, importa salientar que no 2.º ciclo as dinâmicas de aula incorporam tendencialmente atividades artísticas como a música ou a Educação Visual e a Educação tecnológica.

Gráfico 20

Nas aulas das outras disciplinas faço também atividades artísticas.

Comparação do nível de apreciação

6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)



1.4.2. Impactos do EA no desenvolvimento académico e pessoal

Dos dados que observamos no Gráfico 21, podemos referir que os inquiridos do 6.º ano responderam com níveis de concordância significativos, 44% dos alunos concordam plenamente e 39% concordam, reconhecem portanto, o contributo das atividades artísticas na dimensão católica do Colégio. Contudo os alunos do 9.º ano apresentam uma visão muito assimétrica, 37% dos alunos concordam, 39% discordam e 14% discordam completamente.

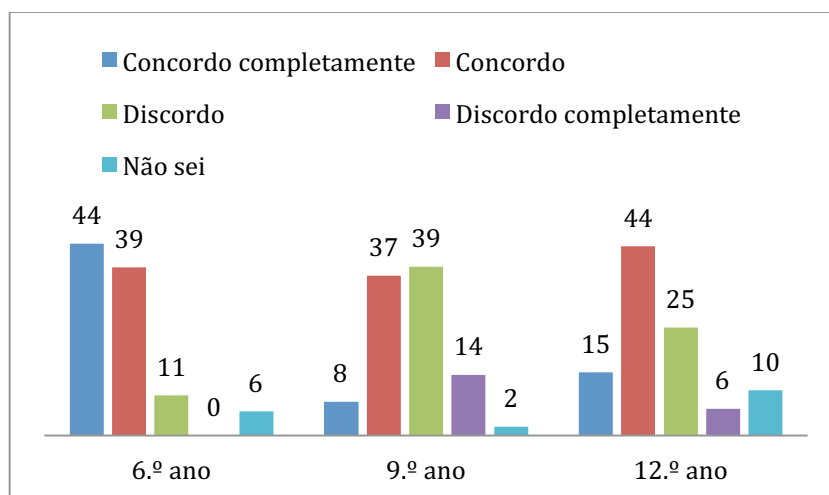
Os alunos do 12.º ano apresentam uma percentagem de concordância elevada, facto que pode estar associado com a experiência e vivência dos valores católicos, resultantes do trabalho conjunto entre a vertente artística e a vertente Pastoral do Colégio.

Gráfico 21

As atividades artísticas ajudam-me a compreender e a viver melhor os valores católicos.

Comparação do nível de apreciação

6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)

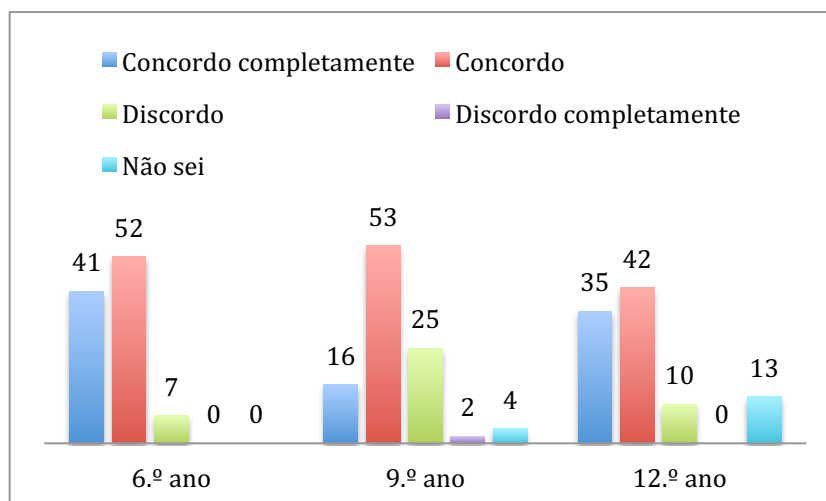


O aluno que cultiva as relações de afabilidade, amizade, gratuidade, entreaajuda e comprometer-se com a vida escolar, contribui inegavelmente para a promoção e crescimento de um ambiente fraterno para si e para os outros. A EA pode contribuir neste missão e ajudar o aluno a superar pressões de diversa natureza que sejam contrárias aos valores que o enobrecem e que o Colégio preconiza.

A maioria dos inquiridos do 6.º ano concorda com a afirmação, “Nas atividades artísticas aprendo a ajudar os outros.”, Gráfico 22. No 9.º ano 16% dos alunos concorda plenamente, 53% concorda e 25% discorda. No 12.º ano voltamos a ter

percentagens de concordância elevadas, destacamos também o facto de 13% dos alunos afirmarem não saber. Podemos depreender dos resultados que os alunos reconhecem a possibilidade que o EA tem em desenvolver valores de gratuidade e entreaajuda.

Gráfico 22
Nas atividades artísticas aprendo a ajudar os outros.
 Comparação do nível de apreciação
 6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)



Aprender a partilhar é aprender a viver em sociedade e a melhorar a interação e competências sociais. É passar da competição, ou da evolução individual, ao crescimento em grupo, na riqueza de cada um dos elementos. A partilha é portanto um fator essencial ao crescimento da sociedade em que o aluno se integra. As atividades artísticas concorrem para este desígnio na medida em que permitem expandir a consciência, promovem a procura de um sentido para as coisas e favorecem o contato com os outros, afirmando-se portanto, como um meio privilegiado de partilhar cultura.

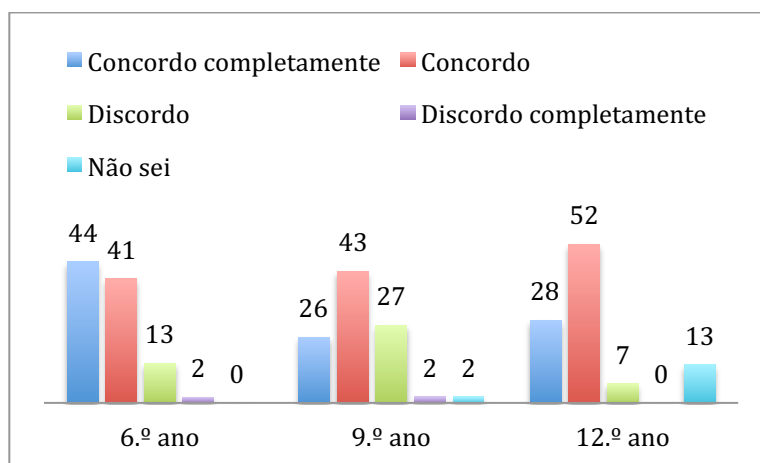
De acordo com o Gráfico 23, podemos constatar que os alunos inquiridos apresentam uma percentagem de concordância significativa. No 6.º ano, 13% dos alunos afirmam discordar. No 9.º ano a percentagem de discordância é de 27% e no 12.º ano apenas 7%. Podemos em segurança concluir que a maioria dos alunos inquiridos reconhece a importância das atividades artísticas na edificação de valores de partilha.

Gráfico 23

Nas atividades artísticas aprendo a partilhar.

Comparação do nível de apreciação

6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)



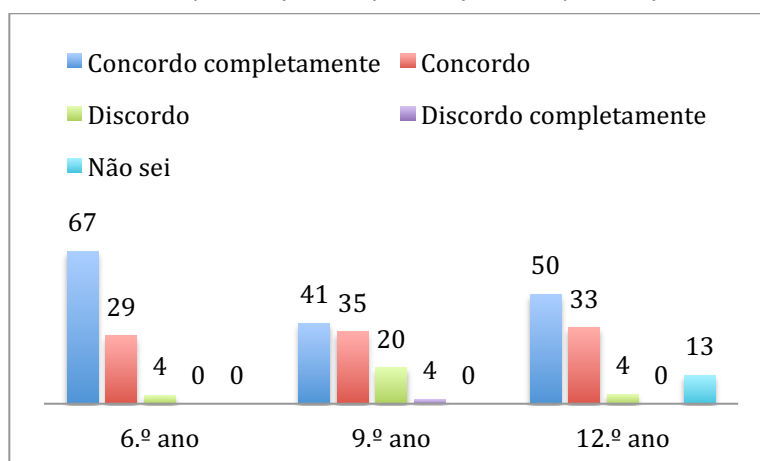
Da análise que podemos fazer o Gráfico 24, constatamos que maioritariamente os alunos concordam ou concordam completamente que com as atividades artísticas aprendem a ser mais persistentes. Apenas uma pequena percentagem dos inquiridos do 9.º ano manifesta-se discordante. O EA compreende necessariamente um trabalho de persistência, exige por natureza das suas práticas, sistematicidade e intencionalidade. Cada aluno é sujeito nas suas realizações a pressões de diversa natureza sejam elas por via das audições, no caso da música, por via das performances em palco, como no teatro ou na dança, seja por via do desenho ou pintura, na apreciação estética de olhares mais ou menos preparados.

Gráfico 24

Nas atividades artísticas aprendo a ser persistente.

Comparação do nível de apreciação

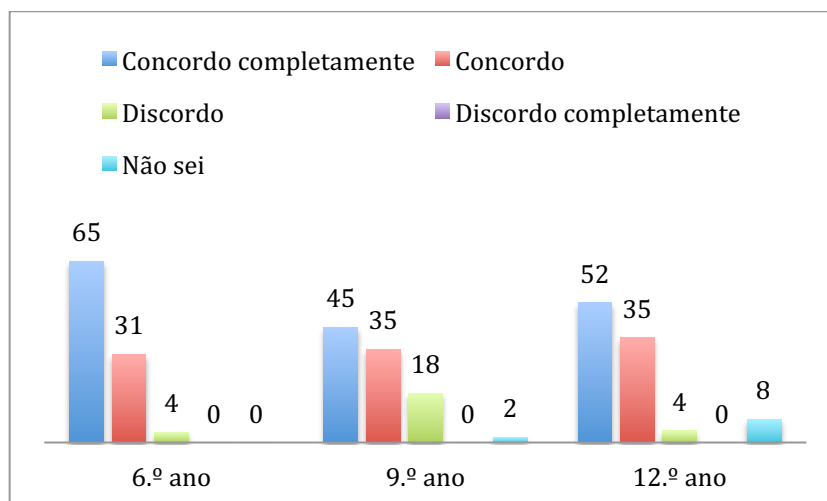
6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)



A Educação Artística pressupõe rigor, método e capacidade para ultrapassar dificuldades que emergem de práticas que vão muito além de um registo em papel. A superação de obstáculos só é possível se houver resiliência, capacidade de superar as adversidades. O aluno por via das atividades artísticas tende a reconhecer mais facilmente as suas capacidades e limitações, tornando-se mais capaz de resolver problemas e adaptar-se a novas situações.

De acordo com os indicadores do Gráfico 25, podemos também constatar uma elevada percentagem de concordância, com particular destaque para os 65% dos alunos do 6.º ano que concordam completamente. Com percentagens de concordância mais equilibrados situam-se as respostas do 9.º ano, embora se registre 18% de respostas discordantes.

Gráfico 25
Nas atividades artísticas aprendo a superar obstáculos.
 Comparação do nível de apreciação
 6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)

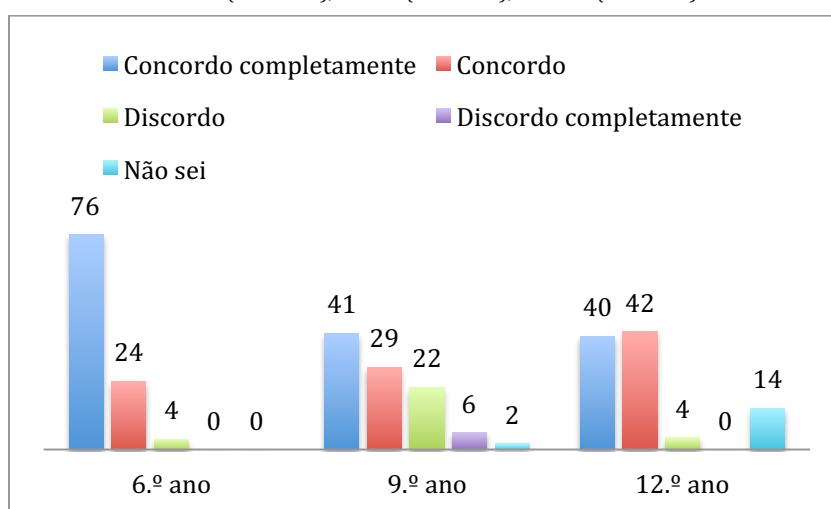


Para além do que é estritamente curricular, a frequência de uma atividade artística não é imposta. Importa portanto compreender qual o nível de felicidade que os alunos sentem na frequência livre das atividades artísticas. A felicidade também depende da escolha feita, os alunos sentem-se mais felizes quanto mais identificados estiverem com as atividades artísticas.

Da observação que podemos fazer nos indicadores do Gráfico 26, constatamos que a maioria dos alunos concorda que as atividades artística contribuem para a sua

felicidade, com particular destaque para os alunos do 6.º ano, que se sentem indubitavelmente felizes. Os alunos do 9.º ano apresentam valores de discordância de 22% e 6% de completa discordância. Neste ponto podemos depreender que alguns alunos não estão identificados com as atividades artísticas que exercem ou não se sentem valorizados, facto que deve merecer particular atenção por parte dos professores e de quem coordena.

Gráfico 26
As atividades artísticas fazem-me sentir mais feliz.
 Comparação do nível de apreciação
 6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)



Porque a atividade artística pode ser reveladora de dons ocultos, acreditamos que é um meio de desenvolver valores de autoconfiança e iniciativa, bem como uma outra predisposição para aprender. Neste contexto, geram-se condições para que o aluno se sinta melhor consigo e na relação com os outros.

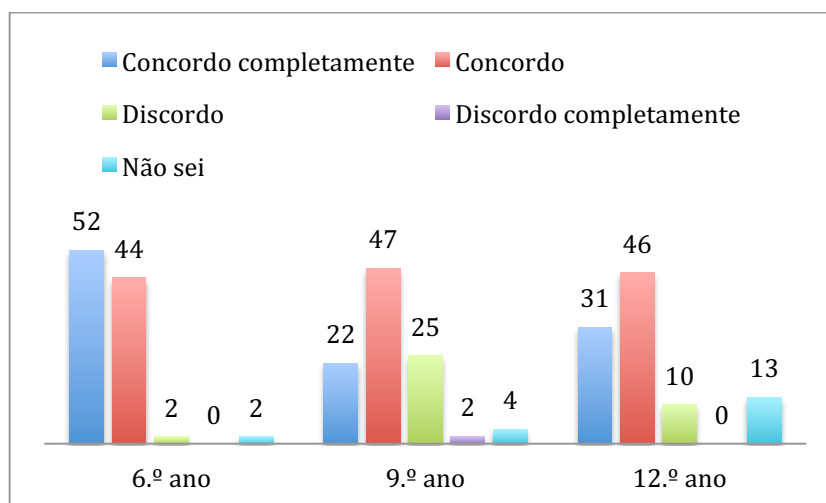
De acordo com o Gráfico 27, podemos inferir que os alunos do 6.º ano reconhecem o contributo que as atividades artísticas proporciona nas relações de bem-estar, Por outro lado 25% dos alunos do 9.º ano discordância neste ponto.

Gráfico 27

As atividades artísticas fazem-me sentir melhor comigo e com os outros.

Comparação do nível de apreciação

6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)



O confronto com o inesperado e o confronto com as dificuldades, imprime nos alunos um novo desafio. Para ultrapassar as barreiras da apatia dos processos de ensino repetitivos e estereotipados, o aluno precisa de ser confrontado com novos desafios. O ato criativo projeta-o para outra dimensão cognitiva, envolvendo-o num novo processo de aprendizagem.

O EA por via das atividades artísticas é o meio por excelência que permite ao aluno desenvolver a sua criatividade, como refere Robinson (2006): “é um factor chave” para “resolver as grandes questões do mundo de hoje”, com as quais os alunos diariamente se confrontam.

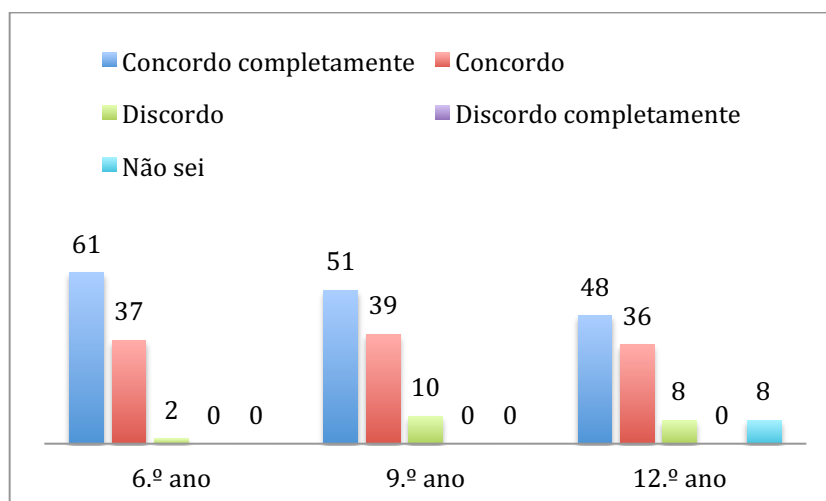
Uma das leituras que podemos fazer do Gráfico 28, é que a maioria dos alunos inquiridos refere, sem qualquer tipo de dúvida, que as atividades artísticas desenvolvidas no Colégio melhoram a sua criatividade.

Gráfico 28

As atividades artísticas melhoram a minha criatividade.

Comparação do nível de apreciação

6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)



A motivação, tal como já referimos, está relacionada com o nível de identificação que cada aluno estabelece com as disciplinas e os seus conteúdos. A Educação Artística pode contribuir ou influenciar essa aprendizagem. O reconhecimento de uma capacidade ou de um talento pode desenvolver uma outra vontade de aprender, mais curiosidade e uma outra forma de estar, aumentando a autoestima, contribuindo para o sucesso de uma aprendizagem mais integral.

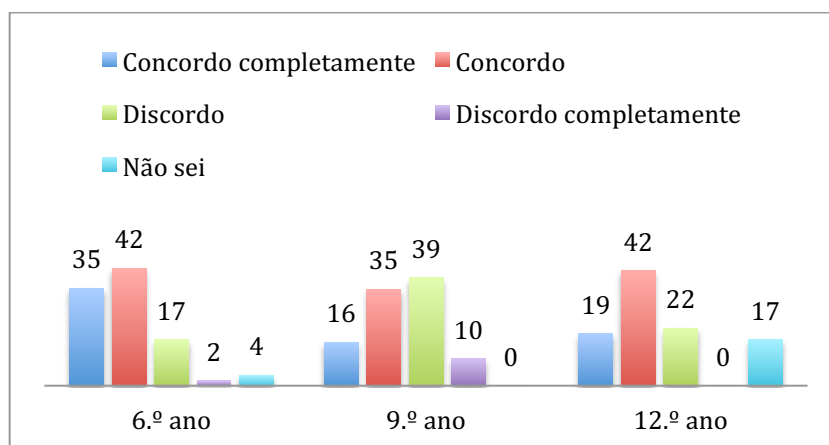
Nos indicadores do Gráfico 29, podemos verificar uma certa assimetria nas respostas e subentender uma tendência discordante, muito notória nos inquiridos do 9.º ano em que, 39% afirma discordar e 10% afirma discordar completamente. Neste ponto podemos verificar uma maior taxa de discordância nos alunos, comparativamente com outros indicadores já estudados. Podemos ainda inferir que não há notoriamente o reconhecimento de um contributo direto das atividades artísticas na motivação dos alunos para aprender nas várias disciplinas.

Gráfico 29

As atividades artísticas fazem-me sentir mais motivado para aprender nas várias disciplinas.

Comparação do nível de apreciação

6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)



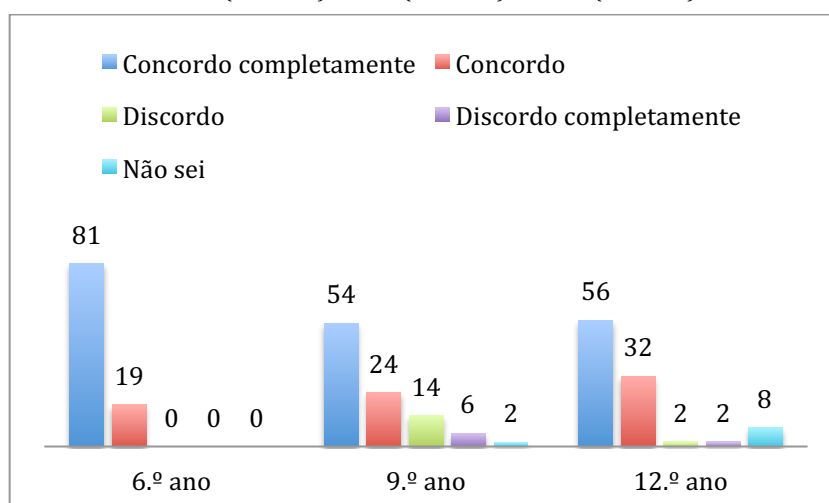
As artes são essenciais e um contributo inegável e significativo para impulsionar a natureza multicultural da sociedade global e concorre significativamente para a educação pela paz, Tamminen (2006). O Colégio integra esta visão na dimensão Cultural e Católica. Neste ponto há um inquestionável reconhecimento por parte dos alunos, Gráfico 30, de que as atividades artísticas são uma parte muito importante na vida do Colégio.

Gráfico 30

As atividades artísticas são uma parte muito importante na vida do colégio.

Comparação do nível de apreciação

6.º ano (54 alunos); 9.º ano (51 alunos); 12.º ano (48 alunos)



1.5 Domínio cognitivo e sócio-afetivo: Saber Fazer, Saber Ser e Saber Estar

O domínio sócio-afetivo para Vygotsky (1989) detém uma substancial importância para a promoção do desenvolvimento psicossocial do homem. O saber Ser e o Saber Estar, comporta valores como: o autodomínio, a iniciativa, a persistência, a capacidade de perdão e aceitação, o respeito pelos parceiros educativos, a vivência do ideário do Colégio, a atenção, a postura correta e adequada ou a pontualidade. Este fatores têm implicações no sucesso escolar dos alunos, e concorrem para favorecer o clima de aprendizagem. Ilidia Cabral refere a importância de um espaço e tempo adequados para favorecer aprendizagens:

A sala de aula é o coração da escola. É neste espaço e tempo que os alunos e os professores realizam o essencial das dimensões curriculares. E é por isso um lugar estratégica da ação educativa. Daí que deva ser um espaço estimulante, propiciador de aprendizagens interessantes e relevantes para a vida pessoal e social. Para tal, será essencial criarem-se espaços e tempos nos quais alunos e professores gostem de estar pois isso gerar a vontade e a disposição de ensinar e aprender.

(Cabral, 2014, p.128)

A “sala de aula” é, no *sentido lato*, o espaço em que decorre o processo de ensino-aprendizagem, é neste clima que se edificam os saberes e os valores que as atividades artísticas procuram promover. Os alunos reconhecem e valorizam isso, facto que o estudo, *Gramática Escolar e (In)Sucesso* de Cabral (2014) comprova.

1.5.1 O que fazer para aprender mais

Quando questionados sobre o que poderiam fazer para aprender mais, os alunos alinharam as suas respostas com a premissa do bom *clima* na sala de aula. Referem que, para melhorar este clima de aprendizagem, é necessária uma atitude mais proactiva, isto é, eles próprios fazerem parte da solução e não do problema: *“Incentivar os colegas para trabalharem mais e para não falarem nas aulas” (6B17)*. Realçam que as turmas numerosas não favorecem o trabalho do professor, *“As turmas deveriam ser pequenas para haver tempo para ouvir todos e dar-lhes atenção.” (6B20)*, ou que a motivação está na base de alguns problemas comportamentais: *“Há alunos que frequentam as atividades artísticas por obrigação e isso prejudica as aulas.” (9A8)*

São vários os fatores que concorrem para esse sucesso, apresentamos no Quadro 11 a síntese das respostas mais significativas:

Quadro 11
O que fazer para aprender mais?
Melhorar o Saber Estar e Saber Ser
Quadro síntese das respostas dos alunos do 6.º, 9.º e 12.º ano

Não falar nas aulas e concentrarem-se no trabalho que estão a fazer	6A10
Estar mais atentos para se motivarem mais	6B14
Mais concentrados para superar as dificuldades	6B15
Mais participativos	6B32
Colaborar mais com os professores	6C33
Ouvir mais os professores	6C35
Perturbar menos	6C38
Mostrar mais interesse durante as aulas	9A11
Ter mais vontade de aprender	9B4
Contribuir para um melhor ambiente na aula	9C2
Ver as atividades com mais otimismo e alegria	9C7
Ver lado positivo das aulas	9C18
Estar disposto a colaborar	12A18

Quanto à autonomia, iniciativa e persistência, os alunos reconhecem que é preciso alterar o rumo para aprender mais e melhor, acentuam a tônica que a aprendizagem faz-se também pela apreciação dos conteúdos lecionados, afirmam que depende da motivação de cada um ou da forma como são motivados. Que o empenho e a vontade de fazer melhor é determinante. Compreendem que é possível fazer mais e que a participação e colaboração nas atividades artísticas pode contribuir para a valorização das mesmas. Referem ainda que é preciso mais determinação. (Cf. o quadro 12)

Quadro 12
O que fazer para aprender mais?
Autonomia, iniciativa e persistência
Quadro síntese das respostas dos alunos do 6.º, 9.º e 12.º ano

Mais persistência e força de vontade, para que também os professores se cativassem mais	6A1
Mais ativos e motivado	6A2
Fazer trabalhos em casa de forma sistemática para aprender mais e ir mais além	6A5
Empenharem-se ao máximo para aprender melhor	6A6
Vontade de estudar	6B16
Relacionar mais as artes com outras disciplinas	6B19
Ser mais persistente e mais cuidadoso	6B26
Tentar perceber a matéria	6B27
Valorizar a criatividade	6B28
Aberto a novas ideias	9A2
Dar sugestões de atividades fora do colégio para abrir horizontes	9B2
Depende do gosto de cada pessoa, (...) Se gostarem apreendem mais facilmente	9C5
Colaborar mais nas atividades	9C8
Investigar mais sobre estas áreas e fazer mais trabalhos	9C11
Pela tentativa de desenhar determinados padrões, personagens, etc.	9C14
Alterar algumas atividades para aumentar a motivação	9C16
Não desistir logo pela falta de criatividade	12A16
Maior envolvimento nas artes	12A18
Dispor mais do tempo de cada um	12A23
Participar em mais atividades artísticas proporcionadas pelo colégio	12CD1
Tentar fazer as coisas sem precisar de ajuda. Arriscar	12CD3
Experienciar de tudo um pouco daquilo que está relacionado com cada área artística	12CD6
Investigar, pesquisar, procurar informação de forma a contextualizar-me melhor e a aprender mais sobre cada coisa	12CD7

1.5.2 Melhoria das Práticas Pedagógicas

Alguns alunos manifestam a sua opinião no que diz respeito à melhoria das práticas pedagógicas, destacam aspetos atitudinais dos professores para com os alunos,

nomeadamente a falta de reforço positivo: *“Ter mais paciência”* (6A3) ou *“Não gritar ao explicar um exercício ou a chamar a atenção”* (6A7); *“Não desvalorizar o talento dos alunos que têm mais dificuldades”* (6B30) ou *“Prestar mais atenção ao trabalho e valor de cada um e não ao lado negativo”* (6A7); *“Não os reprimir quando erram, impedindo-os de se abrirem e serem eles próprios”* (12A17). Colocam também ênfase na igualdade de tratamento: *“Tratar todos por igual”* (12A27);

Outro aspeto tem que ver com a permissividade dos professores nas questões comportamentais. Alguns alunos reconhecem que o barulho e a confusão são fatores que perturbam a aprendizagem daqueles que querem realmente aprender: *“Não deixar que os alunos menos bons interrompam a aula”* (6A10); *“Tentar que existisse menos confusão nas aulas”* (6B21).

Mas também destacam uma prática pedagógica mais individualizada, *“Ajudar os alunos quando têm dificuldades e quando não percebem bem o que é pedido”* (6B15), apesar de reconhecerem que esta tarefa não é fácil, sobretudo na EA: *“Os professores não conseguem satisfazer os ritmos de ensino de todos”* (6B24). Sugerem também uma outra regulação do tempo para cada aluno: *“Fazer um esforço para que a atenção fosse igualmente distribuída pelos alunos.”* (12CD1) ou que os professores devem *“Mostrar mais disponibilidade”* (12B11).

A questão motivacional, também é um fator muito abordado. Perante a adversidade e a dificuldade, os alunos solicitam um outro acompanhamento. Neste ponto parece desvelar-se uma grande ansiedade e insegurança: *“Motivar os alunos quando eles têm mais dificuldades”* (6B14), ou *“Ir mais ao lugar para discutir as dificuldades dos alunos”* (6B18), e também *“Cativar os alunos e puxar mais por eles”* (9A9) ou *“Incentivar os alunos a interessarem-se mais pela atividade artística que praticam”* (12A12). Diversos são os fatores que exercem influência sobre a motivação dos alunos no desempenho das suas atividades, a valorização é indubitavelmente um deles, facto que alguns alunos também evidenciam: *“Perceber que existem mais do que alunos muito bons, sendo que os menos bons também gostam de ser valorizados”* (12A26).

Detetar as dificuldades do aluno para o ajudar na aprendizagem, na superação das dificuldades, são fatores também referenciados: *“Explicar melhor os erros de cada um e ajudar-nos a superá-los”* (6B22), surgindo em alguns casos, propostas metodológicas: *“Quando os alunos pedem ajuda, os professores em vez de fazer os*

trabalhos devem dar dicas” (6B28), ou “Focar-se mais nas dificuldades dos alunos e dar-lhes conselhos para que melhorem” (9A11), “Ensinar de forma mais lúdica e cativadora (9C9). A pressão sobre os alunos, parece influenciar a performance dos alunos, apesar de reconhecerem que na área artística essa condição faz parte do processo: “Algumas pessoas não lidam bem com a pressão, (...) os professores podiam não pressionar tanto, embora a pressão seja importante, para que os alunos não fiquem tão preocupados” (12A111).

Alguns alunos demonstram interesse por outras dinâmicas, sentido que os leve a criar mais e de forma diferente: *“Há cada vez maior entrave à criatividade dos alunos. Os trabalhos e/as atividades realizadas nestas áreas são majoritariamente impostas pelos professores, não podendo os alunos ter uma oposição expressa sobre esses temas” (9B1). Mas as questões deixam margem para outras opiniões e até algumas sugestões: “Ajudar os alunos a integrarem-se nas suas ideias e criações” (12CD6)*

1.5.2.1 Propostas diversificadas

As propostas diversificadas parecem ser a tônica ou o estímulo necessários para que o entusiasmo seja outro. Os alunos sugerem temas *“cativantes”, com “dinâmicas de jogo” sobre a matéria, trabalhos fundamentalmente práticos e “atividades inovadoras” com “temas e técnicas variadas” que despertem o “interesse e a curiosidade dos alunos”. Propõem um “maior grau de liberdade” ou uma maior participação do aluno na escolha do projeto.*

Neste contexto parece relevar-se o fator novidade, o que pressupõe romper com as fronteiras e estereótipos estabelecidos, tendências e práticas preestabelecidas. Os alunos mais atentos percebem que há temas e atividades que se repetem, por isso sugerem inovação, novidade, reinvenção. Porque tudo muda muito rapidamente também os professores tem de mudar. (Cf. o quadro 13)

Quadro 13
O que fazer para aprender mais?
Propostas diversificadas
Quadro síntese das respostas dos alunos do 6.º, 9.º e 12.º ano

Organizar trabalhos mais cativantes e diferentes do habitual	6A1
Fazer mais jogos e diversões sobre a matéria	6C33
Trabalhos mais práticos que sejam importantes e cativantes	9C5
Apresentar propostas de futuros trabalhos que despertassem o interesse	9B6
Fazer trabalhos onde pudéssemos mostrar o que sabemos	9C6
Realizar atividades inovadoras que captassem a atenção dos alunos, fazendo com que estes se mostrassem mais interessados	9C7
Pedir a opinião dos alunos para novas propostas	9C8
Atividades mais motivadoras que não tenham tanto a ver com as atividades católicas	9C17
Nas aulas de teatro e E.V poderíamos trabalhar temas mais diversificados	12A110
Nas aulas de teatro apenas ensaiamos a peça escolhida e mais nada	12A110
Nas aulas de música apenas aprendíamos um leque de (poucas) músicas sem diversidade	12A110
Aumentar o grau de liberdade das atividades de modo a potenciar a criatividade	12A22
Criar maior diversidade de trabalhos, isto é, sugerir trabalhos/projetos diferentes uns dos outros, criando assim um leque de experiência maior	12CD4
Abordar temas e técnicas variadas para despertar o interesse e a curiosidade	12CD5

1.5.2.2 Mais tempo e um outro tempo de aula

O fator tempo parece ser uma variável determinante na opinião de alguns alunos: *“Aumentar o tempo de cada aula” (6B17)* ou *“Dar mais aulas para os alunos aprenderem mais” (6B16)*. Também sugerem a divisão da turma para um outro acompanhamento, *“Dividir a turma para os professores poderem estar mais tempo com os alunos” (9C5)*. O elevado número de alunos por turma, sobretudo nas curriculares como o Educação Visual ou Teatro Curricular, parece não favorecer a qualidade do trabalho, segundo o aluno (9A11) há um *“Elevado número de alunos por turma, o que não permite aos professores focarem-se e falarem pessoalmente com os alunos”*. Outras estratégias estão associadas a uma outra gestão do tempo, *“Fazer*

trabalhos de grupo porque assim divertimo-nos e aprendemos, sem dar conta do tempo passar” (6A11) ou “Haver tempo limite para a entrega de trabalhos” (6C36).

1.5.2.3 Nada a alterar

Alguns alunos consideram que não há nada a alterar nas práticas pedagógicas do Colégio. Defendem que “Os professores trabalham muito bem” e que “não têm de mudar nada” porque “Já fazem o que podem”, criam um clima em que “as aulas são divertidas” e onde se pode “estar mais à vontade” , alguns entendem que as aulas da vertente artística não são como as disciplinas curriculares, são aulas de “lazer”, “descanso” e “descontração” e que por estas razões “são as preferidas dos alunos”. (Cf. o quadro 14)

Quadro 14
O que fazer para aprender mais?
Nada a alterar
Quadro síntese das respostas dos alunos do 6.º, 9.º e 12.º ano

Os professores trabalham muito bem, ensinam a um bom ritmo e para além disso, tentam que todos os alunos apanhem a matéria mais rapidamente	6B23
Já aprendo muito	6B24
Os professores das áreas artísticas não têm de mudar nada	6B25
Ensinam-nos de uma forma de que não esquecemos mais	6B27
Já fazem o que podem para que a aprendizagem dos alunos seja rápida	6B29
As aulas são divertidas, conversamos, estamos mais à vontade do que nas outras disciplinas, e não acho que se mude nada	9A10
As áreas artísticas e as suas disciplinas curriculares são vistas como aulas de “lazer”, “descanso” ou “descontração” do dia-a-dia na escola e por isso são as preferidas dos alunos	9B1
Não depende do professor mas do aluno	9B3
Não tenho opinião fundamentada	12A28
Não frequento nem o curso de artes nem atividades artísticas	12A210
Estão a fazer todos os possíveis	12B9
O desempenho dos professores já é suficientemente bom	12B10
Não há nada a melhorar	12CD9

1.6 Relação Pedagógica

Nas vertentes artísticas cultiva-se uma relação Pedagógica diferente, desde logo pelo carácter prático que promove uma maior proximidade e uma interação pedagógica mais individualizada. Este fator é mais confortável para os alunos, aumenta a autoestima e autoconfiança. Esta relação pedagógica de proximidade nem sempre é vista de forma positiva por parte dos alunos, dado que a diferenciação pedagógica dos apoios individualizados nem sempre é bem compreendida, tal como refere a professora de dança:

“Não posso trabalhar da mesma forma com todos os alunos, embora sinta um ‘ambiente’ em que todos se acham no mesmo plano, mas esse é um problema que também vem de casa. (...)” (EPD)

Esta proximidade, transporta consigo uma relação de confiança que por vezes se confunde com uma relação de amizade que valida qualquer atitude ou que coloca o aluno numa posição de igualdade com o professor:

“Hoje em dia não se pode dizer de qualquer forma as coisas aos alunos, que estão errados, ou que estão a fazer mal, ou que tem de fazer desta ou daquela maneira. Agora há estratégias de comunicação diferenciadas, para não “ferir suscetibilidades” que não são fáceis, sobretudo neste âmbito.” (EPD)

Na Música há manifestamente a preocupação de elevar o trabalho da equipa através do sucesso e alegria de cada aluno, porque o aluno não é uma nota ou um número, o trabalho individualizado coloca um outro peso nos ombros do professor, como se denota pelas palavras do professor de Música:

“São objetivos que pretendemos levar a feito mas que nem sempre conseguimos cumprir e muitas vezes ficamos aborrecidos por não os conseguirmos cumprir.” (EPM)

Esta relação pedagógica mais próxima, derivada de turmas mais pequenas possibilita uma outra avaliação e outra ação face ao problema:

“Há uma avaliação de toda a turma, onde se vê como os alunos reagem a determinados matérias e conteúdos e depois com cada aluno em particular vou vendo as dificuldades e vou trabalhando com ele.” (EPM)

Coloca outras possibilidades, outras dinâmicas, outra motivação e outra abertura:

“Alguns alunos tocam instrumentos diferentes dos que estão estabelecidos no programa e de acordo com as suas capacidades vou sugerindo que alguns acompanhem com o que sabem tocar.” (EPM)

No Teatro alguns alunos apresentam *“graus de disponibilidade diferenciados” (EPT)*, as atitudes e iniciativas dependem muito da dinâmica de trabalho dos professores e da capacidade de gerar valor e interesse nesta vertente. O professor de teatro refere ainda que:

“Uns são mais extrovertidos, com um feitio mais reservado, a esses faço um “pressing” para saírem da conchinha mais depressa, dou-lhes mais visibilidade, tarefas e papéis grandes, “passo-lhes uma babata muito quente para a mão” de maneira a que eles, com a minha ajuda e dos colegas, ultrapassem esse obstáculo.” (EPT)

Salienta também a satisfação resultante de um trabalho com um impacto positivo:

“É muito gratificante ver que, depois dessa reserva toda, o aluno consegue com desenvoltura apresentar-se em público e mostrar o seu trabalho com naturalidade. É muito gratificante e eles próprios ficam muito contentes.” (EPT)

Notas conclusivas

1. Entendemos que, as práticas da educação artística, pela aprendizagem de técnicas, valores e códigos que promovem, bem como da sua utilização, estabelecem emoções, sentimentos e ideias que se projetam no plano racional; que a educação artística é, por esta via, um meio de promover abordagens de confrontação que possibilitam uma visão diferente sobre o mundo e as coisas;
2. Verificámos que a missão dos professores do Colégio, é ajudar o aluno a desenvolver-se nas vertentes pessoal, social, religiosa, artística e cultural, missão inscrita nos documentos orientadores, a saber: Na vertente pessoal, o aluno deve tomar consciência da sua dignidade, ser responsável, e autodeterminar-se pelos valores humanos e cristãos, ser dom e serviço ao outro; na vertente social, deve cultivar a afabilidade, amizade, gratuidade e o espírito de entreaajuda; comprometer-se na vida escolar, com o dever

moral de partilhar saberes e competências e solidarizar-se com grupos menos favorecidos, respeitando as diferenças; na vertente religiosa, o aluno é convidado a fazer parte de uma família cristã, na qual o Colégio convoca uma formação séria, atualizada e promove espaços de oração pessoal e em um grupo nas orações da manhã, (H)oras com Jesus, encontros de reflexão, peregrinações, catequese, para além de um extenso plano de atividades da pastoral; na vertente cultural, o colégio promove a investigação e aprofundamento do tema cultural, permitindo ao aluno uma visão holística e globalizante, porque permite-lhe desenvolver competências e aptidões nas diferentes disciplinas curriculares e extra curriculares, bem como explorar, em função desta temática, saberes que se interligam, criando vastas redes de conhecimentos, chamando também a estas aprendizagens, os valores próprios de uma Escola Católica;

3. Verificámos que os professores reconhecem que as aulas têm necessariamente características diferentes das demais disciplinas do currículo e que proporcionam ambientes favoráveis ao desenvolvimento afetivo e cognitivo;
4. Compreendemos que as práticas pedagógicas do EA, articulam-se com outras áreas disciplinares, procurando explorar de várias formas e meios, conteúdos e temas de aprendizagem, por exemplo: No teatro as metodologias cooperativas procuram a colaboração e interdependência com outras disciplinas. Na dança, na postura correta do corpo, pela sequência de exercícios, posições e movimentos, que permitem evoluir ao nível físico e na postura, estabilidade, segurança, harmonia, equilíbrio e graciosidade do aluno que, progressivamente, se traduz numa virtuosidade técnica. Nas Artes Visuais, os projetos desenvolvidos alinham-se com os referenciais teóricos e artísticos, nos contextos e nas realidades de um tempo e de um local, bem como com as características do projeto educativo da escola, procurando promover a aproximação da escola à vida e à comunidade onde esta se integra. Iniciativas como: “Janelas sobre a cidade”, colocam o aluno numa ligação próxima entre a arte, cultura e comunidade. “A arte não está separada da vida comunitária, faz parte integrante dela” (CNEB, 2001, p. 141);

5. Reconhecemos que a planificação e organização das atividades artísticas assumem uma importância central, porque têm de ser articuladas com todo um calendário letivo e com todas as outras atividades de ordem cultural ou católica, sendo ainda mais planificadas que a vertente curricular, como refere a Diretora Geral;
6. Os professores referem que a planificação resulta de vários fatores: A professora de dança destaca a planificação como um trabalho que compreende a necessária aproximação do projeto da disciplina aos alunos, refere que há projetos que evoluem com a opinião dos alunos, mobilizando assim competências transversais; o professor de música destaca a particularidade de uma vertente extracurricular, referindo que o volume de atuações e de atividades em que os alunos participam implicam um trabalho equilibrado com outras vertentes e conteúdos; o professor de teatro refere que articulação é feita com outras disciplinas, planificação conjunta, salientando também que há margem para desenvolver opções pessoais; nas artes visuais o trabalho é desenvolvido e planeado, em boa parte, no início de cada ano, numa estreita articulação entre os elementos do grupo, onde é estabelecida a metodologia por projetos, que se articulam entre si com os vários níveis de ensino, com forte ligação ao tema cultural;
7. Verificámos que o tema cultural evolui, de acordo com as sinergias de cada turma e em articulação com várias áreas do saber. Neste contexto é possível desenvolver aprendizagens para além do saber curricular, através de dinâmicas de participação social na comunidade educativa e fora dela;
8. Há também uma clara referência à dificuldade que os professores têm em articular práticas artísticas, com os interesses dos alunos e também com os projetos da comunidade. Referem o pouco tempo e os “pequenos tempos” que surgem na hora do almoço ou ao final das aulas, em que é possível articular e desenvolver com alguma dificuldade o trabalho artístico;
9. Também os EE reconhecem a preocupação que existe para que tudo funcione bem, perceções visíveis nas dinâmicas de trabalho impressas em cada atividade artística. Alguns pais referem que há um trabalho bem articulado, mas salientam a prevalência das disciplinas curriculares e a importância dos resultados.

No que ao domínio cognitivo e sócio-afetivo e relação pedagógica diz respeito, depreendemos das repostas dos alunos inquiridos que:

1. Compreendem a premissa do bom *clima* na sala de aula. Referem que, para melhorar este *clima* de aprendizagem é necessária uma atitude mais proactiva. Salientam que a indisciplina perturba a aprendizagem daqueles que querem realmente aprender mais e melhor;
2. Referem que a pressão sobre os alunos influencia a performance contudo, também reconhecem que na EA essa condição faz parte do processo;
3. Destacam o pouco reforço positivo e colocam ênfase nas desigualdades que sentem no processo ensino-aprendizagem;
4. Reconhecem que é preciso alterar o rumo da autonomia, iniciativa e persistência para aprender mais e melhor;
5. Acentuam a tónica que a aprendizagem se faz também pela apreciação dos conteúdos lecionados e que em parte também depende da forma como são motivados;
6. Compreendem que é possível fazer mais e que a participação e colaboração nas atividades artísticas pode contribuir para a valorização das mesmas;
7. Referem ainda que é preciso mais determinação.

Práticas de ensino, aprendizagem e avaliação no ensino artístico

A visão dos alunos:

Enumeramos de seguida, os principais aspetos a merecer especial atenção nas respostas obtidas dos inquéritos aos alunos. Inferimos sobre as práticas de ensino, aprendizagem e avaliação no ensino artístico, bem como dos impactos do EA no desenvolvimento académico e pessoal.

1. Quando questionados sobre a qualidade do EA a generalidade dos alunos expressa uma apreciação muito positiva. Contudo, os inquiridos do 12.º ano, não obstante a tendência para a concordância, não concordam completamente;
2. A maioria dos alunos refere que as atividades que pratica nas áreas artísticas permitem aprender ao seu próprio ritmo;

3. Podemos também verificar que os alunos inquiridos consideram que os professores estão atentos às dificuldades de cada um;
4. Quando confrontados com eficácia de ensino, 18% dos alunos do 9.º ano discordam. Tais respostas sugerem que a metodologia adotada possa não estar a contribuir para uma boa aprendizagem para todos;
5. Quanto à valorização dos interesses, opiniões e ideias, parece não haver uma concordância absoluta em todos os níveis de ensino. Pelas respostas obtidas podemos depreender que, em algumas atividades artísticas, nem sempre são valorizados os interesses, opiniões ou ideias dos alunos. Neste contexto impõe-se o risco de um ensino artístico orientado a fornecer unicamente o que parece ser útil;
6. No item: “Nas áreas artísticas aprendo melhor quando trabalho individualmente”, as respostas são muito equilibradas. De acordo com os indicadores constatamos que há tendência para considerar o trabalho individual como mais produtivo;
7. O empenho dos professores para que todos os alunos aprendam é evidenciado nas respostas dos alunos do 6.º ano: a totalidade concorda ou concorda completamente;
8. Quanto ao reconhecimento e valorização dos progressos dos alunos, há notoriamente uma perspetiva de grande reconhecimento, sobretudo dos alunos do 6.º ano. Contudo os alunos do 9.º e 12.º ano tendem a ver este esse reconhecimento e valorização mais esbatido com o passar dos anos;
9. Percebemos que 45% dos alunos do 9.º ano consideram que os professores das áreas artísticas não conversam sobre o que cada um já aprendeu ou do que ainda falta aprender. Depreendemos a falta de feedback no processo de avaliação;
10. Os alunos tendem a considerar que os professores das áreas artísticas não falam sobre os resultados nem da forma de os ajudar a melhorar, facto preocupante que põe em evidência uma área de melhoria;
11. Quando questionados se nas aulas das vertentes artísticas os professores estão disponíveis para ajudar, os alunos do 6.º ano não manifestam qualquer dúvida. Também as respostas dos inquiridos do 9.º ano e 12.º ano apontam uma percentagem de concordância muito semelhantes;

12. No item: “Os professores das áreas artísticas valorizam a minha criatividade”, os dados recolhidos comprovam que os professores estão atentos à criatividade dos alunos contudo, afirma-se a importância dos mesmos serem desafiados a aprender mais e valorizados na singularidade do seu sentido crítico e criativo.
13. Relativamente à perceção que têm da avaliação, os indicadores sugerem que os alunos reconhecem a existência de formas diversificadas de avaliar e que são conhecedores da aplicação das mesmas;
14. No item: “Os professores das áreas artísticas falam comigo sobre os meus resultados escolares e ajudam-me a encontrar formas de os melhorar”, a opinião dos alunos é muito diferente e tendencialmente discordante. Neste ponto, podemos inferir que os alunos tendem a não reconhecer nos professores qualquer ajuda conducente à melhoria dos resultados, facto também já constatado no ponto 10;
15. As aulas da área artística, maioritariamente práticas, permitem-se a uma outra postura comportamental do aluno face às restantes disciplinas do currículo. Constatámos pela leitura dos resultados, que há uma percentagem muito elevada de alunos que considera haver frequentemente barulho e confusão nas aulas;
16. Na educação em geral e na educação artística em particular, o compromisso, responsabilidade, seriedade e respeito entre professor e aluno são questões centrais. Na questão “Os professores das áreas artísticas são respeitados pelos alunos dentro e fora da sala de aula” os dados obtidos apontam para uma elevada percentagem de concordância entre os sujeitos inquiridos, destacámos o facto de no 9.º ano a maioria dos alunos concordar mas não completamente;
17. Depreendemos também que, 20% dos sujeitos inquiridos não percecionam nenhuma ligação entre as atividades artísticas e as outras áreas disciplinares. Estes dados deixam-nos um indicador preocupante porque a interdisciplinaridade afirma-se como fundamental na convergência dos objetivos da escola;
18. Dos indicadores obtidos podemos inferir que o trabalho cooperativo entre professores é notado pelos alunos;

19. A educação que promove aprendizagens para além do curricularmente proposto é certamente mais enriquecedora. Neste ponto a maioria dos inquiridos entende que as aprendizagens nas áreas artísticas são de facto globalizantes;
20. Quando questionados se nas aulas das outras disciplinas também fazem atividades artísticas os alunos responderam de forma muito assimétrica. Os indicadores apontam para percentagens de concordância e discordância muito próximas;
21. Quanto aos impactos do EA no desenvolvimento académico e pessoal, podemos constatar que os inquiridos do 6.º ano responderam com níveis de concordância significativos, reconhecem o contributo das atividades artísticas na dimensão católica do colégio contudo, os alunos do 9.º ano apresentaram uma visão muito assimétrica, já os alunos do 12.º ano apresentaram uma percentagem de concordância elevada, facto que pode estar associado com as experiências e vivências dos valores católicos no percurso escolar;
22. A maioria dos inquiridos concorda com a afirmação: “Nas atividades artísticas aprendo a ajudar os outros”. Podemos depreender dos resultados que os alunos reconhecem no EA a possibilidade de desenvolver valores como a gratuidade e entreaajuda;
23. Aprender a partilhar é aprender a viver em sociedade e a melhorar a interação e competências sociais. Concluimos com segurança que a maioria dos alunos inquiridos reconhece a importância das atividades artísticas na edificação de valores de partilha;
24. Constatámos que a maioria dos alunos inquiridos reconhece que, com as atividades artísticas aprendem a ser mais persistentes e a reconhecer mais facilmente as suas capacidades e limitações, tornando-se mais capazes de resolver os problemas e adaptar-se a novas situações.

C. Desenvolvimento da *Pessoa* nas dimensões antropológica, pedagógica, axiológica e religiosa

Segundo o Ideário e Projeto Educativo do Colégio, no seguimento de Ana Maria Javouhey, as Irmãs de S. José de Cluny, herdeiras de um património tão rico e extraordinário, alicerçam a ação educativa na dimensão: Ontológica, que visa o desenvolvimento das potencialidades de carácter transcendente e humano nos alunos, pelo saber ser, saber fazer e saber estar; Axiológica, na qual os alunos são orientados para a vivência dos valores de transcendência e humanidade que dignificam a pessoa e lhe conferem autoridade moral, tais como: a verdade e justiça, autonomia, liberdade e responsabilidade, audácia e persistência, criatividade e participação, solidariedade e fraternidade, autoestima, respeito pelos outros e amor gratuito; Noológica, onde é visada uma educação para a excelência do saber, investindo na aquisição de competências que tornem o educando flexível e atuante, capaz de responder aos desafios da modernidade, bem como conduzir o aluno a uma apropriação sedimentada do conhecimento integrado numa compreensão espiritual.

1. O EA no desenvolvimento integral do aluno

O desenvolvimento integral do aluno é e sempre foi uma premissa do Colégio, missão enraizada na vontade expressa da fundadora da congregação de São José de Cluny, que considerava como prioridade uma educação plena, como forma de realização de todas as potencialidades, contribuindo para a promoção da pessoa e da sua dignidade. O Ensino Artístico contribui nesta nobre missão, possível de concretizar porque é uma “forma privilegiada de educação para a cidadania, na qual se integram e articulam experiências de aprendizagem diversificadas, (...)” (PGF, 2015, p.19) e porque “proporciona um ambiente que favorece quer o desenvolvimento afectivo quer o cognitivo.” (id. *ibid.*, p.19).

O aluno que frequenta o EA na Escola Católica, no âmbito do Projeto Educativo que integra e que aceitou de livre vontade, deve “capacitar-se de que tem de ser dom e serviço ao outro, (...) Cultivar as relações de afabilidade, amizade, gratuidade e

entreadjudada, (...) Consciencializar-se do dever moral de partilhar saberes e competências (IPE, 2015, p.12). Contribuindo para enriquecer o meio e a comunidade em que vive, usufruindo das condições proporcionadas para o seu “desenvolvimento físico, intelectual, emocional, moral, religioso, cultural e cívico, (...)” (id. ibid., p.64).

Pelo Ensino Artístico o Colégio também procura desenvolver a dimensão do amor, verdade, liberdade, justiça e paz. Nas suas concretizações o aluno deverá assumir a responsabilidade dos seus atos, “autodeterminar-se de forma consciente e livre pelos valores humanos e cristãos, (...) solidarizar-se com os grupos menos favorecidos, colaborando na sua humanização,” e “abrir o coração e a mente ao respeito profundo pelas diferenças étnicas, culturais, artísticas e religiosas de cada povo.” (IPE, 2015, p.12). A missão é grande e nobre sendo da “responsabilidade de todos os membros da Comunidade Educativa o desenvolvimento de uma cultura de cidadania capaz de fomentar os valores da pessoa humana, da democracia e do exercício responsável da liberdade individual.” (id. ibid., p.21).

1.1 Concretizações e multidisciplinarietà

As atividades promovidas no âmbito da EA têm forte pendimento na concretização de visitas de estudo, entendidas como aulas exteriores, com programas educativos específicos e direcionados a temáticas de estudo, porque estas são uma oportunidade privilegiada no sentido de criar condições de aprendizagem que permitem estimular aptidões, criar e desenvolver atitudes, proporcionar a aquisição de múltiplos conhecimentos, contribuindo assim para a formação integral do aluno. As propostas contemplam a execução de atividades preparatórias, privilegiando a interdisciplinarietà, no sentido de promover e estimular no aluno o gosto pelo conhecimento, pré-requisito fundamental para a melhor fruição possível.

A formação humana integral envolve necessariamente a arte e esta desempenha um papel fundamental para a formação da personalidade. Esta missão está bem presente pela Educação Artística que se exerce e nas intensões dos professores das vertentes artísticas:

A preparação dos alunos é, sobretudo no teatro, uma preparação multidisciplinar, neste âmbito integra-se nesta ideia do desenvolvimento integral da pessoa. Os alunos

são convidados e incentivados a desenvolver a sua cultura geral e a mobilizar competências de várias ordens, quer a nível da leitura da compreensão e interpretação do texto dramático quer depois, na preparação das ditas componentes físicas do trabalho de ator; movimento, colocação da voz, verbalização das emoções, interiorização e interação de todas as emoções que os atores têm que desenvolver, (...) (EPT)

A professora de Artes Visuais salienta também que a pedagogia de proximidade favorece esta formação, refere que por via da atenção ao outro, pelo carinho e amor que se coloca nas tarefas diárias, a construção vai se realizando e o aluno vai crescendo nas múltiplas dimensões:

Sempre na aula do dia-a-dia, no carinho e amor que colocamos no trabalho e no apoio aos alunos, nas suas dificuldades, (...). Sempre com reforços positivos, transmitindo confiança para atingirem os seus objetivos, ajudamos introduzindo técnicas de diferenciação, procuramos estratégias para eles alcançarem os objetivos. (EPAV)

A importância que o EA assume na consecução desse objetivo é genericamente identificada pelos Encarregados de Educação entrevistados:

“É uma componente fundamental no saber integral da pessoa, (...) Tem por isso um papel absolutamente central no PE do Colégio. (EE1)

Reconhece-se a função primária que o EA tem na Pedagogia Cluny, radicada nas ideias de Ana Maria Javouhey:

“É um papel de extrema importância até porque está radicado nos ideias da Madre Fundadora, que dava especial importância ao ensino das artes manuais. (...) Talvez a partir daí, se tenha construído um projeto muito articulado com a dimensão artística, vista como uma fonte de desenvolvimento integral dos alunos.” (EE2)

E a importância do EA nos domínios cognitivo e sócio-afectivo dos alunos:

“A Educação pela arte é fundamental para o desenvolvimento a todos os níveis, quer do raciocínio, quer ao nível do saber ser e estar, (...) (EE3)

A opinião de um Encarregado de Educação mostra algum ceticismo e alerta para a necessidade de se fazer mais:

“Sem dúvida que pode contribuir, mas devem melhorar ainda mais.” (EE5)

2. Contributo do EA para os valores Cristãos

A EA procura contribuir na dinâmica de sentimentos e de pensamentos que se estabelecem entre Deus e os homens e portanto contributo para os valores Cristãos. Deus revela-se pela beleza da arte, na função e no significado assumido por cada objeto. Revela-se em cada manifestação artística, no dom que foi conferido a cada aluno. Constitui uma manifestação do amor e de caridade que aproxima inevitavelmente os homens de Deus.

A Arte na Igreja vive sobre a forma de aliança, manifesta-se pela dimensão simbólica que transporta, presente no Colégio nas várias vertentes. Reinventa-se constantemente, procura acompanhar as novas formas e linguagens de expressão estética no anúncio do Evangelho e numa sensibilidade a tudo o que se revele portador de beleza (Pacheco, 2012).

No Ideário e Projeto Educativo a missiva é clara: procura a “Interligação e o comprometimento entre a cultura humana e a mensagem cristã, apresentando caminhos de crescimento global para a pessoa nas dimensões, pessoal, social, religiosa, artística e académica, (...)” (IPE, 2015, p.4), à imagem da fundadora, “A visão educativa recebe o seu cunho da personalidade forte da fundadora, sempre fiel, criativa e religiosa, (...) (id. ibid., p7), onde a educação integral, “(...) Inspira-se na conceção cristã do homem, da vida e do mundo, (...) e possibilita ao aluno orientar-se pelos valores de solidariedade, do respeito, da liberdade, da autonomia, da responsabilidade, da cidadania e da ecologia. (id. ibid., p.21).

A Diretora Geral quando questionada sobre o contributo das vertentes artísticas para a Educação para os Valores Cristãos, foi perentória quanto a essa intensão:

“O artista é um criador, (...) A vertente artística forma a pessoa na interioridade e na capacidade de descobrir em si coisas diferentes daquelas que jamais teria conhecimento se não fosse formado nessa vertente. Dá-lhe a noção mais clara, da grandíssima dignidade que o habita e da presença de Deus em si.” (EDG)

Os professores das Vertentes Artísticas, quando confrontados com essa questão, têm uma visão unânime relativamente ao contributo que a EA pode dar e da importância da sua missão na alavancagem do aluno:

“A Educação Artística faz vir ao de cima aquilo que os seres humanos têm de mais belo, criativo, inventivo, (...) Mobiliza a capacidade de trabalho, capacidade de sacrifício, de realização em conjunto, (...)” (EPT)

Demonstram estar conscientes do desafio e procuram estar à altura da missão que lhes é conferida:

“A dança e a música estiveram sempre ligados aos valores cristãos. (...) Em certas comunidades problemáticas, como por exemplo no Brasil (Favelas) criam-se grupos de dança e de música para tirarem os jovens da violência, do crime, da droga, e daí por vezes surgem grandes talentos.” (EPD)

A professora de Dança prossegue, destacando o valor acrescentado a estes alunos, que ficam “marcados” pelo *dom* que desenvolvem:

“A Dança tem estado sempre ligada com a religião, nas festividades religiosas, nas procissões, na Adoração do Senhor, nas Eucaristias, (...) São alavancagens, uma mais valia para a vida destes jovens que, até podem vir a fazer outras coisas, mas ficam sempre marcados pela arte.” (EPD)

O professor de Música realça os valores cristãos como algo intrínseco ao *belo* que existe em cada manifestação artística:

Na música, como noutras áreas artísticas, os valores cristãos como o amor, a justiça, a paz, a fraternidade, a preocupação com o outro, estão sempre presentes. (...) A música quando está a ser praticada, ensaiada, por crentes ou não crentes está intrinsecamente a desenvolver e a aprofundar valores cristãos, (...). (EPM)

Quando a música é praticada como meio de transmitir mensagem:

Há instituições que usam a arte mais especificamente na prática religiosa, ou de intervenção espiritual, como por exemplo os concertos de música cristã. Na religião, na política, como noutra área qualquer, a música pode ser um meio de transmissão de mensagem (...). (EPM)

Ou quando é praticada como arte, como meio de transmitir beleza:

Quando estamos em palco, estamos a desenvolver esses valores, estamos a tentar criar harmonia, paz, bem estar, amor, cuidado estético, ajudando os outros a pensar, a sonhar, etc. (...). (EPM)

No Teatro procura-se desenvolver no aluno a dimensão sócio afetiva, integradora e estética, pelo conhecimento de si, do outro e da sua visão do mundo. Procura, pela dimensão dramática que engloba, integrar textos bíblicos como fonte de inspiração para as suas concretizações, nos Saraus Culturais ou nas demais atividades programadas:

O Teatro é uma arte de comunhão e comunidade onde todas estas valências vão ao encontro dos valores cristãos. (EPT)

Também nas Artes Visuais por via das mais diferentes performances, quer nos temas propostos para a pintura, quer pelas realizações introduzidas de acordo com a época que se vive:

Na harmonia, na beleza, no amor colocado em cada projeto, isso nota-se (...) Nas instalações artísticas, nas decorações de espaços, nas horas com Jesus, nos encontros católicos, (...) onde se coloca o dom de cada um, ao serviço do outro. (EPAV)

Os Encarregados de Educação fizeram a escolha do Projeto Educativo que o Colégio apresenta. Esta escolha livre e consciente, pressupõe a aceitação do modelo de educação que se desenvolve. “A proposta religiosa do Colégio é a da Igreja Católica e deverá ter sempre uma oferta que respeite a liberdade dos alunos, professores e famílias.” (IPE, 2015, p.21). A EA não foge à regra, apresenta e desenvolve dinâmicas que integra a participação dos alunos em projetos e atividades que têm intrinsecamente e extrinsecamente valores cristãos associados. “Para além da formação académica, os alunos têm direito a receber meios de formação humana que lhes proporcionem uma verdadeira formação integral.” (id. ibid., p.64). O contributo do EA para os valores cristãos é portanto transparente e inegável, nas palavras dos EE entrevistados:

Sem dúvida, a arte sempre esteve ligada à fé católica, a Diretora Geral salienta muito isso nas visitas que prepara com os alunos do colégio, atualmente está a preparar uma visita a Roma, também nesse sentido, (...). (EE1)

Salientam a visão integrada da Educação Artística:

Sim de alguma forma, talvez mais as artes visuais porque fazem um trabalho mais integrador, por exemplo, as instalações anuais ou as pinturas que tentam sempre essa aproximação, também nas encenações há esse cuidado (...). (EE2)

Numa visão integrada de todas as vertentes, há vários momentos ao longo do ano em que esse cuidado existe, contribuindo na educação para os valores. (EE2)

Ou da criatividade como dom, do qual floresce a dimensão humana e cristã:

Quando se desperta a parte criativa estamos a explorar também a vertente dos valores cristão, que se centram muito na criatividade, na pessoa e na reflexão desta sobre as coisas, (...). (EE5)

Na forma como a Educação Artística contribui para a valorização do mundo que nos cerca:

A dimensão artística ajuda-nos a ver a realidade de um modo completamente diferente, ajuda-nos a ver coisas como não as víamos antes. Ajuda a abrir os olhos, para uma realidade que de outra forma não conseguiríamos enxergar. (EE3)

A parte artística ajuda a refletir sobre tudo, sobre o que está à nossa volta. A própria criação, como um dom de Deus, aproxima não separa, (...) Só quem está neste meio consegue perceber quanto isso é um dom de Deus. (EE5)

Na experiência de vida de cada um, aqui releva-se a importância do professor sentir-se identificado com a missão:

A relação professor aluno é diferente, é mais próxima, como trabalham com o sentido em Deus, esses valores vão sendo transmitidos de um modo ou de outro, também pela experiência de vida. (EE4)

3. Exclusão da EA da formação pessoal

O respeito pela liberdade de escolha é fundamental e intransponível, faz partes dos princípios defendidos pela Direção do Colégio. Como em qualquer outra decisão não deixa de ser um sinal que deve ser considerado e analisado. Na opinião da Diretora Geral:

A primeira razão creio que está na família. As famílias de uma maneira geral dão mais importância a atividades mais “produtivas”, (...) Os alunos são desviados pela vertente artística pelos pais, (...) Creio que é por uma falta de cultura que reina nos cidadãos de hoje e sobretudo em Portugal, isto é muito visível porque os pais têm relutância em que os filhos frequentem estas vertentes. (EDG)

A professora de Dança defende a ideia da desvalorização emergente e a falta de motivação em parte resultante de uma certa “desculturação”:

Excluem por falta de motivação, não têm experiência de casa, são pessoas secas, só vão aos espetáculos para ver e serem vistos. Não há uma preparação para o que vai ser visto. (...) Por vezes não é o fator económico que os leva a optar assim, mas sim um fator de desvalorização. (...) Afirmam que as artes não acrescentam nada, porque não vêm resultados imediatos, mas se lhes trás melhores resultados a matemática ou outras disciplinas já passam a ter interesse, (...). (EPD)

O professor de Música aponta para o desconhecimento, refere um panorama de experiências excludentes da vertente artística, sendo estas entendidas como periféricas na formação do aluno:

Presumo que sejam desconhecedores das sensações (benefícios) que daqui retiram (...), eventualmente não nasceram em meios que os despertassem para a arte, infelizmente acontece em muitas famílias, (...). Quando chega a hora de tomar uma decisão, esquecem as artes, (as artes estão fora de questão, há uma tendência para seguir cursos diferentes e eventualmente fazer este ou aquele complemento em artes). (EPM)

A procura do sucesso de uma classificação, numa visão muito pragmática da educação para as competências curriculares, inscreve-se numa certa “pressão social” a que os alunos se encontram sujeitos, deixando todo o resto na margem:

Uma carga horária excessiva, uma focagem excessiva sobre um modelo de educação estritamente virado para as competências curriculares, (...). Muitas vezes há mais preocupação pela nota do que pela aprendizagem, (...). (EPT)

A educação é vista como um meio para atingir um fim (determinada nota) e não como um fim em si mesmo. Se vissem nessa perspetiva, seguramente tentariam ter uma conceção mais inclusiva e globalizante que ultrapassasse as margens definidas pelos currículos. (EPT)

Caminha-se para um certo entorpecimento e letargia sobre as coisas que rodeiam os alunos e sobre os outros, inclusivamente sobre os seus pares:

Eles não excluem, simplesmente elas estão adormecidas. Esta (sensibilidade) não é desenvolvida, (...) Uns demonstram mais outros menos. No dia-a-dia, são capazes de sair do Colégio e não olhar a paisagem, concentram-se no seu mundo com os headphones e não apreciam, (o mundo que os cerca), vivem numa sociedade multimédia precisam de tempo para olhar a natureza, (...). (EPAV)

4. Impactos do EA no desempenho e comportamento dos alunos

a) ao nível académico

Das vantagens que decorrem do EA, destaca-se o desenvolvimento cognitivo dos alunos e das ligações que se estabelecem segundo múltiplos diálogos, promovendo o respeito pela opinião, pela diferença e pela pessoa que o outro representa. Factos já amplamente discutido e em variadíssimos estudos confirmado. No Colégio há inúmeras evidências como podemos depreender pelos testemunhos que apresentamos:

Os nosso melhores alunos são aqueles que praticam e desenvolvem em si o dom que Deus lhes dá no serviço à arte, e na medida em que vão desenvolvendo esse dom, também se transformam a outros níveis. (EDG)

Os alunos com maior desempenho, mais capacidades e que exploram estas artes, de uma maneira geral são os mais respeitadores e com mais sucesso nas outras áreas disciplinares, (...). (EPM)

A facilidade de ver para além do curricular:

Acho que modificam para melhor. Eu noto que ao longo desta minha posição de professor, que os meninos que frequentam o EA têm competências e capacidades, que os outros, ou não têm ou têm menos, (...) Acrescento que os currículos estão estruturados de maneira rigorosa e objetiva e os meninos têm dificuldade em ver um pouco mais além, Out-of-the-Box, (...) (EPT)

Na opinião dos Encarregados de Educação:

O desempenho deles é muito bom e isso é notório, porque os alunos mais dedicados às artes são sempre alunos com notas muito boas ou excelentes, mesmo os que estão noutras áreas do saber, (...) (EE1)

Esta parte também está ligada com inteligência, concentração, (...) ajudam ao desenvolvimento do saber ser e empenhar-se a saber estar, (...). (EE5)

Na organização das suas vidas, na resiliência e na capacidade que têm de se superar:

São os alunos que têm mais capacidade de resolver problemas, mais intelectualmente preparados, mais organizados nas suas vidas e mais capazes de enfrentar as vicissitudes da vida, (...) Mais tarde, vêm a ter uma maior evolução. (EPM)

Uma grande capacidade para realizar tarefas, um espírito crítico muito acentuado, criatividade no desenvolvimento da matéria em equipa, (...) (EPT)

A vertente artística sim como complemento mas não como profissão:

Os pais sentem-se amargurados se os filhos pretendem enveredar pela vertente artística, (...) Felizmente hoje em dia começa a ser importante ter no currículo a frequência destas atividades, porque pode dar acesso a qualquer coisa. (...) (EPD)

Temos muitos exemplos de pessoas de relevo na sociedade portuguesa e noutras vertentes, que também estão associados à arte! (EPD)

É visível sobretudo ao nível curricular. O EA ajuda a “olhar” e “ver com atenção”, contribuindo para formar opinião sobre as coisas e sobre o mundo que os rodeia:

Modificam o desempenho, porque os ajudam a ser metódicos nas suas aprendizagens, a saber o que é importante e o que é acessório, (...) As artes ajudam a desenvolver uma maior concentração, o gosto pelo aprender e pelo saber. (EPD)

b) ao nível pessoal

A relação humana como lugar antropológico de “afeção mútua” e de “aprendizagem” (Batista, 2005), eleva-se num modelo de educação onde a

“pedagogia de proximidade” (Batista, 2006) permite compreender ansiedades, o bem estar, as alegrias e as tristezas. A EA permite também uma certa empatia na relação professor aluno, na aproximação ao outro no sentido da compreensão mútua, apresenta-se como uma prática de “paternagem”, (Alves 2012), despertando e desenvolvendo no aluno outra resiliência, outra confiança, outra responsabilidade, outra postura, outro sentido de humanidade. Capacita os alunos de enfrentar os sucessos e insucessos nas suas manifestações artísticas: na dança, quando tudo correu bem ou quando podia correr melhor; na audição musical, onde a pressão e o medo o fez superar-se; na dramatização, pela exposição pública da sua performance; no desenho ou pintura, que é sujeita à crítica do olhar e da experiência de cada um. Este impacto encontra-se patente nas experiências que podemos constatar nestes testemunhos:

Na vertente humana, torna o aluno muito mais sensível, mais reconhecedor do talento do outro, mais capaz de aceitar o insucesso, mais capaz de compreender as diferenças das pessoas e a sociedade. (EDG)

Alguns destes alunos acompanho-os, no seu percurso de vida, não apenas porque eram meus alunos, mas também porque criaram outro tipo de ligação, (...) (EPM)

Apesar do acréscimo de tempo que despendem no trabalho artístico, estas atividades acabam por moldar a resiliência e capacidade de lutar, por isso são alunos muito bons. (EE1)

Prepara-os para um outro sentido de responsabilidade social, contribui para formar cidadãos capazes de inovar e promove o desenvolvimento da capacidade emocional, indispensável a um comportamento moral íntegro (Damásio, 2006):

É qualquer coisa de absolutamente indispensável para formar cidadãos com mentes sãs, capazes de enfrentar os desafios da modernidade. (EDG)

Sem dúvida, torna-os mais concentrados, disciplinados e organizados, naturalmente mais a uns que a outros, (...) (EE2)

Na capacidade de reconhecer uma dificuldade como uma oportunidade:

A capacidade de encarar cada situação menos positiva como um desafio, em vez de se deixarem abater, revelam uma vontade de se superar, estão mais habituados, aptos, a reconhecer nas coisas o que tem de mais belo. (...) (EE1)

Na capacidade de organização, porque o tempo é uma dimensão moldável, o que implica uma outra articulação da vida, dando prioridade ao que é prioritário:

A dança (...) ocupa os alunos num maior número de horas em termos comparativos. A minha filha que frequenta a dança tem o tempo sempre ocupado, mas tem sempre tempo para tudo (...) (EE2)

São mais organizados, mais metódicos, não desperdiçam o tempo, o facto de terem música ou desenho ajuda-os na concentração, (...) e contribuem para o desenvolvimento integral do aluno. (EE3)

No despertar para o mundo e para o outro, gerando uma “visão” mais integradora, mais humanizadora, mais feliz:

Os meninos que frequentam o EA têm uma pequena diferença relativamente aos outros, podem perspetivar o mundo, a matéria e os conhecimentos do mundo de uma forma mais personalizada. (...) A educação artística é algo que fica para a vida e seguramente torna-os seres humanos mais dinâmicos, mais felizes, mais atentos ao belo, ao outro e a si próprios. (EPT)

Modificam os alunos, os outros vêem os nossos alunos muito mais felizes, são alunos mais completos, até pela ligação que temos uns com os outros, (...) há entreajuda e isso é muito visível (...). (EPAV)

Uma criança ou um adulto desperto para a arte é uma pessoa mais sensível para o outro e mais desperta para a religião. (...) Permite ver o outro como um ser único e com as suas próprias capacidades. (EE5)

E na perspetiva dos Encarregados de Educação:

Têm uma criatividade invulgar, são mais curiosas, persistentes e tentam sempre fazer o melhor. (EE4)

As crianças devem ter uma parte artística onde se desenvolvam porque isso gera concentração e principalmente sentido de organização,, estratégias de estudo, (...) (EE5)

Uma oportunidade para se redescobrirem:

Aproveitam as opiniões e vão mudando, nunca se sentem completos. Tenho como experiência nas minhas filhas. Até ao 9.º ano foram um pouco rebeldes. muito por falta dessa parte que não tiveram, até aí viam as disciplinas sem sentido de ligação, (...) Foram para artes para irem aos encontro delas, para se descobrirem um pouco mais, (...) (EE5)

Têm um caminho de formação muito diferente, mais sensíveis a uma pluralidade de saberes, uma forma diferente de estar, (...) (EE2)

Um reconhecimento que só é possível sentir com o passar do tempo, como refere o Encarregado de Educação (EE4):

Os alunos não têm medo de arriscar, são seguros de si e do que fazem, são mais empreendedores. O valor da aprendizagem que aqui fazem só o sentem mais tarde, (...). (EE4)

Notas conclusivas

1. Reconhecemos que o desenvolvimento da pessoa nas dimensões antropológica, pedagógica, axiológica e religiosa é uma asserção do Colégio porque está enraizado na vontade expressa da fundadora da Congregação. Depreendemos que o EA contribui nesta missão porque é uma forma privilegiada de educar para os valores de cidadania e porque proporciona um ambiente que favorece o desenvolvimento afetivo e cognitivo.
2. Percebemos que há uma evidente convergência entre os documentos orientadores e os discursos da Diretora Geral, Professores e Encarregados de Educação no que diz respeito à importância do EA na valorização do aluno ao nível académico e pessoal;
3. Constatámos que é da responsabilidade de todos os membros da comunidade educativa o desenvolvimento de uma cultura de cidadania capaz de fomentar os valores da pessoa humana da democracia e do exercício responsável da liberdade individual (IPE, 2015);

4. Compreendemos que as atividades promovidas no EA têm forte pendor na concretização de visitas de estudo e em atividades de exterior, com programas educativos específicos e direcionados a temáticas de estudo, sendo por isso, oportunidades privilegiadas de aprendizagem que proporcionam a aquisição do múltiplos conhecimentos, "Os alunos são convidados e incentivados a desenvolver a sua cultura geral e a mobilizar competências de várias ordens" (EPT);
5. Admitimos que a pedagogia de proximidade, claramente beneficiada pelo carácter prático das atividades artísticas, favorece as aprendizagens e o aluno vai crescendo nas múltiplas dimensões;
6. Percebemos que a EA assume uma força constante que procura alcançar e integrar todos os alunos e por isso apresenta um vasto plano de atividades;
7. Das vantagens que decorrem do EA, destaca-se o desenvolvimento cognitivo dos alunos e das ligações que se estabelecem segundo múltiplos diálogos. O *gosto pelo saber* e uma certa facilidade de ver para além do curricular;
8. Que há um reconhecimento dos professores e EE da capacidade de resiliência dos alunos no modo como enfrentam os sucessos e insucessos;
9. Percebemos pelas palavras da Diretora Geral, que os melhores alunos são aqueles que praticam e desenvolvem em si o dom que Deus lhes dá no serviço à arte;
10. Que as práticas artísticas têm contribuído para "modelar" emoções, sentimentos, ideias e ideias, trazendo-as também para o plano racional, facto comprovado pelos bons resultados alcançados;
11. Compreendemos que os EE fizeram uma escolha livre e consciente do Projeto Educativo do Colégio e que essa decisão pressupõe a aceitação do modelo de educação onde a EA apresenta e desenvolve dinâmicas que integram a participação dos alunos em atividades que têm intrinsecamente e extrinsecamente valores cristãos associados;
12. Constatámos que a educação integral da escola inclui respostas às inquietações religiosas e pastorais dos alunos crentes, famílias e professores;
13. Verificámos que os professores reconhecem a importância da sua missão na alavancagem das aprendizagens do aluno e que os valores cristãos são intrínsecos ao *belo* que existe em cada manifestação artística;

D. Autorregulação e avaliação

1. Dinâmicas de autorregulação

A avaliação das atividades artísticas do Colégio faz parte de um processo de regulação que ajuda a determinar até que ponto é que corresponde aos objetivos propostos e se esta está a desenvolver-se ao ritmo previsto. A Direção conta com a corresponsabilização dos respetivos coordenadores e assume a responsabilidade da promoção e coordenação da avaliação em todos os seus aspetos e dimensões (IPE, 2015).

O processo avaliativo em vigor é constituído por: Avaliação em departamento das atividades realizadas, com o registo de uma grelha de auto e heteroavaliação que tem por base a identificação dos pontos forte e pontos fracos e sugestões de melhoria; Apresentação dos resultados obtidos ao Conselho Pedagógico e à Direção Pedagógica. Em função dos resultados estabelecem-se novas metas para o ano letivo seguinte, contemplando o que de melhor se fez para um novo quadro de propostas. Não há um modelo formal de avaliação de desempenho e competências exclusivo da vertente artística, contudo o docente é avaliado, não apenas de acordo com o disposto no Contrato Coletivo de Trabalho em vigor, mas também em boa medida, pela observação que se faz:

Não está prevista a avaliação de desempenho especificamente para a área artística. Está prevista de uma forma geral mas é evidente que se reflete nesta, porque quando estamos numa avaliação de desempenho, avaliamos a entrega e capacidade de fazer isto ou aquilo, (...) (EPM)

A este respeito a Diretora Geral salienta que a avaliação do docente está implícita nas performances públicas dos seus alunos:

A avaliação de desempenho está implícita, quando o aluno executa o docente está a ser avaliado, na medida em que está não só à vista da Direção como de todo um público, (...) Não há ninguém específico a avaliar e temos tido ecos maravilhosos de tudo o que se tem feito. No colégio têm surgido todas as vertentes artísticas com um desempenho muitíssimo bom. (...) (EDG)

As ofertas educativas na vertente artística surgem em função das novas tendências e realidades. O Colégio regula-se no sentido de possibilitar a abertura a novas

correntes artísticas, nas vertentes que existem ou na criação de novas vertentes, dependendo, em boa medida, da procura e das apetências que os alunos demonstram:

A apetência para uma determinada vertente artística é algo que se vai descobrindo ao longo do tempo. A criança fica sensibilizada pela atuação de alguns (alunos), através dos espetáculos e a partir daí tudo se regula para dar solução ao que a criança quer, (...) (EDG)

2. Dinâmicas de avaliação

No Ideário e Projeto Educativo as dinâmicas de avaliação são consideradas como um processo contínuo que permite à Comunidade Educativa verificar o grau de qualidade da sua ação e a adequação da pedagogia utilizada aos interesses e necessidades dos alunos. Refere ainda o que compete aos departamentos artísticos:

Analisar e debater questões relativas à adoção de modelos pedagógicos, de métodos de ensino, de critérios de avaliação, de materiais de ensino-aprendizagem (...) e que a aplicação do processo de avaliação e dos respetivos critérios “deve ser um estímulo e uma orientação constantes, conducentes ao melhoramento da ação educativa. (IPE, 2015, p.41).

Propõe que se desenvolva um trabalho articulado com os Serviços de Psicologia e Orientação Vocacional e os Diretores de Turma, na definição de “medidas nos domínios da orientação, acompanhamento e avaliação dos alunos (...). (p.46)”.

Compete aos professores das vertentes artísticas propor as avaliações no conselho de turma, contudo são atribuições deste órgão, “aprovar as propostas de avaliação do rendimento escolar dos alunos, apresentadas nas reuniões de avaliação por cada um dos professores da turma, de acordo com os critérios e procedimentos de avaliação estabelecidos.” (p.51). Nas atividades artísticas como em qualquer outras disciplina, os alunos têm direito a participar no processo de avaliação, nomeadamente através dos mecanismos de auto e heteroavaliação escrita e serem informados sobre a “evolução do seu processo de ensino e aprendizagem e sobre os aspetos que deverão requerer maior esforço, no sentido de melhorar o seu desempenho.” (p.65). É ainda da competência do conselho de docentes e dos departamentos curriculares elaborar os critérios específicos de avaliação, atendendo às especificidades e objetivos de cada área disciplinar e disciplina, em cada ciclo de ensino.

Mas as dinâmicas de avaliação no EA parecem não acompanhar a tendência das restantes disciplinas, no sentido de testar a extensão de conteúdos, ou saberes assimilados pela transmissão eficaz de um grande número de conhecimentos (Perrenoud, 2005).

Periodicamente reunimos o conselho artístico, reuniões feitas depois das prestações artísticas, e aí temos a oportunidade de fazer essa análise e os ajustamentos necessários, (...). Das reuniões periódicas resulta uma melhoria substancial, porque se trata de um trabalho que é feito em comunidade, há mais pessoas a pensar sobre os assuntos, (...) Pessoas com competências e que têm um papel ativo nos trabalhos desenvolvidos. (EPT)

Os professores procuram ter em consideração as necessidades reais dos alunos na operacionalização das tarefas de modo a incrementar a qualidade do seu trabalho:

Há uma avaliação de toda a turma, onde se vê como os alunos reagem a determinados matérias e conteúdos e depois com cada aluno em particular vou vendo as dificuldades e vou trabalhando com esse aluno. (...) São objetivos que pretendemos levar a feito mas que nem sempre conseguimos cumprir e muitas vezes ficamos aborrecidos por não os conseguirmos cumprir. (EPM)

A preocupação em realizar um trabalho bem feito, que resulta de uma constante autocritica:

A maior avaliação que se tem feito, tem sido aquela que resulta das participações fora do colégio (...). Quanto ao trabalho individual, este resulta de uma autocritica muito grande, penso sempre que posso fazer melhor, tentando entrar na “cabeça do aluno” para melhor o compreender. (EPD)

Como se de um exercício de “esboço” se tratasse, do qual derivam traços mais firmes:

A preparação de um projeto teatral é quase um exercício de esboço, (...) Um quadro que resulta da realização de vários rascunho, (...) Nos ensaios de palco começamos por um esquiço básico e depois, no ensaio seguinte vamos melhorando todas as imperfeições da análise feita por todos, e assim, de ensaio em ensaio, vamos num processo de melhoramento, vendo o desenho que está feito, (...) (EPT)

Promovem-se estratégias pedagógicas diferenciadas, que apontam fundamentalmente para a aquisição de competências práticas.

Alguns alunos tocam instrumentos diferentes dos que estão estabelecidos no programa e de acordo com as suas capacidades vou sugerindo que alguns acompanhem com o que sabem tocar. Desta forma gera-se motivação. (EPM)

Reconhece-se o estatuto do professor como o “que ajuda” e orienta mas não completa o aluno:

No ensino de há 20 ou 30 anos os alunos eram diferentes, agora têm conhecimentos mais profundos sobre as matérias, (...) O professor agora só o ajuda, não o completa, (...) As aulas têm de ser diferentes, juntamos o que aprendemos com a evolução dos tempos e utilizamos outros meios a que eles estão mais habituados, (...). (EPAV)

As dinâmicas de avaliação contínua e sistemática procuram favorecer não só o desempenho escolar dos alunos, mas também a qualidade dos trabalhos apresentados:

A autoavaliação é feita todos as aulas, (...) Valorizo o espírito crítico e o sentido estético dos alunos, tomo em consideração as suas impressões, neste sentido, o projeto está permanentemente a ser avaliado. (EPT)

Vamos avaliando e vendo o que não resultou bem, (...) Nesta área não há falhanços completos, há projetos que se concretizam bem e outros que não correm tão bem, por falhas no decorrer do processo, mas vamos sempre fazendo as modificações necessárias para poder continuar, (...) (EPAV)

A professora de Artes Visuais refere ainda o “alento” resultante dos impactos positivos da melhoria:

Esta avaliação vai tendo impacto na melhoria e dá-nos outro alento, porque queremos ver o colégio com mais alegria, mais harmonioso e com mais e melhor arte. (EPAV)

A avaliação das práticas artísticas parecem não mostrar as evidências de outras práticas. O aluno facilmente coloca em questão a avaliação, motivada por um autoconceito bastante marcado:

A avaliação é muito difícil. Há casos em que os alunos não gostam de ser corrigidos porque já têm um autoconceito elevado das suas capacidades e qualidades, e isto é um facto que ocorre muito. (EPD)

Reconhece-se o esforço que alguns alunos fazem, o desânimo em algumas ocasiões é manifesto, como refere a Professora de Dança:

Os que trabalham e que dão valor, aqueles que encaram a Dança como a Matemática ou as Ciências, etc., muitas vezes ficam desanimados porque não conseguem melhor. (EPD)

Salienta também os fatores motivacionais, que em algumas ocasiões são geradores de conflito interior:

(...) Ocorrem algumas situações em que os alunos pensam que não conseguem fazer melhor, desistem facilmente e vêm o outro, supostamente com mais dificuldades, a conseguir melhores resultados, sentem com isso que o professor dedicou mais tempo ao outro (...) (EPD)

Os alunos têm capacidades mas não as querem desenvolver, ou só as querem desenvolver até determinado ponto, (...) Com o sucesso do outro surge o arrependimento e depois a frustração. Muitas vezes a nossa experiência vê que os alunos podem ir mais longe, mas nem sempre isso é compreendido pelos pais. (EPD)

Antes de qualquer performance artística, parece ser fundamental um trabalho preparatório profundo porque ao contrário de outras disciplinas, não há margem de erro, a imagem que fica para o público é a de “um mau artista” ou de uma má preparação dos alunos.

Na dança, no teatro ou na música não “há borracha”, se ocorre um erro no momento da apresentação não há modo de corrigir ou voltar atrás, só no próximo espetáculo é possível corrigir. (...) (EPD)

No momento de decidir em conselho de turma, procura-se não impor mas sim propor, as dinâmicas de avaliação das práticas artísticas consideram fatores extrínsecos à disciplina:

Nos três momentos de reuniões de conselho de turma, inicial, intercalar e final de período, os professores das áreas artísticas estão presentes e os seus depoimentos são tão importantes quanto os dos outros colegas. (EPT)

Da avaliação feita constam alguns pareceres do desempenho do aluno ao longo do período. (...) Os alunos no final do primeiro período têm uma informação qualitativa da sua prestação, nesta altura ainda não tiveram a oportunidade de se apresentar ao público, (...) (EPT)

É necessário manter a Escola Cultural atualizada, com práticas artísticas inovadoras, que acompanhem as tendências e intentos dos alunos, quebrar rotinas como sugere o coordenador do Departamento Artístico.

Nas audições, as pessoas já só criticam, estão mais atentas a ver os pontos negativos, embora entendamos que, há nitidamente melhorias que não são muito referidas, o que seria normal era haver cada vez mais problemas (...). A valorização das atividades só aparece quando se quebram esse hábitos (rotinas). (EPM)

3. Prática sistemática

No Ensino Artístico as performances vão sendo corrigidas momento a momento. Trata-se de um processo eminentemente prático e o aluno não pode “desenvolver-se com o erro”.

A avaliação como prática sistemática revela-se como condição fundamental. Os alunos participam em várias atividades ao longo do ano e são sistematicamente confrontados com novas exigências:

A avaliação é sistemática “temos demonstrações artísticas que se vão repetindo ao longo do ano e nas quais percebemos a evolução, assim sendo a avaliação é sistemática.” (EDG)

Quando o resultado depende de uma boa coordenação de todos, todos estão implicados na exigência. O aluno sente-se parte do processo de construção de algo exigente e que vai ser “avaliado por todos”. As artes performativas como a música o Teatro e a Dança dependem em boa medida do palco, os professores e os alunos sentem-se comprometidos com a exigência, como refere o professor de música:

“Há casos em que trabalhamos ” hora a hora” e isso é fundamental para que tudo corra bem, muito concretamente nos ensaios para audições (...)”. (EPM)

Há também um processo reflexivo sobre o que correu bem e o que não correu como planeado:

(...) Não há aula nenhuma em que eu não reflita sobre o que correu mal e o que pode ser melhorado. Quanto mais experiente vou ficando, vejo que, a grande maioria das vezes quando as coisas correm mal, a culpa é minha e não dos alunos, é importante percebermos isso, (...) (EPM)

O processo de melhoria faz-se de forma sistemática no dia a dia. O primeiro passo é a tomada de consciência da disponibilidade de cada um:

Há dias em que os alunos vem mais agitados, ou porque os vem de outros espaços e de outras atividades, (...) Se eu venho mais disponível e com tudo muito bem programado, as aulas correm muito melhor, os alunos até podem vir muito agitados mas acaba por correr bem, portanto, entendo que é necessário fazermos essa autoavaliação constante para melhorar, tomar atitudes diferentes para aula seguinte correr melhor (...) (EPM)

Notas conclusivas

1. Compreendemos que o processo avaliativo em vigor é constituído por avaliação em departamento das atividades realizadas, com o registo de uma grelha de auto e heteroavaliação que tem por base a identificação dos pontos forte e pontos fracos e sugestões de melhoria;
2. Verificámos que os resultados das avaliações departamentais são apresentados ao Conselho Pedagógico e à Direção Pedagógica;
3. Percebemos que não está prevista uma avaliação de desempenho especificamente para a área artística;
4. Constatámos que compete aos professores das vertentes artísticas propor as avaliações no conselho de turma contudo, são atribuições deste órgão “aprovar as propostas de avaliação do rendimento escolar dos alunos, apresentadas nas reuniões de avaliação por cada um dos professores da turma, de acordo com os critérios e procedimentos de avaliação estabelecidos.” (IPE, 2015, p.51)
5. Verificámos que, antes de qualquer performance artística, parece ser fundamental um trabalho preparatório profundo porque, ao contrário de outras disciplinas, não há margem de erro e a imagem que fica para o público

é a de “um mau artista” ou de uma má preparação dos alunos, como sustenta a professora de Dança;

6. Compreendemos que as práticas de avaliação são sistemáticas e resultam, em boa medida, das performances artísticas que se vão repetindo ao longo do ano e nas quais se percebe a evolução;
7. Constatámos que alguns alunos consideram que os professores das áreas artísticas não falam sobre os resultados nem da forma de os ajudar a melhorar, facto preocupante que põe em evidência uma área de melhoria;
8. Verificámos que os bons resultados dependem de uma boa coordenação de todos os atores, sendo essencial mobilizar “a inteligência pedagógica de cada escola, avaliando em cada momento os objetivos enunciados e os passos dados” como refere Azevedo (2013).

E. Medidas de promoção e desenvolvimento

1. Investir numa oferta artística de qualidade

A oferta artística existente visa dar resposta às necessidades que crescem no Colégio e na Comunidade onde este se integra. Ajustam-se de acordo com as novas tendências, as experiências, apetências e expectativas dos alunos e dita aquilo que pode ser uma nova oferta artística.

A apetência para uma determinada vertente artística é algo que se vai descobrindo ao longo do tempo, a criança fica sensibilizada pela execução de alguns (através dos espetáculos) e a partir daí tudo se regula para dar solução ao que a criança quer, vamos dando a todos a possibilidade de se inscreverem nas diversas atividades.
(EDG)

Vale apenas continuar a investir porque há notoriamente um feedback positivo:

Nós notamos que os alunos estão cada vez melhores, criámos novas modalidades de dança, novos momentos celebrativos, mais presenças em concursos e participações no exterior, também na pintura, este ano fez-se o mural, (...) (EDG)

A opinião dos Encarregados de Educação aponta para um investimento que vale apenas. Reconhecem a importância da EA e o esforço que se tem feito, mas referem “inclinação científica e curricular demarcada”. Alguns testemunhos evidenciam o paradoxo existente entre o querer mais EA, porque é importante para o desenvolvimento da criança, mas por outro lado apontam uma sociedade em que a Ciência emerge como uma via única. Parece não haver um equilíbrio emergente nos tempos próximos, como sugere Damásio (2013) na definição de “*homeóstase sociocultural*”.

Alguns testemunhos apontam para uma ordem diferente:

A arte, e a ciência depois, são áreas que parecem não essenciais à sobrevivência da espécie humana (Raymond Williams), contudo são elas que nos fazem verdadeiramente seres humanos, daí a diversidade em arte ser importantíssima.
(EE1)

Podia investir-se mais nessa parte, o colégio está a investir muito mais na parte racional (cognitiva) que na artística. (EE5)

Desenvolver mais o raciocínio pela dimensão Artística e menos a parte cognitiva, que acaba por desmotivar os alunos, (...). (EE3)

Investir sim, num ensino artístico de qualidade onde seja possível assistir a um “ambiente rico em arte” e onde possa notar-se a evolução dos educandos:

Sim, o Colégio deve investir para que os pais sintam um ambiente rico em arte. (EE4)

É importante investir e isso tem-se notado ao longo dos anos, (...). Tenho os filhos em diferentes anos e noto que, seja ao nível das Arte Plásticas seja ou ao nível das outras vertentes, tem havido uma crescente qualidade nos projetos apresentados. Temos a sensação que passou-se do amadorismo para o profissionalismo. (EE2)

Referem o pouco investimento nos primeiros ciclos de estudo:

Deveria haver uma componente artística maior na infantil e no primeiro ciclo, por exemplo: a observação de objetos, paisagens, jogos com música, contar histórias, associar coisas através de sons, (...) (EE3)

Este testemunho faz sentir a necessidade de reinventar a EA na Expressão Plástica do primeiro ciclo:

Deveria fazer-se uma abordagem diferente do que se faz (...) No primeiro ciclo o meu filho desenhava e pintava muito mal, porque havia muitos desenhos para colorir e para se fazerem o mais rapidamente possível, (...) Isso pode criar vícios negativos nos miúdos, (...) (EE3)

Prosegue:

No 5.º ano, de um dia para o outro, começou a desenhar muito melhor, notou-se muito a diferença, (...). Deveria haver outro tipo de preparação no 1.º ciclo - por exemplo a especialização nesta área. (EE3)

2. Promoção e desenvolvimento das aprendizagens

As medidas de promoção e desenvolvimento do EA no Colégio, parecem depender mais das atividades dinamizadas pelos departamentos artísticos, que por quaisquer outras diretrizes. A Diretora Geral refere a este propósito que:

Estamos sempre abertos a inovações que sejam propostas, (...) Se a arte é modular e modela o espírito, então temos de apostar na arte e nos alunos. (EDG)

A Direção reconhece a importância que assume a EA no Colégio, como podemos comprovar pelas palavras dos professores:

A Direção tem dado sempre aval positivo no que respeita às atividades artísticas, dentro e fora do Colégio, favorecem e elogiam, porque reconhecem que somos um pilar neste colégio. (EPAV)

Temos à frente da direção uma pessoa que, devido à sua formação, valoriza e dá força ao desenvolvimento de atividade culturais. (...) Temos um terreno fértil em que a maioria das nossas atividades são bem recebidas e bem aceites. (EPM)

3. Influência da oferta artística na escolha

São vários os fatores que podem contribuir para a escolha da escola., desde a condição socioeconómica às características emocionais ou cognitivas da criança. Os pais têm a delicada missão de colocar na balança da decisão o que pretendem para os seus filhos. Ponderar sobre o que é dispensável e indispensável na formação do seu educando e saber se o Ideário e Projeto Educativo da Escola está ou não alinhado com os valores familiares. Mas a opinião da criança também pode pesar na decisão.

Este estudo procura demonstrar que o papel da Escola deverá ir além do estritamente curricular, neste sentido a Educação Artística e a oferta cultural existente pode ser um forte contributo para a valorização da Escola e um fator de decisão no momento da escolha. Das entrevistas realizadas depreendemos que as opiniões dividem-se apesar de todos terem optado pela frequência de pelo menos uma vertente artística:

Sim, li textos do Eduardo Sá, em que salienta que as crianças na pré escolar só deviam ter arte, educação física e brincadeira, (...) Aqui no colégio o trabalho está muito centrado nessas vertentes, daí ter sido uma razão pela qual decidi aqui colocar o meu filho. (EE1)

Não influenciou a escolha:

Não foi decisivo, porém todos os meus filhos optaram por frequentar as atividades artísticas. (EE2)

Inicialmente não, porque coloquei os meus filhos logo aos três anos, (...) (EE5)

A EA influenciou porque pode contribuir para o crescimento interior do educando:

E muito importante que os meus filhos tenham formação artística, quer no desenho, quer na música, para estruturar o pensamento, abrir outros horizontes, enriquecer o conhecimento geral, amadurecimento diferente da história do passado e do futuro, as artes têm uma importância fundamental a esse nível. (EE3)

A atenção às apetências do educando levou a ponderar por uma escola que investe no EA:

Sim, quando o meu filho era pequenino, notei desde muito cedo que tinha jeito e entusiasmo para o desenho e para a pintura, (...). Ele foi revelando sensibilidade e o colégio contribuiu para a sua evolução, e assim foi criando a sua paixão. (EE4)

A educação católica pesou mais que a cultural:

Foi mais pela parte religiosa que pela parte cultural, porque para mim era muito importante que as minhas filhas tivessem uma boa formação geral. Os valores cristãos são fundamentais (...) (EE5)

Notas conclusivas

1. Salientamos a opinião dos EE que genericamente aponta para um investimento que vale a pena, porque reconhecem a importância da EA e o esforço que se tem feito;

2. É notável o paradoxo existente entre o querer mais EA na escola, porque é importante para o desenvolvimento da criança, mas por outro lado apontam uma sociedade em que a Ciência emerge como uma via única;
3. Verificámos que há testemunhos que fazem sentir a necessidade de reinventar a EA e a Expressão Plástica do primeiro ciclo;
4. Constatámos que a promoção e desenvolvimento do EA dependem mais dos departamentos e coordenadores que propriamente da Direção Pedagógica, na medida em que esta demonstra apoio total;
5. Quando questionados sobre a Influência da oferta artística na escolha da escola, as opiniões dos EE dividem-se, apesar de todos os entrevistados terem optado por inscrever os educandos em pelo menos uma vertente artística.

F. Pontos fortes, pontos a melhorar e sugestões de melhoria

1. Feedback da qualidade do EA

Depreendemos do discurso dos Professores e Encarregados de Educação que há um trabalho de qualidade que começa a evidenciar-se. A experiência vivida no contacto com as dinâmicas e performances artísticas permite perceber que, em alguns casos, as realizações vão além de simples atividades artísticas, como depreendemos através de alguns comentários:

Acho que é desenvolvido um trabalho que vai para além de uma atividade de escola. (...) é visível noutras vertentes mas na dança há um trabalho de maior projeção. Como mãe tenho acompanhado essa evolução e por isso considero a oferta de altíssima qualidade. (EE2)

Refere um exemplo:

Recordo um espetáculo no final de ano no TAGV (Teatro Gil Vicente) em que os técnico da régie diziam que pensavam que era uma festa de escola, (...) (EE2)

Comparativamente à oferta existente noutras escolas:

Tendo em conta que a avaliação é comparativa, a oferta está num nível muito bom, ainda se pode melhorar muito, mas em termos gerais é muito boa. O Colégio oferece o que não existe na maioria das escolas. (EE5)

Na opinião da professora de Dança, os pais consideram o EA melhor, reconhecem o esforço dos professores, mas não estão dispostos a arriscar:

A comunidade educativa afirma que a qualidade artística está a melhorar, que está tudo mais organizado, há profissionalismo, (...) Há a intensão de fazer ver que as coisas são sérias. (...) Mas os pais não estão dispostos a arriscar que os filhos vão mais longe no conhecimento de qualquer vertente artística, só naqueles conhecimentos gerais (Vertente curricular da escola) é que vale a pena apostar. (EPD)

Refere também o reverso:

Também há aqueles pais que arriscam muito, porque acham que com pouco, os talentos estão bem definidos. (EPD)

Mas há ainda algum trabalho a desenvolver para a promoção da Educação Artística segundo as opiniões do (EE3) e do (EE5):

É bastante satisfatória, mas com algumas coisas a melhorar ao nível geral. (...) Poder-se-ia promover concertos, abrir mais as portas à cidade, com concertos, isso motivaria mais os alunos. (EE3)

As intervenções artísticas no colégio são boas, embora deveriam ser melhor organizadas e com maior diversidade, (...). Em relação ao exterior acho que deveríamos fazer mais intervenções, (...) Deveria ser mais publicitado o que se faz, acho que as pessoas não tem noção do que se passa dentro da escolas, (a escola está fechada à comunidade) Este é um fator a melhorar, (...). (EE5)

O drama da falta de tempo, o confronto com uma realidade que não é facilitadora no desenvolvimento de um trabalho artístico com qualidade. Na entrevista à professora de Dança depreendemos a angústia que se vive:

Há a sensação que o incremento de horas em determinadas disciplinas, “subtraindo” a área artística, resolverá grandes problemas (...). Parece haver um drama quanto às poucas horas de Português ou Matemática, mas na geração anterior a organização curricular era outra e não é por isso que hoje somos ignorantes. (EPD)

Prossegue referindo que a exigência que há não é a mesma para as várias áreas do currículo, fator que pode estar na base de alguma desmotivação:

A desvalorização da vertente artística vem também pela pouca aceitação do que está errado, (conceito que tudo é válido e bom). Se o aluno tem negativa na disciplina de matemática mais facilmente se reconhece a dificuldade, contudo numa disciplina da vertente artística não é a mesma coisa, surgem imediatamente várias opiniões justificando o problema. (EPD)

Apostar na valorização dos espaços, uma escola descaracterizada não parece contribuir para um bom clima de aprendizagem:

As pessoas gostam muito do que se vai fazendo, apreciam e valorizam e comentam muito positivamente. Os colegas dizem que o colégio fica diferente (A propósito das instalações artísticas colocadas em todo o colégio e alusivas ao tema cultural) e quando retiramos, comentam que o colégio fica triste. (EPAV)

Quando os alunos saem do Colégio valorizam mais a escola e o tempo que aqui passaram, como refere o (PM):

As reações que temos são mais daquelas pessoas que, por qualquer motivo, já saíram do colégio e que mais tarde comentam as realidades de outras escolas, (...) Comentam que nada têm haver com o que se faz no Colégio, que no Colégio trabalha-se com outro profissionalismo. (EPM)

2. O impacto do EA nas aprendizagens

É fundamental que tanto as práticas pedagógicas como as orientações do ensino artístico compreendam dinâmicas que ultrapassem a capacidade prática de “desenvolver arte”. A EA tem o compromisso de promover no alunos novas formas de pensar a arte e conseqüentemente o mundo que o rodeia e não apenas envolvê-los de uma capacidade performativa de fazer com recurso a técnicas e materiais. A questão performativa tende a ser vista, no contexto da escola atual, como algo “assessório” a um desígnio ainda maior: os impactos colaterais nas outras áreas do saber, como refere Fróis:

Uma das finalidades da arte é contribuir para o apuramento da sensibilidade e desenvolver a criatividade dos indivíduos. Na Educação, esta finalidade é uma dimensão de reconhecida importância na formação do indivíduo, ampliando as possibilidades cognitivas, afectivas e expressivas.

(Fróis, 2000, p.201).

Um outro olhar sobre a arte exige que utilizemos vários tipos de cognição, projetamos para dentro da arte e leva-nos a fazer conexões com distintos domínios da experiência humana. Permite-nos conhecer os contextos históricos, culturais e sociais nos quais se enquadram e ampliam contribuindo para uma formação mais vasta e para uma maior mundividência. Nesta análise podemos verificar alguns testemunhos que apontam nesse sentido:

Alguns pais valorizam muito a vertente artística isto, porque percebem que estas fazem com que o aluno seja mais moderado, organizado, (...) Nota-se um grande

apreço pelos pais que têm os filhos a frequentar uma vertente artística, e portanto há todo um conhecimento substanciado, porque os filhos assim o demonstram. (EDG)

A Diretora Geral refere ainda a capacidade que os alunos, “verdadeiros artistas”, têm no aproveitamento do tempo:

Os verdadeiros artistas não têm muito tempo para perder, porque ocupam o seu tempo na concentração e na organização de pensamento, nas emoções e no que tem que produzir. (EDG)

Ainda no que à gestão do tempo diz respeito, os Encarregados de Educação salientam a importância de uma boa gestão do tempo:

Talvez, também é certo que às vezes lhes rouba algum tempo que daria jeito para consolidar outros conhecimentos, (...). É importante que os professores da dimensão artística ajudem os alunos a aproveitar o tempo que vai sobrando, até porque os alunos adaptam-se a qualquer espaço para fazer determinados trabalhos, e facilmente conseguem concentrar-se, (...). (EE2)

Os alunos que tem mais atividades extracurriculares nestas áreas são os melhores alunos, os que tem melhores resultados, notas mais elevadas, têm menos tempo de estudo e contudo conseguem ter melhores resultados que aqueles que não tem este tipo de atividades, (...) (EE3)

Existem convergências entre a arte e a ciência, no campo da neurociência os estudos realizados²⁴ aproximam substancialmente estas duas áreas porque se complementam. Manifestamente os alunos que se dedicam às artes “desenvolvem-se de um forma mais rica” como refere (EE1):

Os Encarregados de Educação reconhecem essa mais-valia mas os alunos não têm muito presente a mais valia que a arte pode ter no respetivo desempenho nas outras áreas do saber. (EE1)

Prossegue, referindo o exemplo do caminho percorrido pelo seu educando:

Sabemos que os alunos que se dedicam à arte, desenvolvem-se de uma forma mais rica, até do ponto de vista neurológico, comparativamente com aqueles que não têm

²⁴ SciArt Center - where the arts and sciences converge – Organização que estuda e desenvolve atividades que promovem a aproximação entre a Arte e Ciência.

essa possibilidade. Tenho como exemplo o caminho que o meu filho está a fazer, que é muito bom e está naturalmente associado à arte. (EE1)

3. Ações concretas de melhoria na qualidade do EA

Conhecer as práticas e os processos de ensino-aprendizagem que se desenvolvemos no EA, os recursos humanos e materiais que se mobilizam e as relações que se estabelecem com a comunidade, são fatores que podem contribuir para compreender o grau de empatia que existe com as concretizações das diferentes vertentes artísticas. Neste processo entra a autoavaliação, já referida neste estudo, e que contribui para aferir se o trabalho que se desenvolve preenche o que está estabelecido, se há mudanças a fazer e que ações concretas de melhoria se devem adotar. Neste ponto apresentamos algumas considerações e sugestões dos professores entrevistados:

É verdade que as coisas estão já esquematizadas e que se fazem muitas coisas por hábito (rotina). Não há propostas específicas da Direção, há sim propostas que vem de meios restritos como por exemplo das Dioceses, com tendência artística muito limitada, (...). (EPM)

Sair da zona de conforto não é fácil, entendemos que a rotina não favorece o modelo de Escola Cultural, rica em atividades artísticas e culturais:

Sabemos que por falta de tempo, ou disponibilidade, devido ao programa preestabelecido, torna-se difícil introduzir novas propostas (...). Uma coisa inovadora, seria acabar com o programa preestabelecido, porque há hábitos e vícios que fazem com que as pessoas percam o interesse e a valorização das coisas. (...) (EPM)

Uma escola que vive porque se reinventa:

Vivemos uma época em que é necessário fazer constantemente novidade e surpreender, esperávamos um pouco mais de algum reconhecimento, de uma forma geral há menos apreciações (Comentários) do que aquilo que deveria haver. (EPM)

Uma escola que precisa de uma liderança com outras disponibilidade, que possa acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos, que não seja absorvida pelas restantes tarefas de gestão como refere a professora de Dança:

É necessária outra disponibilidade por parte da Direção para acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos, há uma ocupação muito grande nas restantes tarefas de gestão, que torna-se particamente impossível acompanhar tudo o que se faz. (EPD)

Os professores precisam de tempo para se organizarem, para desenvolverem o trabalho com outra serenidade e ponderação, como se depreende nas palavras da Professora de Artes Visuais e do professor de Música:

Nós professores “parecemos máquinas de ensinar”, e transmitimos isso aos alunos, falta alguma sensibilidades, (...). (EPAV)

Há muitas coisas a melhorar, todos os anos fazemos reuniões para lutar contra a inércia e contra a falta de tempo, mas é uma frustração constante porque sabemos onde queremos melhorar mas não temos tempo para programar e depois para melhorar, como gostaríamos de fazer (...). (EPM)

Na lógica do EA os pontos de melhoria são vistos como uma emergência:

Não é identificar pontos de melhoria a longo prazo que as coisas se resolvem, mas antes aplicar logo as melhorias nas atividades seguintes. (EPM)

Os currículos não parecem estar preparados para favorecer o EA. No Colégio deveria haver um área disciplinar que contribuíssem para alargar a mundivisão dos alunos, como refere a (EPT):

Seria importante ser permitido aos alunos, no quadro do curso de artes, a existência da disciplina de História da Cultura e das Artes, (...). Os alunos que enveredam pelas áreas científicas deveriam também poder ter uma disciplina que os pudesse ajudar neste sentido. Penso que é importante, sempre que possível, alargar a mundivisão de cada aluno, (...). (EPT)

Quando se revela um dom no educando, este deve ser aproveitado, a única forma de o fazer é reconhecer as capacidades criativas pela riqueza que podem representar (Robinson, 2006). É necessário um outro estímulo social e parental:

Gostaria que houvesse mais entusiasmo pelas artes visuais, por essa arte que é tão bela e complexa, onde é necessário um potencial muito seguro, mas que para a qual

não há grande estímulo social e parental, (...) Uma arte que será muito importante num futuro muito próximo. (EDG)

Quanto à perspectiva dos Encarregados de Educação, reconhece-se a necessidade de fazer algo mais ao nível da EA, por exemplo apresentar casos de sucesso como refere (EE1):

Seria interessante mostrar casos de sucesso de alunos que tiveram percursos de vida maravilhosos. (...) Talvez assim conseguissem cativar um número maior de alunos para as vertentes artísticas, que infelizmente, nos média têm sido desprezadas porque se passa a mensagem que com a arte não se consegue ganhar a vida, isso é triste. (EE1)

A realização de iniciativas que proporcionem aos alunos “uma aprendizagem numa perspectiva diferente”:

Por exemplo, fazer um conjunto de workshops nas diferentes vertentes, trazendo à escola vultos das artes para que também vejam o trabalho de qualidade que se faz, proporcionando ao mesmo tempo aos alunos uma aprendizagem numa perspectiva diferente. (EE2)

Como já foi referido, investir mais nos primeiros anos de escolaridade:

É fundamental criar Educação Visual no 1.º ciclo, introduzir também a Educação Musical na pré-escolar, a música clássica estimula o raciocínio, (...). (EE3)

Promover dinâmicas de aulas que promovam outro clima na sala de aula, visto como um dos fatores determinantes para as atitudes e sucesso dos alunos. (Cabral, 2014).

Deixar as crianças trabalhar com música porque ajuda à concentração, ajuda a serenar interiormente, a tranquilizar os nossos alunos mais agitados, porque não têm tempo para parar dos ritmos alucinantes com que vivem (...). Seria bom criar espaço para parar, ouvir música, desenhar, observar, etc. (...). (EE3)

Uma balança mais equilibrada, a vertente curricular não artística e a vertente artística curricular e extracurricular não parece estar equilibrada. As práticas pedagógicas apostam no “despejar conteúdos” como refere (EE5):

“Despeja-se” muito conteúdo, muita formalidade e pouco sentido, uma melhoria que tem de ser feita aos poucos, (...). Esse objetivo é mais possível aqui porque há um corpo

docente estável que cresce no colégio, essas melhorias podem gerar melhores resultados. (EE5)

Envolver mais os alunos. Os alunos implicados denotam outra empatia pelas artes:

Maior envolvimento dos alunos em atividades artísticas no dia a dia do colégio, por exemplo através da associação de estudantes, desenvolver performances nos recreios da escola (...) (EE4)

Notas conclusivas

Da análise que fizemos podemos depreender que:

1. Há um trabalho de qualidade que começa a evidenciar-se e que em alguns casos parece ir além de simples atividades artísticas escolar;
2. Quando todos se empenham na exigência a qualidade vê-se, facto que pode ser evidenciado pelo sucesso dos últimos espetáculos públicos.
3. A valorização do espaço do Colégio por pinturas ou instalações temáticas é muito apreciada por toda a comunidade educativa e é promotora de um ambiente mais alegre;
4. A motivação dos alunos tende a ser menor no EA em comparação com as outras áreas do currículo. Deparamo-nos com uma visão muito pragmática da educação para as competências curriculares, facto que se inscreve numa certa “pressão social”;
5. Na opinião do professor de Teatro é essencial uma área artística que contribua para alargar a mundivisão dos alunos, numa balança mais equilibrada entre a vertente curricular não artística e a vertente artística curricular e extracurricular;
6. Há ainda algum trabalho a desenvolver para a promoção da EA. Segundo os EE é necessária uma outra visibilidade, uma participação ainda mais ativa fora do Colégio.

SÍNTESE DOS RESULTADOS – Boas práticas e áreas de melhoria

Por forma a facilitarmos uma visão integral e integrada dos resultados a que foi possível chegar com este estudo apresenta-se, em seguida, um quadro síntese das boas práticas e áreas de melhoria para cada uma das categorias de análise, construído com base na análise de dados realizada.

Quadro 15

Síntese de boas práticas e áreas de melhoria

Categorias de análise	Boas práticas	Áreas de melhoria
<p>A. Preponderância das vertentes artísticas no contexto da Escola Católica Cultural</p>	<ul style="list-style-type: none"> • o EA é entendido com um dos pilares da escola • as dinâmicas e ações desenvolvidas procuram dar relevo ao lado estético e espiritual da arte • a vertente artística contempla um vasto plano de atividades para alcançar e integrar todos os alunos • promove-se a partilha de recursos, decisões e de uma ação comum ao nível dos melhores procedimentos • estabelecem-se redes de relações próximas e empáticas que favorecem aprendizagens centradas na <i>persona</i> do aluno • a generalidade dos alunos inquiridos referem “gostar muito” das vertentes artísticas • os professores e EE entrevistados, consideram que o EA está presente nos momentos solenes e importantes, que é reconhecido e valorizado como uma janela de oportunidades no domínio de formação integral 	<ul style="list-style-type: none"> • tempo destinado ao EA • alguns alunos estão pouco motivados para as práticas artísticas • tendência decrescente na frequência das atividades artísticas • o maior número de alunos que frequenta o EA concentra-se no primeiro e segundo ciclos. É necessário mobilizar os alunos mais velhos • a apreciação das atividades artísticas pressupõe maior atenção à produção, fruição e reflexão • é necessário promover ações de reconhecimento àqueles que frequentam atividades artísticas específicas com acompanhamentos individualizados • maior aposta na educação pré-escolar e no primeiro ciclo • sensibilizar alunos e professores de outras áreas disciplinares para a Educação pela Arte
<p>B. Práticas da Educação Artística no Colégio</p>	<ul style="list-style-type: none"> • as práticas artísticas articulam-se com outras áreas disciplinares, procurando explorar de várias formas e meios, conteúdos e novos temas de aprendizagem, são por isso globalizantes • os professores ajudam o aluno a 	<ul style="list-style-type: none"> • dificuldade que os professores têm em articular práticas artísticas com os interesses dos alunos e também com os projetos da comunidade • o pouco tempo para desenvolver um EA ainda mais profícuo

	<p>desenvolver-se nas vertentes pessoal, social, religiosa, artística e cultural</p> <ul style="list-style-type: none"> • estabelecem-se emoções, sentimentos e ideias que se projetam no plano racional • a planificação e organização é articulada com o calendário letivo e com todas as outras atividades de ordem cultural ou católica • planificação conjunta onde há margem para desenvolver opções pessoais • aproximação das práticas artísticas aos alunos num trabalho equilibrado com outras vertentes e com forte ligação ao tema cultural • o trabalho do tema cultural evolui, de acordo com as sinergias de cada turma e em articulação com várias áreas do saber • alguns EE referem que há um trabalho bem articulado, visível nas dinâmicas impressas no EA • a generalidade dos alunos inquiridos expressa uma apreciação muito positiva na qualidade do EA • os professores estão atentos às dificuldades dos alunos, disponíveis e empenhados para que todos aprendam, reconhecem e valorizam os progressos dos alunos • há compromisso, responsabilidade, seriedade e respeito entre professor e aluno • os alunos reconhecem o contributo da EA no desenvolvimento de valores como a gratuidade, entreatajuda e partilha • capacita o aluno em reconhecer mais facilmente as suas capacidades e limitações 	<ul style="list-style-type: none"> • prevalência das disciplinas curriculares e a importância dos resultados • os alunos inquiridos reconhecem a importância de um bom clima na sala de aula • alguns alunos referem o pouco reforço positivo contudo, reconhecem que precisam de ser mais autónomos, determinados e persistentes • conteúdos lecionados e motivação • participação e colaboração nas atividades artísticas • alguns alunos sugerem que a metodologia adotada pode não estar a contribuir para a valorização dos interesses, opiniões e ideias • desafios que promovam mais aprendizagens • 20% dos sujeitos inquiridos não percecionam nenhuma ligação entre as atividades artísticas e as outras áreas disciplinares
<p>C. Desenvolvimento da <i>Pessoa</i> nas dimensões antropológica, pedagógica, axiológica e religiosa</p>	<ul style="list-style-type: none"> • o EA é reconhecido como uma forma privilegiada de educar para os valores de cidadania e que proporciona um ambiente que favorece o desenvolvimento afetivo e cognitivo • convergência entre os documentos orientadores, a DG, Professores e EE no que diz respeito ao reconhecimento do EA na valorização do aluno ao nível académico e pessoal • reconhecimento dos professores e EE da capacidade de resiliência dos alunos no modo como enfrentam os sucessos e 	

	<p>insucessos</p> <ul style="list-style-type: none"> • nas palavras da DG os melhores alunos são aqueles que praticam e desenvolvem em si o dom que Deus lhes dá no serviço à arte • a EA apresenta e desenvolve atividades que têm intrinsecamente e extrinsecamente valores cristãos associados 	
<p>D. Autorregulação e avaliação</p>	<ul style="list-style-type: none"> • a avaliação é realizada em departamento com o registo de uma grelha de auto e heteroavaliação • os resultados das avaliações são apresentados ao Conselho Pedagógico e à Direção Pedagógica • são atribuições do Conselho de Turma aprovar as propostas de avaliação do rendimento escolar dos alunos • antes de qualquer performance artística há um trabalho preparatório profundo • os bons resultados dependem da boa coordenação de todos os atores • as práticas de avaliação e autorregulação são sistemáticas 	<ul style="list-style-type: none"> • alguns alunos consideram que há falta de feedback no processo de avaliação que permita a melhoria dos seus resultados
<p>E. Medidas de promoção e desenvolvimento</p>	<ul style="list-style-type: none"> • os EE consideram que vale a pena investimento na EA porque reconhecem a importância do mesmo e o esforço que se tem feito • as medidas de promoção e desenvolvimento dependem dos departamentos e coordenadores. A Direção Pedagógica demonstra apoio total às iniciativas dos departamentos artísticos 	<ul style="list-style-type: none"> • paradoxo existente entre o querer mais EA na escola e uma sociedade em que a ciência emerge quase como uma via única • a necessidade de reinventar a EA e a Expressão Plástica do primeiro ciclo • não há evidências que a oferta artística tenha influência na escolha da escola
<p>F. Pontos fortes, pontos a melhorar e sugestões de melhoria</p>	<ul style="list-style-type: none"> • há um trabalho de qualidade que é evidenciado nas várias realizações e espetáculos públicos • quando todos se empenham na exigência a qualidade vê-se • a valorização do espaço por pinturas ou instalações temáticas é muito apreciada por todos • a EA é promotora de um ambiente alegre e de uma escola viva 	<ul style="list-style-type: none"> • a motivação dos alunos tende a ser menor no EA em comparação com as outras áreas do currículo • evidencia-se a necessidade de uma área artística nos currículos, que contribua para alargar a mundivisão dos alunos • os EE referem que é necessária uma outra visibilidade com uma participação ainda mais ativa no exterior

PARTE IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A viagem não acaba nunca”

A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o visitante sentou na areia da praia e disse:

“Não há mais o que ver”, saiba que não era assim. O fim de uma viagem é apenas o começo de outra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite, com o sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre.

José Saramago

1. As questões de investigação

Durante esta investigação procurámos compreender até que ponto a Educação Artística desempenha um papel essencial na formação integral do aluno, inquietação própria de quem olha para a Educação como uma missão e com paixão. As considerações que aqui partilhamos são o resultado de um caminho que não se fecha em si mesmo, mas de um percurso que nos pode fazer olhar o horizonte de outra maneira.

Esta caminhada implicou a necessidade de trazer ao presente um olhar atento sobre o Ensino Artístico no seu conceito mais amplo, particularizando progressivamente aquelas que são as propostas artísticas da escola em análise.

Ao longo desta senda procurámos, à luz de lentes teóricas, significados e significações, compreender melhor a “paisagem” que se nos afigurava. As linhas de força que definiram este percurso, que não deve ser tido como o único possível, resultaram de uma narrativa pessoal e de uma base metodológica apoiada nos princípios de investigação já enunciados.

2. Os primeiros passos

Começámos este caminho, procurando conhecer a “matéria de que é feito” o professor da Escola Católica na esperança de encontrar um coração identificado, com que traça o conhecimento que advém da Fé.

Seguimos viagem até à Escola Cultural, que busca promover valores de cidadania, que procura aprender e ensinar numa construção comum, uma Escola onde a liberdade é força motriz para a promoção do saber, contributo para uma cultura de socialização. Neste contexto, adentrámo-nos na educação para os valores, nas grandes competências do saber, saber ser e saber fazer, inerentes no processo educativo, sem nunca menosprezar o que é verdadeiramente imprescindível: o saber fazer-ser, um saber fazer ser ético, porque o professor não faz ser “coisas” ele faz-ser “pessoas”. (Patrício, 1993)

No mundo contemporâneo as pessoas tendem a fechar-se em si mesmas, num tempo em que Deus nem sempre é convidado a entrar nas nossas casas. Esta problemática religiosa é também uma problemática axiológica, sobretudo na educação das escolas católicas, e tem repercussões significativas.

Nesta investigação, fomos olhando e procurando compreender as iniciativas e o *modus operandi* da Educação Artística no Colégio, papel absolutamente central no Projeto Educativo, enquanto Escola Católica Cultural.

Seguimos, e mais adiante olhámos a Arte numa perspectiva analítica, mas também como veículo para a via espiritual, porque o homem tenta aproximar-se de Deus não só por via do transcendente mas também para a contemplação. E porque, pela contemplação do que é *belo*, o homem pode inspirar-se para poder construir também ele coisas belas, a Educação Artística desvela-se como único meio que dá harmonia ao corpo e à alma. A arte como podemos entender, vai mais longe do que as teorias ou as realizações das pessoas, ultrapassa o raciocínio e iluminando a imaginação, acelera o corpo do pensamento. (Cook, 1917)

Comprendemos que, no diálogo que existe entre Arte e a Educação se edifica a pessoa e que a “construção” se faz no momento em que cada um emerge na experiência do sensível, que a atividade criadora da arte é, portanto, um instrumento pedagógico com a particular capacidade de mobilizar diferentes

culturas, dotando cada um para além do conhecimento de aptidões, mas fundamentalmente da capacidade para intervir no desenvolvimento humano e compreensão mútua.

Percebemos também que toda a educação que não considera ou inclua os valores estéticos como componente essencial, alheia-se de educar o Homem na sua integridade. A Escola tem aqui um papel preponderante: ajudar o aluno a contemplar e a educar o gosto. A Educação Artística assume particular relevância neste ponto, contribuindo para o desenvolvimento progressivo da criação na expressão pessoal do aluno, cultivando neste sementes para um desenvolvimento mais crítico, criativo, rico de significações e rico em conteúdos.

Seguimos viagem e entrámos na Educação Artística de uma Escola Católica Cultural. Começámos por aclarar sucintamente o que se entende por Cultura Visual e Artes Visuais, importante vertente artística no estímulo dos sentidos, que nos convida a ser capazes de compreender as coisas, numa atitude estética que nos leva ao abrandamento do olhar na descoberta do detalhe. (Mukařovský, 1990). Compreendemos a Música e a Educação Musical como parte essencial da Educação Artística, como linguagem universal fundamental na formação da pessoa, que encontra terreno fértil nos primeiros anos ensino, que sempre esteve e está presente na vida da escola. Olhámos o Teatro e a Expressão Dramática que, apesar de não reunirem consensos nos seus significados, são os meios privilegiados de desenvolver aprendizagens, porque envolvem processos cognitivos associados à relação entre a prática e a abstração, desenvolvendo também no aluno a dimensão sócio-afetiva, integradora e estética, pelo conhecimento de si, do outro e da sua visão do mundo. Ingressámos no mundo da Dança, como forma de contar histórias e pelo seu longo caminho percorrido, que transporta consigo inúmeras configurações próprias dos tempos e culturas que vive, da representação renovada dos factos históricos, que vive e que é utilizada para documentar, ao reviver momentos. Transporta consigo valores históricos e as representações evoluem, emigram e os factos históricos fundem-se, criando divisões ecléticas próprias do carácter transformador da Educação. Entendemos que a dança favorece a criatividade, experimentação e improvisação, ingredientes indispensáveis na Educação integral do aluno.

Seguimos a nossa jornada para o enquadramento metodológico, do qual deriva um estudo de caso e uma análise qualitativa. Focámo-nos na natureza, no objetivo do estudo e nas questões de investigação. Seguimos a linha da investigação metodológica, porque nos permitiu explorar e descrever perceções, comportamentos, acontecimentos e contextos complexos, que envolveram a comunidade escolar e o meio artístico em particular, possibilitando ainda, conhecer por dentro esse contexto e inferir na importância que EA tem na vida dos alunos de uma Escola Católica Cultural.

Continuámos rumo com a caracterização da escola, numa abordagem à história e ao modelo pedagógico que segue. Adentrámo-nos no seu Plano Geral de Formação, e no seu Projeto Educativo, enquanto escola que participa na missão educativa da Igreja e com raízes viradas para o céu.

Avançámos para os tempos e procedimentos da investigação, analisámos os instrumentos e técnicas de recolha de dados no estudo a que nos propusemos.

Começámos o estudo empírico, com uma narrativa pessoal sobre a Educação Artística. Analisámos a preponderância das vertentes artísticas, as práticas da Educação Artística, o desenvolvimento da *pessoa* nas dimensões antropológica, pedagógica, axiológica e religiosa, compreendemos as práticas de autorregulação e avaliação, as medidas de promoção e desenvolvimento e os pontos fortes, pontos a melhorar e sugestões de melhoria.

Do trajeto realizado, das observações e contemplações feitas, emergem agora novos estímulos que entendemos pertinentes para uma renovação da Educação Artística numa Escola Católica, seja do ponto de vista teórico ou da perspetiva das práticas artísticas escolares. O caminho recomeça agora.

3. Síntese dos resultados

3.1 Uma visão panorâmica

Resgatamos agora algumas das principais inferências que, durante esta caminhada, foram discorrendo do confronto com os conteúdos desvelados.

O valor que o Ensino Artístico acrescenta a cada aluno não é algo mensurável, o que podemos medir é sempre inverosímil, pouco definido, apenas conseguimos

percecionar impulsos ou transformações pelo pulsar da relevância do Ensino Artístico no âmbito do Projeto Educativo do Colégio, com base nos testemunhos recolhidos.

A educação integral que o Colégio objetiva, não parece resultar apenas do somatório de intenções, ou da influência de ações educativas estanques, resulta em boa medida da articulação das mesmas com o Projeto Educativo.

Enquanto Escola Católica, o Colégio tem como propósito “A formação integral do Homem em todas as suas dimensões, de forma a torná-lo capaz de se inserir nas estruturas sociais, dinamizando a sua humanização” (PGF, 2015, p.6). Posiciona a educação na mensagem de Jesus Cristo, onde alicerça e fundamenta a sua forma de educar. Neste ponto a atuação dos professores parece ser o reflexo dos valores que o projeto pedagógico preconiza, as várias ações e atividades apontam claramente para uma participação ativa na dimensão católica.

A resposta a estes princípios orientadores verifica-se pela mobilização e implicação da comunidade escolar numa adesão conjunta, que procura proporcionar um ambiente que favorece o desenvolvimento afetivo e cognitivo, nas diversas iniciativas culturais e católicas, promotoras de aprendizagens globalizantes, diversificadas, integradoras e socializadoras, no sentido de uma “Promoção da personalização, irrupção da subjetividade de uma outra liberdade” (Azevedo, 2012). Estas iniciativas estão bem demarcadas pelas exposições, realizações e performances artísticas que ocorrem de forma sistemática nos espaços da Escola, num evidente compromisso, explícito, com os diferentes atores intervenientes no processo do ensino-aprendizagem.

Esta missão da Educação Artística supõe uma rede de relações pessoais de qualidade entre todos os membros da Comunidade Educativa, que efetivamente se concretiza na aproximação ao aluno. Este processo não é fruto de um trabalho isolado, é resultado de uma responsabilidade alargada entre os vários elementos da comunidade educativa e muito particularmente de um corpo docente estável, que acompanha o percurso do aluno, em muitas situações desde muito cedo.

As atividades artísticas proporcionadas às crianças no Colégio procuram criar e desenvolver as potencialidades e capacidades afetivas, no quadro de uma vivência cultural marcada pelas abordagens singulares de cada projeto e simultaneamente integradas num tema cultural. A planificação do tema cultural, realizada em

conjunto com diretores de turma, secretários, coordenadores de ciclo e delegados culturais da turma, estabelece objetivos e atividades que envolvem necessariamente as componentes artísticas, como a “primeira órbita” do projeto cultural.

Nas Artes Visuais, o tema cultural trabalhado transversalmente, é sem dúvida o *Leitmotiv* das realizações artísticas. Neste contexto desenvolvem-se atividades com vista à representação gráfica e à exploração de vários materiais; os professores procuram, em articulação com outras áreas disciplinares, definir no início de cada ano letivo projetos fundamentados em ações e experiências, com o objetivo de desenvolver nos alunos a curiosidade, imaginação, criatividade e processos, contribuindo desta forma para estimular o gosto pela descoberta. É uma área em que cada aluno se revê, como uma projeção íntima que promove a aceitação da sua diferença, fazendo-o crescer na inovação e na sua personalidade. As Artes Visuais também promovem a participação na vertente pastoral convidando os alunos a desenvolver as suas criações, com os olhos e o coração voltados para o céu.

São de facto as experiências musicais que as crianças vão vivenciado dentro e fora do colégio, a melhor forma de proporcionar o desenvolvimento dos aspetos essenciais como por exemplo a voz, a postura e confiança, desenvolve a par com o seu desenvolvimento global. A vertente extracurricular promove outras aprendizagens, onde as crianças que mostram apetência, vocação e interesse, são acompanhadas num percurso mais técnico e especializado. A Música assume um papel de grande relevância e está presente na maioria das atividades programadas. É uma vertente conexiva a todas as outras, envolve conhecimentos que vão além do saber cantar ou tocar, é portanto transdisciplinar e mobiliza muitos alunos em múltiplas atuações.

No Teatro, há uma clara intenção de desenvolver no aluno uma cultura geral vasta que vá ao encontro do carácter transdisciplinar: no domínio dos conhecimentos específicos da disciplina; na disponibilidade para estabelecer relações dinâmicas no seio de um grupo; na capacidade de improvisação, dramatização e interpretação; na utilização e colocação correta da voz, bem como posicionamento adequado do corpo em movimento e em repouso; na capacidade de trabalho na preparação das tarefas propostas; no estabelecimento de interação com o público; na capacidade de participação pertinente e responsável de forma espontânea e

solicitada; na exploração das capacidades dramáticas do uso da luz e do som; no desenvolvimento de hábitos de fruição teatral; na dinamização de uma diversidade de referências para a construção do “gosto pessoal”.

Na Dança, a aposta foi e continua a ser forte, num contexto de exigência técnica e artística onde vários alunos de diferentes faixas etárias, desenvolvem diariamente um trabalho profícuo, de intenso rigor técnico e estético. Um grande número de coreografias foram até hoje estudadas, desenvolvidas e apresentadas, desde clássicos a interpretações contemporâneas, em grupo, dueto ou solo.

É em boa medida a vertente artística que faz do Colégio uma Escola Cultural viva, esta encontra-se muito presente no dia-a-dia por múltiplas ações que estão presentes nos espaços que todos partilham, mas também nos momentos mais solenes e importantes da vida do Colégio.

3.2 As percepções da comunidade educativa

Na análise feita às entrevistas podemos constatar que o discurso dos professores apresenta algumas preocupações no que concerne à consecução dos objetivos a que a missão do colégio os impele. Salientam fatores que se prendem com o pouco tempo que têm para as práticas artísticas, mas também questões de ordem motivacional dos alunos. A variável “tempo”, influencia muitas decisões, afeta inevitavelmente as práticas artísticas e as performances dos alunos.

A parte curricular e a vertente artística extracurricular encontram-se em “pequenos tempos” que surgem, ou nas horas de almoço, ao fim da tarde ou ainda sábado como é o caso da Dança. Neste tempo, ou nesta falta de tempo parecem surgir algumas angústias, próprias de quem quer fazer melhor e mais.

A falta de “adesão” às artes parece evidenciar um desafio constante na medida em que os alunos estão voltados para áreas de estudo que garantam acesso a outras realizações como ao futuro mercado de trabalho, em detrimento de qualquer outro tipo de motivação.

A apreciação das atividades contribui para o enriquecimento da mundividência de cada um, quebrando barreiras e estereótipos, do conhecimento de si próprio e dos outros. Mas é preciso saber apreciar, e para isso são necessárias as “ferramentas” adequadas.

O ceticismo e alerta que se manifesta na necessidade de se fazer mais na Educação Artística e pela Educação Artística, provém da ideia de desvalorização emergente e a falta de motivação em parte resultante de uma certa *desculturação*. Caminha-se para um entorpecimento e letargia sobre as coisas que rodeiam os alunos.

“As famílias de uma maneira geral dão mais importância a atividades mais ‘produtivas’, na procura do sucesso de uma classificação” (EDG), numa visão muito pragmática da educação para as competências curriculares, o que se inscreve numa certa “pressão social”.

Alguns pais valorizam a vertente artística, pelo apreço que denotam, porque há todo um conhecimento consubstanciado nos filhos que o demonstram, contudo aceitam a EA como complemento mas não como profissão. *“Os pais sentem-se amargurados se os filhos pretendem enveredar pela vertente artística.”* Em boa parte porque é hoje um setor empobrecido e com cada vez menos expressão na sociedade e na escola. A desvalorização e o desinteresse é manifestamente crescente e a escola sobrevive nesta tendência de marginalização do EA, categorizado como não essencial, inscrito substancialmente como atividade extracurricular.

3.3 Contributo para uma formação holística

A articulação com as restantes disciplinas curriculares procura efetivar-se, no decorrer do ano nas muitas iniciativas já enumeradas e com as quais se mobilizam competências transversais à atividade artística. A EA assume portanto, uma força constante que procura alcançar e integrar todos os alunos e por isso apresenta um vasto plano de atividades. Na afirmação da Diretora Geral compreendemos a preponderância que tem a EA na formação holística do aluno: *“Planificamos as atividades artísticas mais ainda que a vertente curricular. Cada setor tem as suas competências, e portanto planifica, executa, valoriza e demonstra aquilo que foi planificado.”*

Das vantagens que decorrem do EA, destaca-se o desenvolvimento cognitivo dos alunos e das ligações que se estabelecem segundo múltiplos diálogos. O *gosto pelo saber* e uma certa facilidade de ver para além do curricular, caracteriza os alunos que frequentam as atividades artísticas, e isso é um facto muito apreciado pelos

pais e restante comunidade. Desenvolvem também o respeito pela opinião, pela diferença e pela pessoa que o outro representa. A EA possibilita ainda uma certa empatia na relação professor aluno, na aproximação ao outro no sentido da compreensão mútua, apresenta-se também como uma prática de “paternagem” (Alves, 2012).

É também admirada a capacidade dos alunos no modo como enfrentam os sucessos e insucessos nas suas manifestações artísticas, bem como a forma de organizarem o seu trabalho, “(...) podem perspetivar o mundo, a matéria e os conhecimentos do mundo de uma forma mais personalizada e modificam o desempenho, porque os ajudam a ser metódicos nas suas aprendizagens, a saber o que é importante e o que é acessório.”

Como refere a Diretora Geral: “Os melhores alunos são aqueles que praticam e desenvolvem em si o dom que Deus lhes dá no serviço à arte, e na medida em que vão desenvolvendo esse dom, também se transformam a outros níveis.” (EDG)

Em síntese podemos afirmar que através da aprendizagem de técnicas, valores e códigos e da sua utilização, as práticas artísticas têm contribuído para “modelar” emoções, sentimentos, ideias e ideias, trazendo-as também para o plano racional, facto comprovado pelos bons resultados alcançados, evidências de uma boa relação direta entre: motivação, resultados obtidos, autoestima e autoconfiança. Confere-se assim, uma prática que procura promover uma aprendizagem que é: “Uma atividade multidimensional que não deixa de lado nada que diga respeito à pessoa de cada aluno, (...)” (Machado e Alves, 2014, p.47)

No domínio da Escola Católica e Cultural:

Os Encarregados de Educação fizeram a escolha do Projeto Educativo que o Colégio apresenta. Esta escolha livre e consciente, pressupõe a aceitação do modelo de educação preconizado, onde a EA apresenta e desenvolve dinâmicas que integram a participação dos alunos em projetos e atividades que têm intrinsecamente e extrinsecamente valores cristãos associados. “Para além da formação académica, os alunos têm direito a receber meios de formação humana que lhes proporcionem uma verdadeira formação integral.” (IPE, 2015, p.64)

A educação integral da escola inclui portanto, respostas às inquietações religiosas e pastorais dos alunos crentes, famílias e professores, promovendo serviços de

catequese, encontros de reflexão, (H)oras com Jesus, participação em ações de voluntariado, movimentos paroquiais e diocesanos.

Os professores das vertentes artísticas, quando confrontados com a missão do EA numa Escola Católica, têm uma visão unânime relativamente ao contributo que podem dar e da importância da sua missão na alavancagem do aluno: referem que os valores cristãos são algo intrínseco ao *belo* que existe em cada manifestação artística.

A planificação e organização das atividades artísticas têm uma importância central, quer pelas dinâmicas próprias de uma *Escola Viva*, quer pela articulação que toda a atividade cultural tem com a atividade pastoral. Esta valorização deve-se ao facto de se reconhecer que, este encadeamento de esforços possibilita a aquisição de conhecimentos e competências para além da educação do carácter, da abertura cultural e do despertar da responsabilidade social (Tedesco, 2001).

A Arte na Igreja vive sobre a forma de aliança, manifesta-se pela dimensão simbólica que transporta e reinventa-se (Pacheco, 2012). É neste entrosamento, que procura uma forma equilibrada de se apresentar, que o aluno entra e se dá à experiência única de viver a síntese entre a *fé* a *cultura* e a *vida*. Como refere a Diretora Geral: “A vertente artística forma a pessoa na interioridade e na experiência/capacidade de descobrir em si coisas diferentes daquelas que jamais teria conhecimento se não fosse formado nessa vertente. Dá-lhe a noção mais clara, da grandíssima dignidade que o habita e da presença de Deus em si.”

Numa de muitas experiências os alunos do Colégio, motivados pelo projeto cultural²⁵ (2014/2015), envolveram-se em ações solidárias com vinte e cinco instituições. Um dos pontos altos do trabalho realizado foi apresentado na exposição da Semana Cultural, mas também nos Saraus Culturais: com a Música em palco e o Teatro em cena, onde as várias turmas mostraram as suas múltiplas iniciativas e performances, conscientes que o projeto, na altura em curso, só terminaria no final do ano letivo.

Dinâmicas de avaliação:

As dinâmicas de avaliação no EA parecem não acompanhar a tendência das restantes disciplinas, no sentido de testar a extensão de conteúdos. A avaliação é sistemática e resulta, em boa medida, das performances artísticas que se vão

²⁵ Tema Cultural do ano letivo 2014/2015: Jovens Solidariedade e Missão

repetindo ao longo do ano e nas quais se percebe a evolução. “Quando o aluno executa o docente está a ser avaliado, na medida em que está não só à vista da Direção como de todo um público” (EDG). Quando o resultado depende de uma boa coordenação de todos, todos estão implicados na exigência e a qualidade vê-se. Facto evidenciado pelo sucesso dos últimos espetáculos públicos.

Depreendemos do discurso dos professores e EE que há um trabalho de qualidade que começa a evidenciar-se. A experiência vivida no contacto com as dinâmicas e desempenho permite perceber que, em alguns casos, as realizações vão além de simples atividades artísticas de Escola.

Para aprender mais:

A ação docente é planificada no sentido de criar condições de aprendizagem que permitam estimular aptidões, criar e desenvolver atitudes, proporcionando de forma progressiva e sustentada novas aprendizagens, sempre de *olhos e coração* postos na missão católica que lhe confere o estatuto, porque, como afirma a Diretora Geral o “Colégio procura ser uma escola que não se esvazia daquilo que a pessoa é”.

Na opinião de professores a pedagogia de proximidade favorece estas aprendizagens, que por via da atenção ao outro, pelo carinho e amor que se coloca nas tarefas diárias, a construção vai-se realizando e o aluno vai crescendo nas múltiplas dimensões. Neste sentido, a EA possibilita novas práticas profissionais, assentes na promoção da autonomia, reforço da autoridade e aproximação à comunidade e famílias. (Hargreaves, 1998)

Quando questionados sobre o que poderiam fazer para aprender mais, os alunos alinham as suas respostas com a premissa do bom *clima* na sala de aula. Referem que, para melhorar este clima de aprendizagem é necessária uma atitude mais proactiva, isto é, eles próprios fazerem parte da solução e não do problema. Alguns salientam que o barulho e a confusão são fatores que perturbam a aprendizagem daqueles que querem realmente aprender mais e melhor. Referem que a pressão sobre os alunos, parece influenciar a performance, apesar de reconhecerem que na área artística essa condição faz parte do processo.

No que concerne à melhoria das práticas pedagógicas, destacam o pouco reforço positivo e colocam ênfase nas desigualdades que sentem. Perante a adversidade e a dificuldade, os alunos solicitam um outro acompanhamento e a importância de

uma prática pedagógica mais individualizada. Neste ponto parece revelar-se uma grande ansiedade e insegurança.

Quanto à autonomia, iniciativa e persistência, os alunos reconhecem que é preciso alterar o rumo para aprender mais e melhor. Acentuam a tónica que a aprendizagem se faz também pela apreciação dos conteúdos lecionados, que em parte depende da forma como são motivados. Que o empenho e a vontade de fazer melhor é determinante. Compreendem que é possível fazer mais e que a participação e colaboração nas atividades artísticas pode contribuir para a valorização das mesmas. Referem ainda que é preciso mais determinação.

Limitações:

Os currículos que não parecem estar preparados para favorecer a EA, nos quais seria essencial uma área que contribuísse para alargar a mundivisão dos alunos, numa balança mais equilibrada entre a vertente curricular não artística e a vertente artística curricular e extracurricular, opinião demarcada pelos professores de artes. Sair da zona de conforto não é fácil, entende-se que a rotina não favorece o modelo de Escola Cultural, rica em atividades artísticas e culturais, uma escola que vive porque se reinventa: “vivemos uma época em que é necessário fazer constantemente novidade e surpreender” como refere um dos professores. Deparamo-nos com o drama de saber estabelecer prioridades, no pouco tempo que há para a arte, o confronto com uma realidade que não é facilitadora no desenvolvimento de um trabalho com outra serenidade e ponderação.

Novas perspetivas:

Detetar as dificuldades do aluno para o ajudar na aprendizagem e na superação das dificuldades, são fatores referenciados como sugestões de melhoria.

Alguns alunos demonstram interesse por outras dinâmicas, caminho que os leve a criar mais e de forma diferente. As propostas diversificadas parecem ser a tónica ou o estímulo necessários para que o entusiasmo seja outro. Os alunos sugerem temas “cativantes”, com “dinâmicas de jogo” sobre a matéria, trabalhos fundamentalmente práticos e “atividades inovadoras” com “temas e técnicas variadas” que despertem o “interesse e a curiosidade dos alunos”. Propõem um “maior grau de liberdade” ou uma maior participação do aluno na escolha do projeto.

O Colégio regula-se no sentido de possibilitar a abertura a novas correntes artísticas, nas vertentes que existem ou na criação de novas vertentes, dependendo, em boa medida, da procura e das apetências que os alunos demonstram. Na perspectiva dos Encarregados de Educação: investir sim, num ensino artístico de qualidade onde seja possível assistir a um “ambiente rico em arte”, onde se possa notar a evolução dos educandos, mas também apostar na valorização dos espaços.

É essencial reinventar a Educação Artística desde o primeiro ciclo, procurando não cair tendencialmente no “desgaste” do modelo em prática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AEC (1979). Colóquio Internacional, *A escola católica numa sociedade pluralista*. Fátima: Associação das Escolas Católicas.

Aguilar, L. (2001). Expressão e Educação Dramática, *Guia Pedagógico para o 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Instituto de Inovação Educacional.

Almeida, B. (2007). *Textos Inevitáveis*. Benavente: Câmara Municipal de Benavente: EDUCA.

Almeida, L. (1997). *Escola Cultural: Análise da dinâmica da experiência da “Escola Cultural” na promoção dos valores*. Psicopedagogia, Educação Cultura.

Alves, R. (2007). *Escola com Que Sempre Sonhei Sem Imaginar Que Pudesse Existir*, 10, São Paulo: Papirus Editora.

Alves, J. M. (1999). *A Escola e as Lógicas de Acção: as dinâmicas políticas de uma inovação instituinte*. Porto: Edições ASA.

Alves, J. M. (2004). *Currículo e Avaliação. Uma perspectiva integrada*. Porto. Porto Editora.

Alves, J. M. (2010). *Modelo Didáctico e a Construção do Sucesso Escolar*. In J. Azevedo & J. M. Alves (Org.), *Projecto Fénix – Mais Sucesso para todos. Memórias e dinâmicas de construção do sucesso escolar*. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa.

Alves, J. M. (2011). *Dos Mitos - O excesso de planificação e de planos*. [Em linha]. Disponível em: <http://terrear.blogspot.pt/2011/12/dos-mitos-o-excesso-de-planificacao-e.html> [Consultado em 05/01/2016].

Alves, J. M. (2012). O Projeto Fénix e a Progressiva Transformação da Gramática Escolar. In J. M. Alves & L. Moreira (Org.), Projeto Fénix – As Artes do Voo e as Ciências da Navegação. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa.

Alves, J. M. (2012b). O Projeto Fénix e a Progressiva Transformação da Gramática Escolar. In J. M. Alves & L. Moreira (Org.), Projeto Fénix – As Artes do Voo e as Ciências da Navegação. (pp. 83-120). Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa.

Alves, J. M. (2014). 10 Notas sobre os Rankings das escolas. [Em linha]. Disponível em: <http://terrear.blogspot.pt/2014/11/10-notas-sobre-os-rankings-das-escolas.html> [Consultado a 05/01/2016]

AA.VV., (2002). *Vida, Escola e Religião no imaginário juvenil*, Secretariado Nacional do Apostolado de Oração, Braga.

Azevedo, J. (2010). *Projecto Fénix - Mais Sucesso para todos. Memórias e dinâmicas de construção do sucesso escolar*. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa.

Azevedo, J. (2011). *Liberdade e Política Pública de Educação: ensaio sobre um novo compromisso social pela educação*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Azevedo, J. (2012). Liberdade e Política Pública de Educação. In Educação, Liberdade e Autonomia – *Um Desafio Inadiável*. Lisboa.

Azevedo, J. (2015). *Perante a segura antropológica extrema, o diálogo intercultural como fonte da água que mata a sede*. 85^a Assembleia do Comité Europeu do Ensino Católico (CEEC). Porto.

Azevedo, J.; Cabral, I.; Alves, J, Melo, P. (2015). Escolaridade Obrigatória. *Pensar a Educação. Portugal 2015*. Grupo Economia e Sociedade. [Em linha]. Disponível em:

http://fundacao-betania.org/ges/Educacao2015/actualizacoes/actualizacao_PENSAR_A_EDUCACA_O_Escolaridade%20Obrigatória.pdf [Consultado a 07/02/16].

Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70

Barthes, R. (1979). *No Seminário. Barthes - discurso, escrita, texto*. Braga: edições Espaço, pp.69-78

Barreto, S. (2000). *Psicomotricidade: educação e reeducação*. (2) Blumenau: Acadêmica.

Batista, I. (2015a). *Educação como direito e prioridade*. [Em linha]. Disponível em: <http://www.publico.pt/sociedade/noticia/a-educacao-como-direito-e-como-prioridade-1681148> [Consultado a 13/01/15].

Batista, I. (2005b). *Dar rosto ao futuro: a educação como compromisso ético*. Porto: Profedições.

Baxandall, M. (1972). *Painting and Experience in Fifteenth Century Italy: A Primer in the Social History of Pictorial Style*, Oxford, Clarendon Press.

Bell, C. (2007). *A Hipótese Estética. O que é a Arte? A Perspectiva Analítica*. D'Orey. Lisboa: Dinalivros.

Bento XVI (2005). *Carta Encíclica Deus Caritas Est*, [Em linha]. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html [Consultado a 13/01/15].

Berger, G. (2009). A Investigação Em Educação, Modelos socioepistemológicos e inserção institucional. *Educação, Sociedade & Culturas*, 28, pp.175-192

Bergoglio, J. (2013). *O verdadeiro poder é servir*. Braga: 20/20 Editora.

Bigand, E. (2005). Ouvido afinado. *Viver Mente & Cérebro: revista de psicologia, psicanálise, neurociências e conhecimento*. São Paulo.

Bogdan, R.; Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Bolívar, A. (1992). *Los contenidos actitudinales en el currículo de la reforma. Problemas y propuesta*. Madrid: Escuela Española.

Bokova, I. (2012). *International Arts Education Week*, [Em linha], Disponível em: <http://www.unesco.org/new/en/unesco/events/prizes-and-celebrations/celebrations/international-weeks/international-arts-education-week-2012/> [consultado a 06/04/15]

Bréscia, V. (2003). *Lúcia Pessagno. Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva*. São Paulo: Átomo.

Bruner, J. (1986). *Actual Minds, Possible Words*. Cambridge: Harvard University Press.

Bruner, J. (1999). *Pour une psychologie culturelle*. In *Sciences humaines*. 99. p.39

Cabral, I. (2014). *Gramática Escolar e (In)Sucesso*. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa.

Canário, R. (2005). *O que é a Escola? – Um “olhar” sociológico*. Porto: Porto Editora

Canavilhas, G. (2015). Ensino artístico abandonado por Nuno Crato. [Em linha]. Disponível em: <http://www.oje.pt/ensino-artistico-abandonado-por-nuno-crato/>. [Consultado a 09/02/2016]

Carvalho, C. S. (2012). *Pastoral Juvenil e diálogo entre carismas. A fé no itinerário educativo – Escolas Católicas e EMRC*. THEOLOGICA, 2ª Série, 47, 1.

Cellard, A. (2008). *A análise documental*. In: *Poupart, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, Vozes.

CEP - Conferência Episcopal Portuguesa. (2008). *A escola em Portugal – Educação integral da pessoa humana*, Carta Pastoral, Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa

Colás, P.(1992). “La Metodologia cualitativa”. In P. Colás, L. Buendia, *Investigación Educativa*. Sevilla: Alfar.

Comité Européen pour l'Enseignement Catholique. [Em linha]. Disponível em: http://enseignement.catholique.be/ceec_wp/wp-content/uploads/2014/01/Statistiques-scolaires-2014-School-Statistics.pdf
[Consultado a 18/01/2015]

Cook, C. (1917). *The play way: An Essay in Educational Method*. Londres.

Cordeiro, M. (2010). *O livro da criança: do 1 aos 5 anos*. (5.ª Edição). Lisboa: Esfera dos Livros.

Cortina, A. (1998). *Ciudadanos del mundo. Hacia una teoría de la ciudadanía*. Madrid: Alianza Editora.

Cotovio, J. (2012). *O ensino privado nas décadas de 50, 60 e 70 do século XX. O contributo das escolas católicas*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2.

Coutinho, C. (2008). *A qualidade da investigação educativa de natureza qualitativa: questões relativas à fidelidade e validade*. Educação Unisinos.

Cohen, L. Manion, L Morrison, K. (2007). *Research Methods in Education*. Sixth Edition. London and New York: Routledge.

CSJC (2004). *Congresso Mundial de Educação Cluny*, Congregação das Irmãs de S. José de Cluny, Bangalore.

Cunha, P. (1996). *Ética e Educação*. Lisboa: Universidade Católica Editora.

Dalmoro, M. e Vieira, M. (2008). Dilemas na construção de Escalas do tipo Likert: o número de itens e a disposição influenciam no resultado? In: Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração – Enanpad, 32.^aed. Rio de Janeiro.

Darras, B. (2009). Os valores da Antiguidade Ocidental são responsáveis pela crise que afeta a educação artística e o ensino de arte? Palíndromo – Ensino de Arte. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC*. 1, p.3-19.

Damásio, A. (2000). *O Sentimento de Si: O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*, Publicações Europa-América.

Damásio, A. (2006). *Roteiro para a Educação Artística*. Lisboa: Comissão Nacional da Unesco.

Damásio, A., & Damásio, H. (2012). *Brain, art, and education*. Unpublished manuscript. Retrieved. [Em linha]. Disponível em: http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/CLT/pdf/Antoni_oDamasio-SpeechRevised.pdf [Consultado a 06/04/2015]

Damásio, A. (2013). *Conferência Fronteiras do Pensamento*. Porto Alegre: Instituto CPFL Cultura. [Em linha]. Disponível em: <http://virtual-illusion.blogspot.pt/2014/03/damasio-fala-da-criatividade-e-do-social.html> [Consultado a 06/04/2015]

Danto, A. C. (2007). *O Mundo da Arte. O que é a Arte? - A Perspectiva Analítica*. D'Orey. Lisboa: Dinalivro.

Danto, A. (2008). *Marcel Duchamp e o fim do gosto: Uma defesa da arte contemporânea*. 6, n.º12. São Paulo: ARS

Darras, B. (2009). Os valores da Antiguidade Ocidental são responsáveis pela crise que afeta a educação artística e o ensino de arte? *Palíndromo – Ensino de Arte. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC*. 1, pp. 9-29.

Delors, J. et al. (1996). *Educação - Um tesouro a descobrir*. Porto: Edições ASA.

Densmore E. (1987). *Professionalism, proletarianization and teacher work*. In: Popkewitz, Thomas (ed.) *Critical studies in teacher education: its folklore, theory and practice*. London: Falmer Press.

Dickie, G. (1976). *What is Art?, Culture and Art: An Anthology, org. Lars Aagaard - Mogensen*, Humanities Press, Atlantic Highlands, NJ. pp. 21-32

Dickie, G. (1997). *Introdução à Estética*. Trad. de Vítor Guerreiro. Lisboa: Bizâncio, no prelo.

Dikovitskaya, M. (2005), *Visual culture: the study of the visual after the cultural turn*. Cambridge, Ms. - London: The MIT Press

Domingo, J.C. (2003). *A autonomia da classe docente*. Porto: Porto Editora.

D'Orey, C. (2007). *O que é a Arte? A Perspectiva Analítica*. Lisboa: Dinalivros.

Duarte, Teresa (2009). A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). CIES e-WORKING PAPER n.º 60/2009.

Duchamp, M. (1971). The Richard Mutt Case. *Art in Theory 1900-2000 - An Anthology of Changing Ideas*. C. Harrison and P. Wood. Malden, Blackwell.

Eça, T. (2010a). A Educação Artística e as prioridades educativas do início do século XXI. *Revista Iberoamericana de Educación*. 52, pp.127-146

Eça, T. (2010b). Educação através da arte para um futuro sustentável. [Em linha]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v30n80/v30n80a02.pdf>. [consultado a 06/01/16]

Eisner, E. (2001). Should we create new aims for art education?. *Art Education*,

Eisner, E. (2002). *The arts and the creation of mind*. New Haven & London: Yale University Press

Eurydice European Unit-European Commission/Directorate-General for Education and Culture (2002). Key competencies A developing concept in general compulsory education Eurydice European. [Em linha]. Disponível em: http://biblioteka-krk.ibe.edu.pl/opac_css/doc_num.php?explnum_id=503 [consultado a 06/01/16]

Ezcurra, J. (1998). *El rostro del otro y la trascendencia en Emmanuel Lévinas*. *Revista de Filosofía, Universidad de Deusto*, 28, pp.35-50.

Faria, M. (2001). *A música, fator importante na aprendizagem*. Assis Chateaubriand. Centro Técnico-Educacional Superior do Oeste Paranaense – CTESOP/CAEDRHS.

Feldman, B. (1970). *Becoming Human Through Art. Aesthetic experience in the school*. London: Prentice-Hall International, Inc.

Ferreira, G. (2012). *Cartas Schlllerianas: A conciliação entre a dimensão estética e política*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista.

Fiamoncini, L. (2003). Dança na Educação: A Busca de Elementos na Arte e na Estética. *Pensar a Prática*, 6, pp.59-72

- Figueiredo, I. (2001). *Educar para a cidadania*. 2.^a ed. Porto: Edições ASA.
- Fonseca, J. (2005). *Educação e Valores: Que relação?* Arquipélago – Ciências da Educação, 6, pp.107-127.
- Fowler, J. (2004). *Faith Development at 30: Naming the Challenges of Faith in a New Millennium*. *Religious Education*, 99(4) p.405-421.
- Freire, P. (1979). *Conhecer, praticar, ensinar os Evangelhos. Tempo e Presença*. Rio de Janeiro: CEDI. p.154
- Freire, P. (1995). Rer a "Pedagogia da Autonomia". *A página da Educação*. 8(76), p.5
- Freire, P. (2000). *Pedagogia da indignação. Cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP.
- Fróis, J. P. (2000). *Educação Estética e Artística: Abordagens Transdisciplinares*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Fullan, M. & Hargreaves, A. (2001). *Porque é que vale a pena lutar? O trabalho de equipa na escola*. Porto: Porto Editora.
- Gainza, V. (1988). *Estudos de Psicopedagogia Musical*. São Paulo: Summus.
- Garrett, A. (2009). *Da Educação*. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda.
- Gardner, H. (1994). *Estrutura da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Tradução: Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Garfinkel, H. (1967). *Studies in ethnomethodology*. New Jersey, Prentice-Hall, Inc. / Englewood Cliffs.

Goodman, N. (2006). *Linguagens da Arte*. Trad. de Desidério Murcho e Vítor Moura. Lisboa: Gradiva.

Guba, E.; Lincoln, Y. (1985). *Effective evaluation*. New York: Jasley-Bass Publishers.

Guba, E. e Lincoln, Y. (1988). Do inquiry paradigms imply inquiry methodologies? In: *D.M. Fetterman (ed.), Qualitative approaches to evaluation in education: The silent scientific revolution*. London, Praeger, p. 89-115.

Gunther, H. (2003). *Como Elaborar um Questionário* (Série: Planeamento de pesquisas nas Ciências Sociais, n.º1. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental.

Grenier, C. (2003). *L'Art contemporain est-il chrétien?* Éditions: Jacqueline Chambon, Nîmes

Gruhn, W. (2006). Children Need Music. [Em linha]. Disponível em: <http://official-isme.blogspot.pt/2012/01/7-children-need-music-deutsche.html> [consultado a 27/09/15]

Habermas, J. (1999). *Teoría de la Acción Comunicativa II*. Crítica de la razón funcionalista, Taurus, Buenos Aires.

Hagreaves, A. (1998). *Os professores em tempos de mudança – O trabalho e a cultura dos professores na idade Pós-moderna*, Alfragide, Mc Graw Hill.

Hegel, G.W.F. (1975). *Aesthetics*. Nova Iorque: Oxford, p.34.

Heidegger, M. (2004). *A Origem da Obra de Arte*. Lisboa, Edições 70.

Isse R. (2007). *Educação Estética: Uma ponte entre Schiller e Habermas*. Porto Alegre: Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

- Japiassu, R. (2003). *Metodologia do Ensino do Teatro*. São Paulo: Papyrus Editora.
- Jay, M. (2002). That visual turn: the advent of visual culture. *Journal of visual culture*, v.1, n.1, p. 87-92
- Jenks, C. (1995). *Visual Culture*. London/New York: Routledge.
- Johannes Hessen, J. (2000). *Teoria do Conhecimento*. Martins Fontes. São Paulo.
- Jung, C. G. (1968). On the concept of the "archetype". *Art in Theory 1900-2000 - An Anthology of Changing Ideas*. C. Harrison and P. Wood. Malden, Blackwell.
- Jensen, E (2001). *Arts with the brain in mind*. Alexandria, Virginia USA: Association for Supervision and Curriculum Development.
- Kunz, S. (1994). Ensinando dança através da improvisação. *Motrivivência*, v. 5/6/7, p.166-169.
- Lopes, M. (2011). *O saber dramático: a construção e a reflexão*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lopes, A. (2014). *Escola Católica, Liderança E Ethos*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa.
- Lopes, I. (2014). Carta da Associação de Pais do Colégio que, apresenta a propósito do tema cultura. [Em linha]. Disponível em: http://apColégio.pt/historico/2014VII/20140831_isabel_tema_cultural_Colégio.pdf [consultado a 06/01/16]
- López, P. (1979). O ensino cristão das disciplinas profanas. In AEC, Colóquio Internacional *A escola católica numa sociedade pluralista*. Fátima: Associação das Escolas Católicas, pp.33-67.

Luísa, A. (2011). Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional: Lisboa: Universidade Aberta.

Machado, J.; Alves, J. (2014). *Melhorar a Escola - Sucesso Escolar, Disciplina, Motivação, Direção de Escolas e Políticas Educativas*. Porto: Universidade Católica Editora.

Machado, J. (2013). *A rede escolar e a administração das escolas: Novos e velhos desafios*. In J. Machado & J. M. Alves (orgs.). *Melhorar a Escola – Sucesso Escolar, Disciplina, Motivação, Direção de Escolas e Políticas Educativas*. Porto: FEP/CEDH & SAME da Universidade Católica Portuguesa.

Magalhães, C. E Gomes, A. (1964). *A Criança e o Teatro*; Lisboa, DGEP.

MacBeath, J. (1999). *Schools must speak for themselves: the case for school self-evaluation*. London and New York: Routledge.

Martins, E. (2009). A escola como espaço gerador de cultura 'de' e 'para' a cidadania. *Revista do Centro Universitário Moura Lacerda*. 10(12), p.13-34.

Martins, E. (2010). *A escola como espaço multicultural "de" e "para" a cidadania*. *Revista do CFCH*. 1(2), pp.35-56.

Martinez, F. (2013). IX Encontro de História da Arte. Os cinco retratos da família Roulin por Vincent Van Gogh. *Circulação e trânsito de imagens e ideias na História da Arte*, p.87.

Martucci, E. M. (2001). Estudo de caso etnográfico. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, 25(2), pp.167-180.

Matos, F. & Ferraz, H. (2006). *Roteiro da educação artística*. *Noesis*, 67, 26-29.

Meirieu, P. (2004). *Faire l'école, faire la classe*. Paris: ESF. *Revista Lusófona de Educação*. p.203.

Melo, N. (2003). *A ética da alteridade em Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Melo, M.C. (2005). *A Expressão Dramática – À procura de percursos*. Lisboa: Livros Horizonte.

Merriam, S. (1991). *Case study research in education: A qualitative approach* (2nd ed.). São Francisco: Jossey-Bass Publishers.

Mirzoeff, N. (1999). *An introduction to visual culture*. London/New York: Routledge.

Morse, J.; Barrett, M.; Mayan, M.; Olson, K. e Spiers, J. (2002). Verification strategies for establishing reliability and validity in qualitative research. *International Journal of Qualitative Methods*, 1(2). [Em linha]. Disponível em: https://www.ualberta.ca/~iiqm/backissues/1_2Final/pdf/morseetal.pdf, [consultado a 12/09/15].

Mota, H. (2003). II Jornadas Pedagógicas: o Professor no séc. XXI. *C.F.P. ÁGORA - Cadernos da Formação*, 2, p.28.

Mota, H. (2004). *Cidadania e Educação: sonho e realidades*. Lisboa: Edição da autora.

Mota, J. (1989). *Expressão Dramática e Juventude. Percursos: Cadernos de Arte e Educação*.

Mbuyamba, L. (2006). Conferência Mundial sobre Educação Artística: Desenvolver as capacidades criativas para o século XXI. Comissão Nacional da UNESCO. Lisboa. [Em linha]. Disponível em: <http://docplayer.com.br/7608449-Relatorio-de-lupwishi-mbuyamba.html>, [consultado a 06/02/16].

Mukařovský, J. (1990). *Escritos sobre estética e semiótica da arte*. Lisboa: Editorial Estampa

Nascimento, E. (2014). A musealização da arte contemporânea como um processo discursivo e reflexivo de reinvenção do museu, MIDAS, [Em linha]. Disponível em: <http://midas.revues.org/563> [consultado a 15/04/15].

Nóvoa, A. (1989). “Uma Pedagogia à Flor da Pele, da Expressão Dramática ao Teatro e Vice-versa. In Percursos. Cadernos de Arte e Educação, (1).

Nóvoa, A. (1992). *As Organizações Escolares em Análise*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Nóvoa, A (1994). *História da Educação. Relatório da Disciplina de História da Educação*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Nóvoa, A. (coord.) (2003). *Dicionário de Educadores Portugueses*. Porto: Edições ASA.

Nunes, T. (2005). *O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica In Fórum de EMRC*. Lisboa: SNEC.

O’Toole, J. Stinson, M. Moore, T. (2009). *Drama and Curriculum - A Giant at the Door*, Springer.

Ongaro, C. F, Silva, C. S. e Ricci, S. M. (2006). A importância da música na aprendizagem. [Em linha]. Disponível em: <http://www.alexandracaracol.com/Ficheiros/music.pdf> [consultado a 26/09/15]

Ortiga, J. (2015). O mundo é o lugar da Igreja - Homilia no dia nacional da Católica - Arquidiocese de Braga - [Em linha]. Disponível em: <http://www.diocese->

braga.pt/media/uploads/2015/01/31/2015.02.01_ucp.pdf, [consultado a 01/02/15]

Ossona, P. (1988). *A educação pela dança*. São Paulo: Summus Editorial

Pacheco, J. (2006). Um olhar global sobre o processo de investigação. In J. Ávila de Lima e J. A. Pacheco (org.), *Fazer investigação. Contributos para a elaboração de dissertações e teses*. Porto: Porto Editora.

Pacheco, P. C. (2012). Referente da Pastoral da Cultura da diocese de Angra: SNPC. [Em linha]. Disponível em:
http://www.snpcultura.org/importa_viver_como_alianca_relacao_entre_igreja_cultura_arte.html [consultado a 27/12/15]

Papa Francisco, *Discurso ao Parlamento Europeu*, (25 de Novembro de 2014), [Em linha]. Disponível em:
http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141125_strasburgo-parlamento-europeo.html [consultado a 06/04/15]

Patrício, M. (1991). *A Pedagogia de Leonardo Coimbra, Teoria e Prática*. Porto: Porto Editora.

Patrício, M. (1993). *Lições de Axiologia Educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.

Penim, L. (2000). *Da disciplina do traço à irreverência do borrão: o currículo de desenho e de trabalhos manuais no ensino liceal, os discursos, a identidades e os sujeitos entre 1936 e 1972*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de Lisboa.

Perrenoud, P. (1995). *Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar*. Porto: Porto Editora.

Perrenoud, P. (1999). Construir competências é virar as costas aos saberes? *Pátio. Revista pedagógica*, 11, pp.15-19.

Perrenoud, P. (2000). L'approche par compétences, une réponse à l'échec scolaire? AQPC. Réussir au Collégial. *Actes du Colloque de l'association Québécoise de pédagogie collégiale*. Montreal: Université de Genève.

Perrenoud, P. (2002). *Aprender a negociar a mudança em educação*. Novas estratégias de inovação. Coleção em foco. Porto: Edições ASA.

Perrenoud, P. (2005). *Escola e Cidadania: o papel da escola na formação para a democracia*. Porto Alegre: Artmed.

Piaget, J. (1989). *Psicologia e Epistemologia*. Lisboa: Dom Quixote.

Pinto, M. (1993). *Liberdades de aprender e de ensinar: escola privada e escola pública*. In: *Análise Social*, 123/124, pp.753-774

Pio XI (1929). *Carta Encíclica Educação Cristã da Juventude, Divini Illius Magistri*. [Em linha]. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_31121929_divini-illius-magistri.html [Consultado a 13/01/15].

Platão (1965). *A República de Platão*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Difusão europeia do Livro.

Platão (1997). *Fedro*. Lisboa: Edições 70.

Policarpo, D. (2007). *A Escola católica ao Serviço da Missão da Igreja*. In *Fórum da Escola católica (Risco de Educar)*. (p.120) Lisboa: SNEC.

Pordata (2014). Retrato de Portugal na Europa. [Em linha]. Disponível em: <http://www.pordata.pt/Europa/Retratos/2014/Retrato+de+Portugal+na+Europa-30> [consultado a 18/01/15].

Postic, M. (1990). *A Relação Pedagógica*. Coimbra: Coimbra Editora, Limitada.

Read, H. (1982). *A educação pela arte*. Lisboa: Edições 70.

Reyna, C. (1997). Vídeo e pesquisa antropológica: encontros e desencontros. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. [Em linha]. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/reyna-carlos-video-pesquisa.pdf> [consultado a 21/09/15]

Robinson, K. (2006). *Roteiro para a Educação Artística*. Lisboa: Comissão Nacional da Unesco.

Robinson, K. (1980). *Exploring Theatre and Education*. London: Heinemann.

Roldão, M. (1999). "Cidadania e currículo". *Inovação (Lisboa)*, (12), pp.9-26.

Roldão, M. (2007). *Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional*. *Rev. Bras. Educ.*, 1(2), pp.138-177.

Ross, M. (1986). *The Arts And Personal Growth*. University of Exeter. Pergamon Press

Sasportes, J. (2006). *Roteiro para a Educação Artística*. Lisboa: Comissão Nacional da Unesco

Sáiz, J. (1999). Reseña de "Ciudadanos del mundo. Hacia una teoría de la ciudadanía" de Adela Cortina Espiral. *Universidad de Guadalajara*. 5(15), pp.235-245.

Santos, B. (1988). Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Scientific Electronic Library Online*. 2(2), pp.46-72.

Santos, Á. (1997). *Valores: Demonstração ou significação? A escola Cultural e os Valores*. Porto: Porto Editora.

SCEC - Sagrada Congregação Para A Educação Católica (2014). *Educar Hoje e Amanhã. Uma paixão que se renova*. Instrumentum laboris. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana.

SCEC - Sagrada Congregação Para A Educação Católica (1997). *A Escola católica no Limiar do Terceiro Milénio*. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana.

Schiller F. Aesthetic Education of Man, in a Series of Letters, [em linha]. Disponível em: http://www.gutenberg.org/files/6798/6798-h/6798-h.htm#link2H_4_0032, [consultado a 25/03/15]

Schiller, F. (1995). *A Educação Estética do Homem*. São Paulo: Iluminuras.

Schein, Edgar. H. (1984). *Organizational culture and leadership*. San Francisco: Jossey-Bass

Sergiovanni, T. (2004). *O Mundo da Liderança - Desenvolver Culturas, práticas e responsabilidade pessoal nas escolas*. Porto: ASA.

Silva, A. (1938). "As Altas Escolas Populares da Dinamarca", *O Diabo*, 268, p.4.

Silva, A. (1999). *Textos e Ensaios Filosóficos I*. Lisboa: Âncora Editora. pp.81-82

Silva, E. A. (2010). Um olhar organizacional à luz das perspectivas de análise burocrática e política. In L. Lima, *Perspectivas de Análise Organizacional das Escolas*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Silverman, D. (1997). Validity and credibility in qualitative research. In: G. Miller e R. Dingwall (eds.), *Context and method in qualitative research: The alternative paradigm*. London, Sage Publications, pp.12-25.

Simão, V. (1970). *Da Universidade*. Lourenço Marques: Universidade de Lourenço Marques.

Simões, H. (1997). *A dimensão desenvolvimental da Fé e as suas implicações na educação religiosa. A escola Cultural e os Valores*. Porto: Porto Editora.

Smith, R. (2006). *Culture and the Arts in Education, Critical Essays on Shaping Human experience*, Teachers College Press, NY e National Art Education Association, VA.

Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação, bases psicopedagógicas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Sousa, L. (1998). *Crianças (con)fundidas entre a escola e a família, uma perspectiva sistémica para alunos com necessidades educativas especiais*. Porto: Porto Editora.

Stolnitz, J. (1960). *Aesthetics and Philosophy of Art Criticism: A Critical Introduction*, Houghton Mifflin, Boston, Mass, pp.32-42.

Stolnitz, J. (2007). *O que é a arte? A atitude Estética*. Lisboa: Dinalivro.

Stolnitz, J. (2007). *A Atitude Estética. O que é a Arte? A Perspectiva Analítica*. D'Orey. Lisboa: Dinalivros.

Suzuki, M. (1990). "O belo como imperativo". In Schiller, F., *A educação estética do homem*. São Paulo: Iluminuras, p. 19.

Tadêus, P. (2009). *Ética na Educação*. Rev. Triang.: Ens. Pesq. Ext. Uberaba – MG, 2(2), pp.139-152.

Taylor, S. e Bogdan, R. (1992). *Introducción a los métodos cualitativos de investigación*. Barcelona, Paidós

Tavin, K. (2005), *Opening Re-Marks: Critical Antecedents of Visual Culture in Art Education*. *Studies in Art Education*, 47(1), 5-22.

Tedesco, J. (2000). *O novo pacto educativo*, Fundação Manuel Leão, Vila Nova de Gaia.

Tedesco, J. (2001). *O novo pacto educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna*. S. Paulo: Ática.

Tresca, R. e De Rose, D. (2000) *Estudo comparativo da motivação intrínseca em escolares praticantes e não praticantes de dança*. [Em linha] Disponível em: <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewFile/349/401>
[consultado a 03/01/16]

Vale, P. (2015). *Não tenhais medo*. [Em linha] Disponível em: http://www.snpcultura.org/o_lugar_de_Deus_na_arte_contemporanea.html
[consultado a 22/11/15]

Valente, V. (1974). *Uma Educação Burguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.

Verhack, E. (2012). *Pour une Éthique du management scolaire. La Doctrine Sociale de L'Eglise. Compendium de la Doctrine Sociale de l'Eglise*. Paris: Les éditions du Cerf

Vygotsky, L. (1989). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes

Vigotski, L. (2001). *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes

Werle, M. (2005). *A Poesia na estética de Hegel*. São Paulo: Editora Humanitas

Weitz, M. (2007). *O Papel da Teoria na Estética. O que é a Arte? A Perspectiva Analítica*. C. D'Orey. Lisboa: Dinalivros.

Yaremko, R. K. Harari, H., Harrison, R. C., & Lynn, E. (1986). *Handbook of research and quantitative methods in psychology*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum

Weigel, A. (1988). *Brincando de Música: Experiências com Sons, Ritmos, Música e Movimentos na Pré-Escola*. Porto Alegre: Kuarup.

Legislação consultada

Constituição da República Portuguesa (artigo 73º, 2) - VII Revisão constitucional (2005).

Lei de Bases do Sistema Educativo. Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro. Diário da República no 237/86 - I Série. Assembleia da República. Lisboa.

Decreto-Lei n.º 152/2013, de 4 de Novembro. (Aprova o Estatuto do Ensino Particular e Cooperativo de nível não superior).

ANEXOS

Declaração de Consentimento Informado de Professores



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Exmo(a). Sr(a). Professor(a)

Venho por este meio solicitar a sua cooperação no meu processo de investigação com o tema **A EDUCAÇÃO ARTÍSTICA NUMA ESCOLA CATÓLICA**. Este trabalho está a ser desenvolvido no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação da Universidade Católica Portuguesa e tem como Orientadora a Professora Doutora Ilídia Cabral, Professora Auxiliar da Faculdade de Educação e Psicologia da referida Universidade.

O estudo pretende inferir sobre a dimensão do Ensino Artístico na Escola Católica, procurando compreender o seu impacto na educação para os valores, na educação integral do aluno, nas competências do *Saber*, do *Saber Fazer* e do *Saber Ser*.

Para que estes objetivos possam ser alcançados é fundamental que a perspetiva dos Professores de Artes do Colégio seja levada em consideração. Assim sendo, proceder-se-á a uma entrevista sobre o Ensino Artístico no Colégio, que visa compreender melhor a valorização das artes, no contexto da Escola Católica Cultural bem como a planificação e organização das atividades artísticas.

Os resultados integrais da investigação em curso ficarão disponíveis no repositório científico da Universidade Católica Portuguesa após a sua conclusão e defesa pública. No entanto, no respeito pela carta de princípios éticos da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação pela qual se rege a investigação realizada pela Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, será também enviada aos professores participantes uma síntese global das respostas fornecidas.

Com os melhores cumprimentos,

Emanuel Dias

(Prof. de Artes Visuais do Colégio Rainha Santa Isabel)

Eu, _____ ,
declaro ter lido e compreendido os objetivos do estudo supra referido, bem como os objetivos da entrevista. Desta forma, dou o meu consentimento informado para que possa ser entrevistado(a) e permito a utilização dos dados, confiando que apenas serão utilizados para esta investigação, com a garantia de confidencialidade e anonimato que me é dada pelo investigador.

Data: ____ / ____ / ____

Assinatura:

Declaração de Consentimento Informado aos Encarregados de Educação



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Exmo(a). Sr(a). Encarregado(a) de Educação:

Encontro-me a realizar, no Colégio Rainha Santa Isabel, um trabalho de investigação que tem como tema **A EDUCAÇÃO ARTÍSTICA NUMA ESCOLA CATÓLICA**. Este trabalho está a ser desenvolvido no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação da Universidade Católica Portuguesa e tem como Orientadora a Professora Doutora Ilídia Cabral, Professora Auxiliar da Faculdade de Educação e Psicologia da referida Universidade.

O estudo pretende inferir sobre a dimensão do Ensino Artístico na Escola Católica, procurando compreender o seu impacto na educação para os valores, na educação integral do aluno, nas competências do *Saber*, do *Saber Fazer* e do *Saber Ser*.

Para que estes objetivos possam ser alcançados é fundamental que a perspetiva dos alunos seja levada em consideração. Assim sendo, proceder-se-á à aplicação de um questionário sobre o Ensino Artístico no Colégio, que visa obter informações sobre as perceções dos alunos relativamente às atividades artísticas nesta instituição, às práticas de ensino, aprendizagem e avaliação no ensino artístico e, por fim, aos impactos deste no seu desenvolvimento académico e pessoal.

Os resultados integrais da investigação em curso ficarão disponíveis no repositório científico da Universidade Católica Portuguesa após a sua conclusão e defesa pública. No entanto, no respeito pela carta de princípios éticos da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação pela qual se rege a investigação realizada pela Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, será também enviada aos Encarregados de Educação dos alunos que responderem ao questionário uma síntese global das respostas fornecidas.

Mais se informa que o inquérito será aplicado no tempo destinado a Direção de Turma, procurando ocupar o mínimo de tempo possível para o efeito.

Os dados recolhidos serão usados exclusivamente como material de trabalho, estando garantida a privacidade e anonimato dos participantes. Os participantes, ou os seus representantes legais têm direito a mudar os termos da sua autorização, em qualquer altura da investigação, pelo que a assinatura do consentimento informado não invalida que os alunos possam declarar não querer responder ao questionário ou, a qualquer momento, desistir de o completar.

Página 1 de 2

Continua



Coloco-me ao dispor para o esclarecimento de qualquer dúvida que possa surgir, agradecendo, desde já, a atenção dispensada por V. Exa. a este assunto.

Com os melhores cumprimentos,

Emanuel Dias

(Prof. de Artes Visuais do Colégio Rainha Santa Isabel)

Eu, _____ ,
Encarregado de Educação do(a) aluno(a) _____ ,
do ____ ano, turma _____, com o n.º _____ declaro ter lido e compreendido os objetivos do estudo supra referido, bem como os objetivos do questionário a aplicar aos alunos. Desta forma, dou o meu consentimento informado para que o(a) meu/minha educando(a) participe neste estudo e permito a utilização dos dados, confiando que apenas serão utilizados para esta investigação com a garantia de confidencialidade e anonimato que me é dada pelo investigador.

Data: ____ / ____ / ____

Assinatura:

INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

ENTREVISTA À DIRETORA GERAL

Esta entrevista insere-se no âmbito de uma investigação sobre a Educação Artística numa Escola Católica. Procuramos compreender qual o impacto da EA na educação integral do aluno, nas competências do saber, do saber fazer e do saber ser.

Blocos de questionamento	Questões
<p>1. Valorização das Artes, no contexto da Escola Católica Cultural</p>	<p>1.1. Qual a importância que assume a Educação pela Arte no colégio?</p> <p>1.2. Qual o papel que assume o ensino artístico no projeto educativo do colégio?</p> <p>1.3. De que forma se encontra o ensino artístico no colégio alinhado com a sua visão?</p> <p>1.4. Qual o papel que o ensino artístico tem vindo a assumir na consecução da missão do colégio?</p> <p>1.5. Que ações concretas têm sido levadas a cabo pela Direção com vista à valorização do ensino artístico no Colégio?</p> <p>1.6. Considera que as vertentes artísticas, têm vindo a contribuir para a Educação para os valores Cristãos? De que forma?</p> <p>1.7. Considera que as vertentes artísticas, modificam o desempenho e comportamento dos alunos em relação às outras áreas do saber? Que evidências sustentam a sua opinião?</p> <p>1.8. Na sua opinião qual a(s) razão/razões para alguns alunos excluírem as vertentes artísticas da sua formação?</p> <p>1.9. Que tipo de feedback obtém por parte dos vários elementos da comunidade educativa (professores, alunos e pais) sobre a qualidade do ensino artístico no Colégio e sobre os seus impactos nas aprendizagens dos alunos?</p>

<p>2. Planificação e organização das atividades artísticas</p>	<p>2.1 Como são planificadas e organizadas as atividades artísticas no Colégio?</p> <p>2.2 As vertentes artísticas encontram-se articuladas entre si e com as outras áreas do saber, nomeadamente com as áreas curriculares? De que forma?</p> <p>2.3 Quais os critérios de constituição de grupos / turmas?</p> <p>2.4 Como são distribuídos os grupos / turmas pelos diferentes docentes?</p>
<p>3. Planificação e organização do trabalho docente (vertentes artísticas)</p>	<p>3.1. Quais os critérios que subjazem à organização do tempo, dos espaços e dos recursos escolares no que respeita ao ensino artístico?</p> <p>3.2. Em termos organizacionais são assegurados modos de trabalho docente colaborativos (ao nível da planificação e da avaliação das práticas pedagógicas) entre os professores das áreas artísticas e das restantes áreas? De que forma?</p>
<p>4. Autorregulação, autoavaliação e melhoria da oferta artística</p>	<p>4.1. Que dinâmicas de autorregulação e autoavaliação estão instituídas no colégio ao nível da oferta artística?</p> <p>4.2. Considera que essas dinâmicas têm tido impactos na melhoria da oferta artística no colégio? Quais?</p> <p>4.3. Que formas de avaliação do desempenho e competências do pessoal docente estão previstas para as áreas artísticas?</p> <p>4.4. Quais os impactos que essas formas de avaliação do desempenho têm tido na melhoria da qualidade do ensino artístico no colégio?</p>

<p>5. Promoção das aprendizagens</p>	<p>5.1. A avaliação formativa das aprendizagens na vertente artística é uma prática sistemática no Colégio?</p> <p>5.2. Que medidas de promoção e desenvolvimento das aprendizagens na vertente artística têm sido implementadas nos 3 últimos anos letivos?</p> <p>5.3. Considera que essas medidas têm tido impactos nas aprendizagens dos alunos nas vertentes artística e não artística?</p>
<p>6. Sugestões de melhoria</p>	<p>6. Na sua opinião, que ações concretas poderia a Direção do colégio levar a cabo com vista à melhoria da qualidade do ensino artístico?</p>

ENTREVISTA AOS PROFESSORES DE ARTES

Dança, Música, Teatro, Artes Visuais

Esta entrevista insere-se no âmbito de uma investigação sobre a Educação Artística numa Escola Católica. Procuramos compreender qual o impacto da EA na educação integral do aluno, nas competências do saber, do saber fazer e do saber ser.

Blocos de questionamento	Questões
<p>1. Valorização das Artes, no contexto da Escola Católica Cultural</p>	<p>1.1. Na sua opinião, qual a importância que assume a Educação pela Arte no colégio? Porquê?</p> <p>1.2. Qual o papel que assume o ensino artístico no projeto educativo do colégio?</p> <p>1.3. De que forma se encontra o ensino artístico no colégio alinhado com a sua visão?</p> <p>1.4. Qual o papel que o ensino artístico tem vindo a assumir na consecução da missão do colégio?</p> <p>1.5. Que ações concretas têm sido levadas a cabo pela Direção com vista à valorização do ensino artístico no Colégio?</p> <p>1.6. Considera que as vertentes artísticas do Colégio têm vindo a contribuir para a Educação para os valores Cristãos?</p> <p>1.7. Considera que as vertentes artísticas (Dança, Música, Teatro e Artes Visuais), modificam o desempenho e comportamento dos alunos em relação às outras áreas do saber? Que evidências sustentam a sua opinião?</p> <p>1.8. Na sua opinião qual/quais a(s) razão/razões para alguns alunos excluírem as vertentes artísticas da sua formação?</p> <p>1.9. Que tipo de feedback obtém por parte dos vários elementos da comunidade educativa (professores, alunos e pais) sobre a qualidade do ensino artístico no Colégio e sobre os seus impactos nas aprendizagens dos alunos?</p>

<p>2. Planificação e organização das atividades artísticas</p>	<p>2.1 Como planifica a sua ação docente (isoladamente, em conjunto...?)</p> <p>2.2 As vertentes artísticas encontram-se articuladas entre si e com as outras áreas do saber, nomeadamente com as áreas curriculares? De que forma?</p> <p>2.3 Integra, na planificação da sua ação docente, a educação para os valores cristãos? Em caso afirmativo, de que forma?</p> <p>2.4 Que expressão tem, na planificação da sua ação docente, o desenvolvimento integral da Pessoa? Dê exemplos concretos.</p> <p>2.5 Que estratégias de ensino predominam na planificação que realiza?</p> <p>2.6 E que tipologias de atividades predominam?</p> <p>2.7 Introduce técnicas de diferenciação pedagógica nas suas práticas de planificação? Quais?</p>
<p>3. Planificação e organização do trabalho docente (vertentes artísticas)</p>	<p>3.1. Quais os critérios que subjazem à organização do tempo, dos espaços e dos recursos escolares no colégio no que respeita ao ensino artístico?</p> <p>3.2. Em termos organizacionais são assegurados modos de trabalho docente colaborativos (ao nível da planificação e da avaliação das práticas pedagógicas) entre os professores das áreas artísticas e das restantes áreas? De que forma?</p>
<p>4. Autorregulação, avaliação e melhoria</p>	<p>4.1. Que dinâmicas de autorregulação e autoavaliação estão instituídas no colégio ao nível da oferta artística?</p> <p>4.1.1. Considera que essas dinâmicas têm tido impactos na melhoria da oferta artística no colégio? Quais?</p> <p>4.2. Que formas de avaliação do desempenho e competências do pessoal docente estão previstas para as áreas artísticas?</p>

	<p>4.2.1. Quais os impactos que essas formas de avaliação do desempenho têm tido na melhoria da qualidade do ensino artístico no colégio?</p> <p>4.3 Que formas de avaliação do desempenho e competências do pessoal docente estão previstas para as áreas artísticas?</p> <p>4.4 Que dinâmicas de autorregulação e autoavaliação institui nas suas aulas?</p> <p>4.5 Que impactos têm tido essas dinâmicas na melhoria das suas práticas? Dê exemplos concretos.</p> <p>4.6 Que formas de avaliação estão previstas nas aulas?</p> <p>4.6.1 Essas formas de avaliação têm tido impactos na melhoria da qualidade do ensino e das aprendizagens dos alunos? De que forma?</p>
<p>5. Sugestões de melhoria</p>	<p>5. Na sua opinião, que ações concretas poderia a Direção do colégio levar a cabo com vista à melhoria da qualidade do ensino artístico?</p>

ENTREVISTA A ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

Esta entrevista insere-se no âmbito de uma investigação sobre a Educação Artística numa Escola Católica. Procuramos compreender qual o impacto da EA na educação integral do aluno, nas competências do saber, do saber fazer e do saber ser.

Blocos de questionamento	Questões
<p>1. Valorização das Artes, no contexto da Escola Católica Cultural</p>	<p>1.1. Considera que o Colégio desenvolve a Educação pela Arte?</p> <p>1.2. Na sua opinião, qual o papel que assume o ensino artístico no projeto educativo do colégio?</p> <p>1.3. Considera importante que o colégio invista numa oferta artística diversificada e de qualidade? Porquê?</p> <p>1.4. No seu entender está a ser promovida a articulação entre as diferentes vertentes artísticas e as áreas curriculares? Porquê?</p> <p>1.5. Que ações concretas têm sido desenvolvidas no colégio com vista à valorização do ensino artístico no Colégio?</p> <p>1.6. A oferta existente no colégio ao nível do ensino artístico influenciou de algum modo a sua decisão de colocar o seu educando nesta escola?</p>
<p>2. Qualidade da oferta artística</p>	<p>2.1 Como avaliaria a qualidade da oferta artística no colégio?</p> <p>2.2 Como avaliaria as intervenções artísticas/espetáculos no Colégio e no exterior?</p>

<p>3. Impactos do ensino artístico</p>	<p>3.1 Considera que as vertentes artísticas do Colégio têm vindo a contribuir para uma Educação para os valores Cristãos?</p> <p>3.2 Considera que as vertentes artísticas (Dança, Música, Teatro e Artes Visuais) modificam o desempenho e comportamento dos alunos em relação às outras áreas do saber? De que forma?</p> <p>3.3 Considera que os alunos que têm experiências ricas nas diferentes vertentes artísticas, desenvolvem mais competências ao longo do seu percurso escolar? Quais?</p> <p>3.4 Considera que o ensino artístico desenvolvido no colégio tem vindo a contribuir para o desenvolvimento integral do seu educando?</p> <p>3.5 Considera que o ensino artístico desenvolvido no colégio tem vindo a contribuir para a melhoria transversal das aprendizagens do seu educando? De que forma?</p>
<p>4. Sugestões de melhoria</p>	<p>4 Na sua opinião, que ações concretas poderia a Direção do colégio levar a cabo com vista à melhoria da qualidade do ensino artístico?</p>

QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS

Questionário aos alunos que frequentam uma ou mais atividades artísticas

Estimado/a aluno/a:

Está a ser realizado um estudo sobre o ensino artístico no colégio. A tua participação é muito importante. Pedimos-te, portanto, que respondas a este questionário.

Não existem respostas certas ou erradas. O que importa é conhecer o que tu pensas.

As respostas são anónimas.

Obrigado pela tua colaboração.

I. Dados de caracterização

1. Assinala com um (X) a resposta que corresponde à tua situação.

Sexo: Feminino ____ Masculino ____

2. Preenche os espaços em branco com a informação solicitada.

Idade: ____ Ano de escolaridade ____

3. Atividades artísticas que frequentas

II. Apreciação das atividades artísticas no Colégio

Coloca um (X) na coluna correspondente à expressão que, para ti, melhor completa a frase. No caso de não frequentares alguma destas atividades coloca um (X) na coluna correspondente a “Não se aplica”.

		gosto muito 4	gosto 3	gosto pouco 2	não gosto nada 1	Não se aplica
1	Da Dança...					
2	Da Música...					
3	Do Teatro...					
4	Das Artes Visuais...					

III. Práticas de ensino, aprendizagem e avaliação no ensino artístico

Qual o teu grau de concordância ou discordância com as afirmações seguintes?

Coloca uma cruz (X) na coluna correspondente à tua opinião.

		Concordo completamente 5	Concordo 4	Discordo 3	Discordo completamente 2	Não sei 1
1	O ensino artístico no Colégio é de boa qualidade.					
2	As atividades que pratico nas áreas artísticas permitem-me aprender ao meu ritmo.					
3	Durante as aulas das áreas artísticas os professores estão atentos às minhas dificuldades.					
4	A forma como os professores das áreas artísticas ensinam faz com que eu aprenda.					
5	Os professores das áreas artísticas valorizam os meus interesses, opiniões e ideias.					
6	Nas áreas artística aprendo melhor quando trabalho individualmente.					
7	Nas áreas artística aprendo melhor quando trabalho em pares ou em grupo.					

8	Os professores das áreas artísticas empenham-se em fazer com que todos os alunos aprendam.					
9	Os professores das áreas artísticas reconhecem e valorizam os meus progressos na aprendizagem.					
10	Os professores das áreas artísticas conversam comigo sobre aquilo que já aprendi e aquilo que me falta aprender.					
11	Os professores das áreas artísticas ajudam-me a perceber o que tenho que fazer para aprender mais.					
12	Nas aulas das áreas artísticas os professores estão sempre disponíveis para me ajudar.					
13	Os professores das áreas artísticas valorizam a minha criatividade.					
14	Os professores das áreas artísticas usam formas de avaliação diversificadas.					
15	Os professores das áreas artísticas falam comigo sobre os meus resultados escolares e ajudam-me a encontrar formas de os melhorar.					
16	Nas aulas das áreas artísticas há frequentemente barulho e confusão.					
17	Os professores das áreas artísticas são respeitados pelos alunos dentro e fora da sala de aula.					
18	As atividades artísticas do colégio estão ligadas a outras disciplinas.					
19	Os professores das áreas artísticas trabalham em conjunto com os professores de outras áreas.					
20	Nas aulas das áreas artísticas aprendo também coisas relativas a outras disciplinas.					
21	Nas aulas das outras disciplinas faço também atividades artísticas.					

IV. Impactos do ensino artístico no desenvolvimento académico e pessoal dos alunos

Assinala com um X o teu grau de concordância com as afirmações que se seguem.

		Concordo completamente	Concordo	Discordo	Discordo completamente	Não sei
		5	4	3	2	1
1	As atividades artísticas ajudam-me a compreender e a viver melhor os valores católicos.					
2	Nas atividades artísticas aprendo a ajudar os outros.					

3	Nas atividades artísticas aprendo a partilhar.					
4	Nas atividades artísticas aprendo a ser persistente.					
5	Nas atividades artísticas aprendo a superar obstáculos.					
6	As atividades artísticas fazem-me sentir mais feliz.					
7	As atividades artísticas fazem-me sentir melhor comigo e com os outros.					
8	As atividades artísticas melhoram a minha criatividade.					
9	As atividades artísticas fazem-me sentir mais motivado para aprender nas várias disciplinas.					
10	As atividades artísticas ajudam-me a superar dificuldades noutras disciplinas.					
11	As atividades artísticas são uma parte muito importante na vida do colégio.					

V. Questões abertas – melhoria das aprendizagens

1. Na tua opinião, o que poderiam os professores das áreas artísticas fazer para que os alunos aprendessem mais?

2. E o que poderias tu fazer para aprenderes mais nas áreas artísticas?

GUIÃO PARA A ANÁLISE DOCUMENTAL

Quadro de referência com questões de investigação,
ponto de partida para a análise do Ideário e Projeto Educativo

Blocos temáticos	Tópicos de análise
<p>A. Desenvolvimento da Pessoa nas dimensões antropológica, pedagógica, axiológica e religiosa, por via das vertentes artísticas.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Função do ensino artístico na missão educativa do Colégio: <ol style="list-style-type: none"> 1.1 No desenvolvimento da pessoa no plano intelectual, físico, afetivo, emocional, ético, estético e religioso 1.2 No desenvolvimento da dimensão do amor, verdade, liberdade, justiça e paz 1.3 Na Educação para os valores Cristãos
<p>B. Valorização das Artes, no contexto da Escola Católica Cultural</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1 Relevância que a educação artística assume no Ideário e Projeto Educativo 2 Articulação das as vertentes artísticas, (Dança, Música, Teatro e Artes Visuais), com as outras áreas do saber
<p>C. Autorregulação, autoavaliação e melhoria da oferta artística</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1 Medidas contempladas para a avaliação das ações concretas do ensino artístico 2 Articulação das práticas pedagógicas em uso no âmbito da educação artística com o Ideário e o Projeto Educativo

GUIÃO PARA A ANÁLISE DOCUMENTAL

Quadro de referência com questões de investigação,
ponto de partida para a análise do Plano Geral de Formação

Blocos temáticos	Tópicos de análise
A. Preponderância das vertentes artísticas, no contexto da Escola Católica Cultural	<ol style="list-style-type: none"> 1 Vertente artística no projeto curricular da escola. 2 Vertente artística no plano anual de atividades 3 Processos e práticas pedagógicas no âmbito da educação artística
B. Valorização das Artes, no contexto da Escola Católica	<ol style="list-style-type: none"> 1 Articulação do ensino artístico com a vertente católica 2 Preponderância da vertente artística na planificação da vertente católica
C. Valorização das Artes, no contexto da Escola Cultural	<ol style="list-style-type: none"> 1 Articulação do ensino artístico, (Dança, Música, Teatro e Artes Visuais), com outras áreas do saber 2 Do primeiro ciclo ao secundário 3 Alinhamento das planificações dos departamentos artísticos com o tema cultural 4 Articulação das planificações do tema cultural com o as vertentes artísticas
D. Desenvolvimento da Pessoa nas dimensões antropológica, pedagógica, axiológica e religiosa nas vertentes artísticas	<ol style="list-style-type: none"> 1 Função do ensino artístico na missão educativa do Colégio: <ol style="list-style-type: none"> 1.1 No desenvolvimento da pessoa no plano intelectual, físico, afetivo, emocional, ético, estético e religioso 1.2 No desenvolvimento da dimensão do amor, verdade, liberdade, justiça e paz 1.3 Na Educação para os valores Cristãos

GRELHA ANÁLISE DE DADOS - Questionários aos alunos

CATEGORIA A - O que devem os professores das áreas artísticas fazer para que os alunos aprendam mais. (Síntese do 6.º, 9.º e 12.º ano de escolaridade)

CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO	UC
Aprender mais (A)	Mais tempo de aula (A1)	Dar mais aulas para os alunos aprenderem mais	6B16
		Aumentar o tempo de cada aula	6B17
		Dividir a turma para os professores poderem estar mais tempo com os alunos	9C5
		Diminuir o horário de cada aula	9C19
		Elevado número de alunos por turma, o que não permite aos professores focarem-se e falarem pessoalmente com os alunos	9A11
	Melhorar as práticas pedagógicas (A2)	Ter mais paciência	6A3
		Prestar mais atenção ao trabalho e valor de cada um e não ao lado negativo (...)	6A7
		Não gritar ao explicar um exercício ou a chamar a atenção	6A7
		Não deixar que os alunos menos bons interrompam a aula	6A10
		Motivar os alunos quando eles têm mais dificuldades	6B14
		Ajudar os alunos quando têm dificuldades e quando não percebem bem o que é pedido	6B15
		Ir mais ao lugar para discutir as dificuldades dos alunos	6B18
		Tentar que existisse menos confusão nas aulas	6B21
		Explicar melhor os erros de cada um e ajudar-nos a superá-los	6B22
		Os professores não conseguem satisfazer os ritmos de ensino de todos	6B24
		Quando os alunos pedem ajuda, os professores em vez de fazer os trabalhos devem dar dicas	6B28
		Não desvalorizar o talento dos alunos que têm mais dificuldades	6B30
		Cativar os alunos e puxar mais por eles	9A9
		Focar-se mais nas dificuldades dos alunos e dar-lhes conselhos para que melhorem	9A11
		Há cada vez maior entrave à criatividade dos alunos. Os trabalhos e/as atividades realizadas nestas áreas são maioritariamente impostas pelos professores, não podendo os alunos ter uma oposição expressa sobre esses temas	9B1
Ensinar de forma mais lúdica e cativadora	9C9		
Mostrava como se faz o trabalho (prática)	9C12		
Não esperar que os alunos façam trabalhos “fantásticos”	9C19		
Incentivar os alunos a trabalhar em casa	12A12		
Incentivar os alunos a interessarem-se mais pela atividade artística que praticam	12A12		
Ajudar os alunos a superar as dificuldades ensinando novas técnicas	12A16		
Não os reprimir quando erram, impedindo-os de se abrirem e serem eles próprios	12A17		
Algumas pessoas não lidam bem com a pressão, (...) os professores podiam não pressionar tanto (mas a pressão é importante), para que os alunos não fiquem tão preocupados	12A111		
A falta de apoio da direção e não propriamente dos professores	12A21		
Perceber que existem mais do que alunos muito bons, sendo que os menos bons também gostam de ser valorizados	12A26		
Tratar todos por igual	12A27		
Mais amigos dos alunos	12B5		
Mais persistentes	12B7		
Mostrarem mais disponibilidade	12B11		
Fazer um esforço para que a atenção fosse igualmente distribuída pelos alunos	12CD1		
Mais ativos	12CD3		
Ajudar os alunos a integrarem-se nas suas ideias e criações	12CD6		

	Não discriminar os alunos com menos capacidades para as artes	12CD11
Metodologias diversificadas (A3)	Ter métodos mais eficazes e divertidos	6A8
	Trabalhar mais ao ar livre, fazendo trabalho mais ativos	6A2
	Organizar mais atividades artísticas depois das aulas	6A5
	Mais demonstrações lúdicas	6B19
	Mais apresentações em powerpoint	6B19
	Ir mais ao Teatro e a Concertos	6B20
	Ensinar mais técnicas e dar mais conselhos de como os alunos podem melhorar	6B31
	Dar mais aulas teóricas e seguirmos mais o manual	6C37
	Ter métodos e técnicas de trabalho mais diversificadas	9A1
	Apresentar os trabalhos de outras formas sem ser somente por powerpoints e desenhos	9A2
	Mostrar mais exemplos feitos pelos alunos e pelos professores	9A3
	Mais concertos, recitais, ballet e exposições de arte	9A8
	Mais atividades dentro e fora da escola	9C3
	Fazer mais trabalhos de grupo	9C8
	Mais aulas onde o aluno pudesse fazer trabalhos sem um tema e pudesse explorar os seus gostos, criatividade e imaginação	9C11
	Menos aulas teóricas para termos tempos para acabar os trabalhos	9C12
	Ouvir música durante as aulas	9C15
	Realizar projetos que envolvam desenho livre	9C15
	Expor apenas os melhores trabalhos	9C19
	Proporcionar mais momentos com experiências no exterior	12A13
	Conhecer as experiências de outras pessoas que já passaram pelo mesmo	12A13
	Todas as atividades artísticas são de grande importância cultural para os alunos do colégio, por isso deviam ser divulgadas aos alunos das diferentes áreas	12A15
	Criar dias artísticos com demonstrações das diferentes atividades	12A17
	Mostrar vídeos de artistas famosos de modo a motivar os alunos para que acreditem que são capazes	12A17
	Apresentar formas novas e inovadoras de apresentar os conteúdos	12A19
	Mostrar aos alunos conteúdos ligados aos recentes avanços das áreas que retratam	12A19
	Ensinar para além da atividade	12A23
Abordar temas da atualidade que, ao mesmo tempo que fossem impulsionado o conhecimento e o aprofundamento da cultura, motivassem mais os alunos a pesquisar e interessar-se pelos trabalhos	12CD7	
Cada trabalho que fazemos deve ter uma pesquisa sobre o tema em questão, isso já aconteceu anteriormente e acho que foi muito bom para nós	12CD8	
Dinamizar projetos artísticos que envolvessem o colégio todo	12CD10	
Propostas diversificadas (A4)	Organizar trabalhos mais cativantes e diferentes do habitual	6A1
	Fazer mais jogos e diversões sobre a matéria	6C33
	Trabalhos mais práticos que sejam importantes e cativantes	9C5
	Apresentar propostas de futuros trabalhos que despertassem o interesse	9B6
	Fazer trabalhos onde pudéssemos mostrar o que sabemos fazer	9C6
	Realizar atividades inovadoras que captassem a atenção dos alunos, fazendo com que estes se mostrassem mais interessados	9C7
	Pedir a opinião dos alunos para novas propostas	9C8
	Atividades mais motivadoras que não tenham tanto a ver com as atividades católicas	9C17
	Nas aulas de teatro e E.V poderíamos trabalhar temas mais diversificados	12A110
	Nas aulas de teatro apenas ensaiamos a peça escolhida e mais nada	12A110

	Nas aulas de música apenas aprendíamos um leque de (poucas) músicas sem diversidade	12A110
	Aumentar o grau de liberdade das atividades de modo a potenciar a criatividade	12A22
	Criar maior diversidade de trabalhos, isto é, sugerir trabalhos/projetos diferentes uns dos outros, criando assim um leque de experiência maior	12CD4
	Abordar temas e técnicas variadas para despertar o interesse e a curiosidade	12CD5
Nada a alterar	Acho que não precisam de fazer nada, porque já fazem tudo bem	6B26
(A5)	Os professores trabalham muito bem, ensinam a um bom ritmo e para além disso, tentam que todos os alunos apanhem a matéria mais rapidamente.	6B23
	Ensinam-nos de uma forma de que não esquecemos mais	6B27
	Já fazem o que podem para que a aprendizagem dos alunos seja rápida	6B29
	Não depende do professor mas do aluno	9B3
	Não tenho opinião fundamentada	12A28
	Não frequento nem o curso de artes nem atividades artísticas	12A210
	Estão a fazer todos os possíveis	12B9
	O desempenho dos professores já é suficientemente bom	12B10
	Não há nada a melhorar	12CD9

CATEGORIA B - O que poderiam os alunos fazer para aprender mais

(Síntese do 6.º, 9.º e 12.º ano de escolaridade)

CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO	UC
O que fazer para aprender mais (B)	Melhorar o Saber Estar e Saber Ser (Assiduidade e pontualidade; Postura correta; Contribuição para um bom ambiente; Organização e conservação dos materiais) (B1)	Não falar nas aulas e concentrarem-se no desenho ou no trabalho que estão a fazer	6A10
		Estar mais atentos para se motivarem mais	6B14
		Mais concentrados para superar as dificuldades	6B15
		Mais participativos	6B32
		Colaborar mais com os professores	6C33
		Ouvir mais os professores	6C35
		Perturbar menos	6C38
		Mostrar mais interesse durante as aulas	9A11
		Ter mais vontade de aprender	9B4
		Contribuir para um melhor ambiente na aula	9C2
		Ver as atividades com mais optimismo e alegria	9C7
		Ver lado positivo das aulas	9C18
		Estar disposto a colaborar	12A18
		Autonomia, iniciativa e persistência (B2)	
Mais ativos e motivado	6A2		
Fazer trabalhos em casa de forma sistemática para aprender mais e ir mais além	6A5		
Empenharem-se ao máximo para aprender melhor	6A6		
Vontade de estudar	6B16		
Relacionar mais as artes com outras disciplinas	6B19		
Ser mais persistente e mais cuidadoso	6B26		
Tentar perceber a matéria	6B27		
Valorizar a criatividade	6B28		
Aberto a novas ideias	9A2		
Dar sugestões de atividades fora do colégio para abrir horizontes	9B2		
Depende do gosto de cada pessoa, (...) Se gostarem apreendem mais facilmente	9C5		
Colaborar mais nas atividades	9C8		
Investigar mais sobre estas áreas e fazer mais trabalhos	9C11		
Pela tentativa de desenhar determinados padrões, personagens, etc.	9C14		
Alterar algumas atividades para aumentar a motivação	9C16		
Não desistir logo pela falta de criatividade	12A16		
Maior envolvimento nas artes	12A18		
Dispor mais do tempo de cada um	12A23		
Participar em mais atividades artísticas proporcionadas pelo colégio	12CD1		
Tentar fazer as coisas sem precisar de ajuda. Arriscar	12CD3		
Experienciar de tudo um pouco daquilo que está relacionado com cada área artística	12CD6		
Investigar, pesquisar, procurar informação de forma a contextualizar-me melhor e a aprender mais sobre cada coisa	12CD7		
Relação com a turma (B3)		Incentivar os colegas para trabalharem mais e para não falarem nas aulas	6B17
		As turmas deveriam ser pequenas para haver tempo para ouvir todos e dar-lhes atenção	6B20
		Há alunos que frequentam as atividades artísticas por obrigação e isso prejudica as aulas	9A8
Não é		Já aprendo muito.	6B24

necessário	Os professores das áreas artísticas não têm de mudar nada	6B25
mudar de	As aulas são divertidas, conversamos, estamos mais à vontade do que nas outras	9A10
atitude	disciplinas, e não acho que se mude nada	
(B4)	As áreas artísticas e as suas disciplinas curriculares são vistas como aulas de “lazer”, “descanso” ou “descontração” do dia-a-dia na escola e por isso são as preferidas dos alunos	9B1
Gestão de	Fazer trabalhos de grupo porque assim divertimo-nos e aprendemos, sem dar conta do	6A11
tempo	tempo passar	
(B5)	Haver tempo limite para a entrega de trabalhos	6C36

GRELHA ANÁLISE DE DADOS - Entrevista à Diretora Geral

Entrevista à Diretora Geral

CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Valorização das Artes, no contexto da Escola Católica Cultural (A)	A importância da educação pela arte (A1)	<i>Tem tanta importância quanto as outras vertentes curriculares</i>
		<i>Assume a importância na formação da personalidade</i>
		<i>É o cerne da formação do futuro cidadão da pessoa que estamos a formar</i>
	O papel que assume o ensino artístico no projeto educativo (A2)	<i>Importantíssimo, qualquer que seja a forma de arte, faz parte da nossa pedagogia</i>
		<i>Os nossos colégios têm todos vertentes artísticas em que, a especialidade de cada um está de acordo com o docente que a conduz</i>
		<i>Temos grupos corais, teatro, dança, música ou pintura, (...)</i>
		<i>Em todas as nossas casas e em toda a nossa pedagogia se preconiza o ensino artístico, exatamente porque afina o espírito ao tom de Deus.</i>
	O ensino artístico alinhado com a sua visão (A3)	<i>Pessoalmente tenho um grande apreço pelo ensino artístico, porque toca de muito perto o Criador (...)</i>
		<i>Ajuda a criar cérebros capazes de executar coisa tão maravilhosas como a pintura, a escultura, a música, ou a coreografias, (...)</i>
		<i>É qualquer coisa de absolutamente indispensável para formar cidadãos com mentes sãs, capazes de enfrentar os desafios da modernidade.</i>
O ensino artístico na missão do colégio (A4)	<i>Assume um missão muito grande, na medida em que o colégio tem que ser uma escola que não se esvazia daquilo que a pessoa é, (...)</i>	
	<i>Efetivamente o facto de burilarem a personalidade com a vertente artística, os educandos acabam por se transformar em aprendizes científicos, porque os ajudam a organizar o pensamento, o coração e outros aspectos da vida</i>	
Ações concretas com vista à valorização do ensino artístico no Colégio (A5)	<i>Toda a Direção tem um grande apreço pela vertente artística</i>	
	<i>A Direção tem dado igual importância que à vertente curricular</i>	
Contributo das vertentes artísticas para a Educação para os Valores Cristãos (A6)	<i>O artista é um criador, (...) A vertente artística forma a pessoa na interioridade e na capacidade de descobrir em si coisas diferentes daquelas que jamais teria conhecimento se não fosse formado nessa vertente</i>	
	<i>Dá-lhe a noção mais clara, da grandíssima dignidade que o habita e da presença de Deus em si</i>	
Desempenho e comportamento dos alunos que frequentam atividades artísticas em relação às outras áreas do saber (A7)	<i>Os nosso melhores alunos são aqueles que praticam e desenvolvem em si o dom que Deus lhes dá no serviço à arte, e na medida em que vão desenvolvendo esse dom, também se transformam a outros níveis.</i>	
	<i>Os melhores alunos são aqueles que praticam qualquer vertente artística seja música, pintura ou dança</i>	
O aluno que excluem as vertentes artísticas da sua formação (A8)	<i>A primeira razão creio que está na família</i>	
	<i>As famílias de uma maneira geral dão mais importância a atividades mais “produtivas”, (...)</i>	
	<i>Os alunos são desviadas pela vertente artística pelos pais, (...) Creio que é por uma falta de cultura que reina nos cidadãos de hoje e sobretudo em Portugal, isto é muito visível porque os pais têm relutância em que os filhos frequentem estas vertentes</i>	
Feedback da qualidade do ensino artístico e do seu impacto nas aprendizagens (A9)	<i>Alguns pais valorizam muito a vertente artística isto, porque percebem que estas fazem com que o aluno seja mais moderado, organizado, (...)</i>	
	<i>Os verdadeiros artistas não têm muito tempo para perder, porque ocupam o seu tempo na concentração e na organização de pensamento, nas emoções e no que tem que produzir</i>	
	<i>Nota-se um grande apreço pelos pais que têm os filhos a frequentar uma vertente artística, e portanto há todo um conhecimento substanciado, porque os filhos assim o demonstram</i>	
	<i>Planificamos a atividade artística mais ainda que a vertente curricular, (...)</i>	
Planificação e	Planificação e organização das	Planificamos a atividade artística mais ainda que a vertente curricular, (...)

organização das atividades artísticas (B)	atividade artísticas (B1)	<i>Cada setor tem as suas competências, e portanto planifica, executa, valoriza e demonstra aquilo que foi planificado</i>
	Constituição de grupos/turmas e distribuição pelos docentes	<i>Para além da competência técnica é preciso uma sensibilidade profunda, (...) Este trabalho é entregue a cada docente de acordo com a sua competência técnica, científica e sensibilidade, (...) Estou sempre muito atenta à forma como cada um vai dando evidências da suas capacidades, para depois lhes entregar os grupos</i>
Planificação e organização do trabalho docente (C)	Organização do tempo, dos espaços e dos recursos escolares (C1)	<i>De uma maneira geral se a vertente artística é curricular, está enquadrado no seu horário Relativamente às vertentes extracurriculares confio suficientemente em todos os mestres para me entregarem a organização dos seus tempos Dou autonomia aos respetivos professores para que, organizem o trabalho com o máximo de perfeição possível</i>
	Trabalho colaborativo na planificação e na avaliação das práticas pedagógicas (C2)	<i>É o diretor artístico que tem de superentender esse trabalho e vemos os resultados no conselho pedagógico, o resultado, não podemos ser nós a fazer o que só eles podem fazer</i>
Autorregulação, avaliação e melhoria (D)	Dinâmicas de autorregulação e autoavaliação instituídas e impactos (D1)	<i>A apetência para uma determinada vertente artística é algo que se vai descobrindo ao longo do tempo A criança fica sensibilizada pela atuação de alguns (através dos espetáculos) e a partir daí tudo se regula para dar solução ao que a criança quer, (...) Vamos dando a todos a possibilidade de se inscreverem nas diversas atividades.</i>
	Avaliação do desempenho e competência prevista e impactos na melhoria (D2)	<i>A avaliação de desempenho está implícita, quando o aluno executa o docente está a ser avaliado, na medida em que está não só à vista da Direção como de todo um público, (...) Não há ninguém específico a avaliar e temos tido ecos maravilhosos de tudo o que se tem feito No colégio têm surgido todas as vertentes artísticas com um desempenho muitíssimo bom</i>
Promoção das aprendizagens (E)	A avaliação formativa das aprendizagens na vertente artística é uma prática sistemática (E1)	<i>De certa forma é, porque efetivamente nós temos demonstrações artísticas que se vão repetindo ao longo do ano e nas quais percebemos a evolução, assim sendo a avaliação é sistemática.</i>
	Medidas de promoção e desenvolvimento das aprendizagens e impactos nas aprendizagens (E2)	<i>Nós notamos que os alunos estão cada vez melhores, criámos novas modalidades na dança, novos momentos celebrativos, mais presenças em concursos e participações no exterior, também na pintura, este ano fez-se o mural, (...) Estamos sempre abertos a inovações que sejam propostas, (...) Se a arte é modular e modela o espírito, então temos de apostar na arte e nos alunos Na vertente humana, torna o aluno muito mais sensível Mais reconecedor do talento do outro Mais capaz de aceitar o insucesso Mais capaz de compreender as diferenças das pessoas e a sociedade.</i>
Melhoria da qualidade do ensino artístico (F)	Ações concretas (F1)	<i>Gostaria que houvesse grupos corais de música clássica e lírica, tenho tentado que existam mas não tenho tido sucesso neste campo, (...) Penso que seria desejável melhorar neste campo, (...) Gostaria que houvesse mais entusiasmo pelas artes visuais, por essa arte que é tão bela e complexa, onde é necessário um potencial muito seguro, mas que para a qual não há grande estímulo social e parental, (...) Uma arte que será muito importante num futuro muito próximo</i>

GRELHA ANÁLISE DE DADOS - Entrevista aos Professores de Artes

Entrevista aos Professores de Artes

Dança, Música, Teatro, Artes Visuais

CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO	UC
Valorização das Artes, no contexto da Escola Católica Cultural (A)	A importância da educação pela arte (A1)	<i>Permite o aprofundar de conhecimentos e consciencialização de cada um nas diferentes artes.</i>	EPD
		<i>Cada um é capaz de fazer arte, mas se forem ensinados podem realmente fazer coisas belas.</i>	EPD
		<i>Os alunos precisam ter consciência da harmonia, no caso da dança, precisam de ter consciência do seu próprio corpo e saber o que podem fazer com ele.</i>	EPD
		<i>A Educação pela Arte no colégio tem a mesma importância que tem em todas as outras escolas ou em todas os locais de formação, (...)</i>	EPM
		<i>A Arte e a Cultura em geral, (...) tem importância no equilíbrio e no desenvolvimento intelectual das pessoas que recebem essa formação.</i>	EPM
		<i>É extraordinariamente valorizado e acarinhado pela Direção Pedagógica e Diretora Geral.</i>	EPT
		<i>Tem uma importância absolutamente fundamental, no âmbito de uma escola católica cultural que valoriza as artes, valoriza o ser humano na sua essencial mais bela.</i>	EPT
		<i>É um dos grandes pilares do Colégio na educação para o Belo.</i>	EPAV
		<i>(...) é importante aprender a fazer qualquer coisas de bom e de belo para depois ter um lugar. (mérito)</i>	EPD
		<i>(...) Os alunos não tem consciência do que é a dança, querem aparecer sempre à frente, não interessa o que vão fazer, querem é estar à frente no palco (...) (Há muito trabalho a fazer)</i>	EPD
		<i>Nas apresentações e espetáculos em que os alunos participam, é fundamental que todos (comunidade) estejam presentes. (...)</i>	EPD
		<i>É importante que todos estejamos articulados (vertentes artísticas) para que a comunidade educativa veja que tudo funciona, que funciona porque se trabalha bem. (...)</i>	EPD
		<i>Infelizmente ainda há um pouco a ideia que, basta chegar à sala e... já está. Isto revela a falta de importância que se dá à parte artística.</i>	EPD
		<i>A Direção vai estando a par do que se faz na Dança, sabem o trabalho que dá preparar tudo, embora nem todos saibam bem o que isso implica, a logística que existe (...)</i>	EPD
<i>(...) Os pais não têm a noção do trabalho que está associado à preparação e organização dos eventos artísticos, devido à desculturação e descredibilidade que é dada aos ensino artístico.</i>	EPD		
<i>No caso da Dança, enquanto extracurricular, há a ideia que só vale a pena frequentar esta atividade enquanto os alunos se divertirem, mas nem tudo é divertido, há esforço e dor associados a esta atividade, (o aluno não se diverte se tiver que participar num espetáculo com dores nos pés ou se tiver de fazer a "espargata").</i>	EPD		
<i>Esta é uma atividade séria, no entanto as pessoas vêm isto com uma certa ligeireza.</i>	EPD		
<i>Quando as pessoas têm que dar um pequeno valor para assistir aos espetáculos dos alunos (preço associado ao aluguer de uma sala de espetáculos na cidade), ficam incomodadas, mas se forem ver outros espetáculos fora, aí pagam mais e dão outra importância.</i>	EPD		
<i>As pessoas não dão valor ao que se faz, não deixam crescer os valores dos nossos alunos e partem para isto com um preconceito.</i>	EPD		
<i>Se (educamos) crianças de uma idade em que absorvem tudo o que lhes é transmitido, essa fase deve ser aproveitada para fomentar equilíbrio e abertura para o desenvolvimento intelectual que a arte proporciona. A estética, o belo é facilmente transmissível pela arte.</i>	EPM		
<i>O nosso Projeto Educativo, porque assenta numa postura que favorece a Arte e a Cultura, explora as várias vertentes artísticas, que ao longo do tempo vão conseguindo congrega cada vez mais pessoas, isto porque há essa propensão para favorecer o belo e o estético. (...)</i>	EPM		
<i>O Ensino Artístico está bem representado no PE, mas ainda não está bem explorado, deveríamos ter horas específicas para desenvolver outras atividades, (...)</i>	EPM		
<i>Alguns espetáculos/performances são feitas sem o tempo que desejávamos, devido a alguns constrangimentos, como o tempo e o número de atividades existentes. (...)</i>	EPM		
<i>Assume um papel determinante, ele existe em diversas vertentes e está acreditado de diferentes</i>	EPT		

formas: teatro, dança, música, artes plásticas, (...) Estas disciplinas aparecem no âmbito curricular mas também em extracurricular, dado o peso que estas atividades têm no conjunto dos papéis curriculares e extracurriculares, são determinantes.

	<i>Assume um papel fundamental para o enquadramento da beleza nas restantes áreas.</i>	EPAV
O ensino artístico alinhado com a sua visão (A3)	<i>Todos vamos "puxando as pontas soltas" para nos alinharmos uns com os outros, tentamos estar em consonância (com o IPE), apesar de estarmos a fazer coisas um pouco diferentes.</i>	EPD
	<i>Partilhamos horizontes semelhantes, a visão que o ensino artístico tem para mim é plasmada naquilo que o colégio desenvolve.</i>	EPT
O ensino artístico na missão do colégio (A4)	<i>É verdade que as coisas estão já esquematizadas e que se fazem muitas coisas por hábito (rotina).</i>	EPM
	<i>Não há propostas específicas da Direção, há sim propostas que vem de meios restritos como por exemplo das Dioceses, com tendência artística muito limitada, (...)</i>	EPM
	<i>As participações nas ações das Escolas Católicas têm sido uma constante. (...)</i>	EPM
	<i>Sabemos que por falta de tempo, ou disponibilidade, devido ao programa preestabelecido, torna-se difícil introduzir novas propostas.</i>	EPM
	<i>Tenta-se sempre aproximar a dança à Mensagem, mas para tentar transmitir essa Mensagem é necessária um maturidade, que não tem necessariamente haver com a idade, não é muito fácil transmitir um tema, sem ter maturidade.</i>	EPD
	<i>Os nosso alunos estão a ser encaminhados para o sucesso, os pais procuram mais a área das ciências exatas, (...) e esquecem estas áreas artísticas, (...)</i>	EPAV
	<i>Como o colégio também tem muita qualidade na vertente das ciências, os pais e alunos apostam mais em cursos referenciados no dia a dia dos aluno (sobretudo na medicina).</i>	EPAV
Valorização do ensino artístico no Colégio (A5)	<i>A arte deve ser vista com seriedade, com respeito e reconhecimento do que está a ser feito, a arte não pode ser vista como entretenimento despreocupado.</i>	EPD
	<i>No tempo "tão evoluído" em que vivemos, deveria haver uma maior mudança nas atitudes, no respeito pelo profissionalismo com que se fazem as coisas e pelo trabalho artístico que o aluno vai realizando (...), isso não parece acontecer.</i>	EPD
	<i>Poucos são aqueles que dão valor à parte artística, em parte porque não foram habituados a isso.</i>	EPD
	<i>Dá-se muito valor à cultura "fast-food" e de aparências, estamos a fazer uma caminhada lenta e dolorosa. (...) É fundamental aprender a gostar, por exemplo na música, se o alunos ouvir desde pequeno os grandes clássicos é óbvio que vai estar mais sensibilizado para ouvir qualquer música independentemente de gostar das músicas da atualidade. Os alunos que têm estas experiencias reconhecem facilmente as músicas porque estão sensíveis a isso.</i>	EPD
	<i>Não me parece ser da responsabilidade da direção esse tipo de ações, mas antes de receber de braços abertos as nossa propostas. (...)</i>	EPM
	<i>(...) Uma coisa inovadora, seria acabar com o programa preestabelecido, não fazer simplesmente o que é rotina, porque há hábitos e vícios que fazem com que as pessoas percam o interesse e a valorização das coisas.</i>	EPM
	<i>Nas audições, as pessoas já só criticam, estão mais atentas a ver os pontos negativos, embora entendamos que, há nitidamente melhorias que não são muito referidas, o que seria normal era haver cada vez mais problemas (...)</i>	EPM
	<i>A valorização das atividades só aparece quando se quebram esse hábitos (rotinas).</i>	EPM
	<i>Temos à frente da direção uma pessoa que, devido à sua formação, valoriza e dá força ao desenvolvimento de atividade culturais.</i>	EPM
	<i>(...) Temos um terreno fértil em que a maioria das nossas atividades são bem recebidas e bem aceites.</i>	EPM
	<i>O Ensino Artístico é um tipo de ensino específico, está presente nos momentos mais solenes e importantes da vida do colégio, seja na semana cultural como nas efemérides mais importantes: Natal, dia da Madre Fundadora, Páscoa, final do ano, (...)</i>	EPT
	<i>Está também presente noutros momentos não menos solenes, (...)</i>	EPT
	<i>Em termos curriculares todas as atividades têm a oportunidade de regularmente apresentar as suas realização dentro do colégio ou fora e até internacionalmente como é o exemplo do Ballet.</i>	EPT

	<i>A Direção tem dado sempre aval positivo no que respeita às atividades artísticas, dentro e fora do Colégio, favorecem e elogiam, porque reconhecem que somos um pilar neste colégio.</i>	EPAV
Contributo das vertentes artísticas para a Educação para os valores Cristãos (A6)	<i>Considero que as vertentes artísticas tem contribuído para os valores Cristãos, a Dança e Música estiveram sempre ligados aos valores Cristãos. (...)</i>	EPD
	<i>Em certas comunidades problemáticas, como por exemplo no Brasil (Favelas) criam-se grupos de Dança e de Música para tirarem os jovens da violência, do crime, da droga, e daí por vezes saem grandes talentos. (...)</i>	EPD
	<i>São alavancagens, uma mais valia para a vida deste jovens que, até podem vir a fazer outras coisas, mas ficam sempre marcados pela arte.</i>	EPD
	<i>A Dança tem estado sempre ligada com a religião, nas festividades religiosas, nas procissões, na Adoração do Senhor, nas Eucaristia, (...)</i>	EPD
	<i>Na música, como noutras áreas artísticas, os valores cristãos como o amor, a justiça, a paz, a fraternidade, a preocupação com o outro, estão sempre presentes (...)</i>	EPM
	<i>A música quando está a ser praticada, ensaiada, por crentes ou não crentes está intrinsecamente a desenvolver e a aprofundar valores cristãos, (...).</i>	EPM
	<i>Toda a arte e em concreto a música, explora este valores cristão, (...). Para um projeto musical ou para qualquer projeto artístico, desde que seja considerado arte, esses valores estão intrinsecamente ligados, (...)</i>	EPM
	<i>Quando estamos em placo, estamos a desenvolver esses valores, estamos a tentar criar harmonia, paz, bem estar, amor, cuidado estético, ajudando os outros a pensar, a sonhar, etc. (...)</i>	EPM
	<i>Há instituições que usam a arte mais especificamente na prática religiosa, ou de intervenção espiritual, como por exemplo os concertos de música cristã.</i>	EPM
	<i>Na religião, na política, como noutra área qualquer, a música pode ser um meio de transmissão mensagem (...)</i>	EPM
	<i>A Educação Artística faz vir ao de cima aquilo que os seres humanos têm de mais belo, criativo, inventivo, (...)</i>	EPT
	<i>Mobiliza a capacidade de trabalho, capacidade de sacrifício, de realização em conjunto, (...)</i>	EPT
	<i>(...) O Teatro é uma arte de comunhão e comunidade onde todas estas valências vão ao encontro dos valores cristãos.</i>	EPT
	<i>Na harmonia, na beleza, no amor colocado em cada projeto, isso nota-se (...)</i>	EPAV
	<i>(...) Nas instalações artísticas, nas decorações de espaços, nas horas com Jesus, nos encontros católicos, (...) onde se coloca o dom de cada um ao serviço do outro.</i>	EPAV
Desempenho e comportamento dos alunos que frequentam atividades artísticas em relação às outras áreas do saber (A7)	<i>Os pais sentem-se amargurados se os filhos pretendem enveredar pela vertente artística, (...)</i>	EPD
	<i>Felizmente hoje em dia começa a ser importante ter no currículo a frequência destas atividades, porque pode dar acesso a qualquer coisa. (...)</i>	EPD
	<i>Temos muitos exemplos de pessoas de relevo na sociedade portuguesa e noutras vertentes, que também estão associados à arte!</i>	EPD
	<i>Modificam o desempenho, porque os ajudam a ser metódicos nas suas aprendizagens, a saber o que é importante e o que é acessório, (...)</i>	EPD
	<i>As artes ajudam a desenvolver uma maior concentração, o gosto pelo aprender e pelo saber.</i>	EPD
	<i>Cada vez mais surgem estudos novos que comprovam isso mesmo. Há evidencias no colégio. (...)</i>	EPM
	<i>Alguns destes alunos acompanho-os (no seu percurso de vida) não apenas porque eram meus alunos, mas também porque criaram outro tipo de ligação, (...)</i>	EPM
	<i>Os alunos com maior desempenho, mais capacidades e que exploram estas artes, de uma maneira geral são os mais respeitadores e com mais sucesso nas outras áreas disciplinares. (...)</i>	EPM
	<i>São os alunos que têm mais capacidade de resolver problemas, mais intelectualmente preparados, mais organizados nas suas vidas, e mais capazes de enfrentar as vicissitudes da vida, (...) Mais tarde, vêm a ter uma maior evolução.</i>	EPM
	<i>Acho que modificam para melhor. Eu noto que ao longo desta minha posição de professor, que os meninos que frequentam o EA têm competências e capacidades, que os outros, ou não têm ou têm menos, (...)</i>	EPT
	<i>Uma grande capacidade para realizar tarefas, um espírito crítico muito acentuado, criatividade no</i>	EPT

	<i>desenvolvimento da matéria em equipa, (...)</i>	
	<i>(...) têm capacidade de fruir de maneira mais adequada a beleza do mundo, seja em que área artística for.</i>	EPT
	<i>Acrescento que os currículos estão estruturados de maneira rigorosa e objetiva e os meninos têm dificuldade em ver um pouco mais além, Out-of-the-Box, (...)</i>	EPT
	<i>Os meninos que frequentam o EA têm uma pequena diferença relativamente aos outros, podem perspetivar o mundo, a matéria e os conhecimentos do mundo de uma forma mais personalizada.</i>	EPT
	<i>Modificam os alunos, os outros (outras escolas) vêem os nossos alunos muito mais felizes, são alunos mais completos, até pela ligação que temos uns com os outros, (...) há entreajuda e isso é muito visível. (...)</i>	EPAV
	<i>Alguns alunos frequentam os cursos sem se sentirem felizes, (...) Alguns pais atingiram um patamar profissional muito elevado e pensam que os filhos ao escolherem as artes estão a “descer”, mas o importante é que eles gostem do que fazem.</i>	EPAV
O aluno que excluem as vertentes artísticas da sua formação (A8)	<i>Para a formação integral do aluno, o aluno que não frequente uma vertente artística, seja ela qual for: a música, o teatro, as artes plásticas, ou a dança, creio que nunca vai ser uma pessoa completa, não estará preparado para apreciar um momento de cultura, uma peça um teatro, um bailado, etc.</i>	EPD
	<i>Na dança parece que as pessoas não têm conhecimento para apreciar um movimento ou a dificuldade que há na coordenação de um grupo ou num solo, (...)</i>	EPD
	<i>Não têm essa sensibilidade ou capacidade para apreciar porque nunca tiveram interesse para isso (...) Isto tem haver com a educação.</i>	EPD
	<i>Os alunos que não passam pelas artes não terão sensibilidade para apreciar. Se não sou capaz de apreciar não posso dizer que é feio. (...)</i>	EPD
	<i>O nosso público frequentemente diz que é feio ou é bonito, como não sabem apreciar, opinam. Assiste-se a muita ignorância. É necessário ter alunos com formação artística para poderem ajudar os outros a apreciar</i>	EPD
	<i>Excluem por falta de motivação, (...)</i>	EPD
	<i>Não têm experiência de casa, são pessoas secas, só vão aos espetáculos para ver e serem vistos. Não há uma preparação para o que vai ser visto. (...)</i>	EPD
	<i>Por vezes não é o factor económico que os leva a optar assim, mas sim um factor de desvalorização.</i>	EPD
	<i>(...) Afirmam que as artes não acrescentam nada, porque não vêm resultados imediatos, mas se lhes trás melhores resultados a matemática ou outras disciplinas já passam a ter interesse, (...)</i>	EPD
	<i>Presumo que sejam desconhecedores das sensações e benefícios que daqui retiram (...)</i>	EPM
	<i>Eventualmente não nasceram em meios que os despertassem para a arte, infelizmente acontece em muitas famílias, (...)</i>	EPM
	<i>Quando chega a hora de tomar uma decisão, esquecem as artes, (as artes estão fora de questão, há uma tendência para seguir cursos diferentes e eventualmente fazer este ou aquele complemento em artes)</i>	EPM
	<i>Uma carga horária excessiva, uma focagem excessiva sobre um modelo de educação estritamente virado para as competências curriculares, (...)</i>	EPT
	<i>Muitas vezes há mais preocupação pela nota do que pela aprendizagem, (...)</i>	EPT
	<i>A educação é vista como um meio para atingir um fim (determinada nota) e não como um fim em si mesmo.</i>	EPT
	<i>(...) Se vissem nessa perspetiva, seguramente tentariam ter uma conceção mais inclusiva e globalizante que ultrapassasse as margens definidas pelos currículos.</i>	EPT
<i>Eles não excluem, simplesmente elas estão adormecidas. Esta (sensibilidade) não é desenvolvida, (...)</i>	EPAV	
<i>(...) Uns demonstram mais outros menos, (...)</i>	EPAV	
<i>(...) Porque vivem numa sociedade que não sabe apreciar (...) tem que haver tempo para olhar a natureza, (...) No dia-a-dia, são capazes de sair do colégio e não olhar a paisagem, concentram-se no seu mundo com os headphones e não apreciam, (...)</i>	EPAV	
Feedback da qualidade do ensino	<i>A comunidade educativa afirma que a qualidade artística está a melhorar, que está tudo mais organizado, há profissionalismo, (...)</i>	EPD
	<i>Há a intensão de fazer ver que as coisas são sérias. (...) Mas os pais não estão dispostos a arriscar</i>	EPD

artístico e do seu impacto nas aprendizagens (A9)		<i>que os filhos vão mais longe no conhecimento de qualquer vertente artística, só naqueles conhecimentos gerais (Vertente curricular da escola) é que vale a pena apostar.</i>			
		<i>Também há aqueles pais que arriscam muito, porque acham que com pouco, os talentos estão bem definidos.</i>	EPD		
		<i>Há a sensação que o incremento de horas em determinadas disciplinas, “subtraindo” a área artística, resolverá grandes problemas (...)</i>	EPD		
		<i>Parece haver um drama quanto às poucas horas de português ou matemática, mas na geração anterior a organização curricular era outra e não é por isso que hoje somos ignorantes.</i>	EPD		
		<i>A desvalorização da vertente artística vem também pela pouca aceitação do que está errado, (conceito que tudo é válido e bom).</i>	EPD		
		<i>Se o aluno tem negativa na disciplina de matemática mais facilmente se reconhece a dificuldade, contudo numa disciplina da vertente artística não é a mesma coisa, surgem imediatamente várias opiniões justificando o problema.</i>	EPD		
		<i>Aquilo que são hábitos nas atividades artísticas já não se valorizam, (...)</i>	EPM		
		<i>As reações que temos são mais daquelas pessoas que, por qualquer motivo, já saíram do colégio e que mais tarde comentam as realidades de outras escolas, as suas experiências noutras escolas, (...)</i>	EPM		
		<i>(...) Comentam que nada têm haver com o que se faz no Colégio, que no Colégio trabalha-se com outro profissionalismo.</i>	EPM		
		<i>Vivemos uma época em que é necessário fazer constantemente novidade e surpreender, esperávamos um pouco mais de algum reconhecimento, de uma forma geral há menos apreciações (Comentários) do que aquilo que se deveria haver.</i>	EPM		
		<i>Um feedback extraordinariamente positivo e sempre muito entusiasta com as diversas realizações que se vão materializando ao longo do ano.</i>	EPT		
		<i>As pessoas gostam muito do que se vai fazendo, apreciam e valorizam e comentam muito positivamente.</i>	EPAV		
	Planificação e organização das atividades artísticas (B)	Planificação da ação docente (B1)	<i>Os colegas dizem que o colégio fica diferente (A propósito das instalações artísticas colocadas em todo o colégio e alusivas ao tema cultural) e quando retiramos, comentam que o colégio fica triste.</i>	EPAV	
<i>(Quanto às aulas) É um trabalho realizado uma vez individualmente e outras vezes com os alunos, (há projetos que evoluem com a opinião dos bailarinos).</i>			EPD		
<i>Todos os anos há novos projetos e nuances, novas modalidades. A montagem de determinadas coreografias é resultado de um trabalho discutido permanentemente.</i>			EPD		
<i>Há vários fatores que são trabalhados para que haja uma maior aproximação do projeto com os alunos, desde a música ao guarda-roupa. A organização hoje não é tão taxativa como alguns anos atrás.</i>			EPD		
<i>A Música e a Educação Musical como são diferentes, também a planificação é diferentes (...) Temos realidades de programação diferenciadas.</i>			EPM		
<i>Na Música como atividade extracurricular, a avaliação culmina numa audição musical, No 2.º ciclo estamos cingidos a um programa, música, matérias, conteúdos específicos já estabelecidos, embora possamos adaptar este ou aquele aspeto, (...)</i>			EPM		
<i>Como estamos a participar constantemente em atividades religiosas, todas as aulas e programações tem que estar em equilíbrio com os conteúdos disciplinares. (...)</i>			EPM		
<i>Numa aula de música no primeiro ciclo tive que explicar a letra e a música, palavra a palavra, do cântico de Natal (O Milagre), para que as crianças entendessem o que estavam a cantar. (...) Foi importante para eles a explicação da letra.</i>			EPM		
<i>Na perspetiva do Teatro, em termos de definição dos conteúdos e matérias, começamos por ter uma planificação conjunta, depois a escolha dos textos dramáticos, elenco e opções de encenação que se vão tomando, é mais individualizada.</i>			EPT		
<i>Sempre em conjunto com os colegas, dialogamos e trocamos ideias, (...) Estamos sempre a ver o que resultou e não resultou e procuramos sempre melhorar. Não planificamos tudo sempre sozinhos, procuramos também a ajuda dos outros colegas.</i>			EPAV		
Articulação das vertentes				<i>A articulação vai sendo feita com alguma dificuldade, entre o tempo das outras expressões artísticas, o tempo dos alunos, o tempo do professor, o tempo das outras disciplinas.</i>	EPD

artísticas entre si e com as outras áreas do saber (B2)	<i>(...) É muito complicado fazer momentos que retratem a vida de Ana Maria Javouhey, sem ter uma outra parte encenada.</i>	EPD
	<i>Entre si sim, destaco as múltiplas iniciativas do sarau cultural em que trabalhamos articulados e de forma estreita, mas com as áreas curriculares não, tanto como seria desejável, (...)</i>	EPT
	<i>As áreas curriculares focam-se nas matérias conteúdos e formação e deixam um pouco à margem esta vertente de formação.</i>	EPT
	<i>Tentamos estar sempre em contacto uns com os outros e organizamos tudo em conjunto, com as restantes áreas também tentamos articular o nosso trabalho mas nem sempre é possível, (...)</i>	EPAV
	<i>Há articulação, numas mais, noutras menos, por exemplo na dança, no teatro, ou na música participamos em conjunto em muito projetos.</i>	EPAV
Desenvolvimento integral da Pessoa na planificação da ação docente (B3)	<i>Sim, nomeadamente na escolha dos textos e projetos que levamos a cabo nos dois semestres, (...)</i>	EPT
	<i>Todos este projetos resultam da escolha de textos com uma forte componente didática, humanista, solidária e comunitária, (...)</i>	EPT
	<i>Não é propriamente valorizado só o lado estético do texto dramático, mas há também uma componente de dimensão ética e social bastante acentuada.</i>	EPT
	<i>A preparação dos alunos é, sobretudo no teatro, uma preparação multidisciplinar, neste âmbito integra-se nesta ideia do desenvolvimento integral da pessoa.</i>	EPT
	<i>Os alunos são convidados e incentivados a desenvolver a sua cultura geral e a mobilizar competências de várias ordens, quer a nível da leitura da compreensão e interpretação do texto dramático quer depois, na preparação das ditas componentes físicas do trabalho de ator; movimento, colocação da voz, verbalização das emoções, interiorização e interação de todas as emoções que os atores têm que desenvolver, (...)</i>	EPT
Diferenciação pedagógica (B4)	<i>Sempre na aula do dia-a-dia, no carinho e amor que colocamos no trabalho e no apoio aos alunos, nas suas dificuldades, (...)</i>	EPAV
	<i>Sempre com reforços positivos, transmitindo confiança para atingirem os seus objetivos, ajudamos introduzindo técnicas de diferenciação, procuramos estratégias para eles (alunos) alcançarem os objetivos.</i>	EPAV
	<i>Não posso trabalhar da mesma forma com todos os alunos, embora sinta um “ambiente” em que todos se acham no mesmo plano, mas esse é um problema que também vem de casa. (...)</i>	EPD
	<i>Hoje em dia não se pode dizer de qualquer forma as coisas aos alunos, que estão errados, ou que estão a fazer mal, ou que tem de fazer desta ou daquela maneira, (...)</i>	EPD
	<i>(...) Agora há estratégias de comunicação diferenciadas, para não “ferir suscetibilidades” que não são fáceis, sobretudo neste âmbito.</i>	EPD
Planificação e organização do trabalho docente (C)	<i>(...) Há uma avaliação de toda a turma, onde se vê como os alunos reagem a determinados matérias e conteúdos e depois com cada aluno em particular vou vendo as dificuldades e vou trabalhando com ele.</i>	EPM
	<i>(...) Alguns alunos tocam instrumentos diferentes dos que estão estabelecidos no programa e de acordo com as suas capacidades vou sugerindo que alguns acompanhem com o que sabem tocar (Desta forma gera-se motivação).</i>	EPM
	<i>São objetivos que pretendemos levar a feito mas que nem sempre conseguimos cumprir e muitas vezes ficamos aborrecidos por não os conseguirmos cumprir.</i>	EPM
	<i>Os alunos que aparecem no Teatro têm graus de disponibilidade diferenciados, (...)</i>	EPT
	<i>(...) Uns são mais extrovertidos, com um feitio mais reservado, a esses faço um “pressing” para saírem da conchinha mais depressa, dou-lhes mais visibilidade, tarefas e papéis grandes, “passo-lhes uma babata muito quente para a mão” de maneira a que eles, com a minha ajuda e dos colegas, ultrapassem esse obstáculo.</i>	EPT
	<i>É muito gratificante ver que, depois dessa reserva toda, o aluno consegue com desenvoltura apresentar-se em público e mostrar o seu trabalho com naturalidade. É muito gratificante e eles próprios ficam muito contentes.</i>	EPT
	<i>O Teatro tem, ao longo do ano letivo, dois momentos chave que correspondem ao final de cada um dos semestres, (fevereiro e Julho).</i>	EPT
<i>Estruturamos o nosso trabalho em função desse objetivo fundamental que é apresentar um texto teatral. Ao mesmo tempo que vamos trabalhando em função desse objetivo, desenvolvemos o</i>	EPT	

escolares (C1)		<i>trabalho relacionado com essa dimensão dramática; escolha de atores, encenação, leituras de mesa e palco, preparação do ator, (...)</i>	
		<i>Focados nesse objeto que é a peça, vamos desenvolvendo competências a montante e a jusante e mobilizam-se competências para além das que são necessárias para o teatro; saber estar num espaço público, saber relacionar-se com os outros, verbalizar a sua opinião de forma adequada, incisiva e assertiva, (...)</i>	EPT
		<i>No 2.º e 3.º ciclo há pouco tempo para desenvolver a parte artística, o tempo é escasso para os alunos se desenvolverem nestas vertentes.</i>	EPAV
Trabalho colaborativo na planificação e na avaliação das práticas pedagógicas (C2)		<i>Existe ligação com as restantes áreas artísticas, mas trabalhamos mais com uns do que com outros, há casos em que trabalhamos "hora a hora" e isso é fundamental para que tudo corra bem, muito concretamente nos ensaios para audições (...)</i>	EPM
		<i>Nos três momentos de reuniões de conselho de turma, inicial, intercalar e final de período, os professores das áreas artística estão presentes e os seus depoimentos são tão importantes quanto os dos outros colegas.</i>	EPT
Autorregulação, avaliação e melhoria (D)	Autorregulação e autoavaliação instituídas e impactos (D1)	<i>A maior avaliação que se tem feito, tem sido aquela que resulta das participações fora do colégio. (Os resultados comprovam).</i>	EPD
		<i>Quanto ao trabalho individual, este resulta de uma autocritica muito grande, penso sempre que posso fazer melhor, tentando entrar na "cabeça do aluno" para melhor o compreender.</i>	EPD
		<i>Gostaria que as alunas trabalhassem com mais seriedade, apesar de verificar que temos alunas que trabalham muito, muito, muito.</i>	EPD
		<i>(...) Ocorrem algumas situações em que os alunos pensam que não conseguem fazer melhor, desistem facilmente e vêm o outro, supostamente com mais dificuldades, a conseguir melhores resultados, sentem com isso que o professor dedicou mais tempo ao outro (...)</i>	EPD
		<i>Os alunos têm capacidades mas não as querem desenvolver, ou só as querem desenvolver até determinado ponto, (...)</i>	EPD
		<i>(...) Com o sucesso do outro surge o arrependimento e depois a frustração. Muitas vezes a nossa experiencia vê que os alunos podem ir mais longe, mas nem sempre isso é compreendido pelos pais.</i>	EPD
		<i>Existem individualmente, não há aula nenhuma em que eu não reflita sobre o que correu mal e o que pode ser melhorado.</i>	EPM
		<i>A grande maioria das vezes quando as coisas correm mal, a culpa é mais minha e menos dos alunos, é importante perceber isso, (...)</i>	EPM
		<i>Há dias em que os alunos vem mais agitados, ou porque vêm de outros espaços e de outras atividades, (...) Se eu venho mais disponível e com tudo muito bem programado, as aulas correm muito melhor, os alunos até podem vir muito agitados mas acaba por correr bem, (...)</i>	EPM
		<i>Entendo que é necessário fazermos essa autoavaliação constante para melhorar, tomar atitudes diferentes para aula seguinte correr melhor. (...)</i>	EPM
		<i>Não haver nada a melhorar é um conceito que não existe (Estar já no topo). Sou um insatisfeito por natureza não há outra postura possível, somos tão pequeninos que nunca vamos chegar a um ponto em que não há nada a melhorar (...)</i>	EPM
		<i>Periodicamente reunimos o conselho artístico, reuniões feitas depois das prestações artísticas, e aí temos a oportunidade de fazer essa análise e os ajustamentos necessários, (...)</i>	EPT
		<i>Das reuniões periódica resulta uma melhoria substancial, porque se trata de um trabalho que é feito em comunidade, há mais pessoas a pensar sobre os assuntos, (...) Pessoas com competências que têm um papel ativo nos trabalhos desenvolvidos.</i>	EPT
		<i>Os alunos no final do primeiro período têm uma informação qualitativa da sua prestação, nesta altura ainda não tiveram a oportunidade de se apresentar ao público, (...)</i>	EPT
		<i>Da avaliação feita constam alguns pareceres do desempenho do aluno ao longo do período.</i>	EPT
<i>Em cada reunião de pedagógico ou reunião da pastoral temos avaliações, mas de forma mais regular temos as avaliações das horas com Jesus, preparação das eucaristias, (...)</i>	EPAV		
<i>Avalia-se sempre a parte artística e regula-se o que está a ser feito.</i>	EPAV		
<i>Esta avaliação vai tendo impacto na melhoria e dá-nos outro alento, porque queremos ver o</i>	EPAV		

		<i>colégio com mais alegria, mais harmonioso e com mais e melhor arte.</i>	
Avaliação do desempenho e competência prevista e impactos na melhoria (D2)		<i>Ao contrario de outras áreas, na dança, no teatro ou na música não "há borracha", se ocorre um erro no momento da apresentação não há modo de corrigir ou voltar atrás, só no próximo espetáculo é possível corrigir. (...)</i>	EPD
		<i>Tem que haver um trabalho preparatório muito árduo, ao contrário de outras disciplinas, não há margem de erro, a imagem que fica para o público é a de um mau artista ou de uma má preparação dos alunos. (...)</i>	EPD
		<i>Não há praticas de avaliação previstas para esta área artística, para além das manifestações de alegria, visíveis no fim de cada atuação.</i>	EPD
		<i>A avaliação é muito difícil. Há casos em que os alunos não gostam de ser corrigidos porque já têm um autoconceito elevado das suas capacidades e qualidades, e isto é um facto que ocorre muito.</i>	EPD
		<i>Os que trabalham e que dão valor, aqueles que encaram a Dança como a Matemática ou as Ciências, etc., muitas vezes ficam desanimados porque não conseguem melhor.</i>	EPD
		<i>Não está prevista a avaliação de desempenho especificamente para a área artística. Está prevista de uma forma geral mas é evidente que se reflete nesta, porque quando estamos numa avaliação de desempenho, avaliamos a entrega e capacidade de fazer isto ou aquilo, (...)</i>	EPM
		<i>A preparação de um projeto teatral é quase um exercício de esboço, (...) Um quadro que resulta da realização de vários rascunho, (...)</i>	EPT
		<i>Nos ensaios de palco começamos por um esquiço básico e depois, no ensaio seguinte vamos melhorando todas as imperfeições da análise feita por todos, e assim, de ensaio em ensaio, vamos num processo de melhoramento, vendo o desenho que está feito, (...)</i>	EPT
		<i>Neste caso a autoavaliação é feita todos as aulas, (...) Valorizo o espírito critico e o sentido estético dos alunos, tomo em consideração as suas impressões, neste sentido, o projeto está permanentemente a ser avaliado.</i>	EPT
		<i>Vamos avaliando e vendo o que não resultou bem, (...)</i>	EPAV
		<i>Nesta área não há falhanços completos, há projetos que se concretizam bem e outros que não correm tão bem, por falhas no decorrer do processo, mas vamos sempre fazendo as modificações necessárias para poder continuar, (...)</i>	EPAV
		<i>No ensino de há 20 ou 30 anos os alunos eram diferentes, agora têm conhecimentos mais profundos sobre as matérias, (...) O professor agora só o ajuda, não o completa, (...)</i>	EPAV
		<i>As aulas têm de ser diferentes, juntamos o que aprendemos com a evolução dos tempos e utilizamos outros meios a que eles estão mais habituados, (...)</i>	EPAV
	<i>As dinâmicas de aulas são diferentes de modo a que eles participem mais, aproveitando as suas ideias para trabalhar, (...)</i>		
Melhoria da qualidade do ensino artístico (E)	Ações concretas (E1)	<i>É sempre preciso melhorar, (...)</i>	EPD
		<i>É necessária outra disponibilidade por parte da direção para acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos, há uma ocupação muito grande nas restantes tarefas de gestão, que torna-se particamente impossível acompanhar tudo o que se faz.</i>	EPD
		<i>Devemos mostrar mais o trabalho que fazemos ao exterior. Há necessidade de fazer mais para fora do colégio.</i>	EPAV
		<i>Nós professores "parecemos máquinas de ensinar", e transmitimos isso aos alunos, falta alguma sensibilidades, (...) Deveria haver mais integração artística nas outras disciplinas do currículo, (...)</i>	EPAV
		<i>Fizemos em julho e setembro reuniões afim de prepara inovação, para que, a uma certa distancia do momento, essas ideia se enraízem se estabeleçam as diferenças. (...)</i>	EPM
		<i>Não é identificar pontos de melhoria a longo prazo que as coisas se resolvem, mas antes aplicar logo as melhorias nas atividades seguintes.</i>	EPM
		<i>Há muitas coisas a melhorar, todos os anos fazemos reuniões para lutar contra a inércia e contra a falta de tempo, mas é uma frustração constante porque sabemos onde queremos melhorar mas não temos tempo para programar e depois para melhorar, como gostaríamos de fazer (...)</i>	EPM
		<i>Seria importante ser permitido aos alunos, no quadro do curso de artes, a existência da disciplina de História da Cultura e das Artes, (...)</i>	EPT
		<i>Os alunos que enveredam pelas áreas científicas deveriam também poder ter uma disciplina que os</i>	EPT

pudesse ajudar neste sentido. Penso que é importante, sempre que possível, alargar a mundivisão de cada aluno, (...)

A educação será assim muito mais rica e mais determinante indo para além da mera acumulação de matéria, para posterior debitação num qualquer teste de avaliação. EPT

A educação artística é algo que fica para a vida e seguramente torna-os seres humanos mais dinâmicos, mais felizes, mais atentos ao belo, ao outro e a si próprios. EPT

GRELHA ANÁLISE DE DADOS - Entrevista aos Encarregados de Educação

Entrevista aos Encarregados de Educação

CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO	UC	
Valorização das Artes, no contexto da Escola Católica Cultural (A)	O Colégio desenvolve a educação pela arte (A1)	<i>Sim sem dúvida, aliás logo o facto de em cada ano ter um tema cultural, apresentado no início de cada ano letivo e desenvolvido a par das várias vertentes artísticas.</i>	EE1	
		<i>Assume um papel nuclear.</i>	EE1	
		<i>É uma das prioridades do Colégio.</i>	EE2	
		<i>Deveria apostar-se ainda mais sobretudo na infantil e no primeiro ciclo, (...)</i>	EE3	
		<i>Há uma preocupação muito grande em ensinar letras, algarismos e contas, mas é preciso preparar o terreno e semear, para que mais tarde dê fruto, a educação pela arte é uma forma de conseguir isso (...)</i>	EE3	
		<i>Quando falamos com uma criança percebemos algumas diferenças (...)</i>	EE4	
		<i>A arte toca-nos e penso que isso se vai refletindo nos alunos.</i>	EE4	
		<i>Despertar para a arte sim mas educar pela arte parece ainda faltar um pouco.</i>	EE5	
		<i>Há o despertar para a arte, mas descuida-se muito em todos os níveis o ensino pela arte, esta é tida como “uma disciplina à parte”.</i>	EE5	
		<i>Parece não haver uma experiência global da parte dos professores para que estes possam educar pela arte em qualquer disciplina (...)</i>	EE5	
		O papel que assume o ensino artístico no projeto educativo (A2)	<i>A Diretora Geral foi uma das grande responsáveis pela forte vertente artística e salienta frequentemente que a arte é essencial no desenvolvimento da pessoa, (...)</i>	EE1
			<i>É uma componente fundamental no saber integral da pessoa, (...) Tem por isso um papel absolutamente central no PE do Colégio.</i>	EE1
			<i>É um papel de extrema importância até porque está radicado nos ideias da Madre Fundadora, que dava especial importância ao ensino das artes manuais.</i>	EE2
		Investir na oferta artística diversificada e de qualidade (A3)	<i>(...) talvez a partir daí, se construiu um projeto muito articulado com a dimensão artística, vista como uma fonte de desenvolvimento integral dos alunos.</i>	EE2
			<i>A arte, e a ciência depois, são áreas que parecem não essenciais à sobrevivência da espécie humana (Raymond Williams), contudo são elas que nos fazem verdadeiramente seres humanos, daí a diversidade em arte ser importantíssima.</i>	EE1
<i>É importante investir e isso tem-se notado ao longo dos anos, (...)</i>	EE2			
<i>Tenho os filhos em diferentes anos e noto que, seja ao nível das Arte Plásticas seja ou ao nível das outras vertentes, tem havido uma crescente qualidade nos projetos apresentados.</i>	EE2			
<i>Temos a sensação que passou-se do amadorismo para o profissionalismo.</i>	EE2			
<i>Deveria haver uma componente artística maior na infantil e no primeiro ciclo, por exemplo: a observação de objetos, paisagens, jogos com música, contar histórias, associar coisas através de sons, (...)</i>	EE3			
<i>Desenvolver mais o raciocínio pela dimensão Artística e menos a parte cognitiva, que acaba por desmotivar os alunos, (...)</i>	EE3			
<i>Deveria fazer-se uma abordagem diferente do que se faz (...)</i>	EE3			
<i>No primeiro ciclo o meu filho desenhava e pintava muito mal, porque havia muitos desenhos para colorir e para se fazerem o mais rapidamente possível, (...) Isso pode criar vícios negativos nos miúdos, (...)</i>	EE3			
<i>No 5.º ano, de um dia para o outro, começou a desenhar muito melhor, notou-se muito a diferença, (...) Deveria haver outro tipo de preparação no 1.º ciclo (por exemplo a especialização nesta área).</i>	EE3			
<i>Sim, o Colégio deve investir para que os pais sintam um ambiente rico em arte.</i>	EE4			
<i>O Colégio deve continuar a investir na formação artística, globalizando-a e inserindo-a cada vez mais nos contextos das outras disciplinas, só se chega à educação pela arte, promovendo cada vez mais isso. (...)</i>	EE5			
<i>O Colégio deve assumir as artes como uma mais valia, (...)</i>	EE5			
<i>Podia investir-se mais nessa parte, o colégio está a investir muito mais na parte racional (cognitiva) que na artística.</i>	EE5			

Articulação entre as vertentes artísticas e as áreas curriculares (A4)	<i>Creio que sim, é uma preocupação da Direção, nos termos e no contexto de um tema cultural que é agregador, e onde a arte está sempre presente, (...)</i>	EE1
	<i>Os diversos ramos das ciências procuram colaborar entre si, tendo em conta o trabalho extraordinário que se faz nas artes.</i>	EE2
	<i>Em algumas situações sim, por exemplo na matemática, com as cidades geometrias, no português com as ilustração de textos do corpus de leitura da disciplina, (...) Mas poderia ser mais generalizado a outras disciplinas</i>	EE2
	<i>Não parece haver articulação, é muito difícil articular as vertentes artística com as aulas, (...)</i>	EE3
	<i>Se os horários permitissem aos alunos criar música ou pintura, seria muito bom, a parte curricular ocupa o horários a maior parte do tempo, alguns alunos têm só uma tarde livre e muitos tem atividades fora. (...)</i>	
	<i>Sim, no básico nota-se que no teatro há um trabalho articulado com as outras áreas (cultura geral), no secundário não penso que isso esteja a ser feito, (...).</i>	EE4
	<i>Os cursos do secundário requerem muito a parte do estudo, (...) Parece não haver tempo para as atividades extracurriculares.</i>	EE4
	<i>Não, O colégio parece falhar um bocadinho, não se está a conseguir fazer essa ponte. Penso que os professores não estão despertos para a vertente artística nas suas disciplinas, (...)</i>	EE5
Valorização do ensino artístico (A5)	<i>Pela pintura, audições, espetáculos no TAGV, nos centros comerciais da cidade, (...) pelos espetáculos da dança nos concursos internacionais, (...).</i>	EE1
	<i>Mais recentemente na pintura mural "janelas sobre Coimbra", nos espetáculos de dança, nos saraus, nas audições, nos teatros, etc. Há uma valorização concreta, pelo conjunto de ações concretas e acessíveis à escola e à comunidade local.</i>	EE2
	<i>Esta vertente realça-se mais nas audições e na semana cultural, (...)</i>	EE3
	<i>Os alunos das vertentes artísticas são mais mobilizados e os outros são postos mais de parte. Se houvessem atividades artísticas que envolvessem todos os alunos, seria muito interessante, (...)</i>	EE3
	<i>Os alunos não têm nenhuma certificação, por exemplo ao nível da música, é uma pena que isso não aconteça.</i>	EE3
	<i>Não há uma grande promoção do ensino artístico neste momento.</i>	EE3
	<i>Ao contrário de outras atividades, as artes permitem mostra algo e isso vai estando patente nos espaços do colégio, (...)</i>	EE4
	<i>Parece não ser fácil assegurar um docente para acompanhar os alunos que se inscrevem em determinadas vertentes, pode ter haver com o número reduzido de inscrições, por exemplo na pintura, nem sempre abrem a atividade, (...).</i>	EE4
	<i>Se há uma visita de estudo no âmbito de qualquer vertente artística, como por exemplo uma viagem a Roma, todos querem ir, (...) Contudo para estas atividades do colégio há sempre pouca procura, (...)</i>	EE4
	<i>A maioria dos alunos que estão inscritos nas atividade do secundário são raparigas e frequentam o ballet, (...) A população masculina não frequenta nada aqui no colégio, (...) Só os alunos mais novos é que frequentam.</i>	EE4
	<i>A semana cultural é um ponto alto, contudo vejo-a muito projetada num dia de exposições, podendo ser aproveitada para as crianças contactarem mais com a dimensão cultural e artística.</i>	EE5
	<i>Há uma tema para desenvolver e temas que fazer trabalhos para a semana cultural, (...) Os alunos parecem estar cansados disso (...).</i>	EE5
A oferta artística influenciou a decisão de escolha pelo Colégio (A6)	<i>Sim, li muito textos do Eduardo Sá, em que salienta que as crianças na pré escolar só deviam ter arte, educação física e brincadeira, (...) Aqui no colégio o trabalho está muito centrado nessas vertentes, daí ter sido uma razão pela qual decidi aqui colocar o meu filho.</i>	EE1
	<i>Não foi decisivo, porém todos os meus filhos optaram por frequentar as atividades artísticas.</i>	EE2
	<i>E muito importante que os meus filhos tenham formação artística, quer no desenho, quer na música, para estruturar o pensamento, abrir outros horizontes, enriquecer o conhecimento geral, amadurecimento diferente da história do passado e do futuro, as artes têm uma importância fundamental a esse nível.</i>	EE3

		<i>Sim, quando o meu filho era pequenino, notei desde muito cedo que tinha jeito e entusiasmo para o desenho e para a pintura, (...) Ele foi revelando sensibilidade e o colégio contribuiu para a sua evolução, e assim foi criando a sua paixão.</i>	EE4
		<i>Inicialmente não, porque coloquei os meus filhos logo aos três anos, (...)</i>	EE5
		<i>Foi mais pela parte religiosa que pela parte cultural, porque para mim era muito importante que as minhas filhas tivessem uma boa formação geral. Os valores cristãos são fundamentais (...)</i>	EE5
		<i>Queria que as minhas filhas tivessem uma formação integral.</i>	EE5
Qualidade da oferta artística (B)	A qualidade da oferta artística (B1)	<i>Acho que é desenvolvido um trabalho que vai para além de uma atividade de escola, (...) Recordo um espetáculo no final de ano no TAGV (Teatro Gil Vicente) em que os técnico da régie diziam que pensavam que era uma festa de escola, (...)</i>	EE2
		<i>Também é visível noutras vertentes mas na dança há um trabalho de maior projeção, como mãe tenho acompanhado essa evolução e por isso considero a oferta de altíssima qualidade.</i>	EE2
		<i>É bastante satisfatória, mas com algumas coisas a melhorar ao nível geral. (...) Poder-se-ia promover concertos, abrir mais as portas à cidade, com concertos, isso motivaria mais os alunos.</i>	EE3
		<i>Sofisticada, tocam muitas vertentes e com qualidade, infelizmente a pintura não tem muita procura, dão mais importância ao bailado, música e teatro.</i>	EE4
		<i>Tendo em conta que a avaliação é comparativa, a oferta está num nível muito bom, ainda se pode melhorar muito, mas em termos gerais é muito boa, O colégio oferece o que não existe na maioria das escolas.</i>	EE5
	Avaliação das intervenções artísticas/espetáculos no Colégio e no exterior (B2)	<i>Eu diria que é excelente, temos reconhecidamente em Portugal e no estrangeiro uma das melhores professoras de ballet, temos alunas ganham prémios internacional de Ballet, mas também no âmbito do desenho, temos professores de música que editam CD's, (...)</i>	EE1
		<i>É fantástica, considerando uma escala de oferta artística escolar, (...)</i>	EE2
		<i>Eventualmente protocolos com outras escolas, para os nossos alunos serem avaliados e acreditados, (...)</i>	EE3
		<i>As intervenções artísticas no colégio são boas, embora devessem ser melhor organizadas e com maior diversidade, (...). Em relação ao exterior acho que deveríamos fazer mais intervenções, (...) Deveria ser mais publicitado o que se faz, acho que as pessoas não tem noção do que se passa dentro da escolas, (a escola está fechada à comunidade) Este é um factor a melhorar, (...).</i>	EE5
Impactos do ensino artístico (C)	Contributo para uma Educação para os valores Cristãos (C1)	<i>Sem dúvida, a arte sempre esteve ligada à fé católica, a Diretora Geral salienta muito isso nas visitas que prepara com os alunos do colégio, atualmente está a preparar uma visita a Roma, também nesse sentido, (...)</i>	EE1
		<i>Sim de alguma forma, talvez mais as artes visuais porque fazem um trabalho mais integrador, por exemplo, as instalação anuais ou as pinturas que tentam sempre essa aproximação, também nas encenações há esse cuidado (...)</i>	EE2
		<i>Numa visão integrada de todas as vertentes, há vários momentos ao longo do ano em que esse cuidado existe, contribuindo na educação para os valores.</i>	EE2
		<i>A dimensão artística ajuda-nos a ver a realidade de um modo completamente diferente, ajuda-nos a ver coisas como não as víamos antes. Ajuda a abrir os olhos, para uma realidade que de outra forma não conseguiríamos enxergar.</i>	EE3
		<i>A relação professor aluno é diferente, é mais próxima, como trabalham com o sentido em Deus, esses valores vão sendo transmitidos de um modo ou de outro, também pela experiência de vida.</i>	EE4
		<i>Quando se desperta a parte criativa estamos a explorar também a vertente dos valores cristão, que se centram muito na criatividade, na pessoa e na reflexão desta sobre as coisas, (...)</i>	EE5
		<i>A parte artística ajuda a refletir sobre tudo, sobre o que está à nossa volta. A própria criação, como um dom de Deus, aproxima não separa, (...)</i>	EE5
		<i>Só quem está neste meio consegue perceber quanto isso é um dom de Deus.</i>	EE5
	Desempenho e comportamento dos alunos que frequentam atividades	<i>O desempenho deles é muito bom e isso é notório, porque os nossos alunos mais dedicados às artes são sempre alunos com notas muito boas ou excelentes, mesmo os que estão noutras áreas do saber, (...)</i>	EE1
		<i>Apesar do acréscimo de tempo que dependem no trabalho artístico, estas atividades acabam por moldar a resiliência e capacidade de lutar, por isso são alunos muito bons.</i>	EE1

artísticas em relação às outras áreas do saber (C2)	<i>A capacidade de encarar cada situação menos positiva como um desafio, em vez de se deixarem abater, revelam uma vontade de se superar, estão mais habituados, aptos, a reconhecer nas coisas o que tem de mais belo.</i>		
	<i>O meu filho já fez ballet e atualmente frequenta a bateria, está muito feliz por desenvolver estas habilidades artísticas.</i>	EE1	
	<i>Sem dúvida, torna-os mais concentrados, disciplinados e organizados, naturalmente mais a uns que a outros, (...)</i>	EE2	
	<i>A dança e as artes visuais disciplinam mais, se calhar mais pelo proximidade que tenho (Com estas vertentes), (...)</i>	EE2	
	<i>A dança sem dúvida, porque esta ocupa os alunos num maior número de horas em termos comparativos. A minha filha que frequenta a dança tem o tempo sempre ocupado mas tem tempo para tudo (...)</i>	EE2	
	<i>Os alunos que tem mais atividades extracurriculares nestas áreas são os melhores alunos, os que tem melhores resultados, notas mais elevadas, têm menos tempo de estudo e contudo conseguem ter melhores resultados que aqueles que não tem este tipo de atividades, (...)</i>	EE3	
	<i>São mais organizados, mais metódicos, não desperdiçam o tempo, o facto de terem música ou desenho ajuda-os na concentração, (...) e contribuem para o desenvolvimento integral do aluno.</i>	EE3	
	<i>Têm uma criatividade invulgar, são mais curiosas, persistentes e tentam sempre fazer o melhor.</i>	EE4	
	<i>Aproveitam as opiniões e vão mudando, nunca se sentem completos.</i>		
	<i>Tenho como experiência nas minhas filhas. Até ao 9.º ano foram um pouco rebeldes. muito por falta dessa parte que não tiveram, até aí viam as disciplinas sem sentido de ligação, (...) Foram para artes para irem aos encontro delas, para se descobrirem um pouco mais, (...)</i>	EE5	
<i>O facto de elas terem optado por esta via artística, fez despertar nelas uma forma de pensar completamente diferente, (...)</i>	EE5		
Alunos com experiências nas vertentes artísticas (C3)	<i>São mais versáteis, despertos, (...) mais expressivos, mais alegres.</i>	EE2	
	<i>Têm um caminho de formação muito diferente, mais sensíveis a uma pluralidade de saberes, uma forma diferente de estar, (...)</i>	EE2	
	<i>Os alunos não têm medo de arriscar, são seguros de si e do que fazem, são mais empreendedores.</i>	EE4	
	<i>O valor da aprendizagem que aqui fazem só o sentem mais tarde, (...).</i>	EE4	
	<i>Esta parte também está ligada com inteligência, concentração, (...) ajudam ao desenvolvimento do saber ser e empenhar-se a saber estar, (...).</i>	EE5	
<i>As crianças devem ter uma parte artística onde se desenvolvam porque isso gera concentração e principalmente sentido de organização,, estratégias de estudo, (...)</i>	EE5		
Contributo para o desenvolvimento integral do educando (C4)	<i>Sem dúvida, mas devem melhorar ainda mais.</i>	EE5	
	<i>O Educação pela arte é fundamental para o desenvolvimento a todos os níveis, quer do raciocino, quer ao nível do saber ser e estar, (...)</i>	EE3	
	<i>Uma criança ou um adulto desperto para a arte é uma pessoa mais sensível para o outro e mais desperta para a religião (...).</i>	EE5	
<i>(...) Permite ver o outro como um ser individual e com as suas próprias capacidades.</i>	EE5		
Melhoria transversal das aprendizagens do educando (C5)	<i>Sabemos que os alunos que se dedicam à arte, desenvolvem-se de uma forma mais rica, até do ponto de vista neurológico, comparativamente com aqueles que não têm essa possibilidade.</i>	EE1	
	<i>Tenho como exemplo o caminho que o meu filho está a fazer, que é muito bom e está naturalmente associado à arte.</i>	EE1	
	<i>Talvez, também é certo que às vezes lhes rouba algum tempo que daria jeito para consolidar outros conhecimentos, (...)</i>	EE2	
	<i>É importante que os professores da dimensão artística ajudem os alunos a aproveitar o tempo que vai sobrando, até porque os alunos adaptam-se a qualquer espaço para fazer determinados trabalhos, e facilmente conseguem concentrar-se, (...).</i>	EE2	
Melhoria da	Ações	<i>Os Encarregados de Educação reconhecem essa mais-valia mas os alunos não têm muito presente</i>	EE1

qualidade do ensino artístico (D)	concretas (D1)	<i>a mais valia que a arte pode ter no respetivo desempenho nas outras áreas do saber.</i>	
		<i>Seria interessante mostrar casos de sucesso de alunos que tiveram percursos de vida maravilhosos. (...) Talvez assim conseguissem cativar um número maior de alunos para as vertentes artísticas, que infelizmente, nos média têm sido desprezadas porque se passa a mensagem que com a arte não se consegue ganhar a vida, isso é triste.</i>	EE1
		<i>Por exemplo, fazer um conjunto de workshops nas diferentes vertentes, trazendo à escola vultos das artes para que também vejam o trabalho de qualidade que se faz, proporcionando ao mesmo tempo aos alunos uma aprendizagem numa perspetiva diferente.</i>	EE2
		<i>É fundamental criar Educação Visual no 1.º ciclo, introduzir também a a Educação Musical na pré-escolar, a música clássica estimula o raciocínio, (...)</i>	EE3
		<i>Deixar as crianças trabalhar com música porque ajuda à concentração, ajuda a serenar interiormente, a tranquilizar os nossos alunos mais agitados, porque não têm tempo para parar dos ritmos alucinantes com que vivem (...)</i>	EE3
		<i>Seria bom criar espaço para parar, ouvir música, desenhar, observar, etc..</i>	EE3
		<i>Fazer as coisas em grande e mais para a cidade.</i>	EE3
		<i>Maior envolvimento dos alunos em atividades artísticas no dia a dia do colégio, por exemplo através da associação de estudantes, desenvolver performances nos recreios da escola (...)</i>	EE4
		<i>Todo os professores deveriam estar mais sensíveis para a parte artística dentro da sua própria disciplina, (...)</i>	EE5
		<i>"Despeja-se" muito conteúdo, muita formalidade e pouco sentido, uma melhoria que tem de ser feita aos poucos, (...). Esse objetivo é mais possível aqui porque há um corpo docente estável que cresce no colégio, essas melhorias podem gerar melhores resultados.</i>	EE5

GRELHA ANÁLISE DE DADOS - Plano Geral de Formação (2014/2015)

Grelha de análise ao Plano Geral de Formação (2014/2015)

CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO	UC		
Preponderância das vertentes artísticas, no contexto da Escola Católica Cultural (A)	Vertente artística no projeto curricular da escola (A1)	Assegurar, a todos os alunos, aprendizagens mais significativas.	P22		
		Permitem desenvolver competências nos vários domínios nomeadamente no social.	P22		
Escola Católica Cultural (A)	(A1)	«A Educação para a Cidadania» é a segunda área prioritária, que deverá estar presente em todos os ciclos e com um carácter transversal.	P22		
		“A educação deve visar o pleno desenvolvimento da personalidade humana e o reforço dos direitos do Homem e das suas liberdades fundamentais” É um dos pilares desta escola, visível no IPE e em todas os atos educativos e princípios pedagógicos.	P22		
Preponderância das vertentes artísticas, no contexto da Escola Católica Cultural (A)	Vertente artística no plano anual de atividades (A2)	"(H)ora com Jesus" (Preparação e decoração do espaço de oração)	P23		
		Gala da Ordem Terceira (Participação especial da Escola de Dança)	P23		
		Semana de Ana Maria Javouhey (Instalações artísticas)	P23		
		Vigília de Oração (Preparação e decoração do espaço de oração)	P23		
		Dia da Comunidade Educativa (atividades artísticas diversificadas)	P23		
		Participação de Natal no Dolce Vita (Música, Teatro, Dança, Ginásticas)	P24		
		Festa de Natal - Pré-Escolar (Música, Teatro, Dança, Ginásticas, Cenografia)	P24		
		Sarau de Natal (Música, Teatro, Dança, Ginásticas, Cenografia)	P24		
		Prix de Lausanne	P24		
		Audições Musicais	P24		
		Semana Cultural (Preparação e decoração dos espaços de exposição)	P24		
		Semana Internacional de Bailado	P24		
		Tanzolimpic - Solistas	P24		
		Leiria Dance Competition	P24		
		Apresentações teatrais	P24		
		Apresentação de Teatro - Clube Júnior	P25		
		Concerto FOCO Musical	P25		
		XII Concurso de Dança Dançarte	P25		
		Final YAGP (Nova Iorque)	P25		
		Comemoração do Dia Internacional do JAZZ	P25		
		Festival SOLNEC (Música, Teatro, Dança)	P25		
		IX Mostra de Teatro escolar de Coimbra - Oficina Municipal de Teatro	P25		
		Mostra de Artes Visuais	P26		
		Festa final de ano (Música, Teatro, Dança, Ginásticas, Cenografia)	P26		
		Espectáculo de Ballet - TAGV	P26		
		Clube de Teatro Sénior	P26		
		Dance World Cup 2015 - Bucareste	P26		
		Processos e práticas pedagógicas no âmbito da educação artística (A3)	(A3)	(...) Proporcionam um ambiente que favorece quer o desenvolvimento afectivo quer o cognitivo, através de aprendizagens ativas, significativas, diversificadas, integradoras e socializadoras.	P19
				O Colégio centra a ação educativa na aprendizagem globalizante e a harmonização das mensagens socializadoras.	P19
				Adequa as estratégias de ensino às características dos alunos, explorando as suas motivações e interesses.	P19
				Na prática dramática, imaginação, ideias e sentimentos são representados através do movimento, do som, da imagem e da ação.	OT

	(...) articulação com outras áreas (artísticas e de conhecimento).	OT	
	No Teatro aplica-se uma metodologia essencialmente cooperativa, que promove a colaboração e a interdependência no seio do grupo, (...)	OT	
	(...) É susceptível de gerar a reflexão sobre valores e atitudes.	OT	
	O teatro introduz os alunos na aprendizagem da linguagem teatral, seus códigos e convenções.	OT	
	(...) proporciona formas e meios expressivos para explorar conteúdos e temas de aprendizagem que podem estar articulados com outras disciplinas do currículo escolar.	OT	
	Desenvolve a apreciação de diferentes linguagens artísticas.	OT	
	Valoriza criticamente criações artísticas e teatrais de diferentes estilos.	OT	
	Os seus conteúdos (Do Teatro) são da ordem da criação e valorização como Arte.	OT	
	É um meio de aprendizagem, porque utiliza a capacidade lúdica inerente a todos os seres humanos.	OT	
	O jogo e os processos cognitivos que o suporta, partem da prática para o campo abstrato.	OT	
	Jogando assimilam-se experiências e dessa forma melhoram-se as estruturas de cognição.	OT	
	Através da aprendizagem de técnicas, valores e códigos e da sua utilização, moldamos emoções, sentimentos e ideias, trazendo-as para o plano racional.	OT	
	Tentar exprimir é criar oportunidades para mais ideias, mais sentimentos e mais emoções.	OT	
	No processo de aprendizagem, os alunos desenvolvem continuamente a utilização do corpo e voz perspectivados numa forma integrada como veículos fundamentais da expressão e comunicação.	OT	
	Através de um tema central é possível propiciar variadas abordagens, ligando e promovendo aprendizagens simultâneas de diferentes disciplinas, tais como Educação Artística, Língua Portuguesa, Ciências Humanas e Sociais, Formação Cívica, Educação Tecnológica, entre outras.	OT	
	A sequência de diversos exercícios, posições e movimentos, permitirão um gradual trabalho de evolução a nível físico, contribuindo para uma melhor postura, estabilidade, segurança, harmonia, equilíbrio e graciosidade em toda a sua técnica.	ED	
	A postura correta do corpo é o suporte e o ponto de partida para que qualquer ação física seja executada de forma eficaz.	ED	
	Os exercícios aprendidos e executados nas aulas preparam o aluno para trabalhos coreográficos a apresentar nas várias atividades culturais do Colégio.	ED	
Valorização das Artes, no contexto da Escola Católica (B)	Articulação do ensino artístico com a vertente católica (B1)	O Colégio objetiva a formação integral do Homem em todas as suas dimensões, de forma a torná-lo capaz de se inserir nas estruturas sociais, dinamizando a sua humanização.	P6
		<i>“Os valores na missão solidária de Ana Maria Javouhey”</i> - Dar “forma” às Missões Evangelizadoras de AMJ; Lugares Europeus onde a Congregação SJC está em Missão.	AV
		Símbolos e tradições do Natal: Presépio, polígonos estrelados. Produção de presépios com materiais reciclados e Polígonos estrelados (...)	AV
		O presépio geométrico, bi e tridimensional, com recurso à geometria no plano.	AV
		O presépio contemporâneo na pintura e na escultura. Desenho, pintura e representação tridimensional.	AV
		<i>Viver a Páscoa - Fonte de esperança e optimismo.</i> Interpretação e trabalho plástico orientado e em coordenação com a Pastoral.	AV
		Missa Solene de Abertura do Ano Escolar (com expressão corporal).	DA

		Vigília pelo nascimento de Ana Maria Javouhey.	DA
		Festa de Natal: Demonstrar, através da dança, música e teatro, que o nascimento de Jesus Cristo deu alegria ao Mundo.	DA
		Celebração Litúrgica de Advento: Integrar a comunidade educativa no espírito de Advento/Natal com a participação de coros e instrumentos.	DA
		Sarau de Natal: Festa de Natal: Demonstrar, através da dança, música e teatro, que o nascimento de Jesus Cristo deu alegria ao Mundo.	DA
		<i>Festa da Palavra</i> : Consciencializar o educando para o dever de colocar os seus dons artísticos ao serviço do louvor de Deus e do bem da comunidade.	DA
		Celebrações Eucarísticas Quaresmais: Ensaios, preparação e sensibilização.	DA
		Celebração da Festa de S. José: Ensaios, preparação e sensibilização	DA
		Festa da Aliança: Consciencializar o educando para o dever de colocar os seus dons artísticos ao serviço do louvor de Deus e do bem da Comunidade.	DA
		Festa da Primeira Comunhão: Ensaios, preparação e sensibilização	DA
		Festival SOLNEC: Participar com as outras Escolas Católicas da Diocese de Coimbra em projetos comuns canalizando receitas para instituições de carácter humanitário.	DA
	Preponderância da vertente artística na planificação da vertente católica (B2)	“(H)Ora com Jesus”	AV; DA
		Sensibilizar para o estudo da vida e obra de Ana Maria como testemunho de fé e exemplo de génio e audácia: Oração; música	PA
		Vivência da festa do Natal.	PA
		Missa Solene de abertura do ano escolar (Expressão corporal).	PA
		Profissão de Fé: Ensaios, preparação e sensibilização.	PA
		Celebração Eucarística de ação de Graças aos finalistas – Ação de graças pela conclusão do percurso no Colégio: Ensaios, preparação e sensibilização.	
Valorização das Artes, no contexto da Escola Cultural (C)	Articulação do ensino artístico com outras áreas do saber (C1)	Promove uma cultura de reflexão e de análise dos processos de ensinar e de fazer aprender, bem como o trabalho de colaboração entre todos os atores educativos para gerar intervenções de melhor qualidade.	P19
		<i>“Desenhar a História”, Património arquitectónico da cidade de Coimbra</i> : Largo da Portagem, Governo Civil, Largo da Sé Velha, Quebra Costas, Rua Joaquim António de Aguiar, Torre de Anto, Arco de Almedina e Arco de Barbacã, Praça 8 de Maio, Igreja de Santa Cruz e Jardim da Manga, Praça do Comércio, Igreja de Santiago e Igreja de São Bartolomeu, Museu Nacional Machado de Castro.	AV
		Trabalho em equipa de professores dos alunos do mesmo ano de escolaridade;	CHS
		Visita à Casa das Irmãs de SJC: Apresentação do Tema Cultural e sua relação com a vida e Obra de Ana Maria Javouhey.	CHS
		Sessões várias em comemoração do dia Mundial da Música.	DA
		Visita de estudo à Cidade de Lisboa: Torre de Belém, Monumento às Descobertas; Padrão dos Descobrimentos, Museu da Marinha e Mosteiro dos Jerónimos.	CHS
		Visita de estudo à cidade de Coimbra. Torre e Arco de Almedina. Igreja e Mosteiro de Santa Cruz, Sé Velha.	CHS
		Visita de Estudo ao Mosteiro da Batalha e Centro de interpretação da batalha de Aljubarrota.	CHS
		Visita de Estudo ao World of Discoveries.	CHS
		Visita ao centro histórico do Porto, classificado pela UNESCO.	CHS
		Visita de estudo a Madrid: Escorial, Vale dos Caídos, Museu do Prado e Museu Rainha Sofia, Museu Thyssen, Estádio Santiago Barnabéu).	CHS
		Visita de estudo a Lisboa: Palácio Nacional de Queluz; Assembleia da República; Museu do Banco de Portugal; Teatro Nacional D. Maria II.	CHS

" <i>Jovens, Solidariedade e Missão</i> ": Desenho, pintura, técnica mista, e fotografia	AV
Instalação alusiva ao tema Cultural;	AV
" <i>Jovens, Solidariedade e Missão</i> ": Estudo e implementação de projetos para as diferentes IPSS da cidade: Trabalho a realizar nas aulas e/ou nos diferentes locais.	AV
" <i>Sementes solidarias</i> ": 5º e 6º - ET e EV " <i>Árvores e Canteiros de Valores</i> ": 7º, 8º e 9º - EV; Interpretação plástica-visual da " <i>Árvore dos Valores</i> ": Secundário	AV
Cenografia para os espetáculos a desenvolver pelo Colégio.	AV
Exposição de Artes Plásticas.	AV
Sessões várias em comemoração do Dia Mundial da Música.	DA
Gala da Ordem Terceira: Participação especial da Escola de Dança.	DA
Participação do Colégio no Youth American Grand Prix (YAGP): Partilhar vivências e experiências relativas à arte da dança. Concorrer e confrontar o desempenho técnico e artístico com solistas escolas de dança internacionais.	DA
Espectáculo de Natal no <i>Dolce Vita</i> : Mostrar a toda a comunidade o progresso e o desenvolvimento técnico e artístico dos alunos; Desenvolver a maturidade psicológica para enfrentar uma atuação em público.	DA
Festa de Natal da Pré-Escolar.	DA
Prix de Lausanne: Partilhar vivências e experiências relativas à arte da dança. Concorrer e confrontar o desempenho técnico e artístico com solistas escolas de dança internacionais.	DA
Audições Musicais: Mostrar a toda a comunidade o progresso e o desenvolvimento técnico e artístico dos alunos; Desenvolver a maturidade psicológica para enfrentar uma atuação em público, interpretando individualmente peças musicais.	DA
Semana Cultural: Demonstrar os progressos feitos pelos grupos de dança, teatro e música na interpretação técnica e artística; Expressar o carácter lúdico, ético e estético do tema trabalhado.	DA
Apresentação de peças de Teatro Curricular: Mostrar as técnicas e conhecimentos adquiridos ao longo do 1º semestre; Sensibilizar para a aprendizagem da arte de representar;	DA
Semana Internacional de Bailado do Porto: Partilhar vivências e experiências relativas à arte da dança. Concorrer e confrontar o desempenho técnico e artístico com solistas escolas de dança internacionais.	DA
Tanzolimp (solistas): Partilhar vivências e experiências relativas à arte da dança. Concorrer e confrontar o desempenho técnico e artístico com solistas escolas de dança internacionais.	DA
Leiria Dance Competition: Partilhar vivências e experiências relativas à arte da dança. Concorrer e confrontar o desempenho técnico e artístico com solistas escolas de dança internacionais.	DA
Apresentação de peça de Teatro (Clube Júnior): Mostrar as técnicas adquiridas ao longo do ano; Sensibilizar para a aprendizagem da arte de representar.	DA
Concerto "Foco Musical" – Orquestra dos Brinquedos: Mostrar aos alunos formas alternativas de abordar conceitos musicais tradicionais, nomeadamente através de instrumentos musicais não-convencionais.	DA
XI Concurso de Dança Dançarte / Final YAGP New York: Partilhar vivências e experiências relativas à arte da dança. Concorrer e confrontar o desempenho técnico e artístico com solistas escolas de dança internacionais.	DA
Dia Internacional do JAZZ (Unesco) – Concerto infantil: Ensaios, preparação e sensibilização para este género musical.	DA
IX Mostra de Teatro Escolar de Coimbra: Divulgar as práticas da atividade teatral de	DA

algumas escolas da cidade de Coimbra; Partilhar vivências, experiências e espetáculos teatrais.

Articulação das planificações do tema cultural com o as vertentes artísticas (C3)	Atividades de expressão plástica;	PRE	
	Concerto solidário de natal (preparação de canções e danças para apresentar às crianças do Ninho);	PRE	
	Dramatização da lenda "O milagre das rosas"	PRE	
	Elaboração de trabalhos.	1CEB	
	Dramatização do Milagre das Rosas;	1CEB	
	Organização das exposições da Semana Cultural;	1CEB	
	Educação Visual: ilustração da parábola e elaboração de um painel com os trabalhos.	5ANO	
	Educação Tecnológica: construção da imagem da Rainha Santa Isabel.	5ANO	
	Educação Musical: ilustração musical das parábolas.	5ANO	
	Educação Visual: adaptação das diferentes parábolas para banda desenhada.	6ANO	
	Educação Tecnológica: construção da imagem de Santo António.	6ANO	
	Educação Musical: ilustração musical das parábolas.	6ANO	
	Execução de trabalho artístico em colaboração com a disciplina de Educação Visual;	7ANO	
	Atividades de vivência cultural: Saraus, Audições Musicais, Semana Cultural, Bailados...	7ANO	
	Execução de trabalho artístico em colaboração com a disciplina de Educação Visual;	8ANO	
	Execução de trabalhos artísticos em colaboração com a disciplina de Educação Visual (cartões de Boas Festas).	9ANO	
	Atividades de intervenção (Teatro).	9ANO	
	Produção e exposição de trabalhos.	10ANO	
	Elaboração de sínteses, convenientemente ilustradas e eventualmente apresentadas em suporte multimédia.	10ANO	
	Atividades de cooperação, trabalhos de grupo, pares.	11ANO	
Pesquisas nas disciplinas que fazem parte do Conselho de Turma. Cada docente do Conselho de Turma é convidado, com a respetiva turma, a pesquisar diferentes personalidades que, na sua área, foram missionários e/ou cultivaram a solidariedade, bem como os escritos produzidos que reflitam a mesma temática.	11ANO		
Atividades de cooperação, trabalhos de grupo, pares.	12ANO		
Pesquisas nas disciplinas que fazem parte do Conselho de Turma. Cada docente do Conselho de Turma é convidado, com a respetiva turma, a pesquisar diferentes personalidades que, na sua área, foram missionários e/ou cultivaram a solidariedade, bem como os escritos produzidos que reflitam a mesma temática.	12ANO		
Desenvolvimento da Pessoa nas dimensões antropológica, pedagógica, axiológica e religiosa nas vertentes artísticas (D)	Função do ensino artístico no desenvolvimento da pessoa (D1)	Porque proporcionam um ambiente que favorece quer o desenvolvimento afectivo quer o cognitivo.	P19
		São uma forma privilegiada de educação para a cidadania, no qual se integram e articulam experiências de aprendizagem diversificadas, (...)	P19
		Conhecer as convenções e as regras da linguagem dramática e teatral habilita os alunos a criar formas que tornam mais concretas as suas ideias e sentimentos, (...)	OT
		(...) O aluno consolida o conhecimento de si, dos outros e do mundo.	OT
		O teatro cria desafios que promovem a criatividade na resolução de problemas, (...)	OT
		A superação dos constrangimentos, contribui para um sentimento de realização que promove a autoestima e a autoconfiança dos aluno.	OT
		O teatro ajuda o aluno na construção da sua visão do mundo, articulando ideias, experiências e observando diferenças e semelhanças com os outros elementos do grupo.	OT
		(...) desenvolvimento da sua personalidade e estilo.	OT
	(...) desenvolvimento da sensibilidade estética.	OT	

(...) desenvolvimento de competências pessoais e relacionais.	OT
(...) domínio na gestão do trabalho em grupo e na aprendizagem cooperativa.	OT
(...) enriquecer as suas capacidades de decisão e escolha.	OT

GRELHA ANÁLISE DE DADOS - Ideário e Projeto Educativo (2014/2015)

Grelha de análise ao Ideário e Projeto Educativo (2014/2015)

CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO	UC
Desenvolvimento da Pessoa nas dimensões antropológica, pedagógica, axiológica e religiosa nas vertentes artísticas (A)	No plano	O aluno deve capacitar-se de que tem de ser dom e serviço ao outro, (...)	P12
	intelectual, físico,	Cultivar as relações de afabilidade, amizade, gratuidade e entreaajuda, (...)	P12
	afetivo,	Consciencializar-se do dever moral de partilhar saberes e competências.	P12
	emocional, ético e estético	Usufruir do PE que livremente escolheu, que lhe proporcione as condições para o seu pleno desenvolvimento físico, intelectual, emocional, moral, religioso, cultural e cívico, (...)	P64
	(A1)	A atribuição do Quadro de Valor e do Quadro de Excelência premeia o aluno com persistência em vencer as dificuldades de aprendizagem.	P125
	Na dimensão do amor, verdade, liberdade, justiça e paz	O Colégio procura adequar ao contexto cultural e social em que vive, princípios perenes da Pedagogia Cluny.	P12
	(A2)	O aluno deve assumir a responsabilidade dos seus atos, (...)	P12
		Autodeterminar-se de forma consciente e livre pelos valores humanos e cristãos.	P12
		Solidarizar-se com os grupos menos favorecidos, colaborando na sua humanização.	P12
		Abrir o coração e a mente ao respeito profundo pelas diferenças étnicas, culturais, artísticas e religiosas de cada povo.	P12
		Sentir-se construtor de cidadania, respeitando as identidades regionais e nacionais, e fazendo esforços pela implementação da Paz e da Harmonia.	P12
		É da responsabilidade de todos os membros da Comunidade Educativa o desenvolvimento de uma cultura de cidadania capaz de fomentar os valores da pessoa humana, da democracia e do exercício responsável da liberdade individual.	P21
		A atribuição do Quadro de Valor e do Quadro de Excelência premeia o aluno pela pontualidade, assiduidade, verdade, solidariedade, (...)	P125
		A atribuição do Quadro de Valor e do Quadro de Excelência premeia o aluno pela profunda deferência e respeito para com os outros, (...)	P125
		(...) Na aceitação e estima dos valores próprios e dos outros, (...)	P125
		Defesa corajosa da verdade e da justiça.	P125
	Na Educação para os valores	Procura-se formar homens livres, capazes de discernir os melhores caminhos que conduzem o ser humano a Deus e à Verdade.	P4
	Cristãos (A3)	(...) Interligação e o comprometimento entre a cultura humana e a mensagem cristã, apresentando caminhos de crescimento global para a pessoa nas dimensões, pessoal, social, religiosa, artística e académica, (...)	P4
		(...) Tomam Jesus Cristo como modelo de pessoa e multiplicam-se, depois, em valores, atitudes e critérios que iluminam e orientam a nossa forma de ser, estar e avaliar.	P5
		A visão educativa recebe o seu cunho da personalidade forte da fundadora, sempre fiel, criativa e religiosa, (...)	P7
		O aluno deve tomar consciência da sua dignidade de pessoa e filho de Deus.	P12
		Pretende formar os alunos no sentido cristão da vida.	P13
		A educação integral que o Colégio promove inspira-se na conceção cristã do homem, da vida e do mundo, (...)	P21
	Pretende preparar os alunos para participarem ativamente na transformação e no melhoramento da sociedade, (...)	P21	
	Possibilita ao aluno orientar a sua própria existência segundo os princípios do Evangelho, (...)	P21	
	Possibilita ao aluno orientar-se pelos valores de solidariedade, do respeito, da liberdade, da autonomia, da responsabilidade, da cidadania e da ecologia.	P21	
	A proposta religiosa do Colégio é a da Igreja Católica e deverá ter sempre uma oferta que respeite a liberdade dos alunos, professores e famílias.	P21	

		Para além da formação académica, os alunos têm direito a receber meios de formação humana que lhes proporcionem uma verdadeira formação integral;	P64
Valorização das Artes, no contexto da Escola Cultural (B)	Relevância que a educação artística assume no Ideário e Projeto Educativo (B1)	A pedagogia do Colégio assenta no vetor cultural, procura aprofundar um tema cultural, escolhido anualmente, de grande abrangência multidisciplinar, (...)	P8
		O Colégio oferece diversas atividades extracurriculares de enriquecimento e formação global, no núcleo artístico: Ballet, Expressão Corporal, Dança; Teatro; Ginástica Artística; Artes e Expressões Visuais; Música: Piano, Órgão, Flauta, Guitarra, Bateria, Percussões, Grupo Coral e Instrumental.	P8
		O Colégio reconhece como suas fontes primordiais: A Ação e testemunho de vida da Fundadora (que educou também pela arte).	P9
		Apropriar-se das competências essenciais e torná-las operativas, realizando a unidade do pensamento e da ação nos domínios Poético e Artístico (...)	P9
		Visa-se uma educação para a excelência do saber, investindo na aquisição de competências que tornem o educando flexível e atuante capaz de responder aos desafios da modernidade.	P10
		O educando deverá equacionar os binómios: Fé e Cultura; Ciência e Tecnologia; Investigação e Conhecimento; Criatividade e Preservação	P10
		(...) educamos através da responsabilização na realização de tarefas, para a aquisição de hábitos responsáveis do educando.	P11
		À pedagogia Cluny interessa desenvolver o método mais eficaz para o aluno aprender o saber, o saber ser e estar e o saber fazer.	P11
		O Colégio assume-se como escola artística	P13
		Proporciona ao educando o conhecimento teórico aprofundado de todas as vertentes artísticas.	P13
		A aprendizagem de qualidade no âmbito do ballet, em todas as suas vertentes.	P13
		O desenvolvimento e trabalho do dom da voz, ouvido e ritmo, através dos grupos corais.	P13
		O exercício da concentração e destreza manual na aprendizagem do ritmo e harmonia, através da componente instrumental.	P13
		Na produção artística nas vertentes do desenho, pintura, fotografia, instalação e multimédia na construção de formas e imagens que promovam o desenvolvimento da sensibilidade, do pensamento crítico, criativo e da exploração integrada de novos valores humanos.	P13
		A expressão artística sentida e desenvolvida através da prática do teatro.	P13
		Desenvolvimento motor, através da prática da Ginástica Artística e Acrobática, explorando coreografias em grupo.	P13
São especificamente atribuições dos Departamentos Artísticos colaborar com o Conselho Pedagógico na elaboração e concretização das planificações e projetos anuais.	P40		
Articulação do ensino artístico com outras áreas do saber (B2)		Na senda de uma formação integral do aluno procura-se promover o alargamento cultural através da investigação e aprofundamento de um tema cultural que extrapola os programas curriculares e permite uma visão holística e um conhecimento globalizante.	P13
		É intenção formar a Comunidade Educativa mediante: Reuniões de preparação das celebrações de carácter religioso, cultural e artístico.	P15
		O Projeto Curricular de Escola procura estabelecer prioridades de atuação ao nível das competências essenciais e transversais, proporcionando uma visão global das situações e uma construção interdisciplinar e integrada dos saberes.	P22
		(...) Dinamizar toda a turma no envolvimento e participação de todas as atividades formativas promovidas pelo Colégio de carácter científico-pedagógico, cultural, artístico e pastoral.	P49
Autorregulação,	Medidas	A avaliação é um processo de análise que ajuda a determinar até que ponto é que a	P23

autoavaliação e melhoria da oferta artística (C)	contempladas para a avaliação das ações concretas do ensino artístico (C1)	atividade educativa global da escola corresponde aos objetivos propostos e se esta está a desenvolver-se ao ritmo previsto.	
		A Direção, contando com a corresponsabilização dos respetivos coordenadores, assume a responsabilidade da promoção e coordenação da avaliação em todos os aspetos e dimensões.	P23
		São utilizadas grelhas de auto e heteroavaliação que têm por base a identificação dos pontos fortes, pontos fracos e sugestões de melhoria nas diferentes áreas de atividade educativa.	P24
		A Avaliação do Desempenho Docente é realizada de acordo com o disposto no Contrato Coletivo de Trabalho em vigor.	P24
		No final de cada ano letivo, deve ser elaborado pelos diferentes núcleos um Relatório Final de Atividades a apresentar ao Conselho Pedagógico.	P24
		A avaliação considerada como um processo contínuo, permite à Comunidade Educativa verificar o grau de qualidade da sua ação e a adequação da pedagogia utilizada aos interesses e necessidades dos alunos.	P25
		A aplicação do processo de avaliação e dos respetivos critérios deve ser um estímulo e uma orientação constantes, conducentes ao melhoramento da ação educativa do Colégio.	P25
		São atribuições dos Departamentos Artísticos, coordenar as atividades pedagógicas nas componentes disciplinares e não disciplinares, bem como de outras atividades educativas, constantes do Plano Anual de Atividades.	P40
		(...) Assegurar a articulação horizontal e vertical, ao nível dos conteúdos programáticos, estratégias e instrumentos utilizados pelos docentes.	P40
		Compete aos Departamentos Artísticos analisar e debater questões relativas à adoção de modelos pedagógicos, de métodos de ensino, de critérios de avaliação, de materiais de ensino-aprendizagem e manuais escolares.	P41
		(...) Desenvolver, em conjugação com os Serviços de Psicologia e Orientação Vocacional e os Diretores de Turma, medidas nos domínios da orientação, acompanhamento e avaliação dos alunos, visando contribuir para o seu sucesso educativo.	P46
		São atribuições do conselho de turma aprovar as propostas de avaliação do rendimento escolar dos alunos, apresentadas nas reuniões de avaliação por cada um dos professores da turma, de acordo com os critérios e procedimentos de avaliação estabelecidos.	P51
		O aluno tem direito a participar no processo de avaliação, nomeadamente através dos mecanismos de auto e heteroavaliação escrita.	P65
		(...) Ser informado sobre a evolução do seu processo de ensino e aprendizagem e sobre os aspetos que deverão requerer maior esforço, no sentido de melhorar o seu desempenho.	P65
		Na pré-escolar: As avaliações assumem um caráter formativo, baseado na utilização de diversos instrumentos de avaliação, tais como registos de observação, portefólios e produções das crianças.	P81
		No ensino básico: A operacionalização das competências gerais é feita em todas as áreas do saber, do saber fazer, do saber ser e estar e de um modo transversal, que se concretizará envolvendo todas as áreas curriculares.	P82
		No ensino secundário: A operacionalização das competências é feita em todas as áreas do saber, do saber fazer, do saber ser e estar e de um modo transversal que se concretizará envolvendo todas as disciplinas.	P82
O conselho de docentes e os departamentos curriculares elaboram critérios específicos de avaliação, atendendo às especificidades e objetivos de cada área disciplinar e disciplina, em cada ciclo de ensino, que são posteriormente apresentados	P82		

para aprovação em conselho pedagógico.

Articulação das práticas pedagógicas com o Ideário e o Projeto Educativo (C2)	Enquanto escola cultural, na senda de uma formação integral do aluno:	P13
	(...) pretende proporcionar a apropriação crítica, abundante e criativa de bens e valores culturais da comunidade nacional e humana.	
	(...) promover o alargamento cultural através da investigação e aprofundamento de um tema cultural que extrapola os programas curriculares e permite uma visão holística e um conhecimento globalizante.	P13
	(...) Promover a capacidade de distinguir entre o Ter e o Ser e o de preferir o Ser ao Ter.	P13
	(...) Desenvolver a capacidade de distinguir entre a quantidade e a qualidade e preferir a qualidade à quantidade.	P14
	(...) Criar condições de satisfação e alegria ao educando permitindo-lhe desenvolver todas as potencialidades em ordem à sua formação integral.	P14
	Em todas as dimensões, aquilo que nos une é o objetivo de partilhar, de forma transparente, recursos e decisões e, igualmente, discernir os procedimentos convenientes para alcançar essas finalidades.	P16
	Dentro do seu quadro de autonomia pedagógica, o Colégio faz a gestão do currículo de modo a responder à situação concreta de cada aluno e ao desenvolvimento do seu Projeto Educativo.	P24
	A metodologia didática deve promover a autorrealização do aluno e o sentido de cooperação e de solidariedade com os colegas, procurando utilizar, em cada momento, os avanços pedagógicos e científicos, que são fruto de uma constante atualização.	P25

TRANSCRIÇÃO INTEGRAL DAS ENTREVISTAS REALIZADAS

Entrevista à Diretora Geral (EDG)

A importância da educação pela arte no colégio

Tem tanta importância quanto as outras vertentes curriculares, assume a importância na formação da personalidade é o cerne da formação do futuro cidadão da pessoa que estamos a formar.

O papel que assume o ensino artístico no projeto educativo

Importantíssimo, qualquer que seja a forma de arte, faz parte da nossa pedagogia, não é por acaso que os nossos colégios têm todos vertentes artísticas em que, a especialidade de cada um está de acordo com o docente que a conduz. Temos grupos corais, teatro, dança, música ou pintura, (...) Em todas as nossas casas e em toda a nossa pedagogia se preconiza o ensino artístico, exatamente porque afina o espírito ao tom de Deus.

De que forma se encontra o ensino artístico no colégio alinhado com a sua visão?

Pessoalmente tenho um grande apreço pelo ensino artístico, porque toca de muito perto o Criador, pois ajuda a criar cérebros capazes de executar coisa tão maravilhosas como a pintura, a escultura, a música, ou a coreografias, (...) É qualquer coisa de absolutamente indispensável para formar cidadãos com mentes sãs, capazes de enfrentar os desafios da modernidade.

Qual o papel que o ensino artístico tem vindo a assumir na consecução da missão do colégio?

Muito grande, na medida em que o colégio tem que ser uma escola que não se esvazia daquilo que a pessoa é, (...) No colégio têm surgido todas as vertentes artísticas com um desempenho muitíssimo bom. Efetivamente o facto de burilarem a personalidade com a vertente artística, os educandos acabam por se transformar em aprendizes científicos, porque os ajudam a organizar o pensamento, o coração e outros aspetos da vida.

Que ações concretas tem sido levado a cabo pela Direção com vista à valorização das artes?

Toda a Direção tem um grande apreço pela vertente artística e tem dado igual importância que à vertente curricular.

Contributo para a Educação para os valores Cristãos

O artista é um criador, (...) A vertente artística forma a pessoa na interioridade e na capacidade de descobrir em si coisas diferentes daquelas que jamais teria conhecimento se não fosse formado nessa vertente, daí que lhe dá a noção mais clara, da grandíssima dignidade que o habita e da presença de Deus em si.

Desempenho e comportamento relativamente às outras áreas do saber

Os nossos melhores alunos são aqueles que praticam e desenvolvem em si o dom que Deus lhes dá no serviço à arte, e na medida em que vão desenvolvendo esse dom, também se transformam a outros níveis.

Exclusão das vertentes artísticas da formação pessoal

A primeira razão creio que está na família. As famílias de uma maneira geral dão mais importância a atividades mais “produtivas”, (...) Os alunos são desviados pela vertente artística pelos pais, (...) Creio que é por uma falta de cultura que reina nos cidadãos de hoje e sobretudo em Portugal, isto é muito visível porque os pais têm relutância em que os filhos frequentem estas vertentes.

Qualidade do ensino artístico e feedback

Os melhores alunos são aqueles que praticam qualquer vertente artística seja música, pintura ou dança. Alguns pais valorizam muito isto, porque percebem que estas fazem com que o aluno seja mais moderado, organizado, (...) Os verdadeiros artistas não têm muito tempo para perder, porque ocupam o seu tempo na concentração e na organização de pensamento, nas emoções e no que tem que produzir. Nota-se um grande apreço pelos pais que têm os filhos a frequentar uma vertente artística, e portanto há todo um conhecimento substanciado, porque os filhos assim o demonstram.

Planificação e organização das atividades artísticas

Planificamos a atividade artística mais ainda que a vertente curricular, (...) Cada setor tem as suas competências, e portanto planifica, executa, valoriza e demonstra aquilo que foi planificado.

CrITÉRIOS de constituição de grupos / turmas e distribuição das mesmas pelos docentes

Para além da competência técnica é preciso uma sensibilidade profunda, (...) Este trabalho é entregue a cada docente de acordo com a sua competência técnica, científica e sensibilidade, (...) Estou sempre muito atenta à forma como cada um vai dando evidências da suas capacidades, para depois lhes entregar os grupos.

Quais os critérios que subjazem à organização do tempo, dos espaços e dos recursos escolares no que respeita ao ensino artístico?

De uma maneira geral se a vertente artística é curricular, está enquadrado no seu horário. Relativamente às vertentes extracurriculares confio suficientemente em todos os mestres para me entregarem a organização dos seus tempos.

Dou autonomia aos respetivos professores para que, organizem o trabalho com o máximo de perfeição possível.

Planificação e avaliação das práticas pedagógicas

Não me é fácil de responder porque é o diretor artístico que tem de superentender esse trabalho e vemos os resultados no conselho pedagógico, o resultado, não podemos ser nós o que só eles podem fazer

Autorregulação, autoavaliação e melhoria

A apetência para uma determinada vertente artística é algo que se vai descobrindo ao longo do tempo, a criança fica sensibilizada pela execução de alguns (através dos espetáculos) e a partir daí tudo se regula para dar solução ao que a criança quer, vamos dando a todos a possibilidade de se inscreverem nas diversas atividades.

Formas de avaliação do desempenho e competências do pessoal docente

A avaliação de desempenho está implícita, quando o aluno executa o docente está a ser avaliado, na medida em que está não só à vista da Direção como de todo um público, não há ninguém específico a avaliar e temos tido ecos maravilhosos de tudo o que se tem feito.

A avaliação formativa das aprendizagens na vertente artística é uma prática sistemática no Colégio?

De certa forma é, porque efetivamente nós temos demonstrações artísticas que se vão repetindo ao longo do ano e nas quais percecionamos a evolução, assim sendo a avaliação é sistemática.

Que medidas de promoção e desenvolvimento das aprendizagens na vertente artística têm sido implementadas nos 3 últimos anos letivos?

Nós notamos que os alunos estão cada vez melhores, criámos novas modalidades na dança, novos momentos celebrativos, mais presenças em concursos e participações no exterior, também na pintura, este ano fez-se o mural, (...) Estamos sempre abertos a inovações que sejam propostas, (...) Se a arte é modular e modela o espírito, então temos de apostar na arte e nos alunos.

Considera que essas medidas têm tido impactos nas aprendizagens dos alunos nas vertentes artística e não artística?

Na vertente humana, torna o aluno muito mais sensível, mais reconhecedor do talento do outro, mais capaz de aceitar o insucesso, mais capaz de compreender as diferenças das pessoas e a sociedade.

Na sua opinião, que ações concretas poderia a Direção do colégio levar a cabo com vista à melhoria da qualidade do ensino artístico?

Gostaria que houvesse grupos corais de música clássica e lírica, tenho tentado que existam mas não tenho tido sucesso neste campo, (...) Penso que seria desejável melhorar neste campo, (...) Gostaria que houvesse mais entusiasmo pelas artes visuais, por essa arte que é tão bela e complexa, onde é necessário um potencial muito seguro, mas que para a qual não há grande estímulo social e parental, (...) Uma arte que será muito importante num futuro muito próximo.

Entrevista à Professora de Dança (EPD)

A importância da educação pela arte

Para a formação integral do aluno, o aluno que não frequente uma vertente artística, seja ela qual for: a música, o teatro, as artes plásticas, ou a dança, creio que nunca vai ser uma pessoa completa, não estará preparado para apreciar um momento de cultura, uma peça um teatro, um bailado, etc. (...)

Na dança parece que as pessoas não têm conhecimento para apreciar um movimento ou a dificuldade que há na coordenação de um grupo ou num solo... Não têm essa sensibilidade ou capacidade para apreciar porque nunca tiveram interesse para isso (...) Isto tem haver com a educação.

Os alunos que não passam pelas artes não terão sensibilidade para apreciar. Se não sou capaz de apreciar não posso dizer que é feio. (...) O nosso público frequentemente diz que é feio ou é bonito, como não sabem apreciar, opinam. Assiste-se a muita ignorância. É necessário ter alunos com formação artística para poderem ajudar os outros a apreciar.

O papel que assume o ensino artístico no projeto educativo

O aprofundar de conhecimentos e consciencialização de cada um nas diferentes artes. Cada um é capaz de fazer arte, mas se forem ensinados podem realmente fazer coisas belas. Os alunos precisam ter consciência da harmonia, no caso da dança, precisam de ter consciência do seu próprio corpo e saber o que podem fazer com ele.

Estar à frente, no palco

(...) Os alunos não tem consciência do que é a dança, querem aparecer sempre à frente, não interessa o que vão fazer, querem é estar à frente (palco), contudo é importante aprender a fazer qualquer coisas de bom e de belo para depois ter esse lugar.

O ensino artístico no colégio alinhado com a sua visão

Todos vamos “puxando as pontas soltas” para nos alinharmos uns com os outros, tentamos estar em consonância (com o IPE), apesar de estarmos a fazer coisas um pouco diferentes.

(...) É muito complicado fazer momentos que retratem a vida de Ana Maria Javouhey, sem ter uma outra parte encenada. A Dança tem estado sempre ligada com a religião, nas festividades religiosas, nas procissões, na Adoração do Senhor, nas Eucaristias, (...). Tenta-se sempre aproximar a dança à Mensagem, mas para tentar transmitir essa Mensagem é necessária uma maturidade, que não tem necessariamente haver com a idade, não é muito fácil transmitir um tema, sem ter maturidade.

(...) Há uns anos, em Cluny, um Irmã (religiosa de S. José de Cluny) dançou com as nossas bailarinas, ela tinha sido bailarina na ópera de Paris, contudo seguiu a vida religiosa, dançou de calças e fez um trabalho muito belo, mas as pessoas acharam desadequado...

O papel do ensino artístico na consecução da missão do colégio

Nas apresentações e espetáculos em que os alunos participam, é fundamental que todos (comunidade) estejam presentes. (...) Também é importante que todos estejamos articulados (vertentes artísticas) para que a comunidade educativa veja que tudo funciona, que funciona porque se trabalha bem. (...) Infelizmente há um pouco a ideia que, basta chegar e... já está. Isto revela a falta de importância que se dá à parte artística.

A Direção vai estando a par do que se faz na Dança, sabem o trabalho que dá preparar tudo, embora nem todos saibam bem o que isso implica, a logística que existe (...). Quanto aos pais, esses não têm mesmo a noção, (trabalho que está associado à preparação e organização dos eventos artísticos) devido à desculturação e descredibilidade que é dada ao ensino artístico.

No caso da Dança, enquanto extracurricular, há a ideia que só vale a pena frequentar esta atividade enquanto os alunos se divertirem, mas nem tudo é divertido, há esforço e dor associados a esta atividade, o aluno não se diverte se tiver que participar num espetáculo com dores nos pés ou se tiver de fazer a “espargata”. Esta é uma atividade séria, no entanto as pessoas vêem isto com uma certa ligeireza.

Quando as pessoas têm que dar um pequeno valor para assistir aos espetáculos dos alunos (preço associado ao aluguer de uma sala de espetáculos na cidade), ficam incomodadas, mas se forem ver outros espetáculos fora, aí pagam mais e dão outra importância. As pessoas não dão valor ao que se faz, não deixam crescer os valores dos nossos alunos e partem para isto com um preconceito.

Contributo para a Educação para os valores Cristãos

Considero que as vertentes artísticas tem contribuído para os valores Cristãos, a Dança e Música estiveram sempre ligados aos valores Cristãos. (...) Em certas comunidades problemáticas, como por exemplo no Brasil (Favelas) criam-se grupos de Dança e de Música para tirarem os jovens da violência, do crime, da droga, e daí por vezes saem grandes talentos. (...) São alavancagens, uma mais valia para a vida deste jovens que, até podem vir a fazer outras coisas, mas ficam sempre marcados pela arte.

A arte deve ser vista com seriedade

A arte deve ser vista com seriedade, (A arte não pode ser vista como entretenimento despreocupado), com respeito e reconhecimento do que está a ser feito. No tempo “tão evoluído” em que vivemos, deveria haver uma maior mudança nas atitudes, no respeito pelo profissionalismo com que se fazem as coisas e pelo trabalho artístico que o aluno vai realizando (...).

Poucos são aqueles que dão valor à parte artística, em parte porque não foram habituados a isso. Dá-se muito valor à cultura “fast-food” e de aparências, estamos a fazer uma caminhada lenta e dolorosa. (...) É fundamental aprender a gostar, por exemplo na música, se o alunos ouvir desde pequeno os grandes clássicos é óbvio que vai estar mais sensibilizado para ouvir qualquer música independentemente de

gostar das músicas da atualidade. Os alunos que têm estas experiências reconhecem facilmente as músicas porque estão sensíveis a isso.

Enveredar pela arte, a amargura dos pais

Os pais sentem-se amargurados se os filhos pretendem enveredar pela vertente artística, (...). Felizmente, hoje em dia começa a ser importante ter no currículo a frequência destas atividades, porque pode dar acesso a qualquer coisa. (...) Temos muitos exemplos de pessoas de relevo na sociedade noutras vertentes e que também estão associados à arte!

Desempenho e comportamento dos relativamente às outras áreas do saber

Modificam o desempenho, porque os ajudam a ser metódicos nas suas aprendizagens, a saber o que é importante e o que é acessório, as artes ajudam a desenvolver uma maior concentração, o gosto pelo aprender e pelo saber.

Exclusão das vertentes artísticas da formação pessoal

Excluem por falta de motivação, não têm experiência de casa, são pessoas secas, só vão aos espetáculos para ver e serem vistos. Não há uma preparação para o que vai ser visto. (...) Por vezes não é o fator económico que os leva a optar assim, mas sim um fator de desvalorização. (...) Afirmam que as artes não acrescentam nada, porque não vêm resultados imediatos, mas se lhes trás melhores resultados a matemática ou outras disciplinas já passam a ter interesse, (...).

Qualidade do ensino artístico e o impactos nas aprendizagens dos alunos

A comunidade educativa (professores, alunos e pais) afirma que a qualidade artística está a melhorar, que está tudo mais organizado, há profissionalismo, há a intensão de fazer ver que as coisas são sérias. (...) Mas os pais não estão dispostos a arriscar que os filhos vão mais longe no conhecimento de qualquer vertente artística, só naqueles conhecimentos gerais (Vertente curricular da escola) é que vale a pena apostar. Mas também há aqueles que arriscam muito, porque acham que com pouco, os talentos estão bem definidos.

Há a sensação que o incremento de horas em determinadas disciplinas, “subtraindo” a área artística, resolverá grandes problemas (...). Parece haver um drama quanto às poucas horas de português ou matemática, mas na geração anterior a organização curricular era outra e não é por isso que hoje somos ignorantes.

A desvalorização da vertente artística vem também pela pouca aceitação do que está errado, (conceito que tudo é válido e bom). Se o aluno tem negativa na disciplina de matemática mais facilmente se reconhece a dificuldade, contudo numa disciplina da vertente artística não é a mesma coisa, surgem imediatamente várias opiniões justificando o problema.

Planificação e organização das atividades artísticas

Há uma articulação que vai sendo feita com alguma dificuldade, entre o tempo das outras expressões artísticas, o tempo dos alunos, o tempo do professor, o tempo das outras disciplinas.

Ao contrario de outras áreas, na dança, no teatro ou na música não “há borracha”, se ocorre um erro no momento da apresentação não há modo de corrigir ou voltar atrás, só no próximo espetáculo é possível corrigir. (...) Tem que haver um trabalho preparatório muito árduo, ao contrário de outras disciplinas, não há margem de erro, a imagem que fica para o público é a de um mau artista ou de uma má preparação dos alunos. (...) Os artistas profissionais da dança, quando apresentam temporadas, doseiam as suas performances, no início, no meio e no fim dão o máximo, no restante tempo vão doseando os seus esforços ou trocam de papéis.

Planificação e organização do trabalho docente

(Quanto às aulas) É um trabalho realizado uma vez individualmente e outras vezes com os alunos, (há projetos que evoluem com a opinião dos bailarinos). Todos os anos há novos projetos e nuances, novas modalidades. A montagem de determinadas coreografias é resultado de um trabalho discutido permanentemente. Há vários fatores que são trabalhados para que haja uma maior aproximação do projeto com os alunos, desde a música ao guarda-roupa. A organização hoje não é tão taxativa como alguns anos atrás.

Não posso trabalhar da mesma forma com todos os alunos, embora sinta um “ambiente” em que todos se acham no mesmo plano, mas esse é um problema que também vem de casa. (...) Hoje em dia não se pode dizer de qualquer forma as coisas aos alunos, que estão errados, ou que estão a fazer mal, ou que tem de fazer desta ou daquela maneira, (...) Agora há estratégias de comunicação diferenciadas, para não “ferir suscetibilidades” que não são fáceis, sobretudo neste âmbito.

Autorregulação, avaliação e melhoria

A maior avaliação que se tem feito, tem sido aquela que resulta das participações fora do colégio (Os resultados comprovam). Quanto ao trabalho individual, este resulta de uma autocrítica muito grande, penso sempre que posso fazer melhor, tentando entrar na “cabeça do aluno” para melhor o compreender. Gostaria que as alunas trabalhassem com mais seriedade, apesar de verificar que temos alunas que trabalham muito, muito, muito.

Não há praticas de avaliação previstas para esta área artística, para além das manifestações de alegria, visíveis no fim de cada atuação.

A avaliação é muito difícil. (...) Há casos em que os alunos não gostam de ser corrigidos porque já têm um autoconceito muito grande das suas capacidades e qualidades, e isto é um facto que ocorre muito. Os que trabalham e que dão valor, aqueles que encaram a Dança como a Matemática ou as Ciências, etc., muitas vezes ficam desanimados porque não conseguem melhor. (...) Ocorrem algumas situações em que os alunos pensam que não conseguem fazer melhor, desistem facilmente e vêem o outro, supostamente com mais dificuldades, a conseguir melhores resultados, sentem com isso que o professor dedicou mais tempo ao outro (...).

Os alunos têm capacidades mas não as querem desenvolver, ou só as querem desenvolver até determinado ponto, com o sucesso do outro surge o arrependimento e depois a frustração. Muitas vezes a nossa experiencia vê que os alunos podem ir mais longe, mas nem sempre isso é compreendido pelos pais.

Melhoria da qualidade do ensino artístico

É sempre preciso melhorar, (...) É necessária outra disponibilidade por parte da direção para acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos, há uma ocupação muito grande nas restantes tarefas de gestão, que torna-se particularmente impossível acompanhar tudo o que se faz.

Entrevista ao Professor de Música (EPM)

A importância da educação pela arte

A Educação pela Arte no colégio tem a mesma importância que tem em todas as outras escolas ou em todas os locais de formação. (...) A Arte e a Cultura em geral, ao contrário do que muitas pessoas com responsabilidades governativas e institucionais podem pensar tem importância no equilíbrio e no desenvolvimento intelectual das pessoas que recebem essa formação.

Se (educamos) crianças de uma idade em que absorvem tudo o que lhes é transmitido, essa fase deve ser aproveitada para fomentar equilíbrio e abertura para o desenvolvimento intelectual que a arte proporciona. A estética, o belo é facilmente transmissível pela arte.

O papel que assume o Ensino Artístico no Projeto Educativo

O nosso Projeto Educativo, porque assenta numa postura que favorece a Arte e a Cultura, explora as várias vertentes artísticas, que ao longo do tempo vão conseguindo congregar cada vez mais pessoas, isto porque há essa propensão para favorecer o belo e o estético. (...)

O Ensino Artístico está bem representado no PE, mas ainda não está bem explorado, deveríamos ter horas específicas para desenvolver outras atividades, algumas são feitas sem o tempo que desejávamos, devido a alguns constrangimentos, como o tempo e o número de atividades existentes. (...)

Ações concretas com vista à valorização do ensino artístico

É verdade que as coisas estão já esquematizadas e que se fazem muitas coisas por hábito (rotina). Não há propostas específicas da Direção, há sim propostas que vem de meios restritos como por exemplo das Dioceses, com tendência artística muito limitada, também as participações nas ações das Escolas Católicas têm sido uma constante. (...) Contudo não me parece ser da responsabilidade da direção esse tipo de ações, mas antes de receber de braços abertos as nossa propostas. (...) Sabemos

que por falta de tempo, ou disponibilidade, devido ao programa preestabelecido, torna-se difícil introduzir novas propostas.

(...) Uma coisa inovadora, seria acabar com o programa preestabelecido, (não fazer simplesmente o que é rotina), porque há hábitos e vícios que fazem com que as pessoas percam o interesse e a valorização das coisas...

Nas audições, as pessoas já só criticam, estão mais atentas a ver os pontos negativos, embora entendamos que, há nitidamente melhorias que não são muito referidas, o que seria normal era haver cada vez mais problemas (...). A valorização das atividades só aparece quando se quebram esse hábitos (rotinas).

Temos à frente da direção uma pessoa que, devido à sua formação, valoriza e dá força ao desenvolvimento de atividade culturais. (...) Temos portanto, um terreno fértil em que a maioria das nossas atividades são bem recebidas e bem aceites.

Contributo para os Valores Cristão

Na música, como noutras áreas artísticas, os valores cristãos como o amor, a justiça, a paz, a fraternidade, a preocupação com o outro, estão sempre presentes (...). A música quando está a ser praticada, ensaiada, por crentes ou não crentes está intrinsecamente a desenvolver e a aprofundar valores cristãos, (...).

Toda a arte e em concreto a música, explora este valores cristão, (...). Para um projeto musical ou para qualquer projeto artístico, desde que seja considerado arte, esses valores estão intrinsecamente ligados, (...). Quando estamos em placo, estamos a desenvolver esses valores, estamos a tentar criar harmonia, paz, bem estar, amor, cuidado estético, ajudando os outros a pensar, a sonhar, etc. (...)

Há instituições que usam a arte mais especificamente na prática religiosa, ou de intervenção espiritual, como por exemplo os concertos de música cristã. Na religião, na política, como noutra área qualquer, a música pode ser um meio de transmissão mensagem (...)

As vertentes artísticas modificam o desempenho dos alunos?

Cada vez mais surgem estudos novos que comprovam isso mesmo. Há evidências no colégio. (...) Alguns destes alunos acompanho-os (no seu percurso de vida) não apenas porque eram meus alunos, mas também porque criaram outro tipo de ligação, (...). Os alunos com maior desempenho, mais capacidades e que exploram estas artes, de uma maneira geral são os mais respeitadores e com mais sucesso nas outras áreas disciplinares. São os alunos que têm mais capacidade de resolver problemas, mais intelectualmente preparados, mais organizados nas suas vidas, e mais capazes de enfrentar as vicissitudes da vida, (...) Mais tarde, vêm a ter uma maior evolução.

Exclusão das vertentes artísticas

Presumo que sejam desconhecedores das sensações (benefícios) que daqui retiram (...), eventualmente não nasceram em meios que os despertassem para a arte, infelizmente acontece em muitas famílias, (...). Quando chega a hora de tomar uma decisão, esquecem as artes, (as artes estão fora de questão, há uma tendência para seguir cursos diferentes e eventualmente fazer este ou aquele complemento em artes)

Feedback da qualidade do ensino artístico no Colégio

Aquilo que são hábitos nas atividades artísticas já não se valorizam, (...) As reações que temos são mais daquelas pessoas que, por qualquer motivo, já saíram do colégio e que mais tarde comentam as realidades de outras escolas, as suas experiências noutras escolas, (...) Comentam que nada têm haver com o que se faz no Colégio, que no Colégio trabalha-se com outro profissionalismo. (...) Vivemos uma época em que é necessário fazer constantemente novidade e surpreender, esperávamos um pouco mais de algum reconhecimento, de uma forma geral há menos apreciações (Comentários) do que aquilo que se deveria haver.

Planificação da ação docente. Planificar tendo em conta os valores cristãos.

A Música e a Educação Musical como são diferentes, também a planificação é diferentes (...) Temos realidades de programação diferenciadas. (Na Música como atividade extracurricular, a avaliação culmina numa audição musical) No 2.º ciclo

estamos cingidos a um programa, música, matérias, conteúdos específicos já estabelecidos, embora possamos adaptar este ou aquele aspeto, (...) Como estamos a participar constantemente em atividades religiosas, todas as aulas e programações tem que estar em equilíbrio com os conteúdos disciplinares. (...) Numa aula de música no primeiro ciclo tive que explicar a letra e a música, palavra a palavra, do cântico de Natal (O Milagre), para que as crianças entendessem o que estavam a cantar. (...) Foi importante para eles a explicação da letra.

Técnicas de diferenciação pedagógica

(...) Há uma avaliação de toda a turma, onde se vê como os alunos reagem a determinados matérias e conteúdos e depois com cada aluno em particular vou vendo as dificuldades e vou trabalhando com esse aluno. (adaptando) (...) Alguns alunos tocam instrumentos diferentes dos que estão estabelecidos no programa e de acordo com as suas capacidades vou sugerindo que alguns acompanhem com o que sabem tocar (Desta forma gera-se motivação). São objetivos que pretendemos levar a feito mas que nem sempre conseguimos cumprir e muitas vezes ficamos aborrecidos por não os conseguir cumprir.

Trabalho colaborativo, planificação e avaliação das práticas pedagógicas

Existe ligação com as restantes áreas artísticas, mas trabalhamos mais com uns do que com outros, há casos em que trabalhamos " hora a hora" e isso é fundamental para que tudo corra bem, muito concretamente nos ensaios para audições (...)

Autoavaliação, autorregulação e avaliação desempenho para as áreas artísticas

Existem individualmente, não há aula nenhuma em que eu não reflita sobre o que correu mal e o que pode ser melhorado. Quanto mais experiente vou ficando, vejo que, a grande maioria das vezes quando as coisas correm mal, a culpa é minha e não dos alunos, é importante percebermos isso, (...). Há dias em que os alunos vem mais agitados, ou porque os vem de outros espaços e de outras atividades, (...) Se eu venho mais disponível e com tudo muito bem programado, as aulas correm muito melhor, os alunos até podem vir muito agitados mas acaba por correr bem, portanto, entendo

que é necessário fazermos essa autoavaliação constante para melhorar, tomar atitudes diferentes para aula seguinte correr melhor. (...)

Que dinâmicas existem na avaliação de desempenho nestas áreas artísticas

A avaliação de desempenho não estão previstas especificamente para a área artística. Está prevista de uma forma geral mas é evidente que se reflete nesta, porque quando estamos numa avaliação de desempenho, avaliamos a entrega e capacidade de fazer isto ou aquilo, (...)

Sugestões de melhoria

(Não haver nada a melhorar) É um conceito que não existe (Estar já no topo). Sou um insatisfeito por natureza não há outra postura possível, somos tão pequeninos que nunca vamos chegar a um ponto em que não há nada a melhorar (...).

Há muitas coisas a melhorar, todos os anos fazemos reuniões para lutar contra a inércia e contra a falta de tempo, mas é uma frustração constante porque sabemos onde queremos melhorar mas não temos tempo para programar e depois para melhorar, (Como gostaríamos de fazer) (...)

Este ano fizemos em julho e setembro reuniões afim de prepara inovação, para que a uma certa distancia do momento, essas ideia se enraízem e para que quando faltar pouco se estabeleçam as diferenças.

Não é identificar pontos de melhoria a longo prazo que as coisas se resolvem, mas antes aplicar logo as melhorias nas atividades seguintes.

Entrevista ao Professor de Teatro (EPT)

A importância da educação pela arte no colégio

Tem uma importância absolutamente fundamental, no âmbito de uma escola católica cultural que valoriza as artes, valoriza o ser humano na sua essencial mais bela.

O papel que assume o ensino artístico no projeto educativo

Assume um papel determinante, ele existe em diversas vertentes e está acreditado de diferentes formas: teatro, dança, música, artes plásticas, (...) Estas disciplinas aparecem no âmbito curricular mas também em extracurricular, dado o peso que estas atividades têm no conjunto dos papéis curriculares e extracurriculares, são determinantes.

O ensino artístico no colégio e o docente

Partilhamos horizontes semelhantes, a visão que o ensino artístico tem para mim é plasmada naquilo que o colégio desenvolve.

Que ações concretas tem sido levado a cabo pela Direção com vista à valorização das artes?

O Ensino Artístico é um tipo de ensino específico, está presente nos momentos mais solenes e importantes da vida do colégio, seja na semana cultural como nas efemérides mais importantes: Natal, dia da Madre Fundadora, Páscoa, final do ano, (...). Está também presente noutros momentos não menos solenes, (...) Em termos curriculares todas as atividades têm a oportunidade de regularmente apresentar as suas realização dentro do colégio ou fora e até internacionalmente como é o exemplo do Ballet.

Contributo para a Educação para os valores Cristãos

A Educação Artística faz vir ao de cima aquilo que os seres humanos têm de mais belo, criativo, inventivo, (...) Mobiliza a capacidade de trabalho, capacidade de sacrifício, de realização em conjunto, (...) O Teatro é uma arte de comunhão e comunidade onde todas estas valências vão ao encontro dos valores cristãos.

Desempenho e comportamento relativamente às outras áreas do saber

Acho que modificam para melhor. Eu noto que ao longo desta minha posição de professor, que os meninos que frequentam o EA têm competências e capacidades, que os outros, ou não têm ou têm menos, (...) Uma grande capacidade para realizar tarefas, um espírito crítico muito acentuado, criatividade no desenvolvimento da matéria em equipa, a capacidade de fruir de maneira mais adequada a beleza do mundo, seja em que área artística for.

Acrescento que os currículos estão estruturados de maneira rigorosa e objetiva e os meninos têm dificuldade em ver um pouco mais além, Out-of-the-Box, os meninos que frequentam o EA têm uma pequena diferença relativamente aos outros, podem perspetivar o mundo, a matéria e os conhecimentos do mundo de uma forma mais personalizada.

Exclusão das vertentes artísticas da formação pessoal

Uma carga horária excessiva, uma focagem excessiva sobre um modelo de educação estritamente virado para as competências curriculares, (...) Muitas vezes há mais preocupação pela nota do que pela aprendizagem, (...) A educação é vista como um meio para atingir um fim (determinada nota) e não como um fim em si mesmo. Se vissem nessa perspetiva, seguramente tentariam ter uma conceção mais inclusiva e globalizante que ultrapassasse as margens definidas pelos currículos.

Qualidade do ensino artístico e feedback

Um feedback extraordinariamente positivo e sempre muito entusiasta com as diversas realizações que se vão materializando ao longo do ano.

Planificação e organização das atividades artísticas

Na perspetiva do Teatro, em termos de definição dos conteúdos e matérias, começamos por ter uma planificação conjunta, depois a escolha dos textos dramáticos, elenco e opções de encenação que se vão tomando, é mais individualizada.

As vertentes artísticas encontram-se articuladas entre si e com as outras áreas do saber?

Entre si penso que sim, destaco as múltiplas iniciativas do sarau cultural em que trabalhamos articulados e de forma estreita, mas com as áreas curriculares não, tanto como seria desejável, (...) As áreas curriculares focam-se nas matérias conteúdos e formação e deixam um pouco à margem esta vertente de formação.

Integra, na planificação da sua ação docente, a educação para os valores cristãos?

Claro que sim, nomeadamente na escolha dos textos e projetos que levamos a cabo nos dois semestres, (...) Todos estes projetos resultam da escolha de textos com uma forte componente didática, humanista, solidária e comunitária, não é propriamente valorizado só o lado estético do texto dramático, mas há também uma componente de dimensão ética e social bastante acentuada.

Que expressão tem, na planificação da sua ação docente o desenvolvimento integral da pessoa

A preparação dos alunos é, sobretudo no teatro, uma preparação multidisciplinar, neste âmbito integra-se nesta ideia do desenvolvimento integral da pessoa. Os alunos são convidados e incentivados a desenvolver a sua cultura geral e a mobilizar competências de várias ordens, quer a nível da leitura da compreensão e interpretação do texto dramático quer depois, na preparação das ditas componentes físicas do trabalho de ator; movimento, colocação da voz, verbalização das emoções, interiorização e interação de todas as emoções que os atores têm que desenvolver, (...)

Diferenciação pedagógica

Os alunos que aparecem no Teatro têm graus de disponibilidade diferenciados, uns são mais extrovertidos, com um feitio mais reservado, a esses faço um “pressing” para saírem da conchinha mais depressa, dou-lhes mais visibilidade, tarefas e papéis grandes, “passo-lhes uma babata muito quente para a mão” de maneira a que eles, com a minha ajuda e dos colegas, ultrapassem esse obstáculo. É muito gratificante ver que, depois dessa reserva toda, o aluno consegue com desenvoltura apresentar-se

em público e mostrar o seu trabalho com naturalidade. É muito gratificante e eles próprios ficam muito contentes.

Organização do tempo, dos espaços e dos recursos escolares

O Teatro tem, ao longo do ano letivo, dois momentos chave que correspondem ao final de cada um dos semestres, (fevereiro e Julho). Estruturamos o nosso trabalho em função desse objetivo fundamental que é apresentar um texto teatral. Ao mesmo tempo que vamos trabalhando em função desse objetivo, desenvolvemos o trabalho relacionado com essa dimensão dramática; escolha de atores, encenação, leituras de mesa e palco, preparação do ator, (...). Focados nesse objeto que é a peça, vamos desenvolvendo competências a montante e a jusante e mobilizam-se competências para além das que são necessárias para o teatro; saber estar num espaço público, saber relacionar-se com os outros, verbalizar a sua opinião de forma adequada, incisiva e assertiva, (...)

Planificação e avaliação das práticas pedagógicas

Nos três momentos de reuniões de conselho de turma, inicial, intercalar e final de período, os professores das áreas artística estão presentes e os seus depoimentos são tão importantes quanto os dos outros colegas.

Autorregulação, autoavaliação e melhoria

Periodicamente reunimos o conselho artístico, reuniões feitas depois das prestações artísticas, e aí temos a oportunidade de fazer essa análise e os ajustamentos necessários. Destas reuniões resulta uma melhoria substancial, porque se trata de um trabalho que é feito em comunidade, há mais pessoas a pensar sobre os assuntos, (...) Pessoas com competências e que têm um papel ativo nos trabalhos desenvolvidos.

Dinâmicas de autorregulação e autoavaliação nas aulas de Teatro

Os alunos no final do primeiro período têm uma informação qualitativa da sua prestação, nesta altura ainda não tiveram a oportunidade de se apresentar ao público, (...) Da avaliação feita pelo professor constam alguns pareceres do desempenho do aluno ao longo do período.

A preparação de um projeto teatral é quase um exercício de esboço, (...) Um quadro que resulta da realização de vários rascunho, (...) Nos ensaios de palco começamos por um esquiço básico e depois, no ensaio seguinte vamos melhorando todas as imperfeições da análise feita por todos, e assim, de ensaio em ensaio, vamos num processo de melhoramento, vendo o desenho que está feito, (...) Neste caso a autoavaliação é feita todos as aulas, (...) Valorizo o espírito crítico e o sentido estético dos alunos, tomo em consideração as suas impressões, neste sentido, o projeto está permanentemente a ser avaliado.

Sugestões de melhoria

Considero que é extraordinariamente valorizado e acarinhado pela Direção Pedagógica e Diretora Geral, contudo acho que seria importante ser permitido aos alunos, no quadro do curso de artes, a existência da disciplina de História da Cultura e das Artes, (...). Os alunos que enveredam pelas áreas científicas deveriam também poder ter uma disciplina que os pudesse ajudar neste sentido. Penso que é importante, sempre que possível, alargar a mundivisão de cada aluno, a sua educação será assim muito mais rica e mais determinante indo para além da mera acumulação de matéria, para posterior debitação num qualquer teste de avaliação. A educação artística é algo que fica para a vida e seguramente torna-os seres humanos mais dinâmicos, mais felizes, mais atentos ao belo, ao outro e a si próprios.

Entrevista à Professora de Artes Visuais (EPAV)

A importância da educação pela arte no colégio

Penso que é um dos grandes pilares do Colégio na educação para o Belo.

O papel que assume o ensino artístico no projeto educativo

Assume um papel fundamental para o enquadramento da beleza (nas restantes áreas)

Os nossos alunos estão a ser encaminhados para o sucesso, os pais procuram mais a área das ciências exatas, (...) e esquecem estas áreas artísticas, (...). Como o colégio também tem muita qualidade na vertente das ciências, os pais e alunos apostam mais em cursos referenciados no dia a dia do aluno (sobretudo na medicina).

Nós professores também temos culpa porque “parecemos máquinas de ensinar”, e transmitimos isso aos alunos, falta alguma sensibilidade, (...) Deveria haver mais integração artística nestas disciplinas, (...)

Que ações concretas tem sido levado a cabo pela Direção com vista à valorização das artes?

A Direção tem dado sempre aval positivo no que respeita às atividades artísticas, dentro e fora do Colégio, favorecem e elogiam, porque reconhecem que somos um pilar neste colégio

Contributo para a Educação para os valores Cristãos

Sem dúvida, na harmonia, na beleza, no amor colocado em cada projeto, isso nota-se (...) Alguns exemplos são as instalações artísticas, as decorações de espaços nas horas com Jesus, os encontros religiosos em Fátima, (...) Colocar o dom ao serviço do outro.

Desempenho e comportamento relativamente às outras áreas do saber

Modificam os alunos, os outros (outras escolas) vêm os nossos alunos muito mais felizes, são alunos mais completos, até pela ligação que temos uns com os outros, (...) há entreajuda e isso é muito visível. (...)

Alguns alunos que frequentamos cursos sem se sentirem felizes, (...) Alguns pais que atingiram um patamar profissional muito elevado e pensam que os filhos ao virem para as artes estão a “descer”, mas o importante é que eles gostem do que fazem.

Exclusão das vertentes artísticas da formação pessoal

Eles não excluem, simplesmente elas estão adormecidas. Esta (sensibilidade) não é desenvolvida, (...) Uns demonstram mais outros menos, (...). No dia-a-dia, são capazes de sair do colégio e não olhar a paisagem, concentram-se no seu mundo com os headphones e não apreciam, (...), vivem numa sociedade só multimédia e tem que haver tempo para olhar a natureza, (...)

Qualidade do ensino artístico e feedback

As pessoas gostam muito do que se vai fazendo, apreciam e valorizam e comentam muito positivamente. Os colegas dizem que o colégio fica diferente (A propósito das instalações artísticas colocadas em todo o colégio e alusivas ao tema cultural) e quando retiramos, comentam que o colégio fica vazio, (...)

Planificação e organização das atividades artísticas

Sempre em conjunto com os colegas, dialogamos e trocamos ideias, (...) Estamos sempre a ver o que resultou e não resultou e procuramos sempre melhorar. Não planificamos tudo sempre sozinhos, procuramos também a ajuda dos outros colegas.

As vertentes artísticas encontram-se articuladas entre si e com as outras áreas do saber?

Há articulação, numas mais, noutras menos, por exemplo na dança, no teatro, ou na música participamos em conjunto em muito projetos.

Integra, na planificação da sua ação docente, a educação para os valores cristãos?

Sim, sempre na aula do dia-a-dia, no carinho e amor que colocamos no trabalho e no apoio aos alunos, nas suas dificuldades, (...) Sempre com reforços positivos, transmitindo confiança para atingirem os seus objetivos, ajudamos introduzindo

técnicas de diferenciação, procuramos estratégias para eles (alunos) alcançarem os objetivos.

Organização do tempo, dos espaços e dos recursos escolares

No 2.º e 3.º ciclo há pouco tempo para desenvolver a parte artística, o tempo é escasso para os alunos se desenvolverem nestas vertentes.

Modos de trabalho docente colaborativos

Tentamos estar sempre em contacto uns com os outros e organizamos tudo em conjunto, com as restantes áreas também tentamos articular o nosso trabalho mas nem sempre é possível, (...)

Autorregulação, avaliação e melhoria

Em cada reunião de pedagógico ou reunião da pastoral temos avaliações, mas de forma mais regular temos as avaliações das horas com Jesus, preparação das eucaristias, (...) Avalia-se sempre a parte artística e regula-se o que está a ser feito.

Esta avaliação vai tendo impacto na melhoria e dá-nos outro alento, porque queremos ver o colégio com mais alegria, mais harmonioso e com mais arte.

Vamos avaliando e vendo o que não resultou bem, (...). Nesta área não há falhanços completos, há projetos que se concretizam bem e outros que não correm tão bem, por falhas no decorrer do processo, mas vamos sempre fazendo as modificações necessárias para poder continuar, (...)

No ensino de há 20 ou 30 anos os alunos eram diferentes, agora têm conhecimentos mais profundos sobre as matérias, (...) O professor agora só o ajuda, não o completa, as aulas têm de ser diferentes, juntamos o que aprendemos com a evolução dos tempos e utilizamos outros meios a que eles estão mais habituados, (...). As dinâmicas de aulas são diferentes de modo a que eles participem mais, aproveitando as suas ideias para trabalhar, (...)

Sugestões de melhoria

Devemos mostrar mais o trabalho que fazemos ao exterior. Há necessidade de fazer mais para fora do colégio, ver um concerto, teatros, exposições, etc.

Entrevista ao Encarregado de Educação 1 (EEE1)

O Colégio desenvolve a Educação pela Arte

Sim sem dúvida, aliás logo o facto de em cada ano ter um tema cultural, apresentado no início de cada ano letivo e desenvolvido a par das várias vertentes artísticas. Assume um papel nuclear.

Que papel assume no EA no Projeto Educativo?

A Diretora Geral foi uma das grande responsáveis por esta vertente artística e salienta frequentemente (na reuniões que tem) que a arte é essencial no desenvolvimento da pessoa e que é uma componente fundamental no saber integral da pessoa, (...). Tem por isso um papel absolutamente central no PE do Colégio.

Considera importante numa oferta diversificada

A arte, e a ciência depois, são áreas que parecem não essenciais à sobrevivência da espécie humana (Raymond Williams), contudo são elas que nos fazem verdadeiramente seres humanos, daí a diversidade em arte ser importantíssima.

Articulação com as áreas curriculares

Creio que sim, é uma preocupação da Direção, nos termos e no contexto do um tema cultural que é agregador, e onde a arte está sempre presente, (...). Os diversos ramos das ciências procuram colaborar entre si, tendo em conta o trabalho extraordinário que se faz nas artes.

Valorização do Ensino Artístico

Sim, pela pintura, pelas audições, nos espetáculos no TAGV, nos centros comerciais da cidade, os espetáculos da dança nos concursos internacionais, (...).

A oferta artística existente no Colégio influenciou de algum modo a decisão?

Sim, li muito textos do Eduardo Sá, em que salienta que as crianças na pré escolar só deviam ter arte, educação física e brincadeira, (...) Aqui no colégio o trabalho está

muito centrado nessas vertentes, daí ter sido uma razão pela qual decidi aqui colocar o meu filho.

Como avaliaria a qualidade da oferta artística

Eu diria que é excelente, temos reconhecidamente em Portugal e no estrangeiro uma das melhores professoras de ballet, temos uma aluna que ganhou um prémio internacional no âmbito do desenho, temos professores de música que editam CD's, (CORDIS), (...).

Contributo para a Educação para os valores Cristãos

Sem dúvida, a arte sempre esteve ligada à fé católica, a Diretora Geral salienta muito isso nas visitas que prepara com os alunos do colégio, atualmente está a preparar uma visita a Roma, também nesse sentido.

As vertentes artísticas modificam o desempenho do aluno em relação as outras áreas do saber

Isso é notório, porque os nossos alunos mais dedicados às artes são sempre alunos com notas muito boas ou excelentes, mesmo os que estão noutras áreas do saber, (...) O que significa que o desempenho deles, apesar do acréscimo de tempo que despendem no trabalho artístico, acaba por moldar a resiliência e capacidade de lutar, por isso são alunos muito bons.

A capacidade de encarar cada situação menos positiva como um desafio, em vez de se deixarem abater, revelam uma vontade de se superar, estão mais habituados, aptos, a reconhecer nas coisas o que tem de mais belo.

O meu filho já fez ballet e atualmente frequenta a bateria, está muito feliz por desenvolver estas habilidade artísticas.

Contributo para a melhoria transversal

Sabemos que os alunos que se dedicam à arte, desenvolvem-se de uma forma mais rica, até do ponto de vista neurológico, comparativamente com aqueles que não têm essa possibilidade. Tenho como exemplo o caminho que o meu filho está a fazer, que é muito bom e está naturalmente associado à arte.

Sugestão de melhoria

Eu diria que, se bem que os Encarregados de Educação reconheçam essa mais-valia, os alunos não têm muito presente a mais valia que arte pode ter no respetivo desempenho nas outras áreas do saber. Seria interessante mostrar esses casos de sucesso de alunos que tiveram percursos de vida maravilhosos. (...) Talvez assim conseguissem cativar um número maior de alunos para as vertentes artísticas, que infelizmente, nos média têm sido desprezadas porque se passa a mensagem que com a arte não se consegue ganhar a vida, isso é triste.

Entrevista ao Encarregado de Educação 2 (EEE2)

O Colégio desenvolve a Educação pela Arte

Considero que é uma das prioridades do Colégio

Que papel assume no EA no Projeto educativo?

É um papel de extrema importância até porque está radicado nos ideias da Madre Fundadora, que dava especial importância ao ensino das artes manuais, e talvez a partir daí, se construiu um projeto muito articulado com a dimensão artística, vista como uma fonte de desenvolvimento integral dos alunos.

Considera importante numa oferta diversificada

Claro que sim, tem-se notado isso ao longo dos anos, tenho os filhos em diferentes idades e noto, isso por exemplo seja ao nível das Arte Plásticas seja ao nível das outras vertentes, onde tem havido uma crescente qualidade nos projetos apresentados, dando a sensação que passou-se do amadorismo para o profissionalismo.

Articulação com as áreas curriculares

Em algumas situações sim, por exemplo na matemática, com as figuras geométricas, no português com as ilustrações de textos do corpus de leitura da disciplina, (...) Mas poderia ser mais generalizado a outras disciplinas

Valorização do Ensino Artístico

Sim, por exemplo mais recentemente na pintura mural das janelas sobre Coimbra, nos espetáculos de dança, nos saraus, nas audições, nos teatros, etc. Há uma valorização concreta, pelo conjunto de ações concretas e acessíveis à escola e à comunidade local.

A oferta artística existente no Colégio influenciou de algum modo a decisão?

Não foi decisivo, porém todos os filhos optaram por frequentar as atividades artísticas.

Como avaliaria a qualidade da oferta artística

É fantástica, considerando uma escala de oferta artística escolar, (...) Acho que é desenvolvido um trabalho que vai para além de uma atividade de escola, (...) Recordo um espetáculo no final de ano no TAGV (Teatro Gil Vicente) em que os técnico da régie diziam que pensavam que era uma festa de escola, (...) Isso também é visível noutras vertentes. Na dança há um trabalho de maior projeção, como mão tenho acompanhado essa evolução e por isso considero a oferta de altíssima qualidade.

Contributo para a Educação para os valores Cristãos

Sim de alguma forma, talvez mais as artes visuais porque fazem um trabalho mais integrador, por exemplo as instalação anuais ou as pinturas que tentam sempre essa aproximação, também nas encenações há esse cuidado (...). Numa visão integrada de todas as vertentes, há vários momentos ao longo do ano em que esse cuidado existe, contribuindo na educação para os valores.

Desempenho e comportamento dos relativamente às outras áreas do saber

Sem dúvida, torna-os mais concentrados, disciplinados e organizados, naturalmente mais a uns que a outros, (...) A dança e as artes visuais disciplinam mais, se calhar mais pelo proximidade que tenho (Com estas vertentes), (...). A dança sem dúvida, porque esta ocupa os alunos num maior número de horas em termos comparativos. A minha filha que frequenta a dança tem o tempo sempre ocupado mas tem tempo para tudo (...).

As vertentes artísticas modificam o desempenho do aluno em relação as outras áreas do saber

São mais versáteis, despertos, abre um caminho de formação muito diferente, mais ricos, mais expressivos, mais alegres, mais sensíveis a uma pluralidade de saberes, uma forma diferente de estar, (...)

Contributo para a melhoria transversal

Talvez, também é certo que às vezes lhes rouba algum tempo que daria jeito para consolidar outros conhecimentos, (...). É importante que os professores da dimensão artística ajudam os alunos a aproveitar o tempo que vai sobrando, até porque os

alunos adaptam-se a qualquer espaço para fazer determinados trabalhos, e facilmente conseguem concentrar-se, (...).

Sugestão de melhoria

Por exemplo, fazer um conjunto de workshops nas diferentes vertentes, trazendo à escola vultos das artes para que também vejam o trabalho de qualidade que se faz, proporcionando ao mesmo tempo aos alunos uma aprendizagem numa perspetiva diferente.

Entrevista ao Encarregado de Educação 3 (EEE3)

1. Valorização das Artes, no contexto da Escola Católica Cultural

A importância da educação pela arte

O Educação pela arte é fundamental para o desenvolvimento a todos os níveis que do raciocínio, quer ao nível do saber ser e estar, (...) Deveria apostar-se ainda mais sobretudo na infantil e no primeiro ciclo, há uma preocupação muito grande em ensinar letras, algarismos e contas, mas é preciso preparar o terreno e semear, para que mais tarde dê fruto, (...)

Se houvesse uma componente artística maior na infantil e no primeiro ciclo, por exemplo: a observação de objetos, paisagens, jogos com música, contar histórias, associar coisas através de sons, (...) Desenvolver mais o raciocínio pela dimensão Artística e menos a parte cognitiva, que acaba por desmotivar os alunos, (...) Deveria fazer-se uma abordagem diferente do que se faz (...)

O meu filho desenhava e pintava muito mal, porque havia muitos desenhos para colorir e para se fazerem o mais rapidamente possível, (...) Isso pode criar vícios negativos nos miúdos, (...) No 5.º ano, de um dia para o outro, começou a desenhar muito melhor, notou-se muito a diferença, (...) Deveria haver outro tipo de preparação no 1.º ciclo (por exemplo a especialização nesta área).

Valorização do ensino artístico

Esta vertente realça-se mais nas audições e na semana cultural, (...) Os alunos das vertentes artísticas são mais mobilizados e os outros são postos mais de parte. Se houvessem atividades artísticas que envolvessem todos os alunos, seria muito interessante, (...) Os alunos não têm nenhuma certificação, por exemplo ao nível da música, é uma pena que isso não aconteça.

A oferta artística influenciou a escolha da escola?

E muito importante que os meus filhos tenham formação artística, quer no desenho, quer na música, para estruturar o pensamento, abrir outros horizontes enriquecer o

conhecimento geral, amadurecimento diferente da história do passado e do futuro, as artes têm uma importância fundamental a esse nível

Como avaliaria a qualidade da oferta artística do colégio

É bastante satisfatória, mas com algumas coisas a melhorar ao nível geral. (...) Poder-se-ia promover concertos, abrir mais as portas à cidade, com concertos, isso motivaria mais os alunos. (...) Eventualmente protocolos com outras escolas, para os nossos alunos serem avaliados e acreditados, (...). Fazer as coisas em grande e mais para a cidade.

A Educação Artística, promove os Valores Cristãos

A dimensão artística ajuda-nos a ver a realidade de um modo completamente diferente, ajuda-nos a ver coisas como não as víamos antes. Ajuda a abrir os olhos, para uma realidade que de outra forma não conseguiríamos enxergar.

As vertentes artísticas modificam o desempenho do aluno em relação as outras áreas do saber

Os alunos que tem mais atividades extracurriculares nestas áreas são os melhores alunos, os que tem melhores resultados, notas mais elevadas, têm menos tempo de estudo e contudo conseguem ter melhores resultados que aqueles que não tem este tipo de atividades, (...) São mais organizados, mais metódicos, não desperdiçam o tempo, o facto de terem música ou desenho ajuda-os na concentração, (...) e contribuem para o desenvolvimento integral do aluno.

Melhoria da qualidade do ensino

É fundamental criar Educação Visual no 1.º ciclo, introduzir também a a Educação Musical na pré-escolar, a música clássica estimula o raciocínio, (...). Deixar as crianças trabalhar com música, ajuda à concentração, ajuda a serenar interiormente, a tranquilizar os nosso alunos mais agitados, porque não têm tempo para parar dos ritmos alucinantes com que vivem (...) Seria bom criar espaço para parar , ouvir música, desenhar, observar, etc..

Articulação entre as Artes e as outras áreas do saber

Não parece haver articulação, é muito difícil articular as vertentes artística com as aulas, (...) Se os horários permitissem aos alunos criar música ou pintura, seria muito bom, a parte curricular ocupa o horários a maior parte do tempo, alguns alunos têm só uma tarde livre e muitos tem atividades fora. (...) Não há uma grande promoção do ensino artístico neste momento.

Entrevista ao Encarregado de Educação 4 (EEE4)

O Colégio desenvolve a Educação pela Arte

Sim, quando falamos com uma criança percebemos algumas diferenças (...) a arte toca-nos e penso que isso se vai refletindo dos alunos.

Que papel assume no EA no Projeto educativo?

Ao contrário de outras atividades, as artes permitem mostra algo e isso vai estando presente nos espaços do colégio, (...).

Considera importante numa oferta diversificada

Sim, o Colégio deve investir para que os pais sintam um ambiente rico em arte.

Articulação com as áreas curriculares

Sim no básico, nota-se que no teatro há um trabalho articulado com os outras áreas (cultura geral), no secundário não penso que isso esteja a ser feito, (...). Os cursos do secundário requerem muito a parte do estudo, (...) Parece não haver tempo para as atividades extracurriculares.

Valorização do Ensino Artístico

Parece não ser fácil assegurar um docente para acompanhar os alunos que se inscrevem em determinadas vertentes, pode ter haver com o número reduzido de inscrições, por exemplo na pintura, nem sempre abrem a atividade, (...).

Se há uma visita de estudo no âmbito de qualquer vertente artística, como por exemplo uma viagem a Roma, todos querem ir, (...) Contudo para estas atividades do colégio há sempre pouca procura, (...) A maioria dos alunos que estão inscritos nas atividade do secundário são raparigas e frequentam o ballet, (...) A população masculina não frequenta nada aqui no colégio, (...) Só os alunos mais novos é que frequentam.

A oferta artística existente no Colégio influenciou de algum modo a decisão?

Sim, quando o meu filho era pequenino, notei desde muito cedo que tinha jeito e entusiasmo para o desenho e para a pintura, (...) Ele foi revelando sensibilidade e o colégio contribuiu para a sua evolução, e assim foi criando a sua paixão.

Como avaliaria a qualidade da oferta artística

Sofisticada, tocam muitas vertentes e com qualidade, infelizmente a pintura não tem muita procura, dão mais importância ao bailado, música e teatro.

Contributo para a Educação para os valores Cristãos

Na relação professor aluno, (...) O relacionamento é diferente, é mais próximo, como trabalham com o sentido em Deus, esses valores vão sendo transmitidos de um modo ou de outro, também pela experiência de vida.

Desempenho e comportamento dos alunos relativamente às outras áreas do saber

Têm uma criatividade invulgar, são mais curiosas, persistentes e tentam sempre fazer o melhor, (...) Aproveitam as opiniões e vão mudando, nunca se sentem completos.

As vertentes artísticas modificam o desempenho do aluno em relação as outras áreas do saber

Sim, os alunos não têm medo de arriscar, são seguros de si e do que fazem, são mais empreendedores, (...). O valor da aprendizagem que aqui fazem só o sentem mais tarde, (...).

Sugestão de melhoria

Maior envolvimento dos alunos em atividades artísticas no dia a dia do colégio, por exemplo através da associação de estudantes, desenvolver performances nos recreios da escola (...).

Entrevista ao Encarregado de Educação 5 (EEE5)

Educação pela arte no Colégio

Despertar para a Arte mas pela arte parece ainda faltar um pouco.

Há o despertar para a arte, mas descuida-se muito em todos os níveis o ensino pela arte, esta é tida como “uma disciplina à parte”. Não há ainda uma experiência global da parte dos professores para que estes possam educar pela arte, inculcar isso em qualquer disciplina (...).

Investimento da oferta artística

O Colégio deve continuar a investir na formação artística, globalizando-a e inserindo-a cada vez mais nos contextos das outras disciplinas, só se chega à educação pela arte, promovendo cada vez mais isso. (...) O Colégio deve assumir as artes como uma mais valia, (...) Uma criança ou um adulto desperto para a arte é uma pessoa mais sensível para o outro e mais desperta para a religião (...). Inculco sempre isso nas minhas filhas, ver o outro como um ser individual e com as suas próprias capacidades.

Articulação com as outras áreas do saber

Não. O colégio parece falhar um bocadinho, não se está a conseguir fazer essa ponte eu acho que os professores não estão despertos para a vertente artística nas suas disciplinas, (...) podia investir-se mais nessa parte, o colégio está a investir muito mais na parte racional (cognitiva) que na artística.

Ações concretas para a valorização do ensino artístico

A semana cultural é um ponto alto, contudo vejo-a muito projetada num dia de exposições, podendo ser aproveitada para as crianças contactarem mais com a dimensão cultural e artística, (...) Há uma semana para desenvolver e temos que fazer trabalhos para a semana cultural, (...) Os alunos parecem estar cansados disso (...).

A oferta artística influenciou a sua decisão?

Inicialmente não, porque coloquei os meus filhos logo aos três anos, (...) foi mais pela parte religiosa que pela parte cultural, porque para mim era muito importante que as minhas filhas tivessem uma boa formação geral. Os valores cristãos são fundamentais (...) Queria que as minhas filhas tivessem uma formação integral.

Qualidade da oferta artística

Tendo em conta que a avaliação é comparativa, a oferta está num nível muito bom, ainda se pode melhorar muito, mas em termos gerais é muito boa, O colégio oferece o que não existe na maioria das escolas.

Intervenções artísticas

As intervenções artísticas no colégio são boas, embora devessem ser melhor organizadas e com maior diversidade, (...). Em relação ao exterior acho que deveríamos fazer mais intervenções, (...) Deveria ser mais publicitado o que se faz, acho que as pessoas não tem noção do que se passa dentro da escolas, (a escola está fechada à comunidade) Este é um fator a melhorar, (...).

Contributo na educação para os valores cristãos

Quando se desperta a parte criativa seja ela qual for estamos a explorar também a vertente dos valores cristão, que se centram muito na criatividade e na pessoa, e na reflexão desta sobre as coisas, (...) A parte artística ajuda a refletir sobre tudo, sobre o que está à nossa volta. A própria criação, como um dom de Deus, aproxima não separa, (...), Só quem está neste meio consegue perceber quanto isso é um dom de Deus.

Modificam o desempenho e comportamento dos alunos?

Sim, tenho isso como experiência nas minhas filhas. Até ao 9.º ano foram um pouco rebeldes. muito por falta dessa parte que não tiveram, até aí viam as disciplinas sem sentido de ligação, (...) Foram para artes para irem aos encontro delas, para se descobrirem um pouco mais, (...) O facto de elas terem optado por esta via, fez despertar nelas uma forma de pensar completamente diferente, (...)

Experiências ricas nas diferentes vertentes artísticas

Sim, desenvolvem-se mais nas vertentes artísticas, porque esta parte está ligada com inteligência, concentração, ajudam ao desenvolvimento do saber ser, a empenhar-se a saber estar, (...). As crianças devem ter uma parte artística onde se desenvolvam porque isso, gera concentração e principalmente sentido de organização,, estratégias de estudo, (...).

Considera que contribui para o desenvolvimento integral

Sem dúvida, mas devem melhorar ainda mais.

Sugestões de melhoria

Todo os professores deveriam estar mais sensíveis para a parte artística dentro da sua própria disciplina, (...) “Despeja-se” muito conteúdo, muita formalidade e pouco sentido, uma melhoria que tem de ser feita aos poucos, (...). Esse objetivo é mais possível aqui porque há um corpo docente estável que cresce no colégio, essas melhorias podem gerar melhores resultados.

